



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA

*VALDIRENE APARECIDA PIRES PORTO*

*IMPrensa, IMIGRAÇÃO, TRABALHO E  
SOCIABILIDADES FEMININAS NA BELLE  
ÉPOQUE MANAUARA, 1880-1920.*

Manaus  
2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA

*VALDIRENE APARECIDA PIRES PORTO*

*IMPRENSA, IMIGRAÇÃO, TRABALHO E  
SOCIABILIDADES FEMININAS NA BELLE  
ÉPOQUE MANAUARA, 1880-1920.*

*ORIENTADORA: PROF<sup>ª</sup> DR<sup>ª</sup> MARIA LUIZA UGARTE PINHEIRO*

*Dissertação apresentada à Banca Examinadora  
do Programa de Pós-Graduação em História da  
Universidade Federal do Amazonas, como  
requisito para a obtenção do título de Mestre em  
História.*

Manaus  
2016

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

P853i Porto, Valdirene Aparecida Pires  
Imprensa, imigração, trabalho e sociabilidades femininas na Belle  
Époque manauara, 1880-1920 / Valdirene Aparecida Pires Porto.  
2016  
184 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Maria Luiza Ugarte Pinheiro  
Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do  
Amazonas.

1. Mulher. 2. Imigrante. 3. Periódicos. 4. Manaus. I. Pinheiro,  
Maria Luiza Ugarte II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**BANCA EXAMINADORA:**

**Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Luiza Ugarte Pinheiro**  
**(Presidente - UFAM)**

**Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cristina Donza Cancela**  
**(Membro Externo – UFPA)**

**Prof. Dr. Almir Diniz de Carvalho Junior**  
**(Membro Interno – UFAM)**

*Dedico*

*Às minhas três filhas, Isabela, Gabriela e  
Manuela, pela paciência e carinho, pelos gestos e  
palavras de incentivo em todos os momentos.  
Obrigada por diariamente renovarem minhas  
forças me fazendo acreditar num futuro melhor.*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer a Deus, que me fez “caminhar” em meio aos momentos mais difíceis da minha vida.

Ao meu marido Armstrong, que mesmo diante de tantos problemas nunca deixou de me incentivar.

À minha família, que mesmo distante contribuiu de alguma forma neste processo, em especial à minha mãe, pelas palavras de encorajamento e força.

Um agradecimento especial à minha orientadora Professora Dra. Maria Luiza Ugarte Pinheiro, por acreditar em mim, mostrar o caminho da pesquisa e me apoiar nos momentos difíceis. Obrigada por ser referência e exemplo de profissional e de mulher, suas lições e generosidade, levarei comigo para toda a vida.

Ao Professor Dr. Almir Diniz de Carvalho Junior e Professora Dra. Iraildes Caldas Torres, pela participação e contribuições na banca de qualificação.

Aos professores Dr. Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro, Dr. Almir Diniz de Carvalho Junior, Dra. Patrícia Silva e Dra. Adriana Angelita, pelos ensinamentos, discussões, explanações e indicações, fundamentais na reformulação e escolha de caminhos desta pesquisa.

Ao Laboratório de História da Imprensa no Amazonas (LHIA), na figura dos professores Maria Luiza Ugarte Pinheiro e Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro, por disponibilizar o acesso a grande parte dos periódicos utilizados na pesquisa.

Ao Centro Cultural Povos da Amazônia (CCPA), em especial ao funcionário Nonato, pelo auxílio na localização dos periódicos que me foram necessários.

Aos funcionários do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA), por me atenderem e facilitarem o acesso ao arquivo desta instituição.

Às amigas e companheiras do mestrado Priscila Daniele Ribeiro e Cristiana Grobe, pela troca de informações e estímulos ao longo desta jornada.

Agradeço também à Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas (FAPEAM), pela concessão de bolsa de estudo, e ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, pelo apoio durante o curso.

## RESUMO

O trabalho pretende dar visibilidade à mulher imigrante em Manaus, no período de 1880 a 1920, quando ocorreu o apogeu da exploração da borracha na região. Caracterizado pelo desenvolvimento econômico e transformações nos aspectos urbano e cultural, o chamado “*boom* da borracha” propiciou a vinda de imigrantes de diversas origens tanto do Brasil quanto do exterior. A análise pretende identificar, através dos periódicos do período, como as imigrantes foram inseridas no cotidiano da cidade, suas relações com as elites, para quem e por quem o espaço urbano foi pensado, e também no contexto da população pobre, que foi excluída das ações do poder público.

**Palavras-chave:** mulher, imigrante, periódicos, Manaus.

## ABSTRACT

The work intends to give visibility to immigrant women in Manaus, in the period of 1880-1920, when it happened the peak of rubber exploitation in the region. Characterized by economic development and changes in urban and cultural aspects, the so-called "rubber boom" caused the arrival of immigrants from diverse backgrounds both from Brazil and abroad. The analysis aims to identify, through the journals of the period, how the immigrants were included in the city's daily life, their relations with the elites, for whom and by whom the urban space has been thought, and also in the poor's context, which has been excluded from the government actions.

**Keywords:** women, immigrant, journals, Manaus.

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>O sonho de imigrar: deslocamentos da esperança.....</b>	<b>22</b>
1.1 Migrações, imigrantes e emigrantes. Conceitos e aspectos teóricos.....	23
1.2 Mulheres e imigração: a presença feminina nas migrações internacionais..	30
1.3 Mulheres imigrantes no Brasil entre os séculos XIX e XX.....	38
1.4 Imigração feminina na cidade de Manaus 1880-1920.....	46
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>Imigração e Trabalho Feminino em Manaus.....</b>	<b>60</b>
2.1 Do Trabalho formal ao informal.....	61
2.2 Prostituição na Belle Èpoque Manauara.....	84
2.3 A Imigrante no teatro: visibilidade e protagonismo feminino.....	103
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<b>Imprensa de imigrantes na cidade de Manaus.....</b>	<b>115</b>
3.1 Considerações gerais sobre a imprensa de imigrantes.....	116
3.2 Imprensa de imigrantes na cidade de Manaus entre 1880 a 1920.....	123
3.3 Imprensa estrangeira em Manaus: reforçando espaços de sociabilidades e promovendo a manutenção da cultura.....	132
3.4 A imagem da mulher estrangeira nos jornais de imigrantes.....	156
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>172</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>175</b>

## **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta pesquisa nasceu de outra realizada na conclusão do curso de graduação de História. Ler sobre a opressão e silenciamento impostos às mulheres, bem como as formas de resistência encontradas por elas diante dessa condição através do trabalho de Michelle Perrot, foi motivador no desenvolvimento de uma pesquisa que buscou conhecer o processo de emancipação feminina no contexto brasileiro através da luta pelo direito ao voto, a educação e igualdade no mundo do trabalho, levando em consideração a importância que os movimentos feministas tiveram neste processo. Como ingresso no Mestrado em História, o desejo de continuar os estudos sobre a temática feminina ganhou forma e nos permitiu ampliar o conhecimento sobre a condição das mulheres do Amazonas, levando-nos à ideia de estudar especificamente as experiências de vida das mulheres estrangeiras inseridas no contexto da *Belle Époque* da cidade de Manaus.

Nosso recorte temporal vai de 1880 a 1920, período conhecido como *Belle Époque*, que teve na historiografia regional lugar de destaque como momento de transformações, riquezas e luxo propiciados pela economia da borracha; também foi um período de diversas contradições; miséria, exclusão e exploração de uma grande parcela da população que esteve à margem do desenvolvimento econômico mesmo tendo participado ativamente desse processo por meio da força de trabalho.

Embelezar a cidade, deixando-a limpa e atraente aos olhos dos investidores e dos interessados em estabelecer moradia, fez parte de um projeto de modernização que incluiu modificá-la nos aspectos arquitetônicos e sociais aos moldes europeus. Além do âmbito urbano, as mudanças também impuseram uma postura social que viesse ao encontro da nova realidade de padrões de “civilização” adotados pelas elites, e por isso faziam-se necessárias medidas que viessem regular as vivências e os costumes, resultando na exclusão de grande parcela da população.

A modernidade em Manaus não só substituiu a madeira pelo ferro, o barro pela alvenaria, a palha pela telha, o igarapé pela avenida, a carroça pelos bondes elétricos, a iluminação a gás pela luz elétrica, mas também transforma a paisagem natural, destrói antigos costumes e tradições, civiliza índios transformando-os em trabalhadores urbanos, dinamiza o comércio, expande a navegação, desenvolve a imigração. É a modernidade que chega ao porto de

lenha, com sua visão transformadora arrasando o atrasado e feio e construindo o moderno e belo.<sup>1</sup>

O desenvolvimento econômico incentivou a imigração para a região amazônica e trouxe à cidade de Manaus um enorme contingente de pessoas atraídas pela “promessa de riqueza”: espanhóis, ingleses, alemães, judeus, portugueses, entre outros, além de um grande número de trabalhadores vindos de diversas partes do Brasil, principalmente do Nordeste, que entre outros motivos tinham na “fuga da seca” uma razão para migração<sup>2</sup>. O fenômeno causou grande aumento populacional da região na época, favorecendo a fusão de diferentes povos e acentuando questões de desigualdade entre as parcelas menos favorecidas da população.

O certo é que a Amazônia acolheu a todos os gregos e troianos que aqui chegaram para viver e trabalhar. Não se tratou, apenas, de dar e conceder abrigo, refúgio, agasalho e trabalho. Querenciou a todos, prejuízo de suas identidades, memórias, crenças religiosas e valores conceituais neste grande mutirão étnico-cultural nortista.<sup>3</sup>

Com a chegada de imigrantes de diversas procedências, a composição social do período que em grande maioria congregava índios, mestiços e negros, foi aos poucos se mesclando. Para além das características físicas próprias de cada povo, esse contingente populacional também imprimiu sua marca no que tange às relações com o trabalho, às formas de sociabilidade e cultura.

Ainda que alguns estudos tenham apontado para a quase inexistência de mulheres, reafirmando o período da borracha e a região do Amazonas como contexto e espaço privilegiados da ação de homens, onde características como coragem e força física deram ênfase à presença e atuação dos seringueiros, migrantes nordestinos, seringalistas, ou ainda investidores estrangeiros, o que acentuava ainda mais a ausência feminina, importantes trabalhos que tratam da temática de forma direta ou indireta

---

<sup>1</sup> DIAS, Edinéa Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto. Manaus 1890-1920*. Manaus: Valer, 2007. p.32.

<sup>2</sup> Ao falarmos sobre a migração nordestina, é importante destacar que, para além da seca e da fome, diversos fatores e anseios individuais contribuíram para o processo migratório. Antônio Alexandre Isidoro Cardoso critica as análises deterministas que apontam, quase que exclusivamente, para os fatores de ordem econômica decorrentes do surto da borracha, assim como a seca e a fome como únicos motivadores da migração. Segundo o autor, tais análises tendem a “desconsiderar as ações dos sujeitos nos processos de deslocamentos, por isso, os eventos devem ser pensados de maneira conjugada, considerando, além das ações dos poderes públicos, outras dimensões das migrações como, por exemplo, as redes de solidariedade e as relações de parentesco”. CARDOSO, Antonio Alexandre Isidoro. *Nem Sina, Nem Acaso. A tessitura das migrações entre a Província do Ceará e o território amazônico (1847-1877)*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Ceará. 2011.

<sup>3</sup> BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia, Formação Social e Cultural*. 3 ed. Manaus: Editora Valer, 2009. p.14-15.

começam a aparecer<sup>4</sup>. Embora já existam alguns trabalhos que abordem o tema<sup>5</sup>, a carência de estudos sobre a imigrante na cidade de Manaus é a principal motivação desta pesquisa e foi também o que balizou a escolha de nossas fontes. O resgate histórico da participação das mulheres que chegaram à cidade num momento de grandes transformações físicas e culturais mostra-se extremamente importante, ao passo que essas mulheres estiveram diretamente envolvidas de maneira ativa no período em questão, sendo, portanto, fundamental dar-lhes voz e visibilidade e, assim, buscar uma maior compreensão da realidade da época.

O período que compreende o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX marca o desenvolvimento da Imprensa do Amazonas e o surgimento de grande e variada produção de impressos. Parte desses jornais constitui nossa principal fonte de pesquisa. A escolha dessa fonte para o estudo proposto justifica-se por se entender a importância da imprensa no projeto modernizador de Manaus e a atuação significativa que esta desempenhou como instrumento de intervenção social, divulgando os novos valores e interesses de setores das classes dominantes.

As tentativas de controle, por parte da burguesia a partir da imprensa, e o desenvolvimento da imprensa vinculado, em grande medida, ao capitalismo contribuem para o entendimento de uma história da luta de classes no Brasil. Por isso, como asseveram Capelato e Prado,

A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero veículo neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere.<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> Entre os trabalhos que abordam a presença feminina do contexto da *Belle Époque* de maneira indireta podemos citar as seguintes obras: PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A cidade sobre os ombros: Trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925)*. Manaus: EDUA, 2003. -*Folhas do Norte: Letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920)*, 3 ed. Manaus: EDUA, 2015; BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia-Formação Social e Cultural*. 3 ed. Manaus: Editora Valer, 2009; WOLFF, Cristina Scheibe. *Mulheres da Floresta: uma história. Alto Juruá (1890- 1945)*. São Paulo, HUCITEC, 1999; COSTA, Heloisa Lara Campos da. *As mulheres e o Poder na Amazônia*. Manaus: EDUA, 2005. As dissertações de mestrado; MENEZES, Bianca Sotero de. *Imprensa e Gênero: A condição feminina e as representações da mulher amazonense na Imprensa Provincial (1850-1889)*; UFAM, 2014; CAMPOS, Luciane Maria Dantas de. *Trabalho e Emancipação: Um olhar sobre as mulheres de Manaus, (1890-1940)*. UFAM, 2010; ANTUNES, Vanessa. *Mulheres do novo século: A condição feminina no Amazonas, 1900-1910. Um olhar a partir das representações da imprensa Amazonense*. UFAM, 2014.

<sup>5</sup> Nesse sentido destacamos o trabalho de Maria Luisa Ugarte Pinheiro: *Mulheres Portuguesas na Belle Époque Manauara*. In: IX Seminário Internacional sobre Emigração Portuguesa: Brasil-Portugal: pontes sobre o Atlântico. 2013, Rio de Janeiro. Brasil-Portugal: pontes sobre o Atlântico, 2013.

<sup>6</sup> CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Ligia. *O Bravo Matutino, imprensa e ideologia no jornal O Estado de S. Paulo*, SP: Alfa e Omega, 1980. p.19.

As análises a partir desses jornais apresentam-se ricas nas possibilidades de revelar diferentes níveis de relações sociais dos imigrantes entre si e com a população local, possibilitando a reconstrução de trajetórias de vida e experiências dos grupos que se deslocaram para a região. Nesse contexto, nosso objetivo é identificar as representações sobre as mulheres presentes nos jornais que circulavam em Manaus, tanto aqueles voltados para a população local quanto os que foram produzidos por imigrantes e voltados aos interesses das diferentes colônias, como observou Capelato, sobre o jornal,

[...] é uma verdadeira mina de conhecimento: fonte de sua própria história e das situações mais diversas; meio de expressão de ideias e depósito de cultura. Nele encontramos dados sobre as sociedades, seus usos e costumes, informes sobre questões econômicas e políticas.<sup>7</sup>

Os pressupostos teóricos e metodológicos empregados neste trabalho se apoiam em uma abordagem de gênero, assim como nas possibilidades abertas pela História Cultural, que, em meio ao impacto de diversos movimentos, anticolonialista, de mulheres, homossexuais e raciais entre outros, promoveu a entrada em cena de novos sujeitos sociais, com novos questionamentos, novos interesses e novas reivindicações.

Além de responder algumas questões que esta pesquisa propõe, lançar mão das perspectivas da História Cultural sobre as representações femininas através da imprensa em Manaus nos possibilitará levantar hipóteses acerca dos muitos silêncios que existem sobre esse objeto de estudo, evidenciando a necessidade de novas abordagens em diferentes vertentes.

Além dos jornais como fonte principal, serão utilizados também os relatos de viajantes e a bibliografia em que as temáticas abordadas estiveram presentes. A historiografia tradicional do Amazonas, para o período enfocado, teve em grande medida características narrativa, factual e memorialista, mas nas décadas de 70 e 80 surgiram autores com novas propostas e perspectivas na abordagem dos temas acerca do período consagrado como o da *Belle Époque*; esses trabalhos ampliaram o enfoque numa análise para além do econômico e urbanístico, permitindo vislumbrar outras realidades presentes no contexto da região.

Ainda que não abordem especificamente a questão da imigração feminina, muitos trabalhos desenvolvidos sobre a região retrataram as contradições sociais e espaciais que ocorreram no período, sendo, portanto, fundamentais para entendermos os

---

<sup>7</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988. p. 21.

diversos âmbitos sociais de atuação das imigrantes. Nesse sentido, para Belém, podemos citar os trabalhos “Casamento e família em uma capital Amazônica, (Belém 1870-1920)”<sup>8</sup> e “Riquezas produzindo a *Belle Époque*”<sup>9</sup>. Para Manaus, temos “A Ilusão do Fausto: Manaus 1890-1920”<sup>10</sup> e “Quando Viver Ameaça a Ordem Urbana: trabalhadores urbanos em Manaus (1890-1915)”<sup>11</sup>. Nesses estudos é possível vislumbrar outras realidades presentes no contexto que permaneceram às margens do processo de urbanização e enriquecimento das capitais amazonenses: os pobres, os trabalhadores e as mulheres, que nesse momento estão se inserindo na nova dinâmica social das cidades, desempenhando diversos papéis, surgem como personagens centrais.

Outro estudo importante para nossa pesquisa e que também permite entender segmentos da sociedade antes ignorados pela historiografia é “A cidade Sobre os Ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus, 1899-1925”<sup>12</sup>, que aborda o cotidiano de trabalhadores ligados ao porto, como estivadores, catraieiros e carroceiros, no período de expansão da borracha. Nesse trabalho discute-se, entre outras questões, o cotidiano de pessoas que, muitas vezes, tiveram seus costumes e práticas cotidianas vistas como “ações condenáveis” diante dos ideais que buscavam naquele momento, transformar hábitos e costumes em busca da modernização almejada.

Ainda na perspectiva acima abordada, para o entendimento e a dimensão das mudanças na estrutura espacial da cidade, destacamos “*La Belle Vitrine: Manaus entre dois tempos (1890-1900)*”<sup>13</sup>, que aborda a construção da cidade moderna e desejada pela elite da época, apresentando como ocorreram tais transformações.

O ideal de modernização que impulsionou os dirigentes e as elites intelectuais e gomíferas de Manaus no final do século XIX traz consigo as contradições de uma sociedade em transformação. A instalação da modernidade, no que tange aos aspectos materiais e simbólicos, revela, por um lado, os benefícios usufruídos por um pequeno percentual da sociedade e, por outro, a penalização da grande parcela excluída. Para auxiliar nas discussões acerca da modernidade, dos signos, dos significados e da

---

<sup>8</sup>CANCELA, Cristina Donza. *Casamento e Família em uma capital amazônica: (Belém 1870-1920)*. Belém: ed. Açai, 2011. 428 p.

<sup>9</sup>SARGES, Maria de Nazaré. *Belém Riquezas produzindo a Belle Époque*. Belém: Pakatatu, 2002.

<sup>10</sup>DIAS, Edinéia Mascarenhas. *A ilusão do Fausto – Manaus 1890-1920*. Manaus: Valer, 1999.

<sup>11</sup>COSTA, Francisca Deusa da. *Quando Viver Ameaça a Ordem Urbana: trabalhadores urbanos em Manaus (1890-1915)*. Editora Valer e Fapeam, 2014.

<sup>12</sup>PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A Cidade Sobre os Ombros: trabalho e conflitos no porto de Manaus, 1899-1925*. 2 ed. Manaus: Edua, 2001.

<sup>13</sup>MESQUITA, Otoni Moreira de. *La Belle Vitrine: Manaus entre dois tempos (1890 – 1900)*. Manaus: Editora Edua, 2009.

representação da cidade que se faz moderna, alguns estudos foram fundamentais<sup>14</sup>, como: “Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade”, de Marshall Berman, que define a modernidade como um eterno “ir além”, um “turbilhão” de contradições: das possibilidades e perigos da vida, aventura e rotina. Para o autor, a modernidade é a tragédia do desenvolvimento, que permitiu vislumbrar incriveis horizontes ao mesmo tempo em que criou uma força que desmancha tudo que é sólido no ar, é um ambiente perigoso que une, mas paradoxalmente coloca o homem em um turbilhão permanente de desintegração onde há contradições, lutas e muita angústia<sup>15</sup>.

Nesse sentido, a cidade é o espaço onde ocorre a interação cultural de diferentes classes sociais. Nesse espaço, os bens culturais são construídos e modificados, interagindo nos diferentes grupos sociais. Por isso, a partir da perspectiva de Thompson, não podemos pensar a cultura como unidade estática, assim como não podemos pensá-la numa perspectiva de passividade das classes populares, sujeitas às imposições dos grupos dominantes. O autor entende que cultura é “[...] um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole [...]”<sup>16</sup>

O estudo das representações enquanto conceito central na orientação do historiador traz renovação às abordagens da História Cultural. Segundo Chartier<sup>17</sup>, a tendência de produzir história embasada em longos exercícios estatísticos, densos conceitos teóricos, bastante popular nas décadas de 50 e 60 do século XX, perdeu força para uma nova abordagem voltada para os campos da cultura e das representações.

Essa nova perspectiva historiográfica propõe decifrar as realidades do passado através das suas representações e, assim, busca alcançar as “formas discursivas e

---

<sup>14</sup> Nicolau Sevcenko analisou a situação do literato no meio social, reconstituindo o ambiente intelectual e cultural do Rio de Janeiro no início da República; debruçou-se na produção da época, principalmente a de Lima Barreto e de Euclides da Cunha, para, a partir dela, esclarecer “quer as tensões históricas do período, quer os seus dilemas culturais”. SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República*. 2ª edição. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

Outra referência fundamental para a compreensão de modernidade no contexto da *Belle Époque* no Brasil é o estudo de Jeffrey Needell. O autor destaca como as reformas urbanas cariocas foram inspiradas diretamente pela experiência francesa a partir do contato do então engenheiro, e futuro prefeito do Rio, Pereira Passos com o planejamento urbano imposto em Paris pelo Barão de Haussmann, entre 1870 e 1880. NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*; tradução Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>15</sup> BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. São Paulo; Companhia das Letras, 1986, p. 15.

<sup>16</sup> THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum*. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.13.

<sup>17</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

imagéticas, pelas quais os homens expressam a si próprios e o mundo”<sup>18</sup>. Na busca pela compreensão dos sistemas simbólicos dentro da sociedade, o historiador deve voltar-se ao passado dos arquivos, levando em consideração suas ambiguidades, as intenções e os silêncios. A leitura desses significados simbólicos se dá através das práticas das ações sociais coletivas ou individuais, e nos permite perceber como os discursos construídos revelam ideias e práticas que deixam transparecer questões de poder permeadas por ações políticas e econômicas<sup>19</sup>.

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua experiência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade.<sup>20</sup>

Quanto aos trabalhos que enfocam o tema da imigração<sup>21</sup> no Amazonas, em sua maioria trazem o homem como personagem principal, atuando em diferentes segmentos e principalmente nos seringais, locais em que a ausência da mulher se justificou tanto pelo caráter escravista imposto pelos seringalistas (pois a presença feminina ou da família poderia de alguma forma prejudicar o desempenho do seringueiro), quanto pelo ambiente inóspito onde esta não poderia se encaixar. É fato que nos seringais o homem foi figura predominante, porém existem importantes trabalhos que mostram a presença de mulheres nesse contexto.

---

<sup>18</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2 ed. 2 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 132p.p.42.

<sup>19</sup> Nesse sentido, os trabalhos de Sandra Jatahy Pesavento, “*Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX*” (São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2001) e “*O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*”(Porto Alegre: Ed.UFRGS, 2002), nos dão uma importante contribuição no entendimento de questões relacionadas à cidadania e à exclusão enquanto dimensões do urbano. Assim, buscaremos compreender as imagens, formas e práticas de intervenção urbana enquanto representações da cidade almejada pela elite da cidade de Manaus. A partir dos trabalhos da autora, pretendemos analisar como as representações de progresso e modernidade contribuíram para a elaboração de projetos que identificavam em parte da população um entrave que deveria ser afastado a fim de não comprometer o projeto de civilização que estava em curso.

<sup>20</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História cultural*. 2 ed. 2 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.39.

<sup>21</sup> Sobre a migração de cearenses no Pará no período de 1889-1916, Franciane Gama Lacerda procurou investigar a motivação da migração, as expectativas diante de uma nova realidade nos núcleos coloniais na capital e nos seringais, as relações sociais estabelecidas e a adaptação em ambiente tão diferente de suas origens. LACERDA, Franciane Gama. *Entre o sertão e a floresta: natureza, cultura e experiências sociais de migrantes cearenses na Amazônia (1889-1916)*. UFPA.

Cristina Scheibe Wolff<sup>22</sup>, em “Mulheres da Floresta: uma história – Alto Juruá, Acre (1890-1945)”, nos apresenta histórias de famílias inteiras que migraram para o Acre a fim de ganhar a vida na extração do látex. A autora traz diversos relatos e dados que nos dão a dimensão da presença de mulheres que, sozinhas ou acompanhadas de suas famílias, somaram-se ao grande contingente populacional da Amazônia no período da *Belle Époque*.

Apesar da carência de trabalhos específicos sobre a imigração de mulheres estrangeiras para cidade de Manaus, alguns estudos que abordam o tema, tanto da imigração nacional quanto estrangeira, têm nos auxiliado nas possibilidades acerca dos caminhos a serem percorridos. Nesse sentido, destacamos o trabalho de Silvia Baraúna, que observa as experiências sociais de imigrantes nacionais e estrangeiros na cidade de Manaus entre o período de 1920 a 1945<sup>23</sup>, e de Erivonaldo Nunes de Oliveira, que buscou apreender a imigração nordestina para a cidade de Manaus no final do século XIX e início do XX<sup>24</sup>. De maneira mais específica, Maria Luiza Ugarte Pinheiro tem contribuído com a produção de trabalhos que destacam a imigração francesa e portuguesa para o Amazonas<sup>25</sup>.

Apesar de pouco discutida, sem dúvidas, a imigração feminina merece ser mais aprofundada como contribuição para a história das mulheres e para a historiografia local. A maior dificuldade nos estudos sobre a mulher em Manaus está relacionada às fontes, e nesse sentido o jornal se torna fundamental: ainda que a mulher não tenha tido uma presença de destaque como produtora de periódicos ou escritora, esses jornais trazem o olhar masculino sobre a mulher, além de inúmeras colunas dedicadas ao que chamavam de “belo sexo”. Assim, o trabalho de Maria Luiza Ugarte Pinheiro “Folhas do Norte: Letramento e periodismo no Amazonas, 1880-1920”<sup>26</sup> traz grande contribuição quando mostra a importância que a imprensa adquiriu nesse período, especificamente no capítulo em que fala da realidade das mulheres no contexto da época, onde, entre outros aspectos, são levantadas questões acerca dos fatores que

---

<sup>22</sup>WOLFF, Cristina Scheibe. *Mulheres da Floresta: uma história*. Alto Juruá (1890- 1945). São Paulo, Hucitec, 1999.

<sup>23</sup>BARAÚNA, Silvia Maria Quintino. *Condições sociais de Migrantes em Manaus, 1920-1945*. Dissertação de Mestrado. UFAM, 2010.

<sup>24</sup> OLIVEIRA, Erivonaldo Nunes de. *A imigração nordestina na imprensa Manauara, 1877-1917*. Dissertação de Mestrado. UFAM, 2010.

<sup>25</sup>MESQUITA, Otoni Moreira de. *La Belle Vitrine: Manaus entre dois tempos (1890 – 1900)*. Manaus: Editora Edua, 2009.

<sup>26</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte: Letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920)*. 3 ed. Manaus: EDUA, 2015.

propiciaram a inclusão da mulher no mercado de trabalho em diversas áreas, além da reação da sociedade em relação a tais mudanças.

Trabalhar a história das imigrantes por meio dos jornais requer, antes de tudo, o entendimento acerca das relações de poder estabelecidas pela imprensa enquanto agente social e, portanto, disponível aos órgãos públicos, particulares ou de outros segmentos de maiores recursos, para depois buscarmos entender o impacto ou receptividade por parte da sociedade a tais imposições. Essa problemática é trabalhada por Marialva Barbosa, no livro “Os Donos do Rio”, onde ela discute as relações estabelecidas entre os principais diários que circulavam na cidade e a sociedade no Rio de Janeiro no início do século XX<sup>27</sup>.

Nesse sentido, Marta Emisia Jacinto Barbosa nos orienta para os cuidados, enquanto historiadores, ao trabalhar tendo a imprensa como fonte. A autora considera necessário relacionar as nossas concepções de imprensa às nossas concepções de história e afirma que a opção de “ler a imprensa como se esta fosse o espelho do mundo” certamente resultará em uma análise restrita e equivocada, pois esse posicionamento desconsidera as entrelinhas, as intenções, os interesses que se escondem em sua constituição. Dessa forma, a posição que devemos assumir é

[...] tomar a imprensa como objeto, discutida teórica e metodologicamente, problematizando sua natureza social, suas relações sociais, seus processos de instituição. Esta última posição exige um processo de aprendizagem, porque implica escolhas políticas fundamentais. Impele estabelecer um lugar da crítica social, posicionar-se em relação aos sujeitos que vivem diferentes e desiguais experiências que se confrontam em meio a interesses antagônicos. A depender de nossas escolhas teórico-metodológicas e políticas, a forma de investigar os diferentes temas e fontes sofrerá modificações, seja para construir visibilidades necessárias das relações sociais, seja para silenciar[...]<sup>28</sup>

Assim, entendemos que trabalhar a imprensa no objetivo de dar visibilidade a personagens esquecidos pela historiografia requer que façamos uma leitura crítica acerca dos fatos narrados, além de uma busca minuciosa nos elementos que não estão colocados de forma visível e sim nas entrelinhas ou ausências. As opções metodológicas, assim, com as perguntas lançadas aos jornais enquanto fonte de pesquisa podem legitimar o poder mantendo a ordem vigente, ou podem abrir caminhos para uma discussão acerca dos problemas sociais. A autora alerta sobre a articulação entre

---

<sup>27</sup> BARBOSA, Marialva. *Os Donos do Rio: imprensa, poder e público*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000.

<sup>28</sup> BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. Sobre história: Imprensa e memória. In MACIEL, Laura Antunes, ALMEIDA, Paulo Roberto de, KHOURY, Yara Aun (Orgs). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho' d água, 2006, p.267.

imprensa, memória e poder, e como a imprensa diária e os demais meios de comunicação foram ou são empresas conduzidas pelo capital; “ao perceber que estratégias se organizam em nome de forças hegemônicas”, o historiador deve optar por ser “implacável” em sua busca ou “desviar o olhar”: “qualquer das atitudes define o lugar político de onde se fala”. Para que possamos resgatar e dar visibilidade à vivência das imigrantes em Manaus, é necessário que façamos o resgate dos discursos produzidos nos diferentes meios sobre a mulher, para a mulher e, finalmente, pela mulher, o que, segundo Marta Emisia Jacinto Barbosa,

[...] expõe o confronto entre o narrado e o vivido, como as vivências são apropriadas por diferentes meios e formas. É preciso pensar os “domínios” que produzem memória. Nesse sentido, não só jornais devem ser pensados como “senhores”, que articulam campos de poder e de memória, e que precisam ser tornados visíveis, mas toda a rede midiática que converge força para determinar parâmetros para a vida social.<sup>29</sup>

A dissertação está estruturada em três capítulos. No primeiro, *O sonho de Imigrar: deslocamentos da esperança*, fazemos uma análise em torno das motivações que envolveram os deslocamentos no final do século XIX, o sonho do “mundo novo”, que, para muitos europeus, foi representado pela possibilidade de imigração para o Brasil. No primeiro tópico, *Migrações, imigrantes e emigrantes. Conceitos e aspectos teóricos*, discorreremos sobre os principais conceitos e os modos historiográficos que nortearam a pesquisa. O segundo tópico, *Mulheres e imigração: a presença feminina nas migrações internacionais*, consiste em um levantamento sobre a participação das mulheres nos movimentos populacionais através da bibliografia que trabalha com a temática. O terceiro tópico, *Mulheres imigrantes no Brasil entre os séculos XIX e XX*, tem por base estudos historiográficos que abordam a questão migratória para o Brasil no período em que o país recebeu um grande número de pessoas de diversas regiões do mundo— aqui, nosso objetivo é destacar a presença feminina e as diferentes formas de atuação, resistência e protagonismo inseridos nesse processo. O quarto tópico, *Imigração feminina na cidade de Manaus 1880-1920*, consiste em relacionar o desenvolvimento econômico e a crença, de parte da sociedade, na superioridade dos estrangeiros, em especial os europeus, em detrimento da população local, o que teria, em grande medida, contribuído para a chegada de um grande contingente populacional à cidade de Manaus. Nesse sentido, além de apresentar os números buscaremos

---

<sup>29</sup> BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. Sobre história: Imprensa e memória. p.268.

“localizar” as mulheres em meio a esse contexto.

No segundo capítulo, *Imigração e Trabalho Feminino em Manaus*, faremos uma análise através das fontes, principalmente dos periódicos do período, onde é possível observar que a economia, alavancada pela comercialização da borracha, favoreceu o comércio na cidade e ampliou as oportunidades de emprego para as mulheres. No primeiro tópico, *Do trabalho formal ao informal*, iremos demonstrar a participação das estrangeiras no mundo do trabalho em Manaus e que, apesar de as oportunidades laborais que se abriram inicialmente estarem ligadas às suas práticas domésticas, como extensão de suas atividades rotineiras, a atuação feminina no mundo do trabalho naquele período foi bastante ampla e significativa. O segundo tópico, *Prostituição na Belle Époque Manauara*, tem o objetivo de mostrar de que maneira o período áureo da borracha fomentou a prostituição em Manaus. Diferente de muitas representações sobre o período, o meretrício não era composto apenas pelas famosas *cocotes* francesas e polonesas, ao contrário, em sua grande maioria eram mulheres pobres, amazonenses e de outras regiões do país. Por meio das fontes, iremos apreender como se deu o estabelecimento de relações sociais e de poder entre as prostitutas e a sociedade manauara. No terceiro tópico, *A Imigrante no teatro: visibilidade e protagonismo feminino*, iremos analisar o papel do teatro enquanto veículo de civilização, onde as imigrantes passaram a servir de inspiração para as mulheres da cidade, principalmente as senhoras de elite, tanto no comportamento refinado, quanto na forma de se vestir de acordo com a última moda europeia. Nesse sentido, buscamos dar visibilidade às atrizes e cantoras que passaram por Manaus junto a companhias teatrais, muitas das quais se destacaram como figuras centrais nos espetáculos e tiveram grande destaque nos jornais locais, por seus feitos artísticos e especulações sobre suas vidas particulares.

No terceiro capítulo, *Imprensa de imigrantes na cidade de Manaus*, fazemos uma análise sobre alguns jornais de imigrantes que circularam na cidade no final do século XIX e início do século XX. No primeiro tópico, *Considerações gerais sobre a imprensa de imigrantes*, tratamos de apresentar de forma pontual o surgimento de uma imprensa produzida por imigrantes e voltada aos interesses das respectivas colônias estabelecidas no Brasil. No segundo tópico, *Imprensa de imigrantes na cidade de Manaus entre 1880 a 1920*, assim como fizemos no tópico anterior, buscamos trazer um levantamento dos jornais produzidos pelos imigrantes na cidade de Manaus, que circularam entre as últimas décadas do século XIX e início do XX; também destacamos os principais estudos sobre a Imprensa no Amazonas, além dos trabalhos que se apoiam

na imprensa como fonte e que nos auxiliam nos caminhos de nossa pesquisa. No terceiro tópico, *Imprensa estrangeira em Manaus: reforçando espaços de sociabilidades e promovendo a manutenção da cultura*, apresentamos as diferentes formas de intervenção da imprensa de imigrantes na vida das comunidades estrangeiras em Manaus; também buscamos destacá-la enquanto “espaço” de sociabilidades dos grupos de imigrantes, além de sua atuação na preservação da identidade cultural dos seus países de origem. O quarto e último tópico, *A imagem da mulher estrangeira nos jornais de imigrantes*, tem por objetivo apresentar as diferentes formas de representações femininas veiculadas na imprensa de imigrantes e direcionadas às comunidades estrangeiras estabelecidas na cidade de Manaus.

**CAPÍTULO 1**  
**O sonho de imigrar: deslocamentos da esperança**

## CAPÍTULO 1

### O sonho de imigrar: deslocamentos da esperança

Apesar da notoriedade recente, motivada pelos conflituosos trajetos realizados entre países de diferentes contextos, a mobilidade humana não é um fenômeno contemporâneo. Desde os primórdios da humanidade, essa tem sido uma maneira de buscar soluções para questões do cotidiano e de proporcionar melhores condições de vida para indivíduos e povos diferentes. Os movimentos populacionais vinculados a contextos sócio-históricos específicos, empreendidos em diferentes momentos por grupos humanos, contribuíram para configurar a civilização tal qual a conhecemos atualmente.<sup>30</sup>

Sejam internos ou entre territórios diferentes, os deslocamentos humanos são causadores de diversas mudanças de ordem cultural, econômica e política. Tratando-se de migrações internacionais, essas mudanças ocorrem tanto nos países de origem, que entre outros fatores sofrem com prejuízos – ainda que momentâneos – concernentes ao desequilíbrio populacional como a perda de “braços produtivos” e de capital conduzido pelo emigrante, quanto nos países que acolhem os imigrantes e que precisam administrar um aumento populacional que muitas vezes provoca tensões entre imigrantes e nativos. A chegada de novos contingentes humanos representa maior concorrência no mercado de trabalho, ameaça aos salários e ao nível de vida da população local, além disso, indivíduos indesejáveis de má conduta, má condição sanitária ou ainda aqueles que defendem posições ideológicas ou políticas julgadas subversivas que possam ameaçar a ordem local pré-estabelecida também geram tensões nos países de acolhimento.<sup>31</sup>

Por outro lado, as vantagens atribuídas ao processo também são significativas para os dois lados; nesse sentido há de se destacar as remessas de parte das economias, as quais os emigrantes enviam às famílias que ficam nos países de origem, ou ainda a entrada de capital trazida pelos emigrantes de retorno, e que contribui para melhorar a balança interna e o nível de vida nesses países. Os países que acolhem os imigrantes

---

<sup>30</sup>DUBY, Georges. Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos. São Paulo:Fundação Editora da Unesp, 1998. p.70

<sup>31</sup> CÔRTEZ, Geraldo de Menezes. *Migração e Colonização no Brasil*. Editora: José Olympio, Coleção documentos brasileiros. Rio de Janeiro, 1958. p. 17-20.

têm a vantagem de contar com um incremento populacional, que congrega indivíduos com o anseio de “vencer” e que, movidos por esse desejo, trazem em si um espírito empreendedor e energia para atuar em áreas defasadas ou que não despertam interesse da população local. Dessa forma, podemos dizer que os processos de deslocamentos são capazes de favorecer o desenvolvimento comercial, industrial e agrícola a partir de mão de obra, de trocas de técnicas e produtos que favorecem tanto os países de partida quanto os de chegada.<sup>32</sup>

Num contexto de diferentes realidades sociais, culturais e ambientais, o indivíduo que migra também passa por transformações, pois o processo de inserção e adaptação dos imigrantes, além da reafirmação de identidades estabelecidas, possibilita a construção de novas identidades, já que estas geralmente são revisadas e transformadas em resposta à experiência migratória. Nesse sentido, as relações de gênero também tendem a se transformar, adaptando-se ou assumindo novas configurações, onde tanto homens, quanto mulheres tem a possibilidade de reconstruir, negociar ou reafirmar tradições, credos e relações de poder, o que recondiciona a sua identidade.<sup>33</sup>

Sendo assim, os estudos que se debruçam sobre a temática dos deslocamentos humanos são fundamentais para o entendimento de diversos fenômenos, os quais podem ser observados desde a escala global até as microescalas. Neste capítulo, situamos a reflexão, dando ênfase às principais causas dos movimentos migratórios para o Brasil no final do século XIX e início do XX. Buscamos, assim, alcançar a presença feminina nesse processo, em especial na cidade de Manaus.

Inicialmente buscaremos delimitar alguns conceitos e teorias acerca dos termos migração e migrantes, já que estes irão permear não apenas este capítulo, mas toda a pesquisa que desejamos desenvolver.

### **1.1. Migrações, imigrantes e emigrantes. Conceitos e aspectos teóricos**

Os fluxos migratórios representam um tópico importante na configuração social da história da humanidade, por isso, diferentes disciplinas das ciências sociais têm se debruçado sobre o tema, dando origem a uma grande quantidade de trabalhos e

---

<sup>32</sup> Idem.

<sup>33</sup> HALL, Stuart. Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais. Organização: Liv SOVIK. Tradução: Adelaíne La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Claudia Alvares, Francisco Rudiger, Sayonara Amaral. Belo Horizonte: Editora UFMG. Brasília Representação da UNESCO no Brasil, 2003. p. 66-67.

perspectivas de abordagens sobre o assunto. Empregado para designar diversas formas de deslocamentos humanos e temáticas próximas, o conceito de “migração” adquiriu inúmeras categorias, sendo importante destacar que, nos estudos desenvolvidos acerca dos movimentos migratórios, a definição do conceito de migração não é algo fixo ou fechado, o que revela toda a complexidade do próprio fenômeno. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o conceito de migração é caracterizado como

uma forma de mobilidade geográfica ou mobilidade espacial de um país para outro ou, dentro do mesmo país, de uma região para outra, envolvendo, em geral, a transferência de residência do lugar de origem ou local de partida para o lugar de destino ou lugar de chegada.<sup>34</sup>

Da mesma forma, a Organização Internacional para as Migrações – OIM define o conceito de migração como “[...] processo de atravessamento de uma fronteira internacional ou de um Estado. É um movimento populacional que compreende qualquer deslocamento de pessoas, independentemente da extensão, da composição ou das causas [...]”<sup>35</sup>. Nesse contexto de transição de uma região para outra, o migrante, personagem central no processo, é considerado emigrante quando sai de determinada região com a finalidade de se instalar em outra, e imigrante quando se desloca para uma região, a fim de ali se estabelecer. Ou seja, os termos caracterizam os movimentos de saída (emigração) ou de entrada (imigração) em determinada região.

Para Sayad, um aspecto fundamental na análise dos processos migratórios refere-se ao entendimento de imigração e emigração como partes de um processo constituinte, ou seja, duas faces de um mesmo fenômeno, pois “o que chamamos de imigração, e que tratamos como tal em um lugar e em uma sociedade de dados, é chamado, em outro lugar, em outra sociedade ou para outra sociedade, de emigração [...]”<sup>36</sup>

As definições dos conceitos de migração e migrante segundo o IBGE e a OIM são básicas e gerais, englobam tanto os movimentos espaciais de indivíduos dentro dos países, quanto os deslocamentos que se dão para além das fronteiras que os delimitam.

---

<sup>34</sup> IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Dicionário Demográfico Multilíngue*. Rio de Janeiro. p.62. Disponível em:<<http://biblioteca.ibge.gov.br/>>Acesso em: 12 dez. 2015.

<sup>35</sup>Organização Internacional para as Migrações (OIM).Direito Internacional da Migração. Glossário sobre Migração.Autor: Vários. Depósito Legal: 304 786 /10 ISSN 2075-2687. Editora: Organização Internacional para as Migrações. Genebra, Suíça, 2009. p. 40-46. Disponível em:<<http://publications.iom.int/bookstore/free/IML22.pdf>>Acesso em: 07 out. 2015.

<sup>36</sup> SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. Prefácio: Pierre Boudieu.Tradução: Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998. p.13-16.

A complexidade do fenômeno migratório reside, na verdade, nas razões que dão impulso a esse fenômeno, sendo que estas podem ocorrer: a partir de decisões individuais ou grupais; em razões de natureza econômica ou social; de forma espontânea ou forçada, entre outras. Assim, os movimentos migratórios carregam uma diversidade de características e especificidades próprias do contexto no qual se desenvolvem, tendo caráter variado quanto à duração, às distâncias percorridas e aos objetivos dos indivíduos envolvidos nos processos de deslocamentos.

Classificadas em função das distâncias, as migrações podem ser internacionais ou externas – quando pessoas ou grupos deixam os seus países de origem ou de residência habitual para se fixarem, permanente ou temporariamente, em outro país. Também podem ser caracterizadas como migrações nacionais ou internas – quando ocorre o movimento de pessoas de uma região a outra dentro de um mesmo país. Nesse caso, também se inserem as migrações urbanas e rurais – quando ocorre o deslocamento de uma área rural para outra, ou de uma área rural para uma área urbana geralmente em busca de emprego.<sup>37</sup>

Na categorização, segundo o tempo de permanência do migrante, as migrações podem ser permanentes ou de longa duração – quando o indivíduo se desloca para um país diferente do seu, por um período mínimo de um ano, de tal forma que o país de destino se torna efetivamente o seu novo país de residência habitual. Como vimos anteriormente, na perspectiva do país de partida, a pessoa será um emigrante, e do ponto de vista do país de chegada, será um imigrante. A migração temporária ou de curta duração se dá quando pessoas, em função de diversas razões em seu ambiente original, se deslocam para determinadas regiões, retornando posteriormente para seus lugares de origem.<sup>38</sup>

No que tange à natureza das migrações, estas podem ser espontâneas, quando ocorrem pelo desejo e pela iniciativa do próprio indivíduo ou grupo. Nesse contexto, a decisão de migrar é tomada geralmente em função dos fatores de atração e de repulsão, exercidos pelas regiões ou países de origem e de destino.<sup>39</sup> Já as migrações forçadas ocorrem a partir de interferência externa, seja por desastres ambientais, como

---

<sup>37</sup> Organização Internacional para as Migrações (OIM).Direito Internacional da Migração. Glossário sobre Migração.p. 40-46.

<sup>38</sup> Idem.

<sup>39</sup> Idem.

terremotos, enchentes, secas, epidemias, ou por razões políticas e ideológicas que desencadeiam guerras, entre outros.<sup>40</sup>

O entendimento acerca dos fluxos de pessoas entre países, regiões e continentes engloba fatores sociais, econômicos, políticos e ambientais a diferentes grupos sociais, resultando em inúmeras implicações. Devido às diversas perspectivas que envolvem os estudos migratórios, é possível encontrar uma vasta gama de conceitos e tipologias sobre a problemática, o que agrega certa complexidade na busca de uma teoria que possa responder a algumas questões pertinentes ao tema<sup>41</sup>. Estas ressaltam a necessidade de entendermos os processos migratórios enquanto objeto de análise de várias ciências em diferentes perspectivas, a saber, de ordem econômica, demográfica, geográfica, sociológica, psicológica, política, antropológica e histórica, que têm produzido análises conflitantes e que chegam a se contradizer em certos pontos, o que impede um consenso determinante para uma teoria geral sobre o tema.<sup>42</sup>

Precursor nos estudos de movimentos migratórios, Ravenstein<sup>43</sup> postulou uma teoria explicativa e caracterizadora dos movimentos internos e internacionais. As “leis de migração” apresentadas pelo autor podem ser resumidas da seguinte forma: (1) a maioria das migrações ocorre para curtas distâncias e, quando opta-se por regiões mais distantes, as migrações são orientadas para os centros comerciais e industriais; (2) o deslocamento se dá por etapas, ou trechos, iniciando-se pela periferia e expandindo-se

---

<sup>40</sup> Na categorização das migrações forçadas, também devem ser inseridas as migrações que ocorreram no contexto da escravidão. Na contramão do “sonho de migrar”, estas ocorreram quando milhares de africanos passaram a ser comercializados para atender a demanda europeia em seu projeto de expansionismo. Nesse caso, essas pessoas não escolheram migrar, foram levadas, forçadas a deixar seus locais de origem e partir rumo ao desconhecido.

<sup>41</sup> De acordo com Castiglioni, as principais dificuldades teóricas e técnicas acerca dos estudos migratórios têm origem nos seguintes fatores: a indefinição dos conceitos, já que estes variam de acordo com os objetivos do estudo e a percepção do fenômeno; a dificuldade na obtenção de dados adequados para testar as teorias formuladas e produzir indicadores reais e confiáveis; o fato de a mesma situação de transformação social ter a capacidade de produzir fluxos migratórios diferenciados em termos de composição, direção e intensidade, criando uma heterogeneidade nos modelos de imigração, dificultando a construção de um quadro conceitual geral; a dificuldade de separar os fatores estruturais em nível macro e os fatores individuais em nível micro; a dificuldade de construir uma teoria geral também reside no caráter multidisciplinar dos fenômenos migratórios, o que requer uma teoria que incorpore uma variada gama de abordagens em diferentes níveis de análises. CASTIGLIONI, Aurélia H. *Migração: Abordagens Teóricas*. In: ARAGON, Luís E. (org.). *Migração Internacional na Pan-Amazônia*. Belém, UFPA NAEA, 2009. p. 39.

<sup>41</sup> SALIM, Celso A. *Migração: o fato e a controvérsia teórica*. In: Encontro Nacional de estudos populacionais, 1992. São Paulo. Anais. Campinas: ABEP, 1992. Arquivo em pdf. Disponível em: <[www.abep.nepo.unicamp.br](http://www.abep.nepo.unicamp.br)> Acesso em: 23 set.2015.

<sup>42</sup> Idem.

<sup>43</sup> Ravenstein foi um geógrafo e cartógrafo inglês que procurou enunciar leis gerais que regiam as migrações a partir da análise dos dados dos Censos de 1871 e 1881 na Inglaterra. Apesar de algumas críticas quanto ao caráter positivista e limitado de suas análises, seus estudos são referências para maioria dos trabalhos que discutem a temática migratória.

para áreas mais remotas; (3) cada corrente migratória produz uma corrente inversa compensatória; (4) a população rural migra mais que a população urbana; (5) a migração feminina predomina entre os fluxos migratórios de curta distância; (6) a evolução nos meios de locomoção e o desenvolvimento da indústria e do comércio contribuem para o aumento nos fluxos migratórios; (7) apesar das diversas motivações, como questões políticas, climáticas, ideológicas, entre outras, o fator econômico, ou seja, o desejo dos migrantes em melhorar suas condições materiais, surge como a principal causa dos movimentos migratórios.<sup>44</sup>

Apesar de críticas quanto às limitações em sua proposta de análise, os estudos de Ravenstein são referência para grande parte dos estudiosos que se debruçam sobre as questões migratórias. Como observou J. Peixoto, além do caráter precursor, Ravenstein

apresenta uma análise empírica pormenorizada dos fenómenos migratórios, onde se reconhecem muitos dos procedimentos metodológicos ulteriores[...] vários dos temas e conceitos que anuncia são os posteriormente estudados: classificações de migrantes (temporários, de curta e média distância, entre outros), migrações por etapas, regiões de atracção e repulsão, efeito da distância, contra-correntes, acção de estímulos económicos, etc [...]<sup>45</sup>

O estudo de Ravenstein também foi o primeiro que buscou relacionar a natureza dos fluxos migratórios ao sistema capitalista, colocando o desenvolvimento industrial como fator de maior relevância nas tomadas de decisão dos deslocamentos humanos e servindo de base para uma abordagem muito utilizada nos estudos das migrações, conhecida como o modelo de repulsão – atração. Essa perspectiva de análise faz uma leitura econômica do fenômeno migratório, e a migração, nesse contexto, ocorre em um conjunto de fatores de repulsão e atração, quando os indivíduos de uma determinada região com pouco desenvolvimento e oferta de emprego decidem racionalmente, com base nos cálculos em custos e benefícios, pela mobilidade espacial em busca de trabalho e melhores condições de vida, geralmente nos grandes centros onde a demanda da indústria e do comércio possa absorver a mão de obra imigrante.<sup>46</sup>

Apesar de servir de aporte a um grande número de estudos migratórios, as teorias que se apoiam, principalmente, em análises com base no processo de

---

<sup>44</sup> Vol. 48. *Journal of the Royal Statistical Society* (1885:710); Ravenstein (1885:198) e Lee (1969:286-7), em GONÇALVES, Maria Ortelinda Barros. *Migrações e Desenvolvimento*. CEPESE, Fronteira do Caos Editores Lda. Porto, 2009. p. 25.

<sup>45</sup> PEIXOTO, J. *As teorias explicativas das migrações: Teorias micro e macro sociológicas*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Socius Working Papers, n. 11, 2004. p.5. Disponível em: <<https://www.repository.utl.pt/bitstream>> Acesso em: 17 set. 2015.

<sup>46</sup> Idem.

acumulação capitalista são criticadas por darem ênfase às determinações econômicas em detrimento às dimensões políticas e culturais do processo migratório.

Diferente das abordagens que enfatizam a racionalidade econômica como fator predominante na decisão de migrar, a concepção histórico-estrutural nas migrações ressalta a necessidade de contextualizar historicamente as transformações das sociedades em contextos específicos. Nessa perspectiva, a análise privilegia os grupos e as classes sociais que experimentam a força das estruturas sociais e econômicas, logo, a migração nesse sentido é considerada um “fenômeno social cujos determinantes e consequências remetem a outros fenômenos sociais historicamente determinados e que se relacionam a processos de mudança estrutural em uma formação social particular.”<sup>47</sup>

Para Juarez Rubens Brandão Lopes, as migrações populacionais enquanto parte das transformações estruturais são, ao mesmo tempo, fatores e resultados nos processos de mudanças. Nesse sentido, as análises feitas a partir das inter-relações dos movimentos migratórios com o processo global permitem maior compreensão das condições e características do fenômeno migratório, ao passo que contribui para melhor entendimento do processo de desenvolvimento em diferentes aspectos.<sup>48</sup>

Além da abordagem histórico-estrutural e das teorias onde a tendência tradicional enfatiza questões econômicas como determinantes para pensar os movimentos migratórios, gostaríamos de destacar um viés teórico mais recente, o estudo migratório a partir das redes sociais, que propõe a abordagem de aspectos importantes acerca dos fluxos migratórios, como o cotidiano dos migrantes, suas práticas sociais e culturais, resistências e sociabilidades, além de apreender os embates culturais entre migrantes e nativos, as relações de troca, de poder, ocultamentos ou silenciamentos implícitos no processo. Nesse sentido, uma abordagem teórica a partir das redes sociais pode contribuir para a compreensão de outras características importantes do fenômeno, como sugerem Mondardo e Saquet:

As redes tornam-se portadoras de uma identidade construída entre territórios, na mobilidade e, pertencendo à rede, o migrante objetiva-subjetiva um território interativo, relacional, no qual a identidade pode ser compartilhada e modificada com os demais membros de cada grupo social e da sociedade em geral. A construção das redes na migração está na base da conexão entre territórios, sobretudo entre os de origem e os de destino: isso possibilita a produção de territórios em rede na mobilidade espacial. A abordagem do território em rede é construída a partir das relações sociais que, produzidas no

---

<sup>47</sup> SALIM, Celso A. Migração: o fato e a controvérsia teórica. p.125.

<sup>48</sup> LOPES, Juarez Rubens Brandão. *Desenvolvimento e migrações: uma abordagem Histórico-Estrutural*. Estudos CEBRAP, n. 6.p.127. Disponível em: <[www.cebrap.org.br](http://www.cebrap.org.br)> Acesso em: 20 jul. 2015.

interior do processo migratório, estão vinculadas não só ao território, mas também ao peso heurístico que é conferido às relações sociais entre migrantes e não-migrantes, às interações, comunicações e informações que criam os trunfos territoriais, os estranhamentos, a construção de identidades e representações, conflitualidades e cooperações, redefinições e adaptações, enfim, as territorialidades cotidianas e a reterritorialização em rede.<sup>49</sup>

Na perspectiva das redes migratórias, a manutenção da cultura e dos costumes tradicionais, assim como a adaptação ao espaço que acolhe o imigrante só são possíveis através das comunidades que se formam. A comunicação entre os participantes dessas redes difundem informações sobre o mercado de trabalho, contribuindo para que outros indivíduos optem pela decisão de migrar, ou seja, a migração ocorre a partir da mobilização social entre familiares, amigos ou conhecidos. Nesse sentido, podemos entender que os fluxos migratórios não são processos que se constituem de forma autônoma, mas sim como resultado de integrações e sociabilidades.

Diante desse contexto, o objetivo da análise das migrações a partir das redes sociais, como definido por Dimitri Fazito, é

[...] identificar conexões (laços ou relações) e pontos (nós ou atores) dentro de um sistema determinado (uma rede pessoal ou total, por exemplo) e, desse modo, representar padrões estruturais de relações que podem ser mais ou menos constantes, ou totalmente imprevisíveis e não-lineares.<sup>50</sup>

Segundo Neide Lopes Patarra, o contexto de globalização onde se inserem a cada dia novas modalidades migratórias reivindica a necessidade de reavaliação dos paradigmas acerca do fenômeno migratório. Dessa forma, os graus de possibilidades abertos pela bibliografia interdisciplinar dão origem a uma gama de conceitos e perspectivas que vão surgindo em função de novas visões e questionamentos lançados sobre o tema, o que revela a complexidade do fenômeno migratório em suas interações peculiares e heterogeneidades histórico-sociais, reafirmando a impossibilidade de uma teoria geral da imigração.<sup>51</sup>

Não temos a intenção de analisar sistematicamente as teorias migratórias, uma vez que o objetivo aqui empreendido é o de compreender e comparar alguns conceitos e abordagens teóricas sobre migração a partir de perspectivas econômicas, históricas e

---

<sup>49</sup> MONDARDO, M. L.; SAQUET, M. *A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais*. In: Revista NERA, Presidente Prudente, ano 11, n. 13, jul-dez/2008. p.126. Disponível em: <[www.revista.fct.unesp.br](http://www.revista.fct.unesp.br)> Acesso em: 09 jul.2015.

<sup>50</sup> FAZITO, Dimitri. *A Análise de Redes Sociais (ARS) e a Migração: mito e realidade*. UFMG/Cedeplar. Disponível em: [www.abep.nepo.unicamp.br](http://www.abep.nepo.unicamp.br). Acesso em: 05 jun. 2015.

<sup>51</sup> PATARRA, Neide Lopes. *Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais*. Scielo Brasil, Dossiê Migração. Disponível em: <[www.scielo.br](http://www.scielo.br)>. Acesso em :16 de julho de 2015.

sociais, o que pode atestar a interdisciplinaridade inerente ao tema, pois, como afirma Abdelmalek Sayad, falar de imigração significa falar da sociedade como um todo, em sua dimensão diacrônica – perspectiva histórica de formação e demografia – e também de sua extensão sincrônica – estruturas sociais e seu funcionamento. Para uma melhor compreensão desse fenômeno, que não ocorre apenas no espaço físico, mas também em um “espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente (sobretudo através das duas realizações culturais que são a língua e a religião)”, deve-se lançar mão de uma interpretação a partir da perspectiva de diversas disciplinas, como história, geografia, economia, direito, sociologia, demografia, psicologia, ciência política, antropologia, linguística, sociolinguística, ciência política, entre outras.<sup>52</sup>

## **1.2 Mulheres e imigração: a presença feminina nas migrações internacionais**

Ao analisarmos a história da humanidade sob o aspecto da mobilidade espacial, observamos que ela é pontuada, desde os tempos mais antigos, por movimentos migratórios, o que caracteriza o ato de migrar como uma necessidade própria do ser humano. Os movimentos populacionais empreendidos em diferentes contextos de forma individual ou grupal promoveram a miscigenação dos povos pelos cinco continentes e contribuíram para configurar a civilização, tal como a conhecemos atualmente.<sup>53</sup>

Podemos assim dizer que os movimentos migratórios acompanharam e influenciaram o movimento de evolução da própria sociedade. Norbert Elias, por exemplo, atribuiu às migrações e, conseqüentemente, ao aumento e à diminuição das populações como algumas das principais causas de mudanças na personalidade humana e nas instituições políticas e sociais a elas correspondentes.<sup>54</sup> Segundo Elias, “nenhum fato isolado produz por si mesmo qualquer transformação, mas apenas em combinação com outros”<sup>55</sup>. Assim, de maneira lenta e gradual, as transformações na estrutura social e

---

<sup>52</sup> SAYAD, Abdelmalek. A imigração ou os paradoxos da alteridade. p.13-16.

<sup>53</sup> DUBY, Georges. Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos. p.70

<sup>54</sup> ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. vol.2. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1993, p.36. Os deslocamentos aos quais o autor se refere, correspondem, ao período que concentrou a maior população da Europa até o ano de 800. Elias relaciona esse fenômeno migratório ao processo civilizador, pois segundo o autor, em virtude da concentração populacional e crescimento de atividades nas cidades ocorre necessariamente o “entrelaçamento e interdependência crescente de pessoas”, que gera nos indivíduos condutas que ele denomina de “civilização” caracterizada pelo controle das “paixões”, e que demonstra uma “racionalização” da consciência que significa “a mudança de pensamento das formas mágicas tradicionais para as racionais”.

<sup>55</sup> Idem. p. 37

as mudanças no modo de conduta das pessoas a partir do crescimento populacional levaram à interdependência dos indivíduos de diferentes grupos ou classes, e à monopolização dos meios de violência e do capital, que, somados à divisão de funções e ao aumento na produtividade do trabalho, possibilitaram “[...] a formação de monopólios mais estáveis de força física e tributação, dotados de administrações altamente especializadas, isto é, a formação de Estados no sentido ocidental da palavra [...]”<sup>56</sup>.

Como marca dessa nova configuração social podemos destacar: o importante desenvolvimento econômico, o crescimento da população, da produção e do comércio agrícola e manufatureiro, além do virtual renascimento das cidades, da valorização da cultura, da expansão da economia feudal ocidental sob a forma de “cruzadas”, da colonização e do estabelecimento de empórios no estrangeiro<sup>57</sup>. A articulação desses fatores envolve os princípios que, num processo de longa duração, fomentaram a passagem do feudalismo para o capitalismo entre os séculos XV ao XVIII.<sup>58</sup>

A partir do século XVI, ainda durante o processo de transição para o capitalismo, as grandes navegações de “descobrimento” desempenharam um papel de grande importância na aceleração da dinâmica mercantil. Esse período marca o início da globalização, com as viagens transcontinentais de desbravamentos, de colonização e de difusão da cultura europeia através dos continentes asiático, africano e americano. Em Marx e Engels podemos perceber a globalização como um desdobramento do desenvolvimento capitalista:

O mercado indiano e chinês, a colonização da América, o intercâmbio com as colônias e, em geral, a intensificação dos meios de troca e das mercadorias deram ao comércio, à navegação e à indústria um impulso até então desconhecido, favorecendo na sociedade feudal em desintegração a expansão rápida do elemento revolucionário.<sup>59</sup>

A indústria, ao criar o mercado mundial, gerou a necessidade de ampliação tanto nos modos de produção, quanto nos mercados de consumo dos produtos,

---

<sup>56</sup> Idem. p. 256

<sup>57</sup> HOBBSAWM, Eric. Do feudalismo para o capitalismo. In: *A Transição do feudalismo para o Capitalismo*. Um debate. 5 ed. SWEEZY Paul, e outros, tradução: Isabel Didonnet. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977. (Pensamento Crítico, v. 18) Do original em inglês: *The transition from Feudalism to Capitalism*. p.206.

<sup>58</sup> Importante destacar a observação de Hobsbawm sobre a transição do feudalismo para o capitalismo. Segundo o autor, esse processo ocorreu de maneira lenta, que compreende ao menos cinco ou seis fases. Também destaca que essa transição não ocorreu de maneira uniforme em escala mundial, ao contrário, ocorreu de forma bastante desigual. “O triunfo do capitalismo ocorreu integralmente apenas em um único lugar do mundo, e essa região, por sua vez, transformou o resto.”p. 202-203.

<sup>59</sup> MARX, Karl; ENGLER, Friedrich. *O manifesto do Partido Comunista 1848*. Tradução: Suely Tomazini Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2010; Paz e Terra, 2009. p.25.

contribuindo para a criação de “pontes” entre diferentes países e favorecendo as migrações populacionais em diversas direções do mundo<sup>60</sup>. Assim, podemos dizer que uma característica que marca a história do capitalismo está relacionada ao intenso movimento espacial; como observaram Marx e Engels, nesse processo, a burguesia “conquista a terra inteira”, tendo que “[...] imiscuir-se em toda a parte, instalar-se em toda a parte, criar relações em toda a parte”<sup>61</sup>. Nesse contexto, a classe de operários modernos só sobrevive à medida que encontra trabalho, mas enquanto ocorre o desequilíbrio entre o crescimento econômico e a oferta de emprego, a migração, interna ou internacional, torna-se uma alternativa, e as pessoas, então, migram em busca, fundamentalmente, de trabalho.

Sobre isso, Robert Kurz destaca que o desenvolvimento do capitalismo deu origem a verdadeiros “oásis” de produtividade e rentabilidade cercados por desertos econômicos. Segundo o autor, esses “oásis” ou “ilhas”, incapazes de absorver a mão de obra existente, criam “supérfluos” que acabam sendo expelidos para circuitos subordinados, “seja como empresários da miséria na circulação (ambulantes), como catadores de lixo, seja como força de trabalho doméstica barata, ou, então, caem em miserabilidade absoluta”<sup>62</sup>.

Nessa perspectiva, Sayad afirma que “o fenômeno migratório inteiro é, não sem razão, sinônimo de pobreza”, assim, os deslocamentos ocorrem primordialmente à procura de “solução para a pobreza ou à procura de uma pobreza menor”. Assim, problemas na agricultura, crises geradoras dos altos índices de desemprego e miséria em consequência às guerras em determinados períodos tornam insustentável a permanência do homem nos seus locais de origem, firmando a pobreza como um fator determinante das migrações.<sup>63</sup>

Os primeiros estudos relacionados à migração surgiram a partir da consolidação do capitalismo na Inglaterra e dos demais países europeus no século XIX. Desde então, a associação entre os fluxos de migrações internacionais e as crises de modernização europeia no início do capitalismo tem sido uma tendência em boa parte desses estudos, com base na concepção neoclássica, a mais abordada nos fenômenos migratórios. Dessa

---

<sup>60</sup> Idem. p.25-27

<sup>61</sup> Idem. p.29

<sup>62</sup> KURZ, Robert. *Barbárie, migração e guerras de ordenamento mundial*. In: Serviço Pastoral dos Migrantes. (Org.) *Travessias na desordem global — Fórum Social das Migrações*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 29-34

<sup>63</sup> SAYAD, Abdelmalek. Uma Pobreza “Exótica”: A imigração Argelina na França. Tradução do original francês: Raquel Ramalhe. Revisão: Afrânio Garcia Jr. Disponível em: <[www.anpocs.org.br/portal/publicacoes](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes)> Acesso em: 03 jul. 2015.

forma, as migrações são interpretadas a partir de uma leitura econômica da realidade, considerando que, nesse contexto, os fatores de atração e repulsão ocorrem principalmente em torno de questões ligadas ao mercado de trabalho e estímulos econômicos na esperança de um recomeço distante da repressão e miserabilidade. Segundo Patarra e Baeninger, “os movimentos migratórios internacionais constituem a contrapartida da reestruturação territorial planetária intrinsecamente relacionada à reestruturação econômico-produtiva em escala global”<sup>64</sup>. Nesse sentido, um dos principais motivos das migrações seria “o anseio de felicidade no campo material que estimula a corrida em busca de salários mais elevados, de melhores condições de vida, ou de vantajosas compensações, quando não em proveito próprio, em favor da prole de quem migra”.<sup>65</sup>

Diante desse contexto, podemos entender que a história da migração foi conceituada como uma história de homens trabalhadores num processo determinado pelo sistema capitalista. Dessa forma, embora mulheres e homens tenham participado dos diferentes movimentos espaciais, a narrativa tradicional da história das mobilidades humanas por muito tempo atribuiu aos homens o papel de protagonistas no fenômeno migratório, deixando a atuação das mulheres esquecida ou relegada ao segundo plano como acompanhantes e dependentes da figura masculina. Assim, as mulheres, que por um longo período de tempo foram excluídas do mercado de trabalho, de modo geral, foram representadas no discurso acadêmico como economicamente inativas, discurso este que influenciou as teorias sobre migração, acarretando prejuízo à participação das mulheres nesses eventos, já que suas experiências não foram privilegiadas como objeto de análise, embora elas tenham participado efetivamente em diferentes momentos dos movimentos espaciais ao longo do tempo.

Entendemos que essa ausência ou silenciamento reflete uma realidade social marcada pelo predomínio do modelo de família patriarcal, em que o homem era considerado superior à mulher em todas as áreas do convívio social. Essa realidade impôs “silêncio” à mulher por um longo período de tempo, e esse silêncio esteve atrelado ao modelo ideal de comportamento feminino que, “era ao mesmo tempo

---

<sup>64</sup>PATARRA, Neide Lopes, BAENINGER Rosana. *Migrações Internacionais, Globalização e Blocos de Integração Econômica: Brasil no Mercosul*. p.3. Disponível em: <[www.abep.nepo.unicamp.br](http://www.abep.nepo.unicamp.br)> Acesso em: 15 jun. 2015.

<sup>65</sup>CÔRTEZ, Geraldo de Menezes. *Migração e colonização no Brasil*. p. 6.

disciplina do mundo, das famílias e dos corpos, regra política, social, familiar”<sup>66</sup>. Logo, o que se esperava das mulheres era a submissão, o pudor, o recato, enfim, a reclusão definitiva.

A atuação feminina esteve, por muito tempo, condicionada ao âmbito privado, longe do espaço público, cenário privilegiado pela historiografia tradicional. As mulheres ficaram de fora da narrativa histórica, mas o maior problema, como salienta Michele Perrot, é que “esta ausência no nível da narrativa é acompanhada por uma carência de traços no domínio das fontes”<sup>67</sup>, já que durante o século XIX pouco foi registrado sobre elas. Da mesma forma, percebemos que o silenciamento sobre as mulheres influenciou as teorias sobre migração, já que muitas vezes as migrantes têm suas histórias contadas através dos seus próprios depoimentos, das histórias de suas famílias, dos álbuns de fotografias, dos jornais, ou dos registros de entrada dos países para onde migraram.<sup>68</sup>

Por mais que o trabalho das mulheres tenha sido fundamental para a manutenção das famílias de imigrantes, quando representadas, em sua maioria, surgem como mães, filhas, irmãs que acompanhavam o marido, pai ou parentes. Por outro lado, os homens que migravam foram representados como trabalhadores associados muitas vezes à força de trabalho necessária para a obtenção do desenvolvimento e do progresso de determinadas regiões ou países, como ocorreu no Brasil ao longo do processo de colonização e início século XIX, período das grandes migrações para o país.<sup>69</sup>

Tomando como exemplo as migrações para o Brasil, Lená Menezes de Medeiros destaca que uma das principais formas de imposição de silêncio em relação às mulheres nos movimentos migratórios está relacionada ao uso dos passaportes coletivos, documentos nos quais o homem era o “responsável” pela família, e a mulher era nomeada por sua situação civil, “simples extensão da figura masculina: regra geral, sem nome, profissão ou idade”<sup>70</sup>. Além disso, grande parte das imigrantes acabou se

---

<sup>66</sup>PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução, Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005. p.10.

<sup>67</sup> Idem.p.33-34.

<sup>68</sup>BASSANEZI, Maria Silvia. Migrações Internacionais. Mulheres que vêm, mulheres que vão. In: *Nova História das mulheres no Brasil*. PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). São Paulo: Contexto, 2012.p. 170.

<sup>69</sup> ASSIS, Gláucia de Oliveira. *Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional*. Universidade do Estado de Santa Catarina. Estudos Feministas, Florianópolis, setembro-dezembro/2007. p.745. Disponível em: <www.scielo.br> Acesso em: 20 out. 2015.

<sup>70</sup>MENEZES, Lená Medeiros de. *Imigração e comércio: silêncios sobre a mulher*. Entre mares – O Brasil dos portugueses. A comunicação constitui-se em resultado preliminar de pesquisa financiada pelo CNPq e

inserindo no mundo do trabalho através do mercado secundário ou informal, nos serviços domésticos de cuidados ou na prostituição, o que contribuiu para que fossem subestimadas nos dados oficiais. Mesmo nos casos em que as famílias migravam com contratos de trabalho firmados para fábricas ou lavouras de café, onde a mão de obra deveria essencialmente ser exercida por todos os membros da família, os contratos eram assinados apenas pelo homem em nome da mulher. “Esse procedimento acaba por propiciar vários ocultamentos, relativizando, como consequência, estudos emanados de determinadas fontes. Regra geral, ‘assexuadas’, muitas estatísticas acabam por ‘interiorizar’, de algum modo, o “silêncio que envolve a mulher”<sup>71</sup>.

Segundo Pessar, Chant e Radcliffe, a ausência das mulheres nos estudos sobre migração tem relação com o fato de muitos teóricos terem sido influenciados pelas teorias neoclássicas de migração. A partir dessa perspectiva de análise, entende-se que o indivíduo que opta pela migração internacional, tem sua decisão com base nos pressupostos de individualidade e racionalidade, “por muitas que sejam as condicionantes externas à sua decisão – trate-se de um contexto econômico ou do contexto social de ação –, é a racionalidade individual que [...] promove a decisão de mobilidade”<sup>72</sup>. A explicação para a ausência das mulheres nos estudos de migração a partir dessa perspectiva, reflete a lógica ocidental tradicional que funciona como uma divisão binária entre os opostos, masculino e feminino. O primeiro tem em sua natureza a inteligência, a força física e a racionalidade, características que lhe conferem a capacidade de gerir sua vida e tomar decisões importantes como a de migrar em busca de melhores condições de vida. O segundo dotado de sentimentos, intuição e domesticidade caracteriza-se também pela inferioridade física, social e intelectual.<sup>73</sup>

Diferente da teoria neoclássica, a migração a partir das redes sociais é vista não como decisão racional de um indivíduo, mas uma estratégia de grupos familiares, amigadas e compatriotas. Tais redes migratórias podem ser pensadas como um conjunto de laços sociais que ligam comunidades de origem a específicos pontos de destinos nas sociedades receptoras ou conjunto de pessoas<sup>74</sup>. Nessa premissa teórica, os laços sociais integram e contribuem com os processos migratórios através da transmissão de

---

contou com a participação de Thaísa César de Paula e Silva, Bolsista de Iniciação Científica Junior na coleta de dados. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.p.188. Disponível em:<[www.cepsepublicacoes.pt/portal/pt](http://www.cepsepublicacoes.pt/portal/pt)>Acesso em: 24 jul. 2015.

<sup>71</sup>Idem. p.188.

<sup>72</sup>PEIXOTO, J. As teorias explicativas das migrações: Teorias micro e macro sociológicas. p.13.

<sup>73</sup> RAGO, Margareth, *Do Cabaré ao Lar. A Utopia Disciplinar Brasil 1890-1930*.Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. 2 ed. p.81.

<sup>74</sup> PEIXOTO, J. As teorias explicativas das migrações: Teorias micro e macro sociológicas. p.30

informações sobre experiências e mercado de trabalho, ajuda econômica e apoio emocional. Enquanto alternativa à teoria neoclássica, as análises que trabalham com a perspectiva das redes sociais apontam para maior participação e importância das mulheres nos movimentos migratórios, ligadas de forma predominante às redes familiares. Nessa abordagem, elas surgem principalmente deslocando-se para encontrar-se com seus companheiros ou familiares, já migrados de seus países de origem. Alguns estudos que analisam os processos migratórios a partir das famílias destacam que a decisão de migrar muitas vezes foi pensada em conjunto pela família; nesses estudos, a mulher, muitas vezes, desempenhou papel ativo e decisivo, em muitos casos, articulando a rede social, incentivando os homens ou a família na decisão de partir.

Tradicionalmente representadas como co-participantes, as mulheres têm assumido, cada vez mais, o papel de protagonistas na sua decisão de migrar. A partir da década de 1930, nos EUA, e após 1970, na França<sup>75</sup>, como resultado da implementação de políticas de imigração restritivas – como por exemplo, o fechamento das fronteiras a novos imigrantes homens, enquanto eram permitidas as reunificações familiares – ocorreu uma mudança numérica na composição dos fluxos migratórios, aumentando a participação feminina nos deslocamentos para esses países<sup>76</sup>. O aumento no número de mulheres nesses eventos foi significativo ao ponto de dar origem ao fenômeno que ficou conhecido como “feminização das imigrações”, mas, mesmo diante dessa nova realidade, a figura da mulher permaneceu associada à família e não reconhecida como agente social economicamente ativo no processo<sup>77</sup>.

A visibilidade e inclusão das mulheres enquanto sujeito ativo nos processos migratórios, bem como a importância de sua contribuição laboral para a economia da família, dos países de destino e dos países de origem ocorreu de forma lenta, através de um caminho que tem relação direta com uma série de fatores ligados ao movimento feminista e da crescente participação feminina em diferentes esferas de atuação em sociedade, pois, a partir do movimento feminista, aos poucos as mulheres assumiram o

---

<sup>75</sup> França e Estados Unidos representam os maiores polos migratórios a partir do século XIX, por isso têm suas histórias de imigração usadas como exemplo para entendermos como ocorreram as mudanças de paradigmas e a inclusão das mulheres nos estudos migratórios. GEEN, Nancy L. Mudando paradigmas em estudos de migração, de homens para mulheres para gênero. In: *Diásporas, Mobilidades e Migrações*. Organizadoras: Sílvia Maria Fávero Arend, Carmen Sílvia de Moraes Rial e Joana Maria Pedro. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011. p. 36-37.

<sup>76</sup> GEEN, Nancy L. Mudando paradigmas em estudos de migração, de homens para mulheres para gênero. In: *Diásporas, Mobilidades e Migrações*. Organizadoras: Sílvia Maria Fávero Arend, Carmen Sílvia de Moraes Rial e Joana Maria Pedro. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011. p. 36-37

<sup>77</sup> ASSIS, Gláucia de Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional.

controle de suas vidas, ampliaram sua participação na educação e no mercado de trabalho, e passaram a ter maior autonomia de seus corpos com a disseminação da pílula anticoncepcional.

O novo contexto, propiciado pelo movimento feminista, possibilitou a presença cada vez maior das mulheres nas universidades e evidenciou sua ausência na narrativa histórica, criando as bases para uma história das mulheres. Com as novas perspectivas historiográficas, principalmente a partir dos *Analles*, houve uma inovação metodológica a partir de novas fontes e a inserção de novos sujeitos como objeto de pesquisa. Esses fatores favoreceram a renovação nas formas de se analisar o papel feminino na sociedade e desencadearam o surgimento de um número significativo de trabalhos e publicações que têm a “mulher” como objeto de estudo.

No que tange aos estudos sobre os movimentos migratórios, evidenciou-se que, a partir da emancipação feminina, houve um aumento no número de mulheres migrando, tornando cada vez mais questionável a ausência ou mesmo as representações da mulher como agente passivo nos fluxos de deslocamentos, afinal, as mulheres não migram apenas acompanhando familiares ou motivadas por fatores de ordem econômica. Entre as causas que as impulsionam ao ato de migrar destacam-se, entre outras, a “transgressão dos limites sexuais impostos pela sociedade, os problemas conjugais e a violência física, a impossibilidade de divórcio, os casamentos infelizes e desfeitos, a discriminação contra grupos femininos específicos e a ausência de oportunidades para as mulheres”<sup>78</sup>.

Assim, o “descobrimento” das mulheres como agente ativo nos fluxos migratórios e as diferentes características entre as migrações das mulheres e dos homens apontam para a necessidade de uma abordagem a partir da inclusão do gênero como forma de agregar importantes contribuições tanto para a história social da migração quanto para as demais teorias. De acordo com Nancy L. Green, o ideal seria “fundir a história das mulheres e a história de gênero a fim de entender melhor a história da migração em si”<sup>79</sup>. Essa perspectiva vai ao encontro do conceito de gênero defendido por Joan W. Scott, o qual deve ser entendido como a construção social das relações entre homens e mulheres, “expressos em assimetrias de liberdade e autonomia que, portanto, rejeitam o determinismo biológico, como meio de encontrar um denominador

---

<sup>78</sup> Idem. p. 751.

<sup>79</sup> GEEN, Nancy L. Mudando paradigmas em estudos de migração, de homens para mulheres para gênero. p. 37.

comum, para diversas formas de subordinação feminina”<sup>80</sup>. Essa abordagem nega as análises sobre homens e mulheres em esferas separadas, pois entende que o estudo de um implica necessariamente no estudo do outro, assim, o uso do gênero na análise social da migração pretende alcançar uma visão ampliada que inclua parentesco, mercado de trabalho, educação e o sistema político<sup>81</sup>, pois, afinal, como destacou Del Priori, a história das mulheres “inclui tudo que envolve o ser humano, suas aspirações e realizações, seus parceiros e contemporâneos, suas construções e derrotas”<sup>82</sup>.

### **1.3. Mulheres imigrantes no Brasil entre os séculos XIX e XX**

O Brasil é um país que tem sua história profundamente marcada pelos deslocamentos populacionais, uma vez que a formação do território e da sociedade brasileira ocorreu a partir de processos de ocupações espaciais em diferentes contextos empreendidos por diversificados grupos étnicos. Embora muitos estudos sobre a imigração concentrem-se na figura masculina como figura central, ou, em alguns casos, como o único partícipe dos empreendimentos de desenvolvimento econômicos e sociais do país, as mulheres migrantes também têm um papel definitivo nesse processo e participaram de forma ativa em todos os trajetos de deslocamentos.

Como vimos no tópico anterior, os fatores que justificam a ausência das mulheres na história “tradicional” sobre a imigração estão relacionados à condição social ou à falta de espaço social das mulheres frente à perpetuação do modelo conservador da sociedade patriarcal, o que também justifica o fato de muitas mulheres terem migrado na companhia de familiares, parentes ou amigos responsáveis. Mas essa não foi a única forma sob as quais as mulheres se deslocaram, pois elas também migraram sozinhas em busca de casamento ou de trabalho que lhes proporcionasse melhores condições de vida, independência, liberdade, ou a fuga de contextos sociais discriminatórios e violentos<sup>83</sup>.

No caso brasileiro, embora os fluxos migratórios tenham tido, majoritariamente, a presença masculina, conforme demonstram os censos realizados entre 1872 e 1920,

---

<sup>80</sup> SCOTT, Joan W. *Gênero: Uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade. vol.16. ano 2. Porto Alegre, Jul/Dez. 1990. p. 72. Texto em pdf, disponível em: [www.archive.org/stream/scott](http://www.archive.org/stream/scott). Acesso em: 15 abr. 2014.

<sup>81</sup> GEEN, Nancy L. Mudando paradigmas em estudos de migração, de homens para mulheres para gênero. p. 37-38.

<sup>82</sup> DEL PRIORI, Mary. *História das mulheres no Brasil*. Org. Mari Del Priori, Carla Bassanezi Pinsky. São Paulo: Contexto, 2011. p. 8.

<sup>83</sup> BASSANEZI, Maria Silvia. *Migrações Internacionais. Mulheres que vêm, mulheres que vão*. p. 170.

diversos exemplos revelam não apenas a presença feminina em diferentes contextos migratórios, mas também a participação dessas mulheres na luta pela sobrevivência, seja na condição de imigrante acompanhada da família ou sozinha.

Marcado, principalmente, pela presença dos portugueses no contexto da colonização, o Brasil recebia, nas primeiras décadas do século XIX, imigrantes de várias partes da Europa. Tendo como meio de atração e fixação dessa população a criação de núcleos coloniais no país, o projeto de colonização agrícola que visava ao povoamento e à defesa da terra com base na pequena e média propriedade atraiu alemães, italianos e outros estrangeiros para o sul e sudeste do Brasil. A partir da cultura do café, esse projeto tomou impulso na segunda metade do século XIX até as primeiras décadas do século XX, considerado um período de imigração em massa da Europa para a América, estimando-se que cerca de 31 milhões de pessoas tenham atravessado o Atlântico migrando do Velho para o Novo Mundo. Desse contingente populacional, 70% dirigiram-se aos Estados Unidos; o Canadá recebeu aproximadamente 2,5 milhões; a Argentina, 4,2 milhões; e o Brasil, 2,9 milhões de imigrantes<sup>84</sup>.

Aos fatores que incitaram a emigração europeia somam-se o crescimento da população na Europa e o desenvolvimento das formas de produção capitalista. A crise que se desenrolava no continente europeu teve início no século XVIII na Europa ocidental e atingiu todo o continente em meados do século XIX, por estar relacionada à estabilidade das taxas de mortalidade há décadas, associada às altas taxas de fecundidade, o que provocou um exacerbado crescimento da população europeia.

Esse crescimento pressionou enormemente o setor agrícola dos países, que, para atender as demandas alimentares, buscaram formas de plantio mais viáveis, alterando os métodos tradicionais de arrendamento, cultivo e produção, através dos *enclosures* – passagem de terras livres ou comuns para o uso privado, com a demarcação de áreas e seu cercamento, fazendo com que muitos camponeses perdessem suas terras. Além disso, mudanças tecnológicas empregadas na terra, como a mecanização da agricultura, diminuíram a necessidade de mão de obra, elevando o número de desempregados. O desequilíbrio entre desemprego, divisões e perda de terras frente ao crescimento demográfico e à expectativa de vida, frente à qual as famílias se tornavam mais

---

<sup>84</sup> KLEIN, Herbert S. Migração Internacional na História das Américas. In: FAUSTO, Boris (Org.). Fazer a América. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p. 14-16.

numerosas, transformou a fome numa ameaça constante e determinante para a decisão da migração.<sup>85</sup>

De acordo com Trento, “a miséria foi a verdadeira causa da emigração transoceânica entre 1880 e a Primeira Guerra Mundial”<sup>86</sup>. Klein, também reconhece na miséria o principal fator das migrações da população europeia no final do século XIX:

[...] a maioria dos migrantes não desejam abandonar suas casas nem suas comunidades. Se pudessem escolher, todos – com exceção dos poucos que anseiam por mudanças e aventuras – permaneceriam em seus locais de origem. A migração, portanto, não começa até que as pessoas descobrem que não conseguiram sobreviver com seus meios tradicionais em suas comunidades de origem. Na grande maioria dos casos não logram permanecer no local porque não têm como alimentar-se nem a si próprias nem a seus filhos.<sup>87</sup>

Diante do “cenário” que se tem da Europa nesse período, as propagandas empreendidas para atrair imigrantes mostravam o Brasil como um verdadeiro “paraíso”: clima ameno, gente amistosa, terras fartas e férteis em que se plantando tudo dá, era garantia de emprego certo, havendo ainda a possibilidade de aquisição de terras a preço baixo ou até mesmo por meio de doação. Certamente, o imaginário criado em torno da imigração para o Brasil a partir da “visão do paraíso” era um verdadeiro sonho para um contingente de indivíduos constituído em sua maioria por agricultores, homens e mulheres profundamente ligados à terra e representou para muitos a esperança de sair de uma situação difícil de fome, desemprego, desilusões e abraçar a oportunidade de uma vida melhor, levando essas pessoas a deixarem seus locais de origem e a se embrenharem em novas regiões, enfrentando as adversidades inerentes à adaptação cultural e aos novos modos de vida.

No Brasil, esses imigrantes foram atraídos para trabalhar principalmente sob regime de parceria nas fazendas do oeste paulista e nas obras de infraestrutura urbana, necessárias para a expansão e o escoamento da produção cafeeira<sup>88</sup>. A propaganda veiculada na Europa e o subsídio à viagem destinava-se principalmente às famílias, posto que a ênfase governamental se apoiava na ideia de família como unidade tradicional de produção, o que facilitaria a adaptação, além de tornar viável a exploração do lote agrícola.

---

<sup>85</sup> Idem.

<sup>86</sup> TRENTO, Ângelo. Do outro lado do Atlântico: um século de imigração no Brasil. São Paulo: Nobel, 1989. p. 30.

<sup>87</sup> KLEIN, Herbert S. Migração Internacional na História das Américas. p. 13.

<sup>88</sup> OLIVEIRA, Lucia Lippi. O Brasil dos Imigrantes, 2001: Zahar. p. 22.

Segundo Klein, apesar do fluxo de imigrantes que chegavam ao Brasil ser constituído principalmente por jovens trabalhadores do sexo masculino que buscavam “fazer a América”, todas as colônias agrícolas estabelecidas pelos europeus antes de 1880 eram constituídas por grupos familiares, e mesmo após 1880 o país continuou a preferir a vinda de famílias ao invés de trabalhadores solteiros, e isso se deu principalmente em função dos contratos de trabalho nas fazendas de café. Os portugueses, italianos, espanhóis e os japoneses que chegaram depois de 1908, que constituíam predominantemente os grupos de imigrantes ajustados a esse contexto, tinham maior equilíbrio nas proporções numéricas entre homens e mulheres.<sup>89</sup>

A concessão de subsídios trazia a exigência de que na família pelo menos um indivíduo fosse do sexo masculino entre 12 e 45 anos, podendo ser incluídos na passagem pais, avós, irmãos solteiros, cunhados e sobrinhos órfãos do chefe da família. Para os grandes fazendeiros, os imigrantes eram vistos como força de trabalho fundamental para seus próprios interesses, assim, eram preferíveis as famílias que tivessem o maior número de pessoas aptas ao trabalho. Apesar da preferência pelos homens a partir de 12 anos, as crianças já contribuía para as diversas atividades no campo.<sup>90</sup>

Embora parte do fluxo migratório tenha ocorrido de forma espontânea, a maioria dos imigrantes veio em função dos subsídios oferecidos às famílias. Nesse caso, os grupos familiares mais pobres, ao chegarem, direcionavam-se ao trabalho nas grandes fazendas de café sob o sistema de colonato. As famílias que migravam de forma espontânea, sem subsídios, dirigiam-se para colônias de pequenos agricultores ou às cidades.

As mulheres inseridas tanto nas fazendas de café sob esse regime, quanto nas propriedades dos núcleos coloniais tiveram uma participação fundamental para a sobrevivência de suas famílias em terras brasileiras. Embora tivessem suas atividades qualificadas como “trabalho de casa”, elas conciliavam as obrigações diárias, tais como lavar, passar, cozinhar, costurar, juntar lenha, cuidar e educar os filhos, com a “lida” na lavoura de café; além disso, também eram responsáveis pela horta familiar, ordenha e criação de animais como galinhas e porcos e a fabricação de pães, queijos, sabão, banha, embutidos e tudo que garantisse a subsistência familiar. Os animais e produtos como

---

<sup>89</sup> KLEIN, Herbert S. *Migração Internacional na História das Américas*. p. 25.

<sup>90</sup> BASSANEZI, Maria Sílvia C. Beozzo. *Família e Imigração internacional no Brasil do passado*. Estudos de História, França. SP. UNESP. v. 6. n. 199. NEPO/UNICAMP. p. 295-296. Disponível em: <[www.abep.nepo.unicamp.br](http://www.abep.nepo.unicamp.br)>. Acesso em: 10 mar. 2014.

cereais, queijos, ovos, galinha, entre outros que excediam o necessário para o consumo eram vendidos, mas essa prática era mais comum às mulheres dos núcleos coloniais localizados próximos às cidades, pois elas desfrutavam de maior liberdade de locomoção em comparação com as que viviam nas fazendas cafeeiras – esses produtos representavam uma importante fonte renda adicional para as famílias.<sup>91</sup>

Além de suprir a mão de obra escrava nas lavouras de café, muitos contratos firmados na Europa visavam à introdução dos imigrantes no espaço urbano, onde atuariam principalmente nas obras públicas. Com a extinção do comércio negreiro, a cena urbana constituiu um importante espaço de atuação da mão de obra imigrante em diversos segmentos, como comércio, oficinas, transportes, construção civil, serviços domésticos, nas indústrias e diversas formas de subemprego.<sup>92</sup>

Apesar de muitas mulheres, como as portuguesas, por exemplo, que em geral migravam na companhia de pais ou maridos, terem vivenciado a experiência do trabalho como um empreendimento familiar, “por detrás de balcões de armazéns, padarias, botequins e quitandas, com seus vestidos floridos, aventais e, muitas vezes, os tamancos e o lenço na cabeça, tão característicos de sua portugalidade”<sup>93</sup>, as pesquisas apontam para a atuação feminina em segmentos diferenciados: as cidades, em geral, abriam mais oportunidades para atividades individuais, tanto para homens quanto mulheres.

A indústria que se iniciava precisava de braços para o trabalho, por isso, incorporou em grande escala a mão de obra estrangeira, principalmente de mulheres e crianças, que eram obrigadas a se sujeitar ao trabalho industrial como forma de complementar a renda familiar. Segundo dados estatísticos do censo de 1890, entre o contingente de estrangeiros, 119.581 eram mulheres, entre as quais, italianas, espanholas, portuguesas, alemãs, romenas, polonesas, húngaras, lituanas, sírias e judias, que, em geral, tinham como destino as fábricas do Rio de Janeiro e de São Paulo, sendo que a grande maioria atuava na indústria têxtil e, juntamente com as crianças, representavam mão de obra farta e barata<sup>94</sup>.

---

<sup>91</sup> BASSANEZI, Maria Silvia. Migrações Internacionais. Mulheres que vêm, mulheres que vão. p. 175-176.

<sup>92</sup> MENEZES, Lená Medeiros de. Os indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930). Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1996. p. 66-67.

<sup>93</sup> MENEZES, Lená Medeiros de. Imigração e comércio: silêncios sobre a mulher. Entre mares – O Brasil dos portugueses.

<sup>94</sup> RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: *História das Mulheres no Brasil*. Mary Del Priori (org.). Coordenação dos textos: Carla Bassanezi Pinsky. 10 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011. p. 580.

As mulheres exerciam principalmente as atividades de fiandeiras e tecelãs, funções mal remuneradas e que não exigiam conhecimentos específicos, pois eram aprendidos no dia a dia do trabalho. Cargos de chefia e funções que demandavam maior qualificação eram preenchidos pelos homens. Segundo Margareth Rago, a falta de uma legislação trabalhista fez com que muitas mulheres fossem submetidas a péssimas condições de trabalho e longas jornadas que variavam entre 10 e 14 horas diárias, muitas vezes em um ambiente que não atendia minimamente suas necessidades básicas; além disso, essas mulheres eram obrigadas a lidar com constantes investidas sexuais<sup>95</sup>. Apesar das muitas greves e mobilizações políticas que realizaram contra a exploração do trabalho nos estabelecimentos fabris entre 1890 e 1930, as operárias foram, na grande maioria das vezes, descritas como “mocinhas infelizes e frágeis”, desprotegidas e emocionalmente vulneráveis aos olhos da sociedade<sup>96</sup>.

As fábricas imprimiram uma racionalidade e uma ordem próprias da sociedade industrial. Por meio da “disciplina industrial” e do olhar vigilante do patrão, estabeleceu-se uma intensa divisão do trabalho que estruturou a organização e o ordenamento do espaço<sup>97</sup>. Nesse espaço, as mulheres, que já viviam na condição de controle e submissão de pais ou marido na esfera privada, continuavam sujeitas ao mandonismo do poder masculino, agora na figura do patrão. Nesse contexto, segundo Rago,

[...] estabelece-se então uma relação pedagógica, paternalista, de subordinação da mulher frente ao homem, exatamente como no interior do espaço doméstico. O pai, o marido, o líder devem ser obedecidos e respeitados pelas mulheres, incapazes de assumirem a direção de suas vidas individuais ou enquanto grupo social oprimido.<sup>98</sup>

A partir dessa perspectiva, podemos inferir sobre a preferência dos industriais por empregar mulheres, entre as quais, grande parcela de estrangeiras. Em primeiro lugar, devemos levar em consideração que as mulheres em geral eram consideradas “dóceis”, logo, fáceis de manipular; acostumadas à obediência do âmbito privado, elas teriam maior facilidade em seguir regras e ordens no ambiente das fábricas. Outro aspecto importante diz respeito às condições sociais e econômicas das trabalhadoras, embora a necessidade financeira apresente-se como principal motivação para o ingresso

---

<sup>95</sup> Idem. p. 584.

<sup>96</sup> Idem. p. 583-584.

<sup>97</sup> PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução: Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988. p. 53-54.

<sup>98</sup> RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 67-68.

das mulheres, nacionais ou estrangeiras, no universo fabril, no caso das imigrantes, solteiras, casadas ou sozinhas, muitas vezes com filhos e vivendo longe da família e de suas origens, e em processo de adaptação ao novo país, às pessoas e aos costumes, eram mulheres que “contavam apenas com a força de trabalho para o começo da nova vida”<sup>99</sup>, e seriam, assim, o modelo ideal de trabalhadora, pois se submetiam com mais “facilidade” aos baixos salários e às regras disciplinares impostas pelo sistema.

As fábricas representavam a antítese do lar, espaço onde a mulher na sua condição “frágil” e “indefesa” corria inúmeros riscos de ser desencaminhada de suas verdadeiras funções; o trabalho das mulheres na fábrica era considerado por muitos uma grande ameaça à família, uma vez que esta deveria continuar a ser a prioridade feminina. Por isso, como alternativa complementar à renda doméstica, muitas mulheres trabalhavam como costureiras em casa, às vezes “até 18 horas por dia, para alguma fábrica de chapéus ou alfaiataria”<sup>100</sup>. Por outro lado, cada vez mais elas precisavam recorrer às diversas formas de trabalho fora de casa, além de complemento ao orçamento doméstico; em muitos casos, quando a mulher ficava viúva, ou quando migrava sozinha ou com filhos, o trabalho feminino era necessariamente a única fonte de renda e garantia de sobrevivência.

Movidas pela necessidade, muitas imigrantes destacaram-se desde cedo na luta pela sobrevivência e pela conquista de espaço no universo do trabalho, em diversos casos à frente da administração e do comando de estabelecimentos comerciais – eram mulheres que estavam à frente de seu tempo. Suas articulações e estratégias de atuação frente às imposições sociais possibilitaram a subsistência e a proteção de suas famílias, mostrando ainda sua força, inteligência e competência para resistir e vencer diversas adversidades impostas.

As mulheres que migravam sozinhas demonstravam uma grande coragem ao romper estereótipos, enfrentando muitos preconceitos ao desafiar a ordem vigente em uma empreitada perigosa, já que a longa e difícil viagem impunha riscos à integridade moral e física da mulher, que também carregava o peso do preconceito, pois havia sempre uma desconfiança e associação de mulheres sós à prostituição.<sup>101</sup>

Segundo Lená Medeiros de Menezes, entre as mulheres que migravam sozinhas, grande parcela era composta por francesas, reflexo desse das condições sociais da França

---

<sup>99</sup> MENEZES, Lená Medeiros de. Os indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930). Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996. p. 62.

<sup>100</sup> RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. p. 581.

<sup>101</sup> PERROT, Michelle. As mulheres ou os silêncios da história. p. 295.

no final do século XIX, adicionado à relação das francesas com o comércio e a moda. O desenvolvimento urbano das principais cidades brasileiras, fortemente influenciado na cultura europeia tanto no plano das ideias quanto no gosto pela arte, costumes e moda ditada pelos franceses, criou uma grande demanda por modistas e costureiras, além de atrizes, dançarinas e cantoras que integravam o trabalho feminino na noite.<sup>102</sup>

Nesse processo de desenvolvimento urbano e social, prostituição e modernidade caminhavam lado a lado. Num momento de grande esforço por parte de determinados grupos sociais, no sentido de se auto representarem como uma sociedade que ingressava numa nova era, seguindo os passos das nações europeias, a elite brasileira importou, além de bens materiais, aspectos culturais e novas concepções sobre sexo<sup>103</sup>. Segundo Menezes, o aumento da prostituição no Brasil e o crescente gosto pelas estrangeiras fizeram parte do processo de substituição do trabalho escravo pelo trabalho imigrante<sup>104</sup>.

Ainda na primeira metade do século XIX, as imigrantes dos Açores que trabalhavam como domésticas e balconistas recorriam também à prostituição para aumentar os ganhos. Segundo Jeffrey Needell, para o Rio de Janeiro, as primeiras referências à prostituição das francesas estão relacionadas a modistas e balconistas que escolhiam clientes entre a elite endinheirada<sup>105</sup>.

A prostituição que se espalhou pelo país a partir do século XIX adquiriu status de problema urbano associado à modernização. A cidade do Rio de Janeiro chegou a ser comparada a uma casa de tolerância a céu aberto quando caía a noite, contabilizando 1.880 meretrizes entre nacionais e estrangeiras<sup>106</sup>. Há ainda outros estudos que apontam para jovens seduzidas a emigrar com falsas promessas de casamento ou propostas de trabalho e posteriormente obrigadas a se prostituir, como no caso das polacas que chegaram ao Brasil partir de 1867.

Nesse período, grandes bordéis e pensões chiques foram construídos nas principais capitais brasileiras, e tais estabelecimentos, bem como os salões de dança, cafés cantantes e teatros, eram frequentados por homens da elite, entre eles fazendeiros,

---

<sup>102</sup> MENEZES, Lená Medeiros de. Facetas marginais do sonho de civilização. Imigração francesa e prostituição no Brasil (1816-1930) In: Laurent Vidal; Tania Regina de Luca. (Org.). Franceses no Brasil: séculos XIX-XX. 1 ed. São Paulo: UNESP, 2009. v. 1. p. 236.

<sup>103</sup> NEEDELL, Jeffrey D. Belle Époque Tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. Tradução: Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 202.

<sup>104</sup> MENEZES, Lená Medeiros de. Facetas marginais do sonho de civilização. Imigração francesa e prostituição no Brasil (1816-1930). p. 238-237.

<sup>105</sup> NEEDELL, Jeffrey D. Belle Époque Tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. p. 203.

<sup>106</sup> MENEZES, Lená Medeiros de. Facetas marginais do sonho de civilização: imigração francesa e prostituição no Brasil. p. 232.

homens de destaque no mundo da política e das finanças. Esses homens eram bastante beneficiados, pois, além das diferentes práticas sexuais oferecidas pelas cortesãs, que jamais deveriam ser transmitidas às suas legítimas esposas, eles também tinham nesses espaços a possibilidade de socializar, como pessoas provenientes de uma sociedade que se acreditava ser mais avançada. As cortesãs, por sua vez, eram também interlocutoras nos assuntos como política, arte, economia, geralmente assuntos “de homem”.<sup>107</sup>

A *cocotte* era presença obrigatória nas estreias de espetáculos, frequentava as altas rodas ao lado de seus amantes e protetores. As artistas de cabarés, de teatros e de cafés animavam a vida noturna e ditavam a moda "francesa" ao desfilarem com trajes caríssimos e cobertas de joias, símbolo da prosperidade e requinte de seus protetores e caracterização da ostentação que se perseguia.<sup>108</sup>

#### **1.4. Imigração feminina na cidade de Manaus 1880-1920**

A imigração de mulheres para Manaus entre o final do século XIX e o início do século XX insere-se no período de desenvolvimento econômico da região propiciado pela valorização e incorporação da borracha como matéria prima de novas indústrias no mercado externo. Esse período, caracterizado como a *Belle Époque* Manauara, marca a história da cidade pelo seu primeiro momento de expansão urbana e tecnológica, assim como pelo grande número de estrangeiros, que, atraídos pela ideia de prosperidade a partir da economia da borracha, chegaram à região e tiveram importante participação no processo de transformações empreendidas na cidade.

Em primeiro lugar, consideramos importante perceber que o fluxo migratório que compreende o período da *Belle Époque*, e do qual emerge nosso objeto de estudo, foi entendido e desejado pela elite política e social da época como uma solução para os “entraves” que dificultavam o projeto de transformação da cidade de Manaus na capital da borracha moderna e civilizada aos moldes europeus. Entenda-se por isso que a ideia que se formulou para alcançar tal objetivo incluía necessariamente a “substituição” da população indígena e cabocla por uma população de imigrantes estrangeiros, capazes de agregar novas formas de relação com o trabalho, novos costumes e valores culturais.<sup>109</sup>

O que queremos destacar, e sobre o que iremos discorrer brevemente, é que as ideias de inferioridade racial das populações locais em detrimento dos imigrantes

---

<sup>107</sup> RAGO, Margareth. Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). p. 206, 209.

<sup>108</sup> Idem.

<sup>109</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. A cidade sobre os ombros. p. 109.

européus que vão pontuar os debates das elites sociais e os discursos jornalísticos no século XIX têm raízes a partir das teorias raciais produzidas na Europa e nos Estados Unidos, que naturalizaram algumas desigualdades sociais sobre grupos considerados inferiores, impondo restrições a uma série de direitos e justificando atos de dominação e hierarquias<sup>110</sup>. Essa perspectiva no contexto brasileiro, profundamente marcado pela “mistura” de povos, justificava a presença do imigrante estrangeiro como um agente indispensável no processo de civilização e progresso do país.

As narrativas baseadas nas teorias raciais contribuíram para a criação e a recriação das imagens estereotipadas sobre os povos indígenas. Por meio de crônicas, relatos de expedição, cartas, informes, contos, romances, entre outros, as ideias sobre a Amazônia e a população da região foram construídas e disseminadas a partir do olhar e da experiência vivida pelos viajantes que se aventuraram pelo “Novo Mundo”. Por outro lado, o encontro com o “novo”, geralmente marcado pelo estranhamento e pela falta de parâmetros na percepção da alteridade, muitas vezes produziu relatos fantasiosos, estereotipados e generalizantes.

Nesse sentido, Iraíldes Caldas Torres afirma que “interpretações específicas e particularizadas, diversas e plurais, fictícias e metaforizadas, compõem o quadro de uma região inventada ou recriada [...]”<sup>111</sup>. Essas interpretações influenciaram grande parte das abordagens científicas e literárias sobre a Amazônia, marcadas pelas “ausências, as descontinuidades, a fragmentação, a reificação das diferenças étnicas e as homogeneidades”<sup>112</sup>. Assim, os habitantes locais muitas vezes foram colocados “entre parênteses ou em suspensão, desarticulados do contexto histórico que os formou”<sup>113</sup>, ou seja, no encontro com o europeu, a população local foi ignorada em suas especificidades históricas, sociais e culturais, pois esses viajantes traziam e projetavam nesses indivíduos suas próprias referências de mundo e de civilização, e em amplo sentido seus valores e normas serviram de base para avaliação e julgamento dos costumes e modos de vida dos habitantes locais<sup>114</sup>.

O século XIX marca um momento em que as viagens empreendidas para a região adquiriram novas perspectivas. Nesse período, a Amazônia Brasileira despertou a atenção de estudiosos em diversas áreas científicas, entre os quais, botânicos, zoólogos,

---

<sup>110</sup> HOBBSAWM, Eric J. A Era do Capital. 1848-1875. 23 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015. p. 397, 400.

<sup>111</sup> TORRES, Iraíldes Caldas. As Novas Amazônidas. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005. p. 17-18

<sup>112</sup> Idem.

<sup>113</sup> Idem.

<sup>114</sup> Idem.

entomólogos e médicos, geralmente financiados pelo Estado ou por iniciativas privadas, cujo principal interesse recaía sobre a floresta, seus biomas e potencialidades. Em geral, esses viajantes atestaram a grandiosidade dos rios de águas doces, além da exuberância e da diversidade da fauna e da flora.

Em sua expedição no ano de 1865, Louis Agassiz e sua esposa Elizabeth Agassiz registraram em seus diários de expedição toda a surpresa e admiração diante do rio Amazonas: “este rio não parece um rio; a corrente geral, neste mar de água doce, mal é perceptível à vista e mais se parece com as vagas dum oceano do que com o movimento dum curso de água mediterrâneo”<sup>115</sup>.

Digna de admiração também foi a grande variedade de espécies de palmeiras, com destaque para o açaí e o buriti, consideradas entre as mais belas “com seus cachos pendentes de frutos vermelhos e suas enormes frondes” que compunham a grande “profusão de outras árvores, cujos nomes até agora desconhecemos e muitas das quais, suponho, não acharam lugar ainda em nenhuma nomenclatura botânica”. Esse universo enquanto abrigo de uma enorme diversidade de animais – cobras, peixes, insetos, macacos, periquitos e papagaios, e outros – de todas as espécies e tamanhos, revelavam toda a riqueza natural da região, mas, além de observarem os aspectos naturais, esses viajantes estiveram em diversos povoados, vilas e cidades da região, onde tiveram a oportunidade de fazer observações sobre aspectos gerais da população, como costumes, cultura, religiosidade, trabalho, entre outros<sup>116</sup>.

Os viajantes naturalistas, por sua vez, também fizeram observações e registros sobre a cidade, especialmente as impressões acerca de suas casas, suas ruas e o cotidiano de seus habitantes. Investidos de sua própria concepção de desenvolvimento social e urbano, não se furtaram em sublinhar os aspectos “acanhados” e “primitivos” da cidade, como nos mostra o relato do naturalista inglês Alfred Russel Wallace, ao descrever o desconforto em suas caminhadas pelas ruas da cidade, que, embora “regularmente traçadas; não têm, no entanto, nenhum calçamento, sendo muito onduladas e cheias de buracos, o que torna a caminhada sobre os seus leitos muito desagradável, principalmente à noite”<sup>117</sup>. Da mesma forma, outros estudiosos que estiveram na região destacaram, entre outros aspectos, questões pertinentes à falta de

---

<sup>115</sup> AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elizabeth Cary. Viagem ao Brasil: 1865-1866. Tradução de João Etienne Filho. Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975. p. 107.

<sup>116</sup> Idem.

<sup>117</sup> WALLACE A. R. Viagens pelos rios Amazonas e Negro. Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1979. p. 200-201.

infraestrutura da cidade e, de acordo com alguns, por exemplo, o médico francês Robert Avé-Lallemant (1859), Manaus não poderia sequer ser considerada uma cidade<sup>118</sup>.

Durante sua estadia em Manaus em 1865, Louis Agassiz e sua esposa Elizabeth Agassiz registraram as impressões que tiveram sobre o tecido urbano da cidade:

Um pequeno aglomerado de casas, metade das quais em ruínas, e não se pode deixar de sorrir ao ver os castelos oscilantes decorados com o nome de edifícios públicos: Tesouraria, Câmara Legislativa, Correios, Alfândega, Presidência. Entretanto, a situação da cidade, na junção do Rio Negro do Amazonas e do Solimões, foi das mais felizes na escolha. Insignificante hoje, Manaus se tornará, sem dúvida, um grande centro de comércio e navegação. Mas quando se pensa na imensa vastidão de terras cobertas ainda por florestas impenetráveis, nas consideráveis dificuldades que impedem a criação de povoações nesta região - insetos, clima, comunicações difíceis - parece bem longe o dia em que uma população numerosa venha fixar-se nas margens do Amazonas, em que embarcações a vapor venham circular dos seus portos aos do Mississipi e em que todas as nações do globo venham buscar a sua parcela dos ricos produtos desta bacia.<sup>119</sup>

O casal Agassiz caracterizou a cidade de Manaus como um “pequeno aglomerado de casas” e, apesar de atestar a sua insignificância naquele momento, destacou o potencial da cidade em tornar-se um “grande centro de comércio e navegação”, no entanto, o caminho apontado para o desenvolvimento seria através do “trabalho organizado, dirigido por uma atividade inteligente”, que deveria substituir a “imprevidência e inconstância do índio”<sup>120</sup>.

Devemos considerar que os escritos produzidos pelos estrangeiros são resultado do universo cultural no qual estavam inseridos. O conceito de civilização consolidado entre as elites europeias no século XIX caracterizava-se através do “nível de sua tecnologia, a natureza de suas maneiras, o desenvolvimento de sua cultura específica e visão do mundo”<sup>121</sup>, assim, a consciência da sua própria superioridade conferiu aos viajantes a legitimidade na imposição desse modelo de civilização aos povos considerados menos desenvolvidos.

O repertório discursivo que os naturalistas estrangeiros elaboraram sobre a cidade de Manaus com base nos seus próprios conceitos de civilização, assim como a influência de doutrinas científicas e filosóficas em voga na passagem do século XIX

---

<sup>118</sup> AVÉ-LALLEMANT, Robert. No rio Amazonas. Trad. Eduardo de Lima Castro. São Paulo: Edusp, 1980. (1860). p.101.

<sup>119</sup> AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elizabeth Cary. Viagem ao Brasil: 1865-1866. p. 127.

<sup>120</sup> Idem. p. 298.

<sup>121</sup> ELIAS, Norbet. *O Processo Civilizador*. Uma História dos Costumes. Volume I. Tradução: Ruy Jungmann. Revisão e apresentação: Renato Janine Ribeiro. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. p. 23.

para o século XX constituíram as bases explicativas da realidade local em função de sua constituição étnica. Tais discursos foram incorporados e adaptados pela elite local, que, no período do desenvolvimento econômico, as teve como embasamento para justificar a necessidade de construir uma sociedade moderna e civilizada, a partir da imigração de trabalhadores estrangeiros em detrimento dos nacionais, uma vez que a mistura entre as raças que aqui viviam seria a causa do atraso em que se encontrava a região<sup>122</sup>. A imprensa no período também aderiu a esse discurso, repercutindo em suas publicações os ideais de desenvolvimento e civilidade a partir da imigração de estrangeiros.

O nosso problema econômico cifra-se, conseguintemente, em povoar e povoar. Provocar e organizar correntes imigratórias para todos os pontos do país, com justiça e equidade, sem a preferência inqualificável que sempre acompanhou esse serviço, que tem revertido somente em favor das zonas de clima europeu – eis o principal desiderato dos poderes públicos para a nossa ressurreição econômica.

Aproveite-se as levas dessa gente civilizada, inteligente e robusta [...]

Italianos, alemães, belgas, polacos, hespanhoes, japoneses e armênios encaminhados para a assimilação e adaptação aos nossos costumes, todos concorrerão para prosperidade de regiões, que classificamos de tão salubres como as do sul e já preconizadas pela excelência do clima e amenidade da temperatura.

Se acontecer que, a princípio, os colonos remetam os seus pecúlios para a terra natal, como sempre tem sucedido, desfalcando o numerário nacional, em breve o desejo do lucro, evidente e fácil, fal-os-há repatriar esse capital desviando e applical-o nas empresas que a importância dos novos povoados for exigido para o bem estar da collectividade.

E esses pequenos pecúlios não virão sós, mas acompanhados por outros capitais que não sahiram de entre nós.

A formação de novos centros de vida ocasionará a necessidade de associação e comunicação e' do espirito humano.<sup>123</sup>

Com base nessas perspectivas de desenvolvimento e povoamento, a cidade de Manaus, que até o início da década de 1880 mantinha características de uma vila colonial, passaria, a partir dos investimentos propiciados pela acumulação de capital da economia da borracha, por uma reformulação no seu espaço urbano<sup>124</sup>. O esforço empreendido visava transformar Manaus na “Paris dos Trópicos”, limpa, segura, moderna e elegante, digna do momento econômico pelo qual passava. Com esse fim, foi empreendida uma série de mudanças no espaço público que propiciou uma verdadeira transformação na cidade.

---

<sup>122</sup> COSTA, Deusa. *Quando viver ameaça a ordem urbana*. Trabalhadores de Manaus (1890-1915). Editora Valer e Fapeam, 2014. p. 48-50.

<sup>123</sup> Boletim Commercial. Manaus, 23 de Dezembro de 1901. Disponível em: Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas.

<sup>124</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Nos meandros da cidade: cotidiano e trabalho na Manaus da borracha, 1880-1920*. In: *Canoa do Tempo: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas*. vol. 1. n. 1. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007. p. 59.

O alargamento de ruas e avenidas simbolizavam as perspectivas dos seus idealizadores quanto à movimentação de mercadorias, trabalhadores e consumidores de bens e serviços que por ali deveriam circular num ritmo frenético e constante, digno das grandes cidades. Também houve a instalação dos serviços de iluminação pública e abastecimento de água encanada, além dos modernos bondes elétricos e linhas telefônicas. Nesse período teve início também o levantamento de grandes edifícios construídos em estilo europeu, que se tornariam símbolos da *Belle Époque* de Manaus, como o Teatro Amazonas e o Palácio da Justiça.<sup>125</sup>

As transformações urbanas aos moldes europeus também tinham o objetivo de atrair estrangeiros interessados em investir capital, estabelecer residência ou comércio na cidade<sup>126</sup>. As autoridades locais acreditavam na importância do embelezamento e de todo o investimento em obras de infraestrutura e de higienização da cidade como um trabalho pela causa pública, já que todo esse referencial de modernidade contribuiria para a realização de grandes negócios de exportação e importação, favorecendo o aumento da riqueza e o desenvolvimento do comércio e da indústria locais. De acordo com José Cardoso Ramalho Júnior, governador do Estado no período de 1899-1900,

[...] uma capital não é simplesmente um ponto de estado para os homens, precisa, a par das necessidades satisfeitas da vida animal, de conceder prazeres de ordem superior aos seus habitantes e visitantes, com esta compreensão trabalhou o meu governo pelo embelezamento de Manaus não julgando improdutivas as despesas a esse fim consagradas. O estrangeiro julga sempre um país pela sua capital: se esta o atrai, está sempre disposto, ou a consagrar-lhe referências que determinem compatriotas seus a emigrarem para o país enaltecido. Tudo que se faça pelo embelezamento da capital do Amazonas, à primeira vista parecendo obra supérflua, é de resultado praticamente imediato.<sup>127</sup>

A partir da valorização da borracha no mercado internacional no final do século XIX, as expectativas em torno da imigração ganharam forma e o movimento de passageiros desembarcando nos portos de Manaus se elevou, trazendo à cidade um enorme contingente que mudou a configuração da população local. Se até 1852 a cidade contava com uma população estimada entre 8.500 moradores, em 1890 o número era de

---

<sup>125</sup> COSTA, Deusa. Quando viver ameaça a ordem urbana. *Trabalhadores de Manaus (1890-1915)*. p. 43-44.

<sup>126</sup> Além do melhoramento urbano, outras medidas foram adotadas para atrair a migração estrangeira. As autoridades locais promoveram propagandas que deveriam ser divulgadas nos países europeus. Essas propagandas atestavam a salubridade local, ressaltavam a amenidade climática, além da possibilidade de enriquecimento rápido.

<sup>127</sup> Mensagem lida perante o Congresso dos Srs. Representantes em sessão de 10/07/1900, pelo Coronel José Cardoso Ramalho Júnior, Governador do Estado do Amazonas. In: Dias, Edinéa Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto*. Manaus: 1890-1920. 2. ed. Manaus. Ed. Valer. p. 36-37.

50.300 habitantes<sup>128</sup>. Um fluxo migratório bastante heterogêneo formado por homens e mulheres sozinhos ou acompanhados de suas famílias chegou à região, indivíduos movidos pela promessa de riqueza, em busca de aventuras, fugidos da seca ou de outras adversidades – todos depositavam no “ouro negro” suas expectativas de melhores condições de vida: espanhóis, ingleses, alemães, judeus, portugueses, franceses, barbadianos, italianos, turcos, sírios, entre outros estrangeiros, além de um grande número de trabalhadores vindos de diversas partes do Brasil, principalmente do Nordeste, que, entre outros motivos, tinham na “fuga da seca” uma razão para a migração.

Enquanto a maioria dos estrangeiros desse contingente populacional fixou-se principalmente na capital, tornando-se, em grande parte, responsável pela importação de bens de consumo, a carência de mão de obra para os seringais encontrou principalmente nos nordestinos (paraibanos, pernambucanos, entre outros) a solução para o problema. De acordo com Benchimol, estima-se o número aproximado de 300.000 migrantes nordestinos no período que vai de 1877 a 1920<sup>129</sup>.

Em meio a todo o contexto de desenvolvimento urbano e populacional que resultou em mudanças na dinâmica e feição da sociedade amazonense a partir do final do século XIX, uma das características que marcaram o contingente de migrantes foi a desproporção entre o número de homens e mulheres. O primeiro Recenseamento Geral do Império, de 1872, contabilizou na Província do Amazonas um total de 2.199 imigrantes de diferentes regiões do mundo<sup>130</sup>, sendo 1.768 homens e 431 mulheres. Em 1920, quando o número de imigrantes estrangeiros alcançou um total de 16.936 indivíduos, os homens continuaram a ser mais numerosos em todos os municípios do Estado do Amazonas, totalizando 11.690 homens para 5.246 mulheres<sup>131</sup>.

Como vimos em tópico anterior, apesar do número expressivo de famílias que migraram para o Brasil entre os séculos XIX e XX, a maior parcela desse fluxo migratório era composta por jovens solteiros, o que explica a desigualdade quantitativa entre homens e mulheres. Muitos migravam quase crianças, enviados ao Brasil por familiares ou padrinhos, buscavam emprego temporário ou permanente e em geral

---

<sup>128</sup> DIAS, Edinéa Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto*. Manaus: 1890-1920. p. 35.

<sup>129</sup> BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia, Formação Social e Cultural*. 3 ed. Manaus, Editora Valer: 2009. p. 154.

<sup>130</sup> Disponível em: <[www.biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%2020RJ/RecenseamentoBrasil](http://www.biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%2020RJ/RecenseamentoBrasil)> Acesso em: 30 dez. 2014.

<sup>131</sup> Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6461.pdf>> Acesso em: 30 dez. 2014.

tinham a expectativa de enriquecer e retornar ao país de origem podendo desfrutar de uma vida melhor ao lado da família. Nesse caso, os indivíduos que haviam migrado e alcançado sucesso, ao retornarem aos seus países, eram recebidos como heróis e serviam de exemplo concreto para outros que decidiam se aventurar, mas, segundo Herbert S. Klein, para a grande maioria dos imigrantes, qualquer trabalho, ainda que desqualificado e mal remunerado, era significativo, já que muitas vezes representava mais do que poderiam ganhar em sua terra natal<sup>132</sup>.

Tomando como exemplo a comunidade portuguesa, a maior a se estabelecer em Manaus, podemos dizer que a desproporção entre homens e mulheres favoreceu a miscigenação, pois muitos desses jovens que chegaram sem laços matrimoniais ficaram na capital amazonense, casando-se com as nativas, dando origem a novos núcleos familiares, estabelecendo relações de parentesco, formando comunidades e partilhando experiências de vida e estratégias de sobrevivência. Por outro lado, muitos homens que chegavam sozinhos com o pensamento de obter riquezas e de retornar ao país de origem, após se estabelecerem economicamente e assimilarem a cultura local, viam seu objetivo inicial dar lugar ao projeto de ascender socialmente em Manaus, assim, mandavam buscar suas esposas e filhos que haviam ficado em Portugal, investindo aqui na educação da prole e no trabalho em família.

Como destacou Samuel Benchimol, havia ainda os que, priorizando o casamento com mulheres da mesma origem, recorriam às famílias para buscar noivas em sua terra natal, com o intuito de casar e viver no Brasil; as escolhidas geralmente eram moças conhecidas, parentes distantes, filhas de amigos, vizinhos, entre outras. Essa proximidade facilitava a identificação das moças dignas de serem esposas, cujos critérios incluíam a virgindade, a aptidão para o trabalho e para ter muitos filhos.<sup>133</sup>

Hermenegildo de Campos registrou que, além dos portugueses, estrangeiros de outras nacionalidades, embora em proporções menores, também contribuíram para a mescla da população, casando-se com mulheres nativas tanto na capital quanto no interior do Amazonas. Em todo caso, o sanitarista ressalta ainda que o imigrante inglês, assim como os árabes, judeus e turcos, em geral não se casavam com brasileiras, o que nos leva a crer que a imigração, para esses grupos, tenha ocorrido em família ou que as esposas e filhos tenham vindo posteriormente, quando o homem já estabelecido

---

<sup>132</sup> KLEIN, Herbert S. Migração Internacional na História das Américas. In: FAUSTO, Boris (Org.). Fazer a América. p. 24.

<sup>133</sup> BENCHIMOL, Samuel. Amazônia. Formação social e cultural. p. 83.

mandava buscá-los para Manaus.<sup>134</sup>

Assim como ocorreu em outros fluxos migratórios, as mulheres que chegaram à cidade de Manaus muitas vezes surgem nesse processo de forma passiva, numa dinâmica onde o homem, na posição de autoridade como chefe de família, tinha o poder de decidir sobre a vida de sua esposa e filhos, sendo que a elas caberia apenas acatar a decisão de emigrar, ou, caso o homem decidisse partir sozinho, submeter-se a um período de espera que poderia ter fim com o retorno dos maridos ou com o recebimento das “cartas de chamada” pedindo para que viessem ao Brasil encontrá-los<sup>135</sup>.

Segundo Bazanessi, “as imagens de esposas e mães revoltadas nos portos de embarque com seus próprios maridos que fizeram a família emigrar, e de esposas que sem alternativas eram obrigadas a atender as cartas de chamada enviadas pelos seus maridos” revelam que a decisão estava centrada na figura masculina, no entanto, a autora destaca que em muitos casos as mulheres também influenciaram no processo migratório, recusando-se a acompanhá-los ou a atender as cartas de chamada, permanecendo em seus países de origem<sup>136</sup>. Devemos ainda levar em consideração que, ao assumirem o controle da casa e da família, as mulheres que permaneceram em seus países de origem atuaram como uma importante base de sustentação para os maridos que migravam, ao mesmo tempo em que experimentavam uma autonomia e liberdade de ação que não seria possível na sua presença. Esse contexto revela a mulher no exercício e na conquista de poderes que poderiam inclusive subverter os papéis tradicionais e biologicamente impostos aos gêneros feminino e masculino<sup>137</sup>.

Devemos destacar que, nesse período de modernização econômica, não houve um único padrão de deslocamento. Nesse sentido, determinar a experiência feminina como agente secundária nos fluxos migratórios significa ignorar suas especificidades e complexidades, tornando-as invisíveis em seu papel ativo e, muitas vezes, de protagonismo. Em fevereiro de 1919, o jornal *O Lusitano*, um dos porta-vozes da comunidade portuguesa em Manaus, trazia uma nota de elogio aos juízes da cidade por darem parecer favorável a Maria Herminia,

uma mulher portuguesa que teve a má sorte de ir para o Acre na companhia do Dr. Freire de Carvalho do qual teve um filho. Descendo, para seguirem

---

<sup>134</sup> CAMPOS, Hermenegildo Lopes de. *Climatologia Médica do Estado do Amazonas*. Manaus: Associação Comercial do Amazonas/Fundo Editorial, 1988. p. 25-26.

<sup>135</sup> ELIAS, Norbet. *O Processo Civilizador. Uma História dos Costumes. Volume I*. Tradução: Ruy Jungmann. Revisão e apresentação: Renato Janine Ribeiro. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, RJ. p. 23.

<sup>136</sup> BAZANESSI, Maria Sílvia C. Beozzo. *Família e Imigração internacional no Brasil do passado*. p. 294.

<sup>137</sup> PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da História*. p. 273.

seus destinos, o Dr. Freire de Carvalho, ao chegar a Manaós tentou retirar da posse da pobre mãe o filho que ela ama e ao qual tem todo direito. Felizmente no Tribunal a justiça deu razão a pobre mãe que ficou com o pequeno Ariosto, seu filho.

Esse exemplo nos leva a perceber, ainda que de forma indireta, que mesmo contrariando as normas sociais e as recomendações das autoridades que julgavam necessário que as mulheres embarcassem para o Brasil sempre acompanhadas de pai, marido ou irmão<sup>138</sup>, certamente muitas delas chegaram a Manaus sozinhas pensando, sobretudo, em si mesmas; munidas do desejo de uma vida melhor, dispostas a viver as aventuras e desventuras de um contexto social e cultural completamente diferente do qual estavam habituadas, podendo trabalhar, casar, ter filhos ou levar a vida sozinhas e independentes, enfim, lutar pela sobrevivência e por seus objetivos.

Embora saibamos que os movimentos migratórios possam ser impulsionados por inúmeros fatores, em geral, buscam-se melhores condições de vida, e ainda que as causas sejam determinadas por questões de ordem política, religiosa, psicológica, entre outras, os fatores econômicos podem facilitar ou constranger os movimentos populacionais em determinados países<sup>139</sup>. Os fluxos migratórios internos e internacionais que se inserem no contexto da pesquisa ocorreram principalmente por fatores de ordem econômica, em busca de oportunidades de trabalho e enriquecimento a partir da exploração da borracha. Muitos que chegaram e se estabeleceram no espaço urbano de Manaus no apogeu econômico da borracha, encontraram um cenário favorável, haja vista a alta e variada demanda de mão de obra que absorveu desde trabalhadores mais especializados, tais como engenheiros, técnicos, pintores, escultores,

---

<sup>138</sup> Acreditava-se que as mulheres desacompanhadas, além dos perigos a que estavam sujeitas a bordo, onde a maioria dos indivíduos, passageiros e marujos, era constituída pelo elemento masculino, correriam ainda os riscos e as incertezas que as esperavam ao desembarcarem em uma terra desconhecida. Por isso, as autoridades julgavam necessário que as mulheres deveriam sempre viajar na companhia de um “responsável”. SILVA, Maria Beatriz Nizza da. A mulher no contexto da imigração portuguesa no Brasil. *Análise social*. vol. XXII (92-93), 1986- 3.º-4.º, 653-659, Universidade de São Paulo. p. 655. Artigo disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223553017C9jFA0ze9Vo91NT0.pdf>>. Acesso em: 5 abr. 2015.

Os perigos enfrentados durante a viagem eram uma realidade. Sem dúvida, em relação às mulheres, os riscos eram maiores pois, numa jornada que durava entre 21 a 30 meses, elas estavam sujeitas a situações de violência sexual e outras formas de abusos físicos e psicológicos. Esses riscos eram acrescidos dos perigos impostos aos passageiros em geral, pois, segundo Trento, a imigração para o Brasil acontecia com pessoas apinhadas em navios habilitados para transportar um número de passageiros inferior em até um terço; pessimamente alimentados, quando não o eram com comida deteriorada, deitados no convés inferior em beliches empilhados ou diretamente no assoalho, sujeitos a epidemias, principalmente de varíola, os imigrantes conheciam um índice de mortalidade elevado, em particular infantil. Segundo Trento, além das epidemias durante as viagens, haviam casos onde eram registradas mortes por fome e asfixia. (TRENTO, p. 44-45)

<sup>139</sup> Aqui, tratamos o fenômeno enquanto ato de liberdade na busca natural de satisfação das necessidades humanas que podem ser de ordem sentimental ou material.

arquitetos, joalheiros, artistas, trabalhadores ligados ao comércio, indústria, atividades marítimas e portuárias, até uma gama de trabalhadores informais, como ambulantes, doceiras, carroceiros, lavadeiras, prostitutas, entre outros.

Ao analisarmos o Anuário de Manaus entre os anos de 1913-1914<sup>140</sup>, observamos que houve uma considerável ampliação de atividades e serviços em diferentes setores que certamente absorveu grande parte dos imigrantes que chegavam à cidade: agências de jornais; alfaiatarias; bancos e casas bancárias; barbearias; bazares; bilhares; botequins; depósitos de calçados; confeitarias; drogarias; casas de fazendas; armazéns de ferragens; leitarias; joalherias; livrarias e papelarias; hotéis, funilarias; marcenarias; fábricas de malas; armazéns de louças; loterias; mercearias; casas de modas; padarias; farmácias; relojarias; perfumarias; restaurantes; tabacarias; tipografias, entre outras.<sup>141</sup>

Igualmente afetadas pelo processo de migração e movidas pela necessidade de inserção nesse novo espaço, as mulheres estrangeiras, casadas ou solteiras, buscaram diversas formas de garantir sua sobrevivência ou ajudar no sustento da casa, disputando com as mulheres locais as oportunidades de trabalhar como lavadeiras, passadeiras, cozinheiras, empregadas domésticas, arrumadeiras, babás, governantas, amas de leite, entre outras ocupações. Por meio dos anúncios nos jornais é possível perceber que muitos empregadores, tanto particulares quanto proprietários no comércio ou indústria, muitas vezes tinham preferência por empregar as estrangeiras. “Precisa-se de uma boa cozinheira e de um copeiro para casa de família, preferindo-se estrangeiros. Paga-se bem, a tratar à rua Ferreira Penna n.22.”<sup>142</sup>

Além de serem consideradas melhores trabalhadoras em comparação com as mulheres nativas, percebe-se que o componente étnico pode justificar tal preferência, como, por exemplo, no caso da Fábrica de Roupas Amazonense, quando, no ano de 1913, o proprietário, um português, empregou 60 mulheres, sendo a maioria portuguesa, ou na preferência dos ingleses por empregar mulheres barbadianas, visando, além das vantagens em relação ao idioma, aos baixos custos na contratação da mão de obra.<sup>143</sup>

A busca pela cultura europeia, empreendida por parte da sociedade local,

---

<sup>140</sup> ANNUARIO DE MANÁOS. 1913-1914. Heitor Figueiredo (Org.). Lisboa. Typografia da “A editora Limitada”, Largo do Conde Barão, 50. 1913.

<sup>141</sup> Idem.

<sup>142</sup> Comercio do Amazonas. Manaus, 21 de Dezembro de 1898. Disponível em: <hemerotecadigital.bn.br>

<sup>143</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Mulheres Portuguesas na *Belle Époque* Manauara, 1880-1920.

possibilitou a abertura de um campo de atuação que privilegiava as mulheres estrangeiras. Por virem de países considerados “civilizados” e mais desenvolvidos, elas eram encaradas como mulheres mais cultas, portadoras de hábitos, modos e conhecimentos superiores. Os anúncios de emprego encontrados nos jornais do período dão exemplos de atuação dessas imigrantes em trabalhos mais especializados, como enfermeiras e parteiras diplomadas; muitas trabalharam com professoras de línguas estrangeiras, música ou piano, em escolas ou em residências particulares, ensinando os filhos das famílias mais abastadas de Manaus.

O uso de roupas europeias como referência de requinte e elegância também criou oportunidades para as estrangeiras nos setores ligados à moda, onde atuavam como costureiras ou modistas. Como observou Pinheiro, em Manaus “muitas mulheres consagraram seus nomes nos ateliês de confecções de roupas e acessórios femininos (chapéus, bolsas, sapatos), tornando-se respeitadas empreendedoras”<sup>144</sup>.

M.me Schianetti, a conhecida modista franceza da rua Joaquim Sarmiento, acaba de receber um lindíssimo sortimento de finas camisetas para senhoras, o que há de mais *chic* e elegante no gênero. Vendendo a preços módicos ao alcance de todos, é de esperar a maior concorrência a casa de M.me Schianetti a qual recomendamos com prazer, ao publico de Manãos.<sup>145</sup>

Segundo Lená Menezes, entre as mulheres que vieram para o Brasil, as francesas tendiam muitas vezes a migrar sozinhas. Segundo a autora, “essa audácia encontrava explicação tanto nas condições sociais da França das primeiras décadas dos novecentos, quanto nas relações tecidas entre comércio e moda, nicho no qual as francesas exerciam verdadeiro monopólio”<sup>146</sup>. Podemos dizer que nesse ponto têm início as referências à prostituição; para além da preocupação quanto à integridade física e moral das mulheres que emigravam sozinhas para o Brasil, as autoridades e o senso comum da época tendiam a associá-las à prostituição, atividade que cresceu muito no período, aparecendo de forma significativa como ocupação de muitas estrangeiras.

As primeiras referências à prostituição francesa no Brasil foram descritas como atividades de bastidores das costureiras e modistas, tanto na capital como em outras cidades do país; outros trabalhos, como os de dançarinas, atrizes e cantoras também

---

<sup>144</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. O espelho francês na “Paris das selvas”.

<sup>145</sup>A Federação- Organ do Partido Republicano Federal. Manaus, 22 de Julho de 1899. Disponível em: [hemerotecadigital.bn.br](http://hemerotecadigital.bn.br)

<sup>146</sup>MENEZES, Lená Medeiros de. Facetas marginais do sonho de civilização: imigração francesa e prostituição no Brasil. Pg. 237, 238.

eram associados à atividade do meretrício – embora esta tenha sido uma realidade retratada por muitos estudiosos, não podemos dizer que todas as trabalhadoras desses setores estivessem disponíveis à prostituição, assim como não podemos generalizar e dizer que todas as mulheres que migravam sozinhas, o faziam na intenção de ganhar a vida vendendo o corpo.<sup>147</sup>

Muitas variações ecoam dessa questão, como veremos de forma mais aprofundada no próximo capítulo, pois muitas mulheres que ganhavam a vida nos bordéis de luxo e nas ruas de Manaus no período da *Belle Époque* vinham dos fluxos de imigrantes. O progresso financeiro alcançado a partir dos lucros da borracha, a transformação no espaço urbano e a busca pela civilização e modernidade europeia fizeram emergir na sociedade uma parcela de pessoas aptas ao consumo de diversões e prazeres que incluíam a prostituição, como uma faceta marginal, porém glamorosa da modernidade.<sup>148</sup>

A cidade de Manaus no período da *Belle Époque* registrou um grande número de prostitutas estrangeiras, disputando espaço com as locais. A entrada dessas mulheres no mundo da prostituição ocorreu de várias formas, ao passo que muitas eram experientes e já exerciam a prostituição em seus países de origem, outras, ao chegarem sozinhas ou com os filhos, viam-se diante da difícil adaptação ao país, à língua, além da dificuldade de obter trabalho, sendo, assim, levadas ao meretrício. Da mesma forma, muitas mulheres casadas também recorreram a essa prática para complementar salários baixos e garantir a sobrevivência da família, principalmente nos tempos de crise.

A escolha de muitas mulheres ao migrarem para Manaus esteve associada ao progresso financeiro possibilitado a partir dos lucros da borracha, da aquisição de equipamentos urbanos e do surgimento de uma sociedade que se queria moderna e civilizada segundo a cultura europeia. Essa sociedade apta a consumir cultura, diversões e prazeres criou demandas que incorporaram tanto os homens quanto as mulheres estrangeiras, em diversos setores, inclusive na prostituição.

Como veremos ao longo deste trabalho, as referências de atuação das imigrantes geralmente surgem em contextos bem delineados. Enquanto as mulheres das camadas mais populares podem ser percebidas em diversos âmbitos no mundo do trabalho, formal ou informal, as mulheres da elite vão desempenhar o papel tradicional da esposa burguesa, sendo representadas em eventos sociais e atuando, principalmente, em

---

<sup>147</sup> Idem.

<sup>148</sup> Idem. p. 236.

projetos caritativos e de beneficência. Mas, para além das diferenças sociais, as mulheres, em geral, não deixavam de participar dos momentos de lazer e descontração, das festas tradicionais, jogos e bailes que eram periodicamente realizados pelas diversas comunidades de imigrantes na cidade de Manaus.

## **Capítulo II**

### **Imigração e Trabalho Feminino em Manaus**

## **Capítulo II**

### **Imigração e Trabalho Feminino em Manaus.**

Neste capítulo, temos o objetivo de apresentar a inserção da mulher imigrante no mundo do trabalho na cidade de Manaus no final do século XIX e início do XX. Nossa proposta é dar visibilidade à trabalhadora imigrante em seus espaços de atuação na sociedade local, percebendo o mundo do trabalho como espaço propício à realização de trocas culturais, adaptação e resistências. Para tanto, buscaremos entender a partir desse espaço como as imigrantes foram recebidas pela população local e as diferentes áreas de atuação laboral tanto no âmbito formal quanto informal.

#### **2.1. Do trabalho formal ao informal**

A exemplo do que ocorreu em outras capitais do Brasil, a cidade de Manaus na segunda metade do século XIX e início do XX passou por um período de intensa transformação. Com o desenvolvimento econômico proporcionado pela comercialização da borracha, deu-se início a um processo de modernização e higienização do espaço público, considerados necessários para tornar a cidade moderna e “civilizada” de acordo com o desejo de seus governantes. Com isso, esperava-se principalmente atender as “necessidades” da elite local e atrair investidores internacionais. Posto em prática, o projeto de urbanização em Manaus aos poucos foi modificando o aspecto acanhado de pequena cidade que ainda guardava muitos traços da vida indígena, traços esses que deveriam ser abandonados como exigência imposta pela modernidade, “abrindo” espaço para construções modernas como os grandes edifícios, as largas avenidas e todo equipamento urbano como sinônimos de progresso.<sup>149</sup>

De acordo com Needell, “nas mudanças da *Belle Époque* a elite celebrava não só o que era feito, mas também o que era desfeito”. Nesse sentido, abraçar a civilização, o progresso e a modernidade significava deixar para trás tudo o que representasse atraso, o que, no caso da elite manauara, significou abandonar aspectos raciais e culturais, ou

---

<sup>149</sup> É dentro desse contexto que entendemos os inúmeros códigos de posturas que vão surgir, criados pelo poder público, visando ordenar, principalmente, o comportamento da população mais pobre.

seja, sua própria essência<sup>150</sup>. Assim, além das inovações materiais pelas quais a cidade iria passar, a população local também deveria se adequar a um conjunto de características consideradas próprias das sociedades modernas e civilizadas e, nesse contexto, conforme discorreremos no capítulo anterior, o imigrante europeu surgiu como elemento fundamental no processo modernizador como portador do progresso e da civilização, devendo ser o exemplo a ser seguido pela população local em diversos aspectos que iam da aquisição de bens materiais até padrões de comportamento e valores culturais e morais<sup>151</sup>.

Nos discursos ideológicos de modernização, a questão do trabalho teve um importante destaque no discurso oficial, sendo considerado fator essencial na formação da sociedade que se desejava criar e, portanto, o cidadão deveria ser: civilizado, disciplinado e afeito ao trabalho, logo, não trabalhar iria contra o projeto de desenvolvimento que estava em andamento. Nesse projeto que almejava progresso, modernização e civilização, o trabalho seria a primeira condição para que houvesse os demais. Nesse sentido, normas de conduta foram criadas pelas autoridades como forma de justificar a obrigatoriedade do trabalho, essencialmente aplicadas às camadas menos favorecidas da sociedade, uma vez que elas atenderiam as necessidades oriundas do desenvolvimento capitalista e serviriam como elemento regulador da sociedade local no que tange à ordem, à moral e aos bons costumes. De acordo com o Código de posturas de 1890,

[...] o indivíduo que viver sem indústria, renda, emprego ou profissão habitual certa, honesta e suficiente é considerado vadio e vagabundo e como tal obrigado, desde que for intimado pelo Fiscal a tomar uma ocupação honesta dentro de quinze dias e no fim desse tempo deve provar ter tomado um emprego ou ocupação que lhe garanta a subsistência.<sup>152</sup>

Aqui, o conceito de vadiagem é construído em oposição ao do trabalho, como observa Chaloub, “todos os predicados associados ao mundo do trabalho são negados quando o objeto de reflexão é a vadiagem. Assim, enquanto o trabalho é a lei suprema da sociedade, a ociosidade é uma ameaça constante à ordem”<sup>153</sup>. Essa concepção

---

<sup>150</sup> NEEDELL, p. 67, 70.

<sup>151</sup> Segundo Norbert Elias, “o conceito de “civilização” refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível de tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às idéias religiosas e aos costumes. Pode se referir ao tipo de habitação ou à maneira como homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos. Em suma, não existe nada que não possa ser “civilizado” ou “incivilizado”, por isso, a dificuldade em definir em poucas palavras tudo o que pode caracterizar civilização” (p. 327).

<sup>152</sup> DIAS, Edinéa Mascarenhas. A ilusão do fausto. p. 30.

<sup>153</sup> CHALHOUB, Sidney. Trabalho lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *Belle Époque*. 3 ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2012. p. 73.

aplicada à população local desconsiderou as especificidades e as diferenças do homem da região, sem compreender os hábitos e costumes locais, e imprimiu uma visão e a “verdade” de um mundo exterior, determinando que a forma “correta” de ganhar vida, de garantir o sustento próprio e da família, contribuindo com a sociedade na qual se está inserido, deveria ser necessariamente através do trabalho assalariado. Por isso, muitas vezes os nativos da região foram taxados pelos viajantes como indolentes, vadios e preguiçosos, indivíduos que, “incapazes de extrair da terra todo o potencial que ela pode oferecer, acostumados a peixe, procuravam meios qualquer de subsistência”, de acordo com Luiz e Elizabeth Agassiz, num lugar “onde abundam os alimentos e o povo morre de fome”<sup>154</sup>.

Na ideologia do trabalho havia o anseio em busca da valorização positiva em relação ao trabalho formal, visando à formação de uma classe trabalhadora na região. Na visão de viajantes como Luiz e Elizabeth Agassiz, que estiveram no Amazonas, o desenvolvimento da região estaria condicionado à substituição da “imprevidência e inconstância do índio” pelo “trabalho organizado, dirigido por uma atividade inteligente”<sup>155</sup>, assim, na construção de uma nova ética do trabalho, o imigrante, disciplinado pelas transformações sofridas na Europa após a Revolução Industrial, seria portador das virtudes consagradas na ética capitalista, devendo, portanto, servir de exemplo ao trabalhador local, mostrando-se disposto ao trabalho árduo, ordeiro e pacífico.<sup>156</sup>

Se por um lado a presença do imigrante foi desejada pelas autoridades e elites locais pela sua potencial contribuição para o embranquecimento da sociedade manauara e para o progresso e modernidade, principalmente associado à sua capacidade de trabalho, por outro lado, os imigrantes que desembarcavam no porto de Manaus viam a cidade como uma “promessa” de prosperidade econômica, de oportunidades de trabalho, negócios e riquezas<sup>157</sup>. O *Diario Oficial* do dia 24 de novembro de 1893, na

---

<sup>154</sup> AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elizabeth Cary. Viagem ao Brasil: 1865-1866. p. 298.

<sup>155</sup> AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elizabeth Cary. Viagem ao Brasil: 1865-1866. p. 298.

<sup>156</sup> Essa análise foi apresentada por Sidnei Chaloub para explicar que, com a transição do trabalho escravo para o trabalho livre no Brasil do século XIX, houve a necessidade de uma revisão de conceitos e valores que possibilitassem a construção de uma nova ética do trabalho. Diante do problema que se enfrentou para transformar o liberto em trabalhador, buscou-se inculcar no indivíduo o significado do que deveria ser um bom cidadão, amando o trabalho independente das vantagens que este possa proporcionar, ou seja, a ideia de que o “trabalho é o valor supremo da vida em sociedade; o trabalho é o elemento característico da vida “civilizada”. CHALHUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim: O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *Belle Époque*. 3 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012. p. 65-69.

<sup>157</sup> Segundo Maria Luiza Ugarte Pinheiro, era forte “a força com que as ideias eugênicas penetraram e ganharam corpo no seio das elites dirigentes que viam uma possibilidade de ‘melhorar a qualidade’ da

coluna destinada à “Collaboração”, trazia um texto intitulado “Carta a minha esposa”, em que um passageiro descrevia em detalhes a viagem do Pará para Manaus, começando pelos passageiros a bordo do vapor, o que nos dá pistas da diversidade de pessoas e de anseios que permeavam a migração para a cidade.

16 de Novembro. Onze horas da tarde de ontem quando o Manaós suspendeu ferro no Pará com destino a futuros a capital do Amazonas. Poucos passageiros, um empregado publico com a família, de onde se destacava pela belleza judia de sua palidez, rara em typo brasileiro, uma esbelta mocinha de grandes olhos pretos amortecidos, orçando ahi pelos desesepte anos, um capitalista pernambucano, alguns aventureiros estrangeiros de ambos os sexos, candidatos a milionários, *touristes* nacionais, negociantes e agentes commerciaes.<sup>158</sup>

O porto de Manaus, grande feito tecnológico para o período, evidenciava o dinamismo da cidade, além de circular as riquezas da região e as diversas mercadorias importadas<sup>159</sup>, era a porta de entrada de pessoas de diversas regiões do Brasil e do mundo. De acordo com Maria Luiza Ugarte Pinheiro, a cidade de Manaus, no ano de 1872, contava entre seus habitantes o número de 29.334, “em 1890, esta cifra subiu para 38.700 e dez anos depois (1900) já alcançava a marca de 52.040. Por fim, o censo de 1920 registrava uma população de 75.704 habitantes, quase cinquenta mil a mais do que a 1872”<sup>160</sup>.

Passaram a viver na cidade de Manaus não apenas as elites agroexportadoras e os grandes negociantes ou profissionais especializados tão desejados pela elite e dirigentes locais. A cidade recebeu uma gama diversificada de homens e mulheres de diferentes origens e diferentes níveis socioeconômicos, trabalhadores que buscavam exercer diversas atividades, disputando com a população local as oportunidades laborais na cidade que se expandia.

Através da bibliografia que aborda a cidade de Manaus no período da *Belle Époque* e das informações contidas nos almanaques, anuários e imprensa local, é possível perceber que a área central da cidade foi o espaço que agregou a grande maioria dos estabelecimentos que surgiram nesse período, como armazéns, barbearias, confeitarias, drogarias, casas bancárias, fábricas de malas e de roupas, botequins, ateliês de modistas, alfaiatarias, muitos hotéis e restaurantes, um grande número de casas

---

população amazônica via incentivo à colonização europeia, de preferência ibérica”. PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A Cidade sobre os Ombros: trabalho e conflito no Porto de Manaus, 1880-1920*. Manaus: Edua, 2015. p. 100.

<sup>158</sup> *Diario Oficial*. Manaus, 24 de Novembro de 1893. Disponível em: <hemerotecadigital.bn.br>

<sup>159</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A Cidade Sobre os Ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925)*. p. 42.

<sup>160</sup> Idem. p. 65-66.

comerciais e varejistas, além do surgimento de um comércio de gêneros variados espalhados em diferentes pontos da cidade, entre outros. Foram esses estabelecimentos, além das diversas atividades ligadas ao porto e aos seringais, que absorveram a maior parte dos trabalhadores que chegaram a Manaus nesse período.

A contribuição de imigrantes para o desenvolvimento da classe empresarial de Manaus é flagrante, pois, de acordo com Benchimol, “as maiores lideranças no período eram os exportadores ingleses, alemães, franceses, sobretudo os primeiros, porque eram concessionários dos serviços públicos que dominavam o setor da infraestrutura de portos, transportes, água, luz, esgoto, telégrafo, telefone, bonde, navegação oceânica e bancos”<sup>161</sup>. Junto a esse grupo, muitos portugueses, líderes da classe de aviadores e donos de tabernas e armazéns também participavam da classe dominante do período.

De um modo geral, grande parte dos estabelecimentos da cidade no final do século XIX surgiram principalmente a partir de ações empreendedoras de estrangeiros, como os portugueses que se destacaram desde os segmentos do alto-comércio a pequenos negócios, como mercearias, padarias, açougues, bares, botequins, feiras, quitandas, lojas e comércio em geral; muitos italianos, judeus, árabes, espanhóis, ingleses, franceses, entre outros também consolidaram seu espaço no cenário econômico-financeiro e comercial na cidade.<sup>162</sup>

Entre os imigrantes que conseguiram destaque econômico no período da *Belle Époque*, podemos dizer que apenas uma pequena parcela era de grandes investidores, como os ingleses, por exemplo, sendo a maioria empreendedores, que, após reunirem as economias de uma vida toda, desembarcavam no país motivados pela boa fase econômica pela qual a região passava e estabeleciam seus negócios de pequeno ou médio porte, buscando prosperar na cidade.

Com a expansão do mercado de bens e consumo, uma “ética consumista” surgiu como instrumento legitimador das posições sociais, norteando a vida de parte da sociedade. Por meio das páginas de anúncios dos jornais que circulavam no período é possível observar a grande variedade de produtos voltados para a casa, saúde, beleza, as últimas tendências de moda para homens, mulheres e crianças.

---

<sup>161</sup> BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia, Formação Social e Cultural*. p. 89-91.

<sup>162</sup> Sobre os portugueses no Amazonas ver: PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Portugueses no Universo do Trabalho Manauara, 1880-1920*. In: José Jobson de Andrade Arruda; Vera Lucia Amaral Ferlini; Maria Izilda Santos de Matos; Fernando de Sousa. (Orgs.). *Portugueses no Universo do Trabalho Manauara, 1880-1920*. 1 ed. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2013, p. 563-577.



Jornal do Commercio. Manaus, 03 de Novembro de 1904

<p><b>GRANDE ORIENTE</b></p> <p>ULTIMAS — NOVIDADES — ULTIMAS EM ARTIGOS PARA <b>Homens, senhoras e crianças</b></p> <p>RECEBEU O</p> <p><b>“Grande Oriente”</b></p> <p>VARIADO E LINDO SORTIMENTO EM:</p> <p>Colchas de phantasia, Guarnições de crochet para familias, Pucarinhas para pó de arroz, Bonecas, Estojos para toilet, Rendas</p> <p>E uma infinidade de artigos que os nossos amigos e freguezes se servirão verificar visitando o</p> <p><b>“GRANDE ORIENTE”</b> — <b>Manaus</b> — Rua Henrique Martins 52—Cxa. Postal 95-A</p>	<p><b>ALTO TOVO</b></p> <p>Importantes novidades na CASA da BANDEIRA N. B. grande redução nos preços por causa de transformações porque vai passar este estabelecimento.</p> <p><b>MODAS E COUFECCÕES</b></p> <p>Luvras de pellica e de seda, para senhoras senhoras fustão para vestidos de crianças e senhoras, zephiro de linho leques de pluma, seda, e papel, guardasoes e sombrinhas, chapéus enfeitados, AMAZONAS, surrahs e setins, lenços de seda pretos e de côres, de linho etc, toucas para meninos, tecidos, d'algodão com alta fantasia, espartilhos, rendas e fita guarda-lamas para vestidos etc etc.</p> <p><b>Fazendas Geraes</b></p> <p>Talhas para b'inho e para rosto um enorme sortimento ditas de linho para meza guardanapos, fazendas de seda para forros, chitas, risuados, molim, setinetas etc etc, ta'le novidade</p> <p><b>ARTIGOS PARA HOMENS</b></p> <p>Calçados portuguezes, camizas, gravates, collori en'hoz punhos, meias, o'micolas de flanela, de lã, etc etc.</p>
--	--

Correio do Norte. Manaus, 4 de janeiro de 1911 Comercio do Amazonas. Manaus, 29 de maio 1898

Segundo Jeffrey Needel, “a ascensão do fetichismo de consumo” tem origem a partir das “mudanças tecnológicas e de mercado ligadas às tensões oriundas da insegurança e da ansiedade em relação ao *status* social”<sup>163</sup>. Assim, a aquisição desses produtos, anunciados sob o emblema da modernidade, seria uma forma de autoafirmação da condição social, *status* e prestígio de parte da população local em seu desejo de se aproximar da cultura e do estilo de vida europeu<sup>164</sup>.

Todas as transformações econômicas, sociais, culturais e tecnológicas sobre as quais discorreremos afetaram igualmente homens e mulheres, tanto na esfera pública quanto na privada. Apesar de bem marcados os espaços sociais, tanto as mulheres ricas quanto as mulheres pobres puderam experimentar os desdobramentos da modernidade em suas vidas. Nesse novo contexto, as mulheres, principalmente as da elite, assumiram a posição de agentes de consumo, passando a ser alvo de jornais e revistas que dedicaram-lhes leituras específicas, tais como contos literários e romances, além de propagandas que incentivavam a aquisição de itens de consumo feminino: vestimentas, acessórios, produtos de beleza, de higiene e para casa, alterando a rotina dessas mulheres, que agora passeavam pelos endereços nobres da cidade, olhando as vitrines e conferindo as últimas novidades da moda. Por outro lado, o surgimento dos diversos

<sup>163</sup> NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. p.185-186.

<sup>164</sup> Idem.

estabelecimentos de comércio e serviços oportunizou o trabalho à mulher em diferentes segmentos, como veremos adiante.<sup>165</sup>

Apesar de todas as mudanças empreendidas em prol da modernidade, a assimilação de alguns aspectos das representações do “moderno”, principalmente no que tange à condição da mulher não ocorreu de forma imediata, uma vez que a perspectiva de rompimento das barreiras entre o público e o privado, além da inserção da mulher no mundo do trabalho e da ampliação dos direitos civis, provocou um conflito entre os valores tradicionais e modernos, evidenciando a persistência de importantes desigualdades sociais entre homens e mulheres. Pelos jornais da época temos a percepção de como parcelas da sociedade manauara reagiram diante das mudanças que estavam em andamento, como podemos observar no artigo “A mulher política”:

Não me parece que a mulher política possa actuar mais beneficemente na sociedade, sendo doutora, do que sendo mãe, nem que sua influencia decisiva, profunda, facilmente fatal se acrescente de um átomo, quando em vez de simplesmente a amarmos, tenhamos de discutir com ella, ou quando ella em vez de nos dar um beijo nos possa dar um voto. O eterno feminino pode perfeitamente deixar de ser elegível e eleitor segundo a lei, que não deixar por isso de ser a suprema força sugestiva segundo a natureza. A mulher legisladora não há de valer mais do que a mulher educadora, nem a conselheira de estado é capaz de influir com mais utilidade nos destinos do homem, do que a conselheira de família. É muito discutível se certas teorias de emancipação da mulher representam realmente a aspiração da mulher de um processo, se a inconsciência de uma degradação [...]<sup>166</sup>

O texto acima é de 1889 e reflete a preocupação de uma sociedade diante do “perigo” que se anunciava com a possibilidade de saída da mulher do espaço privado para a cena pública. Por que a mulher deveria ansiar qualquer tipo de participação na vida pública quando a ela eram confiados os papéis mais sublimes e importantes para a família e conseqüentemente para a sociedade?

Tais discursos refletem o momento de contradição pelo qual a sociedade manauara passava: um verdadeiro conflito entre os ideais de modernidade almejados e a realidade de uma sociedade tradicionalmente machista, que demonstrava resistência quanto à participação da mulher no espaço público. Maria Luiza Ugarte Pinheiro, ao falar sobre a mulher na imprensa amazonense no período de 1880 a 1920, destaca a

---

<sup>165</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. O Espelho Francês na Paris das Selvas. In: Laurent Vidal; Tania Regina de Luca. (Org.). *Franceses no Brasil: séculos XIX-XX*. 1 ed. São Paulo: UNESP, 2009, v. 1. p. 271-287.

<sup>166</sup> *O Artista*. Manaus, 6 de Outubro de 1889. Disponível em: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

cautela e a hesitação contida nos discursos acerca da sua entrada no mercado de trabalho e na cena urbana:

De início, é bom registrar que não se percebe a emergência de um discurso eminentemente feminino, muito menos feminista, no interior da imprensa amazonense, pelo menos no período aqui analisado. Uma nova condição social para as mulheres será debatida prioritariamente através de discursos masculinos, muitos dos quais reticentes ou refratários às mudanças que estavam em marcha.<sup>167</sup>

A questão que se apresentou na cidade de Manaus não ficou restrita ao âmbito local, pois guardadas as devidas especificidades de cada região, de modo geral, a sociedade brasileira não via com bons olhos o trabalho da mulher, principalmente a casada. Ao mesmo tempo em que significativas transformações relacionadas ao desenvolvimento urbano, comercial e industrial abriam novas possibilidades para a inserção da mulher no espaço público, tanto nas novas formas de sociabilidades e lazer quanto no mercado de trabalho, o velho e conhecido discurso moralista e segregador tecia críticas que visavam impedir ou limitar a participação feminina para além do âmbito privado. As críticas lançadas à mulher que trabalhava fora de casa eram baseadas na defesa da moral e em favor da manutenção e organização familiar. Como observou Margareth Rago, além da preocupação com o perigo da prostituição e de perdição à qual as mulheres estavam expostas no mundo do trabalho, tais discursos procuravam suscitar “o sentimento de culpa diante do abandono do lar, dos filhos carentes, do marido extenuado pelas longas horas de trabalho”<sup>168</sup>.

Lugar comum no pensamento ocidental do século XIX, a ideia de espaço social definido com base nos sexos feminino e masculino impôs à mulher o destino do lar, guardiã da moral e dos bons costumes, dos cuidados com os filhos e bem-estar do marido e da família em geral. A mulher enquanto solteira deveria ser submissa ao pai e aos irmãos, quando casada teria a obrigação de submeter-se ao marido, assim, as moças “de bem” deveriam ser educadas para desempenhar as funções domésticas, restritas ao âmbito privado, enquanto o espaço público reservado à circulação dos homens, “o destino da mulher é a família e a costura [...]. Ao homem, a madeira e os metais, à mulher a família e os tecidos”<sup>169</sup>.

---

<sup>167</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas, 1880-1920. p. 227-228.

<sup>168</sup> RAGO, Margareth. Do Cabaré ao Lar. A utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930. p. 62-63.

<sup>169</sup> PERROT, Michelle. As mulheres ou os silêncios da história. p. 77.

Somadas a essa ideologia em termos de poder do homem sobre as mulheres, principalmente esposa e filhas, em todas as classes sociais, as descobertas da medicina, biologia e o discurso naturalista do século XIX atestavam a “existência de duas “espécies” com qualidades e aptidões particulares. Aos homens, o cérebro (muito mais importante do que o falo), a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos”<sup>170</sup>.

Assim, com base no discurso naturalista, que pregava a fragilidade e inferioridade da mulher em relação ao homem e o modelo ideal de família que reafirmava o lugar social da mulher no âmbito privado, foi instituída social e culturalmente a ideia de que o trabalho que poderia ser desenvolvido pelas mulheres seria dentro da casa. Mesmo diante da possibilidade de acesso à educação, esta deveria ser um complemento ao preparo da mulher para com as obrigações domésticas de educação dos filhos e apresentação social como esposa. Como deixa bem clara a primeira lei de instrução pública do Brasil de 1827:

As mulheres carecem tanto mais de instrução, porquanto são elas que dão a primeira educação aos seus filhos. São elas que fazem os homens bons e maus; são as origens das grandes desordens, como dos grandes bens; os homens moldam a sua conduta aos sentimentos delas.<sup>171</sup>

Dessa forma, entendemos que a questão do trabalho está diretamente ligada ao papel da mulher dentro da família, ou seja, às suas aptidões “naturais”. As representações que ligavam as mulheres ao espaço privado e à sujeição masculina criaram raízes tão profundas que as distinções entre feminino e masculino se estenderam ao mercado de trabalho, dando origem às “profissões de mulheres” ou profissões consideradas “boas para as mulheres”, que significavam na verdade mais uma forma de limitação determinando até onde elas poderiam chegar. Como extensão do papel desempenhado no âmbito doméstico, essas profissões estiveram ligadas à área da educação e cuidados, práticas típicas da “natureza feminina”. Tais profissões deveriam, ainda, permitir a conciliação com os afazeres domésticos e cuidados com filhos e marido. Como observa Michelle Perrot, a noção de divisão sexual do trabalho não tem

---

<sup>170</sup> PERROT, Michelle. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. p. 177.

<sup>171</sup> Lei de Instrução Pública, 1827 *apud* Louro, Guacira Lopes. História das Mulheres no Brasil. Mary DEL PRIORI (org.); Carla Bassanezi Pinsky (Coord.) 10 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011. p. 447.

relação com questões de natureza biológica, na verdade, é “uma construção social ligada à relação entre sexos”<sup>172</sup>.

Embora o século XIX tenha sido um marco como período de grande participação da mulher no mercado de trabalho, a sua contribuição laboral foi concebida como subsidiária e “complementar” ao trabalho dos homens, além disso, as representações de trabalhadora foram cercadas de estereótipos depreciativos e opressores da sua imagem diante da sociedade, como observa Margareth Rago, ao lembrar que, independente da classe social, as mulheres enfrentaram inúmeros obstáculos em sua inserção no mundo do trabalho, haja vista os preconceitos e discriminações sofridos, além da desvalorização salarial e intelectual, enfrentando o assédio sexual e moral no ambiente de trabalho<sup>173</sup>.

Ao direcionarmos nosso olhar para a cena urbana da cidade de Manaus em busca da trabalhadora imigrante, devemos considerar que a luta dessas mulheres pela inserção no mercado de trabalho e o enfrentamento às diversas formas de discriminação e sujeições apresentadas se deram em meio ao processo de adaptação ao país em contato com a sociedade manauara. Nesse contexto, os padrões culturais trazidos foram reelaborados, assimilados, transmitidos ou reinventados, e isso se deu ao mesmo tempo em que as mulheres nativas também viviam um momento de luta pelo seu espaço no mercado de trabalho e educação.

De acordo com os dados estatísticos, a imigração para a cidade de Manaus intensificou-se a partir do final do século XIX. Se no primeiro recenseamento de 1872 o número de estrangeiros em Manaus era de 1.644, sendo 1.373 homens e 271 mulheres<sup>174</sup>, em 1920, registrou-se uma população estrangeira de 8.848 pessoas de diferentes partes do mundo, e deste total 6.075 eram homens e 2.773 eram mulheres<sup>175</sup>.

Como vimos anteriormente, a imigração estrangeira para o Amazonas não foi composta apenas de investidores, grandes comerciantes ou trabalhadores especializados: a grande maioria desses imigrantes eram homens e mulheres pobres, que, com pouca ou nenhuma especialização profissional, chegavam em busca de sonhos e oportunidades e quando estabelecidos na cidade acabavam juntando-se à população local e aos migrantes nacionais na disputa pelo trabalho e pela sobrevivência.

---

<sup>172</sup> PERROT, Michelle. As Mulheres ou os silêncios da história. Pg.258.

<sup>173</sup> RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. Pg. 589, 595.

<sup>174</sup> Disponível em: <[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20RJ/Recenseamento\\_do\\_Brazil\\_1872/Imperio%20do%20Brazil%201872.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20RJ/Recenseamento_do_Brazil_1872/Imperio%20do%20Brazil%201872.pdf)> Acesso em: 30 dez. 2014.

<sup>175</sup> Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6461.pdf>> Acesso em: 30 dez. 2014.

Diante disso, as mulheres encontraram uma situação ambígua, pois, apesar das oportunidades de trabalho que surgiam na cidade com a expansão do sistema capitalista, e da necessidade que tinham de garantir o próprio sustento ou da família, a sociedade local não via com bons olhos o trabalho realizado por elas, em muitos casos os próprios conterrâneos eram os primeiros a julgá-las, como os portugueses, cujo modelo de família patriarcal era caracterizado por uma rígida educação doméstica e obediência à tradição e em razão disso consideravam inapropriado o trabalho da mulher fora de casa.

Assim, em grande medida, parte das mulheres que imigraram com as famílias desempenhavam o papel tradicional no espaço privado. Trabalhar junto ao marido era algo socialmente aceitável, por isso, muitas delas conciliavam as tarefas domésticas e cuidados com os filhos com o trabalho em pequenos estabelecimentos familiares. Na vanguarda da imigração e representantes da maior parcela de estrangeiros na cidade, os portugueses exemplificam bem esse quadro, já que muitos, principalmente os pequenos comerciantes, se estabeleceram e conquistaram algum crescimento econômico com a valorosa ajuda das esposas, como observou Benchimol:

[...] onde houvesse uma esquina, havia um português com certeza lá estabelecido com a ajuda da esposa portuguesa. A estratégia comercial era muito trabalho e economia. A sala da frente era ocupada pelo balcão, prateleiras e caixa registradora, para expor a mercadoria, atender os fregueses de caderneta e receber o pagamento e anotar o fiado. Nos fundos da casa, a mãe portuguesa tomava conta do lar e educava os filhos à velha moda lusitana, aprendida nas suas vilas e aldeias d'além-mar [...]<sup>176</sup>

No entanto, frente à expansão do emprego feminino e para aquelas mulheres onde o poder aquisitivo não existia, o trabalho fora de casa era a solução, fosse ele formal ou informal, de acordo com os preceitos vigentes da época ou não.

No período da *Belle Époque* em Manaus, o comércio era o maior setor de empregos, logo, o que mais absorveu a massa de trabalhadores de ambos os sexos na cidade. Apesar de ser bem menor, a indústria local, a exemplo de outras capitais do país, especialmente no setor fabril, que teve entre seus trabalhadores significativa participação de mulheres e crianças imigrantes, também incorporou a mão de obra feminina. De acordo com Luciane Campos<sup>177</sup>, para o período havia quatro fábricas que contrataram um elevado número de mulheres: Fábrica de Roupas Amazonense, Fábrica de Beneficiamento de Castanha, Fábrica Brasil-Hevea e Fábrica de Cigarros Itatiaya.

---

<sup>176</sup> BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia-Formação Social e Cultural*. , 2009. p. 90-91.

<sup>177</sup> CAMPOS, Luciane Maria Dantas de. *Trabalho e Emancipação: Um olhar sobre as mulheres de Manaus, (1890-1940)*. UFAM, 2010.

Dentre as fábricas citadas, a Fábrica de Roupas Amazonense, cujos proprietários eram portugueses, teve sua inauguração bastante divulgada nos jornais da cidade em 01 de outubro de 1910. As notas exaltavam as instalações modernas e organizadas como as grandes fábricas de Portugal:

O estabelecimento, que se acha instalado no pavimento superior do prédio, é dividido em três secções tendo capacidade para setenta operarias, possui quarenta e duas machinas de cortar, costurar, casear e pregar botões, sendo todas movidas à eletricidade.<sup>178</sup>

Em diversos anúncios de emprego, a Fábrica de Roupas Amazonense destacou a procura por trabalhadoras do sexo feminino, e no ano de 1913 contava com um quadro de 60 operárias, em sua maioria de nacionalidade portuguesa.<sup>179</sup>

Fabrica de Roupas Amazonense  
Todas as costureiras que tiverem bastante prática de calças, dolman, camisas, ou ceroulas, poderão apresentar-se na Fabrica de roupas, a rua da instalação, onde encontrarão logar para trabalhar...Precisamos também de aprendizes, para obras de acabamentos e por isso aquellas que desejarem inscrever-se como costureiras podem desde já procurar logar.<sup>180</sup>

Sobre as condições de trabalho impostas às mulheres na Fábrica de Roupas Amazonense, Luciane Campos destaca que, a exemplo do que ocorria nas indústrias de outras cidades brasileiras, havia também a existência de práticas de dominação e exploração das trabalhadoras. Em 1911, como resposta aos desmandos e abusos praticados, as operárias mobilizaram-se organizando uma greve que repercutiu em diversos jornais que circulavam pela cidade.

Como é do domínio publico, estão em greve as operarias da Fabrica de Roupas. O direito da greve é já uma coisa amplamente reconhecida e, no caso em questão, se justifica por todos os motivos.  
As operarias da alludida Fabrica tinham, antigamente, por dia, durante o qual trabalhavam, 9 horas, 3 mil reais.  
O novo gerente da fabrica achou que essa quantia era avultada e diminuiu o ordenado das empregadas de 90\$000 mensaes para 70\$000.  
Há de convir connosco o senhor gerente da Fabrica de Roupas que as moças que trabalham sob a sua administração estão na defesa de um direito sagrado. O acto de s.s. deve ser reconsiderado.<sup>181</sup>

Apesar do desenvolvimento comercial e do surgimento de indústrias onde muitas mulheres exerceram atividades ligadas ao trabalho formal, em geral, a grande

---

<sup>178</sup> *Jornal do Commercio*. Manaós, 02 de outubro de 1910. Disponível em: <hemerotecadigital.bn.br>

<sup>179</sup> CAMPOS, Luciane Maria Dantas de. Trabalho e Emancipação: um olhar sobre as mulheres Públicas de Manaus (1890-1940). p. 125-126.

<sup>180</sup> *Jornal do Commercio*. Manaós, 24 de Julho de 1912. Disponível em: <hemerotecadigital.bn.br>

<sup>181</sup> *Correio do Norte*. Manaus, 9 de Agosto de 1911. Disponível em: <hemerotecadigital.bn.br>

maioria, principalmente aquelas sem especialização profissional, encontravam oportunidades de “ganho” que poderiam abranger ocupações variadas, tais como serviços domésticos em casas alheias, costureiras, lavadeiras, quitandeiras, doceiras, ambulantes, prostitutas, entre outras atividades que engrossavam o número de trabalhadoras inseridas em atividades informais na cidade.

Ao analisarmos os periódicos que circulavam na cidade de Manaus à época, fica evidente a significativa procura por trabalhadoras de origem estrangeira. Elas eram bastante requisitadas por estabelecimentos comerciais, como hotéis, restaurantes ou pensões, para trabalhos de cozinheiras, arrumadeiras, lavadeiras, camareiras, passadeiras, entre outras<sup>182</sup>:

[...] creada portuguesa de 30 a 35 anos, precisa-se para todo o serviço e que fique em casa dos patrões, a tratar no botequim da Universal, das 9 as 10 da manhã ou das 3 as 5 da tarde.<sup>183</sup>

Precisa-se de uma boa consinheira que entenda bem de sua profissão. Prefere-se portuguesa ou hespanhola, à rua da Independência n. 45.<sup>184</sup>

Precisa-se de uma boa cozinheira que fale francês ou inglês e um rapaz para servir uma pequena pensão familiar no largo da Policia n. 10.<sup>185</sup>

Da mesma maneira que os estabelecimentos comerciais, muitas famílias abastadas que buscavam cozinheiras, lavadeiras, babás, amas de leite e empregadas em geral, demonstravam preferência por estrangeiras.

Precisa-se de uma cozinheira estrangeira, para pequena família. A tratar na rua Xavier de Mendonça, n. 74.<sup>186</sup>  
Precisa-se de uma lavadeira e engomadeira. Dá-se preferência a estrangeira. A tratar na casa n. 40, á rua Tapajós.<sup>187</sup>

Amma seca- precisa-se de uma que seja boa. À estrada Silverio Nery n. 154. Prefere-se portuguesa<sup>188</sup>.

É possível que, além da ideia de que as imigrantes possuíssem maiores aptidões para o trabalho, essa preferência estivesse relacionada ao fator da língua, que, no caso

---

<sup>182</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Folhas do Norte. p. 222-223.

<sup>183</sup> *Jornal do Commercio*. Manaus, 5 de maio de 1912. Disponível em: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>184</sup> *Jornal do Commercio*. Manaus, 29 de junho de 1912. Idem.

<sup>185</sup> *Jornal do Commercio*. Manaus, 7 de fevereiro de 1905. Idem.

<sup>186</sup> *Jornal do Commercio*. Manaus, 7 de março de 1910. Idem.

<sup>187</sup> *Jornal do Commercio*. Manaus, 7 de fevereiro de 1913. Idem

<sup>188</sup> *Jornal do Commercio*. Manaus, 13 de janeiro de 1905. Idem

das famílias estrangeiras, seria um facilitador das relações, além de contribuir para a preservação de aspectos da cultura de origem. Outro fator que pode estar relacionado a essa preferência diz respeito a questões financeiras, já que o trabalho é um aspecto fundamental na condição do imigrante, o que pode levá-lo, muitas vezes, a submeter sua força de trabalho a remunerações inferiores.<sup>189</sup>

O modelo europeu de civilização esteve presente em diferentes aspectos da sociedade manauara. Nesse contexto, a vestimenta constituiu um importante diferencial para a elite, e vestir-se com elegância seguindo a última moda parisiense tornou-se sinônimo de requinte, conferindo *status* e distinção social. Essa demanda favoreceu o comércio e os serviços relacionados à confecção, gerando trabalho ao ofício de costureiras nos ateliês, onde eram reproduzidos os modelos inspirados na moda parisiense e havia a comercialização de acessórios e outros itens importados: “Espartilhos forme nouzelle, de alta novidade e apurado gosto. Setimmercerisé azul, roza, lilás. Brochez, lindas cores, cinza, lilás. Baptiste de seda, branco. Só na casa de Mme. Mari”<sup>190</sup>.

De acordo com Lená Medeiros de Menezes, a adoção do modelo francês como referência, além da influência cultural, tem relação com questões comerciais. O aumento nas transações comerciais entre Brasil e França, desde a assinatura dos tratados de amizade em 1816, fomentou um grande movimento de mercadoria e de pessoas para o Brasil, e por muitas delas se dedicarem à produção e à exportação de roupas e objetos franceses, desde então, “as modistas destacaram-se como símbolos da modernidade que chegava em terras brasileiras”<sup>191</sup>. Segundo Maria Luiza Ugarte Pinheiro, em Manaus a valorização da cultura francesa teria começado antes do *boom* econômico promovido pela exportação da borracha – essa questão fica evidente na literatura produzida por viajantes que estiveram na região em meados do século XIX e descreveram, entre outros aspectos, as tentativas de adoção da moda francesa, por parte das elites locais.<sup>192</sup>

Nesse segmento, podemos perceber o espírito empreendedor de mulheres, que, na condição de imigrantes, identificaram uma demanda e se utilizaram de seu repertório cultural e educacional como diferencial favorável ao sucesso e ao reconhecimento no

---

<sup>189</sup> SAYAD, Abdelmalek. A imigração ou os paradoxos da alteridade.

<sup>190</sup> *Jornal do Commercio*. Manaus, 12 de janeiro de 1905. Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>191</sup> MENEZES, Lená Medeiros de. À francesa, dos pés à cabeça. Ao chegar ao Brasil, a moda parisiense passa a ditar o vestuário e o comportamento das elites do país. Revista de História.com.br, 2007. Disponível em: <[www.revistadehistoria.com.br](http://www.revistadehistoria.com.br)>

<sup>192</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. O Espelho Francês na Paris das Selvas. Pgs. 271-287.

espaço de trabalho. No início do século XX havia ao menos quatro ateliês de moda em Manaus, alguns chefiados por mulheres que empregavam um significativo número de costureiras pobres de diferentes raças: eram negras, mestiças e brancas<sup>193</sup>. No exemplo a seguir, Mme. Clara, modista que aparece com frequência nos anúncios dos jornais, em diferentes oportunidades, anunciava vagas para costureiras e outras profissões:

Precisa-se de boas costureiras em casa de Mme. Clara. Av. Eduardo Ribeiro, n 9-A.<sup>194</sup>

Precisa-se de cozinheira, na casa de Mme. Clara. Av. Eduardo Ribeiro, n 9-A.<sup>195</sup>

“Empregado – Precisa-se dum empregado que tenha pratica de modas e armarinhos em casa de Mme. Clara.<sup>196</sup>

Mme. Clara, Mme. Marie e Mme. Ludovina são nomes de algumas modistas que aparecem com frequência nos jornais. Nos anúncios de seus estabelecimentos, expressões como “última moda” e “alta novidade”, eram (frequentemente) usadas como forma de associar os produtos que estavam sendo oferecidos com o que se produzia na Europa, nesse caso, especialmente em Paris. O pronome de tratamento Mme. (madame), em francês, usualmente utilizado para identificar as estrangeiras, é controverso, pois sabemos que, assim como muitos estabelecimentos, principalmente os ligados à moda, receberam nomes franceses, existe também a possibilidade de que brasileiras ou mulheres de outras nacionalidades tenham se apropriado do termo Mme, fazendo-se passar por francesas a fim de obter maior prestígio entre a clientela.

---

<sup>193</sup> CAMPOS, Luciane Maria Dantas de. Trabalho e Emancipação: um olhar sobre as mulheres Públicas de Manaus (1890-1940). p. 123.

<sup>194</sup> *Jornal do Comércio*, Manaus, 12 de Janeiro de 1905. Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>195</sup> *Jornal do Comércio*, Manaus 12 de janeiro de 1905. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>196</sup> *Jornal do Comércio*, Manaus, 1 de fevereiro de 1905. Idem.



*Jornal do Commercio. Manaus, 3 de fevereiro de 1905.*

A expansão da economia de exportação da borracha a partir do final do século XIX proporcionou um desenvolvimento social e urbano que conferiu mudanças à feição da sociedade amazonense. Nesse contexto, a necessidade de expandir a educação pública também esteve relacionada ao projeto de modernização e de progresso que se queria para a cidade, como observou Dias, “o sentido da educação não vai estar só ligado à melhoria do caráter, mas também a toda uma preocupação com uma educação profissionalizante, que visa aulas práticas, como uma forma de preparação para o mercado de trabalho”<sup>197</sup>, à medida que a escola cumprisse seu papel na melhoria do caráter e na formação profissional, também estaria contribuindo para o ordenamento público e a segurança da elite local, pois com, a integração dos indivíduos por meio do trabalho, diminuiriam os casos de delinquência, embriaguez, prostituição, mendicância, jogos, etc.<sup>198</sup>

Apesar do discurso que enfatizava a necessidade de melhorias na educação no Estado do Amazonas, muitas reformas educacionais que ocorreram a cada legislatura visavam atender interesses políticos ou pessoais em detrimento dos interesses da população. Para a mulher que vivia em Manaus, assim como ocorreu em outras regiões

<sup>197</sup> DIAS, Edineia Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto – Manaus 1890-1920*. p. 72-73.

<sup>198</sup> Idem.

do país, o caminho percorrido em busca do direito à educação e ao mercado de trabalho foi lento e cheio de restrições<sup>199</sup>.

As limitações começavam na desproporção de vagas disponíveis entre meninos e meninas. Segundo Heloísa Lara Campos da Costa, que afirma que por volta dos anos de 1860, com a população em toda a província estimada em mais de 40.000 mil habitantes, havia 435 alunos do sexo masculino matriculados e apenas 50 alunas do sexo feminino<sup>200</sup>. A crença vigente na época sobre a inferioridade intelectual e física das mulheres e o consenso sobre o seu lugar social determinavam que elas deveriam receber uma educação diferenciada, limitada apenas aos ensinamentos necessários para desempenhar seu papel de mãe e esposa, afinal o casamento continuava a ser o principal objetivo na vida de muitas mulheres, como retratou o pensamento no jornal *Aura*: “O casamento é a mais bella tradição dos nossos antepassados. [...] para a mulher é o diploma mais sublime do universo [...]”<sup>201</sup>, por isso, as mulheres deveriam ser educadas para desempenhar com esmero sua função de esposa e mãe, e não instruídas para uma atuação profissional emancipadora.

Com o surgimento de novos espaços de sociabilidades, as mulheres pertencentes aos extratos sociais mais elevados, que por muito tempo tiveram como principal participação social as missas de domingo seguidas dos passeios nas praças, passaram a frequentar os espaços públicos, como as ruas, os cafés, os teatros, os bailes e as lojas elegantes que se instalaram na cidade. Nesse sentido, a educação feminina cumpriria as funções de educar a mulher para as atividades do lar e também de “prepará-la” para acompanhar o marido nos eventos sociais e nos novos espaços de lazer reservados às elites locais. Dessa forma, a educação feminina se restringia ao ensino básico e à música, e o ensino do francês também fazia parte do aprendizado, assim como aulas de prendas domésticas, como a costura, por exemplo.<sup>202</sup>

O programa educacional voltado para o público feminino refletia o que a sociedade esperava da mulher, ou seja, não as favorecia em termos de promover a igualdade, nem propunha o fim das limitações a elas impostas. Ainda assim, a busca por

---

<sup>199</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte: Letramento e Periodismo no Amazonas (1880-1920)*. p. 219.

<sup>200</sup> COSTA, Heloísa Lara Campos da. *As mulheres e o poder na Amazônia*. Manaus: EDUA, 2005. p. 251.

<sup>201</sup> *Aura*. Manaus, 19 de novembro de 1909. Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>202</sup> COSTA, Heloísa Lara Campos da. *As mulheres e o poder na Amazônia*. Manaus: EDUA, 2005. p. 259.

um caminho que pudesse mudar essa condição ocorreu, principalmente, através da educação, uma das primeiras reivindicações dos movimentos feministas no século XIX.

Apesar das limitações que inicialmente foram impostas à educação feminina<sup>203</sup>, devemos ressaltar a importância que esta teve na vida de muitas mulheres naquele período. A possibilidade de acesso à instrução formal, além de contribuir com uma nova mentalidade da mulher na região, representou a possibilidade de sua inclusão em novas frentes de trabalho, pois ainda que o lar e a dedicação à família continuassem sendo o destino ideal para as moças de bem, muitas mulheres encontraram no magistério um espaço de atuação, uma vez que a profissão de professora era aceita e respeitada pela sociedade como uma extensão do exercício da maternidade.

Uma análise no anuário da Manaus de 1913 e 1914 corrobora a ideia de que a profissão de professora era uma opção respeitável e reconhecida. Ao observarmos as 48 páginas do anuário com nomes e respectivas ocupações nas associações, companhias e repartições do período encontramos: 65 professoras, 3 secretárias e uma mulher no cargo de presidente da Liga Protetora da Pobreza. Certamente essas mulheres compunham as camadas médias e altas da sociedade, haja vista o grau de instrução e o cargo que ocupavam.

De acordo com Heloisa Lara Campos da Costa, devido às condições peculiares da região amazônica, tais como o isolamento, escassez de recursos econômicos e de pessoas habilitadas ao magistério, além do despreparo político dos dirigentes, foram criadas soluções em torno da questão educacional, que favoreceram as mulheres no acesso à profissão, e a esses fatores soma-se a influência que as estrangeiras, herdeiras do calvinismo, exerceram sobre a elite local, já que não viam o trabalho feminino como algo negativo ou desonroso.<sup>204</sup>

O surgimento das primeiras escolas na região esbarrou desde o início com a falta de profissionais preparados para o magistério, assim, pessoas com o mínimo de conhecimento foram encarregadas de diversas tarefas, inclusive a de lecionar. Nesse contexto, as mulheres poderiam exercer o magistério desde que passassem por um exame de comprovação da sua capacidade de ler e escrever em língua portuguesa, além de contar e ter noções das quatro operações. Também era avaliada sua integridade

---

<sup>203</sup> O regulamento de criação do curso normal na província determinava que para efetuar a matrícula as mulheres deveriam “apresentar uma autorização do pai ou do marido e após serem matriculadas poderiam ser dispensadas das aulas no Liceu sendo sua presença obrigatória somente nas aulas de pedagogia e na época dos exames”. COSTA, Heloisa Lara. Op. Cit. p. 257.

<sup>204</sup> Idem. p. 263-264.

moral<sup>205</sup> e as aptidões domésticas, já que a educação das meninas incluía o ensino das prendas, como bordado ou costura. Essas regras eram direcionadas exclusivamente às mulheres, que só poderiam lecionar em colégio de meninas.<sup>206</sup>

A partir da segunda metade do século XIX houve um aumento de escolas e turmas para meninas, tornando o acesso à instrução formal mais acessível às mulheres. Com a criação de uma Escola Normal, elas tiveram a oportunidade de cursar o ensino primário e secundário e se dedicar ao magistério. Como afirma Heloisa Lara Campos da Costa, é importante ressaltar que na região Norte o ingresso das mulheres no magistério, regulamentado em 1859, aconteceu antes do que no Sudeste, onde ainda em 1871 o mesmo era vetado. A autora observa que, mesmo antes do surgimento de Escolas Normais, as mulheres já tinham uma presença significativa no magistério e eram respeitadas como tal; essas mulheres seriam provavelmente esposas de estrangeiros radicados na Amazônia, ou mulheres educadas no exterior, dado o seu grau de instrução.

O aumento de escolas voltadas para a educação feminina pode ser observado por meio dos jornais, nas diversas propagandas, onde eram comuns as referências “primeira linha” ou “tratamento de primeira ordem”. Referências essas que evidenciavam a preocupação em marcar o padrão de excelência e credibilidade dessas escolas e o quanto primavam pelo esmero e cuidado com a educação das meninas, fator importante diante da grande preocupação da sociedade com uma possível subversão de valores, o que, segundo Maria Luiza Ugarte Pinheiro, teria levado muitas famílias da elite local a “confiar a instrução de suas filhas a preceptores ou a professores particulares que as ensinavam na própria casa, resguardando-as de um maior convívio social, tido por perigoso e, portanto, indesejado”.<sup>207</sup>

---

<sup>205</sup> Como pré-requisito para atuação no magistério, exigia-se honestidade e conduta impecável, como destacou Guacira Lopes, ao regulamentarem a primeira lei de instrução pública, o ensino das “pedagogias”, único nível a que as meninas teriam acesso: “[...] seriam nomeadas mestras dos estabelecimentos aquelas senhoras que por sua honestidade, prudência e conhecimentos se mostrarem dignas de tal ensino, compreendendo também o coser e bordar [...]”. LOPES, Guacira. *História das Mulheres no Brasil*. Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi Pinsky (coordenadora de textos) 10 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011. p. 444.

<sup>206</sup> No ano de 1900, o Governo de Silverio José Nery regulamentou que as meninas órfãs indígenas abandonadas atendidas pelo Instituto Benjamim Constant, após o curso de seis anos na Escola Normal vinculada ao Instituto, teriam direito de ingresso ao magistério primário por meio de concurso. COSTA, Heloisa Lara Campos da. *As mulheres e o poder na Amazônia*.

<sup>207</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte. Letramento e Periodismo no Amazonas (1880-1920)*. p. 282.



*Jornal do Commercio. Manáos, 28 de outubro de 1904.*

O interesse pela educação francesa também é flagrante na oferta de cursos de diferentes idiomas e de professoras e professores particulares de língua estrangeira. Além dos colégios exclusivos para meninas, onde elas teriam acesso à leitura, a noções básicas de matemática e a prendas domésticas, também deveriam aprender piano e uma segunda língua, geralmente o francês.

De acordo com o pensamento de Needell, a importação da cultura francesa para o Brasil foi influenciada pelas elites da região Sudeste, que em geral “se ressentiam das restrições tradicionalmente impostas aos negócios, à indústria e à mobilidade social por uma ordem política conservadora e de mentalidade agrária”<sup>208</sup>. Ainda de acordo com o autor, esses grupos desejavam mudanças e, ainda que a concepção de “novo Brasil” sofresse variações entre os proponentes, “apresentava um denominador comum: a reformulação do país, conforme os modelos políticos apresentados pelos republicanos norte-americanos e franceses”<sup>209</sup>.

A partir dessa perspectiva, entendemos que as mudanças empreendidas em diversas capitais brasileiras, no período conhecido como “*Belle Époque*”, iam além das reformas urbanísticas, visando a transformações políticas, culturais e comportamentais. Como afirma Sevcenko:

Navios europeus, principalmente franceses, não traziam apenas os figurinos, o mobiliário e as roupas, mas também as notícias sobre as peças e livros mais em voga, as escolas filosóficas predominantes, o comportamento, o lazer, as

<sup>208</sup> NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura no Rio de Janeiro na virada do século*. p. 23-27.

<sup>209</sup> Idem.

estéticas e até as doenças, tudo enfim que fosse consumível por uma sociedade altamente urbanizada e sedenta de modelos de prestígio.<sup>210</sup>

Através dessa lógica, é possível entender a importância que a cultura francesa adquiriu para o período. A frequência com que se ouviam ou liam palavras em francês nas fachadas dos estabelecimentos espalhados pela cidade, nos anúncios de produtos através dos jornais e das revistas, nos ajudam a entender a procura pelo ensino da língua, e também a oferta desse serviço, principalmente por meio dos classificados nos jornais:

Professora de francez- Oferece-se uma muito habilitada – Leciona também outras matérias. Carta, por favor, na Caixa do Correio n. 372 sob as iniciais C.J.<sup>211</sup>

Professora Estrangeira  
Lecciona inglês, francês, alemão e pintura a óleo.  
Rua Monsenhor Coutinho, 79  
*Miss Kate*<sup>212</sup>

A demanda por um segundo idioma também fez surgirem escolas especializadas, com professores nativos e técnicas que prometiam um rápido aprendizado:

Inglez e Frances  
Para aprender a falar, ler e escrever estas línguas em pouco tempo por professores e professoras de cada nacionalidade, no Instituto anglo-francez de línguas vivas – 58 Rua Henrique Martins<sup>213</sup>

A exemplo do magistério, que era considerado o trabalho mais indicado à mulher, outras profissionais com maior especialização também encontravam nos jornais um espaço para oferecer seus serviços. Comparando os dados obtidos por meio dos jornais com a bibliografia que trabalha o período, podemos constatar o pioneirismo de mulheres estrangeiras em algumas profissões na cidade.

Em 1911, a Escola Universitária criou o curso de Obstetrícia, que tinha o objetivo de profissionalizar a prática de parteira, dotando-a de instrução e preparo científico. O fato de o curso não ter sido bem recebido, segundo a direção da Universidade, se deu como reflexo do preconceito de parte da sociedade em relação a

---

<sup>210</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 37.

<sup>211</sup> *Jornal do Commercio*. Manaus, 2 de dezembro de 1904. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>212</sup> *Jornal do Commercio*. Manaus, 5 de setembro de 1913. Disponível: [hemerotecadigital.bn.br](http://hemerotecadigital.bn.br)

<sup>213</sup> *Correio do Norte*. Manaus, 3 de Janeiro de 1911. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

algumas profissões<sup>214</sup>. Assim, a primeira aluna do curso de Obstetrícia foi matriculada somente em 1912, diplomando-se em 1913, quando já havia na cidade estrangeiras de diferentes nacionalidades atuando como enfermeiras e parteiras diplomadas desde 1904, como podemos verificar através dos jornais que circulavam naquele período.<sup>215</sup>

Senhora portuguesa com pratica de enfermagem, e fazendo parte da Associação da Cruz Vermelha, oferece os seus serviços a ilustre classe médica para tratar de senhora.<sup>216</sup>

Parteira diplomada Mme Mercedes de Jiron mudou sua residência para rua Joaquim Sarmiento nº18 onde poderá ser encontrada.<sup>217</sup>

M'ss Eleonor Griffith enfermeira e assistente de partos, com prática de hospitais. Avenida Silveira Nery, n183.<sup>218</sup>

Parteira Diplomada  
Mme. Marie Ferrier  
Parteira francesa, diplomada pela faculdade de medicina de Marselha.<sup>219</sup>

Nos anúncios dos classificados, as referências como as que vimos acima, “parteira diplomada”, além da experiência de atuação em hospitais ou na Cruz Vermelha, eram atributos positivos que agregavam valor a essas profissionais, certamente características muito importantes para a obtenção da clientela e a criação de uma imagem de eficiência profissional.

O desenvolvimento econômico a partir da exportação da borracha no final do século XIX foi determinante para mudanças na produção e na organização do trabalho feminino na cidade Manaus, no entanto, percebemos que, além da divisão laboral definida a partir dos sexos feminino e masculino, o espaço de atuação das mulheres no mundo do trabalho foi definido também por questões étnicas e sociais. Como vimos, entre as trabalhadoras imigrantes que se estabeleceram em Manaus há exemplos do pioneirismo de mulheres que se destacaram como empreendedoras à frente de estabelecimentos, ou atuando em profissões mais especializadas e que exigiam maior

---

<sup>214</sup> CAMPOS, Luciane Maria Dantas de. *Educar para emancipar: a instrução feminina em Manaus (1890-1940)*, Fronteiras do Tempo: Revista de Estudos Amazônicos, v. 1, nº 2 – Dezembro de 2011, p. 43-60.

<sup>215</sup> De acordo com Heloisa Lara da Costa, a Universidade Livre de Manaus, criada em 1909, teve em sua primeira turma no ano de 1912, três alunas que se formaram em farmácia, e duas em odontologia. Em 1917 elas ingressaram na área da obstetrícia e 1921, as primeiras mulheres ingressaram em cursos de nível superior em áreas até então de atuação masculina, como a área jurídica.

<sup>216</sup> *Alma Portuguesa*. Manaus, 6 de maio de 1915. Laboratório de História da Imprensa no Amazonas

<sup>217</sup> *Jornal do Commercio*. Manaus, 10 de janeiro 1905. Idem

<sup>218</sup> *Jornal do Commercio*. Manaus, 11 de agosto de 1908. Laboratório de História da Imprensa no Amazonas

<sup>219</sup> *Jornal do Commercio*. Manaus, 29 de setembro de 1904. [hemerotecadigital.bn.br](http://hemerotecadigital.bn.br)

grau de instrução, referências essas que provavelmente têm origem nos setores de nível social mais elevado. No entanto, as mulheres do povo foram as que tiveram maior acesso ao espaço público pelas vias do trabalho, uma “liberdade” forjada pela necessidade de sustento próprio e da família. Inseridas em profissões consideradas “menores”, muitas vezes estigmatizadas, como observa Margareth Rago, eram consideradas irresponsáveis, incapazes, ignorantes e “mais irracionais que as mulheres das camadas médias e altas, as quais, por sua vez, eram consideradas menos racionais que os homens”<sup>220</sup>.

Embora as trabalhadoras populares tivessem o acesso à esfera pública favorecido pela necessidade de ir e vir pela cidade, às voltas com as mais diversas atividades, a exposição nesses espaços as colocava sob a vigilância não apenas dos pais ou maridos, mas também das instituições que regulavam o movimento disciplinador para a normatização das condutas individuais e coletivas. Nas páginas policiais são muitos os exemplos que relatam brigas e desordem de lavadeiras ou vendedoras ambulantes, as quais disputavam o espaço de trabalho ou a clientela, como no exemplo a seguir que retrata duas turcas, que na disputa pela freguesia acabam se agredindo – a briga terminou com a intervenção da polícia, levando as duas ao “xadrez”.

#### Duas raposas enfesadas

As turcas Philomena Josepha e Mantura José são estabelecidas com casas de miudezas nas cercanias do mercado público.

Philomena julgando-se lesada com a actividade da patrícia, que lhe vinha tomando, brandamente, a freguesia, procurou cortar o mal pela raiz. Mas serviu-se para isso, de um péssimo expediente, em ameaçando de quebrar á martello a cara a cara da outra como se fosse ouriço de castanha.

Mantura não estando pelos autos sapecou um cocorote na cabeça de sua patrícia, que reagiu na altura do ataque, havendo então um salseiro de todos os diabos.

A comedia terminou com a intervenção de um policial que levou as duas para o xadrez.<sup>221</sup>

Em outra nota, é possível perceber a maneira desrespeitosa e pejorativa com a qual essas mulheres eram retratadas pela imprensa. No evento, a lavadeira tratada como “Maria de tal” é levada à delegacia por cometer ato de injúria.

É questão de roupa suja, ou de roupa lavada [...] Isto é, trata-se de uma lavadeira, a Maria de tal, que apesar de andar às voltas com água e sabão, não dispõe do tempo necessário para o ensaboamento da língua. Dahi, ter uma dita que, quando vibra, é sempre num diapasão desafinado e injurioso. Dela

---

<sup>220</sup> RAGO, Margareth. Trabalho feminino e Sexualidade. In: História das Mulheres no Brasil. p. 589.

<sup>221</sup> *Jornal do Commercio*. Manaus, 5 de março de 1920. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

foi ontem, vítima, uma creadinha de sua fregueza Maria E. Santos. A creada fora buscar roupa, mas saiu, de volta, com o peso das injuriosas palavras da Maria. E o caso chegou até a 2ª delegacia de polícia.<sup>222</sup>

A rua era um espaço importante na vida das mulheres populares. Ali elas circulavam livremente, encontravam outras mulheres, negociavam com clientes e estabeleciam diferentes formas de comunicação e ajuda. Logo, o seu comportamento não se enquadrava nos padrões de recato e fragilidade, estabelecidos e idealizados para as mulheres do período; muitas não eram casadas formalmente e sua intensa participação no mundo do trabalho, principalmente o trabalho informal, as colocava em situações de brigas e escândalos, o que justifica a premissa de Michelle Perrot de que “os arquivos policiais e judiciários são os mais ricos no que concerne às mulheres”<sup>223</sup>, isso porque elas eram constantemente interpeladas pela polícia, que agia pela manutenção da “ordem” pública e da moral<sup>224</sup>. Tais ações também tinham o claro objetivo de afastar a população mais pobre de espaços que deveriam ser destinados à elite.

## 2.2. Prostituição na *Belle Époque* Manauara

Conforme observamos, a cidade de Manaus do período estudado foi um espaço de muitas contradições. O momento de transformações pelo qual a cidade passava no final do século XIX, com a consolidação da ordem burguesa, seguiu o lema da modernização e da higienização, fundamentais no processo de civilização, tal qual ocorrido em outras capitais, em que se queriam metrópoles modernas.<sup>225</sup>

O aumento populacional registrado no final do século XIX contava com uma gama diversificada de indivíduos; de importantes investidores e trabalhadores de diferentes segmentos a aventureiros e desempregados, estes últimos constituíam uma verdadeira ameaça à harmonia e civilização da cidade, pois estavam associados à vadiagem, roubo, prostituição, jogo, mendicância, falta de higiene e disseminação de doenças.

---

<sup>222</sup> *Jornal do Comércio*. Manaus, 8 de maio de 1912. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>223</sup> PERROT, Michele. As mulheres ou os silêncios da história. p. 464.

<sup>224</sup> Idem.

<sup>225</sup> SOIETH, Rachel. Mulheres Pobres e Violência no Brasil Urbano. In: *História das Mulheres no Brasil*. Org. Mary Del Priore, Coord. De textos. Carla Bassanezi Pinsky. 10 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011. p. 262.

Com base nos pressupostos de organização do espaço urbano idealizado pela classe dominante, foram desenvolvidas políticas de contenção e exclusão de parte da população. Tais medidas significaram na prática a estratificação social segundo a configuração de classe, além da imposição de padrões específicos de habitação, o que resultou no afastamento da população mais pobre para os bairros mais afastados e desassistidos pelo poder público. A preocupação em criar um espaço urbano moderno, salubre e higiênico esbarrou em problemas oriundos do próprio processo de transformação empreendido na cidade.

Conforme observou Josali do Amaral<sup>226</sup>, o aumento populacional, causado pelas migrações, somado aos serviços de má qualidade prestados à população mais pobre, e ainda, a falta de infraestrutura à qual estavam submetidos esses indivíduos contribuíram em grande medida para o surgimento de epidemias, como varíola, “febres catarrais”, além do registro de um surto de peste bubônica na cidade. As autoridades locais trataram a questão da saúde com base no princípio de exclusão adotado a todos os que eram considerados uma ameaça ao sistema, o que resultou no isolamento de leprosos, variolosos e tuberculosos em locais distantes do espaço citadino.

Segundo aferiu Josali do Amaral, “entre o aformoseamento e a assistência, a imagem era mais significativa para o capital que a profilaxia propriamente dita”<sup>227</sup>. Essa questão revela toda a contradição do projeto modernizador, ao passo em que os recursos empreendidos privilegiavam a modernização e a estética do aparelho urbano em detrimento de investimentos em setores essenciais para o bem-estar social, como educação, saúde e saneamento, o que afetou diretamente a população mais pobre da cidade. Nesse quesito, as políticas de repressão e confinamento eram uma forma de tentar impor um sistema de valores, crenças e práticas como qualidade essencial para adentrar esse “novo espaço” idealizado pela elite manauara.

Nesse sentido, os códigos de posturas escritos na época impuseram uma série de restrições ao ser e agir sob pena de multa e prisão, sendo o principal objetivo conter a vadiagem, a jogatina e a prostituição, que aumentou significativamente no período da *Belle Époque*<sup>228</sup>. Como afirma Ana Maria Daou,

Foi por meio de códigos de posturas que o poder público passou a criar normas visando a estabelecer os padrões urbanísticos, bem como os

---

<sup>226</sup> AMARAL, Josali do. *Ritmos e dissonâncias: Controle e disciplinarização dos desvalidos e indigentes nas políticas públicas do Amazonas, (1852-1915)*. Dissertação de Mestrado. UFAM, 2011.

<sup>227</sup> Idem. p. 176.

<sup>228</sup> DIAS, Edineia Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto – Manaus 1890-1920*. p. 122-123.

procedimentos para convivência dos habitantes. O Código Municipal de Manaus de 1893 fornece as indicações de uma cidade pensada como “moderna”. Ele não é apenas um instrumento de ação sobre o espaço; é também um artifício para a consecução de uma nova sociedade. Por um lado, restringia posturas e hábitos indesejáveis; por outro estimulava atitudes mais apropriadas a uma “cidade sonhada” e adequada ao “progresso” e a ordem pretendidos.<sup>229</sup>

Apesar de não obtermos números oficiais, trabalhos produzidos durante o período, como os de Hermenegildo Campos<sup>230</sup> e Samuel Uchôa<sup>231</sup>, atestam para o aumento da prostituição em Manaus. Inseridas nesse contexto, mulheres jovens e maduras, iniciantes ou experientes, brasileiras ou estrangeiras, atuando na profissão por opção ou falta de opção, ajudaram a “engrossar o caldo” de identidades que compunham a sociedade local. O crescimento do meretrício foi significativo ao ponto de autoridades enviarem mulheres para tentar suprir a escassez feminina nos seringais, como no exemplo do episódio contado por Alfredo Lustrosa Cabral:

[...] certa ocasião, a polícia de Manaus, de ordem do Governador do Estado, fez requisição nos hotéis e cabarés dali de umas cento e cinquenta rameiras. Com tão estranha carga, encheu-se um navio cuja missão foi a de soltar, de distribuir as mulheres em Cruzeiro do Sul, no Alto Juruá. Houve, dessarte, um dia de festa- a de maior pompa, que se tinha visto. Amigaram-se todas, não faltou pretendente.<sup>232</sup>

O aumento da prostituição também pode ser percebido através dos jornais, que desempenharam a função de repercutir a preocupação de parte da sociedade, denunciando e cobrando providências das autoridades.

Veze repetidas temo-nos ocupado nestas colunas do assumpto prostituição em Manaus, não de todo sem resultado, devemos reconhecer. Temos reclamado contra a forma por que a prostituição publica se acha estabelecida, entre nós invadindo todos os bairros, todas as ruas exibindo-se nas praças, por uma forma revoltante quase pornográfica.<sup>233</sup>

---

<sup>229</sup> DAOU, Ana Maria. *A belle époque amazônica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. (Coleção Descobrimdo o Brasil). p. 35.

<sup>230</sup> CAMPOS, Hermenegildo Lopes de. *Climatologia médica do Estado do Amazonas*. 2. ed. Manaus: Associação Comercial do Amazonas, 1988.

<sup>231</sup> UCHÔA, Samuel. *Dois Anos de Saneamento*, 1923. Manaus: Livraria Clássica.

<sup>232</sup> Além de regatar a fala de Alfredo Lustosa, Cristina Scheibe faz diversas referências sobre as tentativas de resolver a escassez de mulheres nos seringais. Segundo informações obtidas em suas pesquisas, muitas mulheres eram retiradas de Manaus e enviadas à força para os seringais, outras eram encomendadas às casas aviadoras, ou até mesmo às autoridades públicas. WOLFF, Cristina Scheibe. *Mulheres da Floresta: uma história: Alto Juruá, Acre (1890-1945)* São Paulo: Hucitec, 1999. p. 86.

<sup>233</sup> *Jornal do Commercio*. Manaus, 11 de março de 1904. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

Alguns segmentos da sociedade propagavam a figura da prostituta como o mal encarnado, o que resultou numa imagem associada à disseminação de patologias físicas e morais que o comércio da prática sexual poderia favorecer. Por essas e outras razões, o cotidiano da prostituição entrava em conflito com o tradicional modelo de sociedade patriarcal, onde o papel desempenhado pela mulher deveria ser de recato, submissão e procriação.

[...] caterva absurda de prostitutas de todos os padrões que infestam a urbs, pervertendo temperamentos novos e são afrontando e maculando com a podridão dos alcouces baratos, da vida sem escrúpulo desregrado, toda uma sociedade, todo um punhado de moços bons e comedidos [...] <sup>234</sup>

Dessa forma, princípios morais e teorias científicas justificaram a delimitação de espaços públicos específicos; uns destinados à mulher honesta, protegida, respeitada e exaltada pela sociedade; outros à prostituta, circunscrita no submundo, marginalizada e perseguida. Além de afronta à moral e aos bons costumes, a prática da prostituição representava um verdadeiro “perigo” à ordem social vigente, onde o lugar social da mulher não deveria ultrapassar os limites do âmbito privado. Para Margareth Rago, esse é um “fenômeno tipicamente urbano”, “o lado negativo do progresso”:

[...] o crescimento da prostituição passava a ser vivenciado como problema público - o lado negativo do progresso -, e era transformado em poderoso *fantasma de* contenção às mulheres que pressionavam para ingressar na esfera da vida pública. Os tempos tinham efetivamente mudado. Não parecia fácil aceitar a convivência feminina em espaços tidos como essencialmente masculinos [...] Nesse contexto, a prostituta foi recoberta com múltiplas imagens que lhe atribuíram características de independência, liberdade e poder: *figura da modernidade*, passava a ser associada à extrema liberalização dos costumes nas sociedades civilizadas, à desconexão com os vínculos sociais tradicionais e à multiplicidade de novas práticas sexuais [...] <sup>235</sup>

As novas demandas por lazer e cultura também constituíram um fator de contribuição ao crescimento da prostituição. A cidade passou a ter uma vida noturna e a oferecer uma sorte de opções que atendia a todo o público independente da classe social: mesas de bilhar, bares, botequins, salões, cafés, teatros, entre outros espaços de entretenimento, direcionados ao público masculino. Nesse sentido, apesar da preocupação expressa nos jornais e nas ações de coerção por parte das autoridades

---

<sup>234</sup> A *Escova. Manaus*, 07 de setembro de 1913. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>235</sup> RAGO, Margareth. Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). p. 41.

locais, a prática da prostituição caracterizou-se como um elemento adicional da modernidade almejada. Dentro do processo de civilização e europeização pelo qual a cidade passava, frequentar os cabarés, cassinos e cafés de luxo, onde, principalmente, as prostitutas estrangeiras atuavam, era sinônimo de poder entre as classes mais abastadas. A clientela seleta era composta por políticos, grandes comerciantes, seringalistas e os demais endinheirados da sociedade da borracha; os mesmos que defendiam o tradicionalismo da cultura regional, pregando a reclusão e a submissão feminina, desfrutavam de prazeres “da carne” ao lado de jovens mulheres estrangeiras, o que lhes conferia *status* e poder.<sup>236</sup>

Conforme destacou Maria Luiza Ugarte Pinheiro, a prostituição, assim como os jogos e o consumo de álcool compunham as raras opções de lazer dos estivadores e demais trabalhadores do porto; a proximidade entre a área portuária e as principais ruas de atuação do meretrício favorecia o envolvimento constante entre essas categorias de trabalhadores, o que resultava muitas vezes em desentendimentos, brigas e agressões físicas sofridas de ambas as partes<sup>237</sup>. Apesar de os jornais criticarem de forma mais efetiva a prostituição ligada ao baixo meretrício, praticada nas ruas e “zonas estragadas”, e muitas vezes fazer “vista grossa” aos cabarés e estabelecimentos de luxo, frequentados pelos homens da elite, alguns jornais não deixaram de protestar e “denunciar” contra a “corrupção” e o “desvirtuamento” que o meretrício espalhava tanto nos “haréns” quanto nos prostíbulos.

Já é tempo, todavia, de penetrarmos no regimen de moral fazendo eliminar inteiramente corrupção sem limites onde o desvirtuamento é sol de gloria, em todas as camadas, porque os prostibulos e os harens deparan-se-nos ahí a cada passo, fascinantes, luminosos, atraindo irresistivelmente o transeunte ordeiro e pacato que bem intencionado anda á procura, talvez do recurso que assegure subsistência vital, mantida a boa conduta.<sup>238</sup>

Com a importação do modelo de cabaré francês incrementado pelas francesas e polacas, houve, não apenas em Manaus, mas também em outros centros urbanos, a constituição de espaços de lazer e de cultura como demarcadores sociais, caracterizando

---

<sup>236</sup>PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte*. Letramento e periodismo no Amazonas, 1880-1920. Op. cit., p. 278,283.

<sup>237</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte, *A cidade sobre os ombros*. Trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925). Pg.72,73.

<sup>238</sup> *A Escova*. *Manaus*, 7 de setembro de 1913. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

e legitimando questões de poder e de pertencimento em ambientes ideais para o divertimento dos homens abastados da cidade.<sup>239</sup>

Com os cabarés de luxo e a presença de prostitutas de diversas nacionalidades, formou-se uma hierarquia entre o alto e baixo meretrício. No primeiro, incrementado pelas estrangeiras, destacavam-se as francesas e as polacas que atendiam a um público “seleto”. A francesa indiscutivelmente era a figura mais cobiçada, trazia em si a representação máxima do charme e da sedução, era reconhecida pela capacidade de agir de acordo com os padrões de civilidade, cultura e requinte, requisitos que iam ao encontro dos anseios dos homens de elite da sociedade manauara. Nesse sentido, como observou Margareth Rago, elas exerciam uma função “civilizadora”, sobretudo ao introduzirem os jovens nas artes do amor e ao ensinarem códigos mais modernos de civilidades aos rudes fazendeiros e demais provincianos.<sup>240</sup>

Algumas fontes apontam para a atuação de prostitutas bastante jovens, como nos exemplos que destacam as judias ou “polacas”: “Na rua dos Andradas, quase ao chegar ao Grupo Complementar há umas judiazinhas turcas que lá vão vivendo de seu tqué-tqué [...]”<sup>241</sup>. Em outro exemplo, Edineia Mascarenhas destaca a fala de Galvez, Imperador do Acre, ao afirmar que em Manaus havia “três ruas alegres com pensões de serviço francês, começando o expediente às quatro da tarde, podendo um encontro com uma polaca de 13 anos custar setenta libras”<sup>242</sup>.

Outra questão que permeava a prática da prostituição estava relacionada ao tráfico de mulheres. O jornal *Correio do Norte* de 1911, traz uma matéria com a seguinte chamada: “O TRAFICO da CARNE BRANCA [...] o tráfico de carne branca posto em prática todos os dias numa época que se diz progressiva patenteia perfeitamente o recuo que vae sofrendo a humanidade hodierna”<sup>243</sup>. A matéria faz apontamentos acerca da exploração sofrida pelas mulheres, e o perigo que o tráfico e a prostituição representam para a família, a moral e o progresso da sociedade.

Conforme observou Magali Engel, para a cidade do Rio de Janeiro, a crescente participação feminina nos espaços públicos de divertimento e trabalho, “obrigou” a

---

<sup>239</sup> MENEZES, Lená Medeiros de. *Os Indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930)*. p. 158.

<sup>240</sup> RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. p. 49.

<sup>241</sup> *A Escova. Manaus*, 7 de Julho de 1913. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>242</sup> DIAS, Edineia Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto – Manaus 1890-1920*. p. 135.

<sup>243</sup> *CORREIO do Norte*, Manaus, 4 de julho de 1911. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

“mulher honesta” a dividir espaços comuns com as meretrizes, o que se deu tanto na vida noturna, por ocasião dos teatros e de outras opções de lazer onde circulavam as prostitutas do alto meretrício, quanto nas ruas, principal espaço de atuação do baixo meretrício, o que colocou em risco os valores da família e a moral da mulher enquanto mãe e esposa, justificando, assim, as ações de intervenção policial.<sup>244</sup>

O tráfico de mulheres tem sido um tema pouco estudado na Amazônia, no entanto, a questão merece uma abordagem que possa dar pistas acerca da participação de estrangeiras no meretrício da região. A autora Beatriz Kushnir, em estudo sobre o tráfico de judias, aponta a Argentina, especialmente a cidade de Buenos Aires, como maior centro mundial de comércio da prostituição entre os anos de 1880 a 1930 – a partir desse centro as mulheres eram encaminhadas para diversos destinos<sup>245</sup>.

O primeiro grupo teria chegado ao Brasil em meados do século XIX, até a década de 40 do século XX, e seria formado por mulheres e homens na maioria vindos da Europa Oriental, que se deslocavam para as principais cidades das Américas e da Ásia que não tivessem leis restritivas quanto à imigração e que ao mesmo tempo contassem com uma variedade de atividades vinculadas a prostituição. As motivações para o ingresso no mundo do meretrício são muitas: miséria, falta de qualificação profissional, violência, entre outras; no caso das judias somam-se ainda o antissemitismo e guerras que causaram grande desestabilização social.<sup>246</sup>

Segundo Margaret Rago, o tráfico de mulheres atingiu muitos países europeus, entre os quais: Polônia, Rússia, Áustria, Hungria e Romênia, com destaque, no início do século XX, para França, Espanha, Rússia, Itália, Portugal. A autora chama ainda a atenção para a impossibilidade de estimar a quantidade de prostitutas traficadas, da mesma forma, a impossibilidade de estabelecer quantas vieram enganadas com falsas promessas de trabalho ou casamento, e quantas vieram por vontade própria.

[...] o mais importante a ressaltar é que a grande maioria das escravas brancas participava desse meio, conhecia suas regras e desejava “fazer a América” como prostituta nos principais mercados do prazer. Apesar de todas as fantasias que cercam as histórias do tráfico, muito poucas vinha iludidas ou forçadas [...]<sup>247</sup>

---

<sup>244</sup> MENEZES, Lená Medeiros de. Os estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio (1890-1930): Rio de Janeiro: Arquivo Nacional 1992. p. 25-26.

<sup>245</sup> KUSHNIR, Beatriz. Baile de máscaras: mulheres judias e prostituição: as Polacas e suas associações de Ajuda Mútua – Rio de Janeiro: Imago ed.,1996. p. 57.

<sup>246</sup> Idem. p. 64, 69.

<sup>247</sup> RAGO, Margareth. Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). p. 290.

Por outro lado, Lená Medeiros de Menezes, ao analisar os processos de expulsão de estrangeiros do Rio de Janeiro, observou uma série de denúncias de mulheres que chegaram enganadas, pois muitas delas casavam-se na esperança de uma vida melhor e posteriormente eram obrigadas a se prostituir. Seguindo a rota do tráfico internacional, elas chegavam ao Brasil, onde continuavam exercendo o meretrício na maioria das vezes até a morte, já que a vida pregressa representava um impedimento para um caminho de volta. A análise de Menezes revela a existência de um processo organizado que envolvia desde o rapto e desvirginamento das mulheres, a práticas de suborno, falsificação de documentos, como certificados de exercício de profissão, casamentos arranjados para esse fim e falsos acompanhantes para despistar as autoridades.<sup>248</sup>

As notícias que circulavam nos jornais de Manaus também davam conta de práticas enganosas contra as vítimas do tráfico.

No momento em que desembarcavam em Paris, com destino ao Brasil, foram capturados dois indivíduos, acusados de exercerem o tráfico de mulheres brancas, os quais levavam em seu poder uma gentil mocinha filha de família respeitabilíssima. Essa, ao ter conhecimento da sorte desgraçada que a aguardava, tentou suicidar-se.<sup>249</sup>

Em outra ocasião o *Jornal do Commercio* trazia na coluna *Ecos da Guerra* notícias sobre ações que visavam coibir o tráfico de mulheres judias, e que ao mesmo nos confirmam que a miséria e a prostituição eram elementos inter-relacionados.

Telegrapham de Chicago dizendo que Madame Paderewsky, esposa do celebre pianista polaco, deste nome, concebeu um plano para socorrer as jovens polacas cujos noivos ou maridos tenham morrido na guerra a fim de evitar que ellas caíssem nas garras de caftens, que as levam preferencialmente para a América do Sul.<sup>250</sup>

De acordo com Beatriz Kushnir, as primeiras polacas que chegaram ao Brasil em 1867 desembarcaram no Rio de Janeiro e encaminharam-se ao baixo meretrício, ao contrário das francesas que atendiam a elite da cidade. Segundo a autora, na concepção da elite que buscava uma identificação com o mundo europeu, “dormir com uma francesa era como dormir com a própria França e ainda se sentir o mais legítimo dos franceses”.

---

<sup>248</sup> MENEZES, Lená Medeiros de. Os estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio (1890-1930). p. 38-40.

<sup>249</sup> *Jornal do Commercio*. Manaus, 5 de setembro de 1913. Disponível: [hemerotecadigital.bn.br](http://hemerotecadigital.bn.br)

<sup>250</sup> *Jornal do Commercio*. Manaus, 16 de novembro de 1916. Disponível: [hemerotecadigital.bn.br](http://hemerotecadigital.bn.br)

[...] tanto as francesas quanto as polacas eram exóticas, e no entanto, sua classificação era óbvia para o carioca- a questão não era o sexo com mulheres brancas, nem tampouco com alguém exótico ao mundo português, mas, sim, com mulheres que tinham cachet francês. As polacas eram mercadorias destinadas aos setores mais pobres da classe média e aos marinheiros; as francesas eram mercadorias de elite.<sup>251</sup>

A busca por identificação com o mundo europeu também foi fator de atração para os homens da região, em Manaus, assim como em outras cidades, havia a preferência pelas francesas em detrimento das polacas, porém a distinção entre uma ou outra muitas vezes passou despercebida, pois, como observa Samuel Benchimol<sup>252</sup>, muitas judias polacas se fizeram passar por francesas para atrair a clientela no período da *Belle Époque*. De acordo com Tomas Orum, que estudou a prostituição em Manaus e Belém no final do século XIX, o fascínio por estrangeiras de “sotaque estranho e pele alva” residia principalmente na diferença que estabeleciam com as mulheres locais, caboclas ou mestiças de pele bronzeada<sup>253</sup>.

O baixo meretrício era composto por uma diversidade de mulheres de todas as idades e origens. Diferente das *cocotes* francesas e das polacas, que exerciam a profissão em grandes cabarés como o Hotel Cassina, elas atuavam em “estabelecimentos” considerados de terceira categoria, como, por exemplo, a “Pensão da Mulata” e o “El Dorado”, e ruas como Itamaracá, Estrada Epaminondas e Frei dos Inocentes, entre outros locais, frequentados por trabalhadores ambulantes, estivadores, carroceiros, mendigos, entre outros. Nessas áreas, muitas delas, consideradas degeneradas e perigosas, a prática do meretrício ocorria em paralelo com outros espaços de lazer como botequins, bares, quiosques, destinados à população de baixa renda, tornando-se uma alternativa aos trabalhadores pobres da cidade.<sup>254</sup>

Esta no espirito de todos esta verdade: nas casas de tolerância enxameiam a cidade de Manaós, com uma exhibição criminosa, em que se consagra a imoralidade em triumpho. Ninguem que tenha família, aluga uma casa mundia, sem averiguar primeiro se a vizinhança não é um ninho de toleradas, e muitas vezes perde a excelente casa por essa razão. E que não se pode, absolutamente, na maioria das ruas de Manaós, uma família, meninas, chegarem á janela, que não tenham de recuar ante o espetáculo escandaloso, ás vezes abjecto, que se lhes depara de frente.

---

<sup>251</sup> NEEDLE, Jeffrey D. *Belle Époque tropical*. Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. p. 203.

<sup>252</sup> BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia. Formação Social e Cultural*. p. 311.

<sup>253</sup> ORUM, Thomas T. *As Mulheres das Portas Abertas: judias no submundo da Belle Époque amazônica, 1890- 1920*. Revista Estudos Amazônicos. vol. VII, n. 1 (2012), pp. 1-23. Tradução: Benedito Carlos Costa Barbosa, Marylia Lima Nina de Azevedo e Maurício Costa.

<sup>254</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A Cidade Sobre os Ombros: Trabalho e Conflito no Porto de Manaus (1899 – 1925)*. p. 71-72.

A essas infelizes que fazem da prostituição modo de vida, nem é penosa a sua situação; vivem vida folgada, dão-se rendez-vous às portas das casas, daí chamam os transeuntes, com estes gracejam licenciosamente, dão reuniões e bailes immoraes, á vista do publico, e pouco se estão importando com a moralidade e com as famílias.

A's portas das casas e das janelas devassadas, questionam umas com as outras, numa linguagem indecente, brigam, fazem gestos obscenos, e ninguém lhes vae á mão!...

Francamente, este estados de cousas não pode continuar, careço dum paradeiro, exige-o a moral publica, exige-o bom nome da família amazonense.<sup>255</sup>

Várias notas trazem exemplos com relatos de confusões, brigas, reclamações e ocorrências policiais, relacionando as prostitutas do baixo meretrício aos endereços citados. Exemplos que ilustram o agitado e conflituoso contexto das principais áreas de atuação dessas mulheres, como o fato ocorrido na Estrada Epaminondas destacado pelo *Jornal do Commercio*: “*Marafonas que brigam*”

Foi um sarceiro de todos os diabos. A estrada Epaminondas, naquele trecho, onde tem a sua tenda de habitação as polacas Sarah Esphin e Jenny Frere, ficou apinhada de povo. As duas davam ali um espectáculo escandaloso. Unhavam-se, descompunham-se a grande, usando de um vocabulário de fazer corar um frade... de pedra. As bolachas estalavam nas fustas uma da outra. Os espectadores apreciavam aquilo como se fosse um bello regabofe. E por que esse sarilho? Porque disputavam a posse de cadeiras, mesas e outros badulaques de cuja propriedade ambas se julgavam senhoras. Afinal, estando as duas marafonas com as bitaculas avariadas, a policia apareceu a leva-las ao posto da Rua Dez de julho.<sup>256</sup>

A prostituição era um dos principais alvos das políticas urbanas, ressaltando que a perseguição acontecia principalmente no baixo meretrício, praticado por mulheres pobres, já que os bordéis de luxo eram frequentados por autoridades e membros da elite<sup>257</sup>. Nesse contexto, além da constante vigilância e repressão, as mulheres estavam sujeitas a todas as formas de violência chegando inclusive a casos extremos como o *Assassinato da polaca Balbina Wilkener*, noticiado pelo *Jornal do Commercio* em Maio de 1915<sup>258</sup>. Mais comum, no entanto, eram as referências que destacavam atos de desordem, brigas e afrontas à moral.

Polaca Chinfrineira

Rosa Levy, meretriz e polaca, ninguém sabe porque, abriu a estalagem hontem em cima do cidadão Ricardo Colli. E toda a gamma rubra dos

---

<sup>255</sup> *Jornal do Commercio*. Manaus, 11 de março de 1904. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>256</sup> *Jornal do Commercio*. Manaus, 3 de novembro de 1914.

<sup>257</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A Cidade Sobre os Ombros: Trabalho e Conflito no Porto de Manaus (1899 – 1925)*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas. p. 72.

<sup>258</sup> *Jornal do Commercio*. Manaus, 27 de maio de 1915.

insultos que ella sabe atirou sobre a sua victima, articulando-os em vernáculo e em gutural polaco.  
O atrevimento custo-lhe severa repreensão da autoridade policial e a promessa de que se havia de corrigir.<sup>259</sup>

No exemplo a seguir, percebemos a indignação do denunciante, que cobra uma atitude das autoridades para colocar fim à presença de prostitutas nas ruas movimentadas de Manaus, o que poderia comprometer a imagem da cidade.

Comecemos por apontar as meretrizes que na faina inglória de sua brilhantura acampam impunemente pelas ruas movimentadas de Manaós. Conduzindo criancinhas, que muitas vezes lhes são confiadas por quem melhor zelaria pelo futuro desses pobres entes, pois evitariam, pelo menos, macular-se a inocência, quando não material, mas moralmente. Os poderes competentes devem tomar em linha de conta esse facto altamente deponente de nossos créditos, a vista dos nossos visitantes.<sup>260</sup>

A nota acima é uma pequena mostra da perseguição que as mulheres pobres sofriam. A partir dela podemos fazer algumas observações acerca do incômodo da sociedade com a presença das mulheres, meretrizes ou não, nas ruas movimentadas da cidade. Em primeiro lugar, devemos destacar que nesse período o simples fato de uma mulher andar sozinha pelas ruas da cidade, especialmente nos locais considerados perigosos ou degenerados, poderia caracterizá-la como meretriz, o que não significa necessariamente a realidade. Partindo do princípio de que fossem meretrizes, o fato de estarem acompanhadas de crianças, que poderiam ser seus filhos, pode evidenciar a prostituição como recurso utilizado por muitas mulheres para o sustento dos filhos ou complemento da renda familiar. Não sendo prostitutas, poderiam ser mães que não tendo com quem deixar os filhos pequenos, eram obrigadas a levá-los consigo, ou ainda mulheres atuando como cuidadoras, outra forma de obter renda extra. Em última análise, podemos ter aí um exemplo de solidariedade entre essas mulheres, que se revezavam entre os clientes e os cuidados dos filhos umas das outras.

De acordo com o pensamento de Simmel, a preocupação moral da sociedade em relação à prostituição na verdade não passa de hipocrisia social, ao passo que essa mesma sociedade empurra alguns grupos a assumirem determinados papéis de “sacrifício” em nome do coletivo e em seguida afasta-os, expurga-os do meio social,

---

<sup>259</sup> *Jornal do Commercio*. Manaus, 27 de julho de 1914. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>260</sup> *A Escova*. Manaus, 8 de agosto de 1913. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

fazendo com que esses indivíduos passassem a ser enxergados apenas pelo viés negativo da imoralidade a eles atribuída.

Assim, podemos entender que o objetivo das ações policiais está muito mais ligado a uma intenção de controlar e camuflar a atuação das prostitutas, mantendo-as longe dos olhos e da presença das famílias “de bem” da sociedade, sem, no entanto, erradicá-las, pois, concebida como “mal necessário”, a prostituição exerceria seu papel social, por exemplo, atendendo a satisfação sexual das “pulsões pré-nupciais”, alternativa para a preservação da virgindade das moças<sup>261</sup>. Apesar de não haver o interesse na erradicação, a prostituição foi criminalizada como “ato imoral”, uma ameaça à vida social, o que resultaria numa repressão policial que incidiu principalmente nas “prostitutas públicas”, mulheres de condições sociais inferiores, já que as prostitutas de luxo, em geral, contavam com a proteção de homens poderosos e influentes.<sup>262</sup>

As representações simbólicas formuladas em torno da prostituição criaram imagens de perigo à saúde física e moral que impregnaram o imaginário social de maneira tão arraigada, que acabaram por naturalizar e legitimar práticas de exclusão e segregação do espaço público, conforme o exemplo abaixo nos mostra:

No jardim

Domingo passado no jardim publico a diversão carnavalesca, primou pela sua grande influencia de alta aristocracia.

Senhoritas, d'aquellas de feições alegres que deixam boiar nos seus carminados labios, angelicos risos, como se fossem pétalas das pállidas camélias nadando n'um mar de orvalho; brincavam... brincavam... alegremente dando expansão aos seus gênios juvenis cheios de inocência e candura.

Tão interessantes e bellas víamos as senhoritas de cabellos desgrehados correndo jardim afora, debaixo d'uma chuva de confetti multicores.

E assim passaram-se algumas horas divertidas deixando-nos gratas recordações, as que no jardim vimos brincar.

Um delírio imenso dominou o jardim publico n'aquelle dia correndo na melhor ordem; porém, duas cousas unicamente censuramos, porque achamos de conveniência corrigirem-se: uma, é a falta de consciência de alguns caixeiros de bodega que se atiram despidosamente sobre as senhoritas, atirando-lhes confetti, usando n'este meio a falta de consideração que deverião ter. E a outra são as bailarinas do mundo que faltam com o devido respeito a este lugar publico, frequentado por famílias, julgando ser o jardim, seus indecentes hotéis bailariniacos, onde a falta de escrúpulo scandalisa a phisionomia dos seus proprietários.<sup>263</sup>

---

<sup>261</sup> SIMMEL, Georg. Algumas reflexões sobre a prostituição no presente e no futuro. In: SIMMEL, Georg. *Filosofia do Amor*. Tradução de Eduardo Brandão. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 7-8.

<sup>262</sup> RAGO, Margareth. Os prazeres da noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). p. 133.

<sup>263</sup> A Mascara. Manaus, 20 de fevereiro de 1910. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

É interessante observar como o jornal, por meio do título “No Jardim”, constrói toda uma narrativa com base na ideia de pureza, tecendo elogios à festa de carnaval, brincadeira inocente, respeitosa e familiar “digna da alta aristocracia”, onde os únicos problemas, segundo o autor, foram as participações dos “caixeiros de bodega” e das “bailarinas do mundo”, “maculando o espaço familiar”. Nessa nota é possível perceber que a indignação diante desses indivíduos reside no fato de não saberem se colocar em seu “devido lugar”, o qual obviamente não seria em um local público frequentado por senhoritas inocentes. Esse posicionamento deixa clara a tentativa de disciplinar, além da atividade, o horário e o espaço das prostitutas e também de outros grupos. Segundo Michel Foucault,

O poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar” [...] A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício [...] O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame.<sup>264</sup>

Paralelo à ideia de afronta e corrupção moral, os discursos médicos e sanitaristas caracterizaram a prostituição como prática disseminadora de doenças; esse discurso traz consigo um “projeto de normatização higiênica do corpo, concebido não apenas num sentido físico, mas também, num sentido moral e num sentido social”, o que reforçou a imagem da prostituta enquanto ameaça ao conjunto da população urbana<sup>265</sup>. Esse discurso ganhou força na segunda metade do século XIX, quando no Brasil, assim como em outros países, a sífilis e outras doenças venéreas surgiram como ameaça à saúde, colocando em risco homens, mulheres e crianças.<sup>266</sup>

A sífilis é uma doença que por muito tempo esteve relacionada a desvios morais, como os desejos carnavais e o pecado, sendo assim, muitas vezes foi concebida como castigo para hábitos sexuais imorais diante da sociedade. De acordo com Carrara, até meados do século XIX,

[...] algumas das ideias científicas correntes faziam com que a sífilis não fosse considerada apenas sexualmente transmissível (como passou a ser

---

<sup>264</sup> FOUCAULT, Michel. Vigar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 143.

<sup>265</sup> ENGEL, Magali. Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro 1840-1890. p. 69.

<sup>266</sup> Idem. p. 75.

aceito a partir da passagem do século), mas como sendo sexualmente produzida, dadas certas condições sob as quais se realizava o ato sexual.<sup>267</sup>

Nesse contexto, o pensamento médico do século XIX difundia os perigos que o abuso sexual, principalmente para os homens, poderia acarretar ao organismo humano, pois acreditava-se que “a repetição do espasmo nervoso que se seguia à ejaculação, levando ao esgotamento, repercutia sobre todo o organismo”. Para a medicina do período, a perda contínua do “precioso” líquido seminal e a excitação da imaginação em busca do prazer “agravavam o quadro de esgotamento apresentado pelos amantes dos prazeres da carne”<sup>268</sup>.

Assim, foi com base em formulações concebidas a partir de preceitos morais em torno da origem e transmissão da sífilis que a doença foi entendida em Manaus nas primeiras décadas do século XX. Embora as descobertas científicas alcançadas na passagem do século XIX para o século XX evidenciassem que o mal era causado por uma bactéria, o que descartava a ideia de que o excesso sexual seria causa imediata, não apenas da sífilis mas também de outras doenças venéreas, o sexo continuaria a ser um importante fator de degeneração física e moral.<sup>269</sup>

Impregnados desse pensamento, os discursos sobre a prostituição em Manaus, além de demonstrarem uma grande preocupação com as ofensas à moral pública, associavam a prática à transmissão de uma série de moléstias, colocando a intervenção do governo como uma necessidade a fim de proteger a saúde do povo e manter a moralidade.<sup>270</sup>

As representações da prostituição através dos jornais traziam imagens de mulheres de comportamento desviante, capazes de usar sua sexualidade como instrumento corruptivo de corpos e mentes “puras” em busca de “recompensas” materiais e satisfação de caprichos e vaidades. Essa visão, antagônica à idealização das relações entre homem e mulher dentro do casamento, onde a sexualidade deve ocorrer de forma higiênica e sadia com base na reprodução e na família, classificou a prostituição como fonte de doenças morais e físicas. Assim, os jornais de Manaus repercutiram a preocupação da sociedade com a disseminação de doenças venéreas, especialmente a sífilis, cuja transmissão foi imediatamente associada à prostituição.

---

<sup>267</sup> CARRARA, S. Tributo a Vênus: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1996. p. 29-30.

<sup>268</sup> Idem, 30.

<sup>269</sup> Idem, 33.

<sup>270</sup> DIAS, Edineia Mascarenhas. A Ilusão do Fausto. p. 134.

#### Entrelinhas

[...] A cortezã quasi analphabeta dominou os espíritos lúcidos, corrompeu almas ingênuas, viciou temperamentos envenenou consciências e espezinhou sob o tacão dos seus cothurnos dourados a honra, a virtude, a dignidade e a fé; e como Phryné comprou a justiça com a sua nudez [...] seduzindo os archotes. A imbecilidade humana construiu-lhe o palácio faustoso, deu-lhe as equipagens soberbas, carregou-a de pedrarias preciosas, e vestiu-a [...] ou antes quase que a vestiu das sedas da China e das rendas finas d' Alençon...

[...] dominam e campeiam e prendem nos seus tentáculos de polvos rapaces, as que agora cravam as garras aduncas de esfaimados abutres, nos corações puros, as que queimam na chamma vulcaniana dos caprichos o ouro ganho a custo da vida humana, essas tem a celebridade triste de serem a causa primordial da decadência das raças, inoculando-lhes a spironema pálida, o vírus da degeneração, a fonte do rachitismo moral e físico. Infelizmente nós todos estamos já tão degenerados, tão rachíticos, tão estiolados que embora conhecendo o mal não temos mais força de elimina-lo.<sup>271</sup>

Com o crescente número de casos de sífilis, a prostituição espalhada pela cidade passou a ser vista como um desequilíbrio sexual, disseminador de diversas doenças. De acordo com Magali Engel, em estudo sobre a prostituição na cidade do Rio de Janeiro, as “imagens do cancro, da chaga, da úlcera, da gangrena do vírus, frequentemente utilizadas para identificar a prostituição, revelam um dos diagnósticos presentes no discurso: a prostituição é uma enfermidade do corpo, um foco infeccioso que ameaça a saúde e a vida”<sup>272</sup>. Na cidade de Manaus, a perspectiva do médico sanitarista Samuel Uchôa apontava as grandes “culpadas” pelo problema:

As doenças venéreas representam o grande coeficiente do aniquilamento da raça. A syphilis ocupa o primeiro lugar. Mulheres infelizes, atiradas à vaza, tornam-se focos de contágio, transmitindo doenças repugnantes a centenas de rapazes desprevenidos, na despreocupação própria da primeira idade. Contraem o mal, descuidam-se inutilizam o organismo e mais tarde, vão produzir seres desgraçados, loucos, cardíacos, incapazes.<sup>273</sup>

A partir da relação que se estabeleceu entre a prostituição e o aumento de casos de sífilis, além de outras doenças, aconteceu em Manaus o mesmo que houve em outras capitais brasileiras, que buscaram na atuação conjunta de médicos e autoridades policiais uma série de medidas, visando controlar as prostitutas e conseqüentemente “barrar” a disseminação das doenças. As ações de profilaxia da sífilis em Manaus consistiam em manter as prostitutas sob vigilância, através de registro e controle médico

---

<sup>271</sup> *Correio do Norte*, Manaus, 24 de dezembro de 1911. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>272</sup> ENGEL, Magali. *Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro 1840-1890*. p.74.

<sup>273</sup> UCHÔA, Samuel. *Dois Anos de Saneamento*, 1923. p. 99.

obrigatório e regular. Assim, a partir dos exames que constatavam a doença, essas mulheres eram obrigadas a retornar periodicamente para a realização do tratamento. A partir de ações do departamento de *Saneamento e Prophylaxia Rural do Estado do Amazonas*, o tratamento era oferecido gratuitamente às prostitutas, que eram atendidas após um registro compulsório de identificação.

[...] as informações requisitadas correspondiam a nome, número de matrícula, data, prontuário de polícia, cor, idade, estado civil, naturalidade, nacionalidade, filiação, profissão do pai, se sabia ler, a idade de defloração, por quem foi deflorada, idade do deflorador e profissão do deflorador. Posteriormente, constava a Reacção de Wassermann, ou seja, o diagnóstico de sífilis. Os primeiros exames eram relacionados à pele, cabelo, boca, garganta, ânus e órgãos genitais, seguido de uma tabela de datas e resultados dos exames ginecológicos e microscópicos. Vale ressaltar que nem todas as informações eram fornecidas.<sup>274</sup>

O médico sanitário Samuel Uchôa destacou que, entre as mulheres registradas diagnosticadas com a doença, muitas não davam continuidade ao tratamento. As ações implementadas, como a criação do *Sub-Dispensario Pizarro Gabizzo*, um “lugar discreto, pouco frequentado, de sorte a não causar vexames às doentes em tratamento”, além dos conselhos, instruções e brandura na forma de agir, teriam sido inúteis, já que em grande medida as mulheres doentes que recebiam a “caderneta médico sanitária” frequentavam o “posto por curiosidade e logo após desapareciam”.<sup>275</sup>

Esse fato pode ser explicado pela exposição social que elas sofriam a partir da confirmação da doença, como observou Fabiane Vinete dos Santos; além disso, o uso do medicamento para o tratamento da sífilis trazia algumas consequências, como a debilidade física, que denunciavam sua utilização, expondo essas mulheres aos olhos e à condenação pública. Apesar de não acometer apenas as prostitutas, a vigilância e o estigma da doença recaíam principalmente sobre elas<sup>276</sup>. Os jornais, repletos de anúncios médicos que prometiam a cura da doença, destacavam a eficácia do específico 606 no tratamento da sífilis<sup>277</sup>, alguns traziam inclusive a relação de mulheres que precisavam fazer uso de tal medicamento:

Relação nominal das marafonas que dia-a-dia vão emprestando à notrida e esperançosa rapaziada desta capital e que precisam o quanto antes de tomarem algumas injeções do específico 606: Maria Emilia, Maria Preta,

<sup>274</sup> LIRA, Barbara Rebecka Gomes de. *A difícil vida fácil: O mundo da prostituição e suas representações na cidade de Manaus (1890-1925)*. Dissertação de Mestrado. UFAM, 2014. p. 88-91.

<sup>275</sup> UCHÔA, Samuel. *Dois Anos de Saneamento*, 1923. p. 101.

<sup>276</sup> SANTOS, Fabiane Vinete dos. *Sexualidade e civilização nos trópicos: gênero, medicina e moral na imprensa de Manaus (1895-1915)*. Disponível em: <http://scielo.br>.

<sup>277</sup> *A Capital*. Manaus, 3 de agosto de 1917. Disponível: [hemerotecadigital.bn.br](http://hemerotecadigital.bn.br)

Maria Rosa, Maria Jary, Maria Não Vou-Nisso, A Jardineira Banguella, A sem-cura Vicência, A Portuguesa Benedicta, A pilota Ignez, Idalina Buchuda, A Bucho-de- Sapo Adélia Polaca, Anna Colibry, Enedina Bahiana, Josepha Galinha, Maria Thereza, Maria Augusta, Raymunda Duquesa, Maroca Pirarara, Luiza Três-Buracos, Marcolina Velhota, Felícia Pé-de Ouro, Sinhá Gallinha, Maria Bucho-Quebrado, Chica Piolho.<sup>278</sup>

Ora, se o corpo dessas mulheres era o seu instrumento de trabalho, confirmado o diagnóstico da sífilis, elas não poderiam trabalhar, logo, não teriam como manter o seu sustento. Segundo Carrara, a vergonha da exposição social e o medo de serem colocados sob tutela do Estado durante o tratamento levaram muitas pessoas, não apenas prostitutas, a adotar um comportamento irracional diante da doença, escondendo o fato ou recorrendo a tratamentos caseiros ineficazes que só contribuía para agravar os problemas.<sup>279</sup>

Samuel Uchôa destacou o fato de essas mulheres serem ignorantes e analfabetas a ponto de não terem a menor noção de higiene, além de não saberem sequer informações como o nome dos pais, a própria idade ou o tempo em que estavam inseridas na prostituição. Talvez essa questão indique mais uma forma de resistência das prostitutas do que a ignorância a elas atribuída, já que essas e outras informações, além das doenças que tinham, deveriam constar nas cadernetas médico sanitárias representando mais uma forma de controle de suas vidas e atividades. Percebemos que os esforços que as autoridades e os médicos sanitaristas empreenderam contra a sífilis e outras doenças não tinham o objetivo de acolher ou incluir as prostitutas, ao contrário, essas ações acabavam por oficializar, em nome da elite local, a exclusão de uma grande parcela pobre e doente da cidade de Manaus.<sup>280</sup>

As primeiras décadas do século XX marcaram um período de crise na comercialização da borracha no mercado exterior. Com o enfraquecimento econômico que a região enfrentou a partir de 1912, os problemas sociais intensificaram-se consideravelmente, pois o poder público encontrava dificuldades para sustentar alguns serviços essenciais, como saneamento, transporte, saúde, educação e habitação. Como a borracha era o principal produto econômico da região, a crise acabou afetando a todos os setores da cidade, mas a situação da população pobre, dos trabalhadores assalariados, ficou ainda mais difícil, pois muitos ficaram desempregados. Sem perspectiva de

---

<sup>278</sup> *O Parafuso*, Manaus, 7 jul. 1912. apud SANTOS, Fabiane Vinete dos. Sexualidade e civilização nos trópicos: gênero, medicina e moral na imprensa de Manaus (1895-1915).

<sup>279</sup> CARRARA, Tributo a Vênus: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40. p. 135-138.

<sup>280</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. A Cidade Sobre os Ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925).

trabalho, essa população formada por nacionais e estrangeiros buscava qualquer tipo de atividade informal que pudesse render o mínimo de recursos possível, mas a maioria não tinha como manter sequer as necessidades básicas para sobrevivência. Segundo Silvia Barauna,

[...] na esfera da saúde, o problema era o avanço de algumas enfermidades fáceis de serem controladas, mas que com a cidade padecendo de infraestrutura, as moléstias se alastraram com facilidade, principalmente entre a população pobre que não dispunha de recursos para combater as doenças. Sem trabalho e conseqüentemente sem dinheiro, essas pessoas foram presas fáceis de doenças oportunistas que se infiltraram em corpos desprovidos de uma boa alimentação, portanto carentes de elementos importantes para a imunização contra as enfermidades.<sup>281</sup>

A cidade de Manaus buscava ainda agarrar-se ao desenvolvimento obtido pelo capital do látex, quando no dia 25 de outubro de 1918 o *Jornal do Comercio* trazia a notícia: “A HESPAÑHOLA: A terrível epidemia que, neste momento, assola vários Estados, assim como a capital do país, já chegou até nós”<sup>282</sup>. A nota informava que o vapor nacional “Valparaizo” teria chegado à Manaus trazendo a bordo tripulação e passageiros acometidos pela gripe, oficialmente, os primeiros casos na cidade.

O período de crise no qual a gripe espanhola se propagou afetou principalmente os grupos menos favorecidos. O grande contingente de prostitutas que, em sua luta diária, eram obrigadas a andar pelas ruas em busca de fregueses e que estavam frequentemente expostas a diferentes formas de violência, doenças venéreas, tuberculose e péssimas condições de moradia, com a chegada da gripe espanhola, tiveram a sua situação ainda mais agravada.

[...] a cidade ficou totalmente alterada com a entrada da epidemia, principalmente com o fechamento de vários estabelecimentos comerciais. Tudo ficou mais difícil, desde comprar refeições até remédios por quem quer que fosse. Muitos sofreram para resistir à doença, principalmente os menos favorecidos e invisíveis para os poderes públicos. No topo desta invisibilidade estavam as meretrizes, visto que, segundo alguns jornais, foram as que mais sofreram com a passagem do mal.<sup>283</sup>

Diariamente os jornais atualizavam a população sobre o número de pessoas que davam entrada nos hospitais Santa Casa de Misericórdia e Beneficente Portuguesa, também traziam as determinações das autoridades e orientações, a fim de tentar reduzir

---

<sup>281</sup> BARAÚNA, Silvia Maria Quintino. *Condições Sociais de Migrantes em Manaus, 1920-1945*. p. 58.

<sup>282</sup> *Jornal do Comercio*, Manaus, 25 de outubro de 1918. Disponível: [hemerotecadigital.bn.br](http://hemerotecadigital.bn.br)

<sup>283</sup> GAMA, Rosineide Melo. *Dias Mefistofélicos: A gripe espanhola nos jornais de Manaus (1918 – 1919)* Dissertação de Mestrado em História. UFAM. Manaus, 2013. p. 143-144.

a transmissão da gripe, mantendo as pessoas bem informadas. O *Jornal do Comercio*, nos meses subsequentes aos primeiros casos de gripe espanhola na cidade, informava a população que, por determinação das autoridades, deveriam ser fechados os estabelecimentos de ensino e as casas de diversão, como teatros e cinemas; os jogos e campeonatos esportivos deveriam ser temporariamente suspensos, a fim de evitar aglomeração de pessoas. Buscava-se através dos jornais alertar sobre as formas de contágio, os sintomas da doença, além de orientar as pessoas sobre a necessidade de manter o isolamento dos enfermos e redobrar a atenção com a higiene dos corpos, dos domicílios e dos estabelecimentos em geral.<sup>284</sup>

Esse contexto gerou um sentimento de medo que afastou os homens das zonas do meretrício, agravando a situação das prostitutas, estrangeiras ou brasileiras, que, sem fregueses e sem dinheiro, foram ainda impedidas de circular por determinadas ruas ou mesmo aparecer nas janelas em determinados horários do dia, sendo que quando descumpriam as imposições das autoridades eram presas e multadas. Além de recorrentes ocorrências por descumprimento das determinações impostas, haviam também prisões por brigas em disputa pela clientela, como fica exposto no exemplo a seguir:

Duas polacas. Eugenie Crim e Margarida Valeridge brigaram hontem por causa de um Adonis. Unharam-se e descompuseram-se a valer, mas das duas, Eugenie foi a mais caipora porque ficou com as fussas avariadas. Em compensação Margarida não foi a fonte, mas foi para o xadrez.<sup>285</sup>

Conforme observou Rosineide Melo Gama, os limites estabelecidos não eram aceitos, ou não poderiam ser aceitos, dada a necessidade que essas mulheres tinham em circular e se mostrar para atrair a clientela<sup>286</sup>; diante da infração elas eram presas, advertidas e pagavam multa, o que parece ter ocorrido com bastante frequência se considerarmos os jornais que traziam listas contendo os nomes das mulheres detidas. Sob o título “Insistem na falta”, o *Jornal do Comercio* do dia 24 de dezembro de 1918 trazia uma nota que nos leva a perceber que eram corriqueiras tais prisões, “Se elas andassem, como nós outros, na pindahyba, não infringiriam tantas e tão amiudadas vezes as portarias do chefe de polícia que lhes veda o direito de estarem às janelas e em trajas paradisíacos, durante umas tantas horas do dia”<sup>287</sup>.

---

<sup>284</sup> *Jornal do Comercio*. Manaus, 30 de outubro de 1918. Disponível: [hemerotecadigital.bn.br](http://hemerotecadigital.bn.br)

<sup>285</sup> *Jornal do Comercio*. Manaus, 6 de outubro de 1914. Disponível: [hemerotecadigital.bn.br](http://hemerotecadigital.bn.br)

<sup>286</sup> GAMA, Rosineide Melo. Dias Mefistofélicos: A gripe espanhola nos jornais de Manaus (1918 – 1919). p. 146-147.

<sup>287</sup> *Jornal do Comercio*. Manaus, 24 de dezembro de 1918. Disponível: [hemerotecadigital.bn.br](http://hemerotecadigital.bn.br)

Em outra ocasião, o jornal *A Capital* destacou os “apuros” da polícia com as “horizontais” que viviam constantemente a ofender a “Dona Moral”, motivo de detenção das “incorrigíveis rameiras Anita Rosa, Rosa Sucher, Eulina de Souza e Raymunda Alves da Costa, aquelas polacas e estas brasileiras, todas moradoras na referida zona perigosa”<sup>288</sup>.

Mais uma vez percebemos que as imposições não visavam proteger ou resguardar a saúde dessas mulheres, mas sim mantê-las isoladas, ainda mais excluídas da sociedade, longe dos olhos da elite. Em seu trabalho, a historiadora Rosineide Melo Gama traz um “retrato” dramático da passagem da gripe espanhola pela cidade de Manaus: segundo a autora, a população mais pobre foi a mais afetada, pois estes eram os últimos a receber atendimento médico, o que dificultava em muito o restabelecimento da saúde. Muitas prostitutas impedidas de trabalhar acabavam perdendo suas moradias e passavam a viver perambulando pelas ruas da cidade, com fome, sem dinheiro e, quando adoeciam, não tinham acesso aos remédios ou ao atendimento médico, e o destino delas era muitas vezes o de morrerem sozinhas, jogadas pelas ruas de Manaus.<sup>289</sup>

### **2.3. A Imigrante no teatro: visibilidade e protagonismo feminino**

Adentrar o universo feminino no período da *Belle Époque* nos permite visualizar o quanto a economia do látex promoveu mudanças nas formas de sociabilidades e relações de gênero. Passear pela cidade, divertir-se nas casas de espetáculos, frequentar saraus refinados que contavam com a apresentação de cantoras líricas e pianistas vindas do exterior, além dos cafés, restaurantes e confeitarias, passou a fazer parte do cotidiano de homens e mulheres da sociedade manauara. A modernidade explicitava-se na necessidade de adequar práticas de cultura e lazer, o que significou a eliminação do atraso expresso nas formas tradicionais de costumes e divertimento da população como os banhos de igarapés<sup>290</sup>, os piqueniques em família e outras formas de entretenimento que faziam parte da diversão local. A nota do jornal *O Beijo* traz um exemplo acerca dos efeitos que o “progresso” teve sobre as festas tradicionais.

---

<sup>288</sup> *A Capital*. Manaus, 22 de outubro de 1917. Disponível: [hemerotecadigital.bn.br](http://hemerotecadigital.bn.br)

<sup>289</sup> GAMA, Rosineide Melo. Dias Mefistofélicos: A gripe espanhola nos jornais de Manaus (1918 – 1919). p. 147.

<sup>290</sup> COSTA, Deusa. Quando viver ameaça a ordem urbana. Trabalhadores de Manaus (1890-1915). Editora Valer e Fapeam, 2014. p. 112.

Com o passar do tempo tudo desaparece, com a diferença que umas lentas e outras bruscas ou violentamente, foi o que notamos com as últimas festas tradicionais de S. Antonio, S. João e S. Pedro que num repentino sopro da viração pereceram deixando-nos vivas recordações.

Na verdade estes dias de folguedos familiares na nossa terra correspondem a expectativa observadora de seus habitantes.

[...] incontestavelmente a locomotiva do progresso assentou os seus trilhos na região Bareense por cujo facto folgamos deveras com os nossos coestadanos.<sup>291</sup>

Nesse período, destacamos o surgimento do teatro, que, na concepção das cidades “modernas”, além de oportunizar novas formas de entretenimento e sociabilidades, desempenhou o papel de veículo transmissor de educação, valores morais, cultura e requinte, ideais de civilização e modernidade perseguidos principalmente pelas elites do século XIX.

Em Manaus, o maior símbolo de cultura e requinte produzido para as elites do período foi o Teatro Amazonas<sup>292</sup>. Em oposição a outros teatros existentes na cidade, foi idealizado de acordo com padrões de exigência dos grandes centros urbanos, devendo, assim, enquanto obra de referência, ser modelo em recursos técnicos de embelezamento e garantia de segurança. O salão nobre teve parte de sua arte produzida por artistas vindos da Itália, e toda sua ornamentação pensada com o objetivo de causar “impacto de um deslumbramento”, assim como a fachada “as tendências exigiam habilidade técnica, senso estético, embora permitisse maior ostentação de luxo e exibicionismo”<sup>293</sup>. De acordo com Otoni Moreira de Mesquita, tanto pela sua localização quanto pela monumentalidade, o Teatro Amazonas “assumiu papel destacado, tornando-se o emblema arquitetônico daquele período histórico, e em menos de um século, ergueu-se a condição de símbolo da cidade”.

Embora a construção do Teatro Amazonas tenha sido cercada de interesses e manipulação política, é impossível negar o quanto está diretamente ligada às mudanças que ocorreram na reorganização da cena urbana e na relação com seus habitantes. Para a elite do período, a importância do Teatro esteve relacionada às mudanças nos hábitos, à possibilidade de acesso a uma experiência de cultura refinada, erudita, a que, até então, mesmo a população mais abastada não tinha acesso. Para o Estado, além de representar

---

<sup>291</sup> *O Beijo*. Manaus, 4 de julho de 1897. Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>292</sup> A construção do Teatro Amazonas teve início em 1881, após enfrentar entraves financeiros, logísticos e técnicos, teve continuidade no governo de Eduardo Ribeiro, que, favorecido pela economia da borracha, deu andamento ao processo de urbanização e embelezamento da cidade.

<sup>293</sup> MESQUITA, Otoni Moreira de. *La Belle Vitrine*. Manaus entre dois tempos (1890 – 1900). p. 216-217.

uma importante realização administrativa, o Teatro significou mais um “instrumento” de orientação e disciplinarização da sociedade no que tange a padrões de comportamento, normas de conduta e formas de cultura e lazer. Tal premissa remete ao estudo de Norbert Elias quanto à capacidade das inúmeras formas de controle do comportamento na consolidação de estruturas e distinção social<sup>294</sup>. Os aspectos de orientação e disciplina podem ser percebidos em peças teatrais de cunho educativo.

Com uma assistencia regular subio, sábado, em nossa primeira casa de espetáculos – a Taberna, tirado de L’Assoinoir, de Emile Zola.

A peça de profundo alcance psicologico estuda precisamente todos os efeitos do vicio do alcoolismo, mostrando o quanto ele envenena a alma e corroe as energias [...] <sup>295</sup>

Além das peças, que cumpriam nitidamente a missão pedagógica de educar o público a partir do ponto de vista elitista, havia também as operetas e variedades cômicas; outros tipos de espetáculos teatrais voltados para a alegria, a música e a malícia das mulheres também faziam sucesso na cidade de Manaus. Esse estilo teatral foi importado da França e atraía principalmente o público menos interessado em apresentações marcadas pela literatura edificante.

Segundo Múcio Paixão, em estudo sobre o teatro no Brasil, o teatro de gênero alegre tinha como principais características: beleza das vozes dos intérpretes, boas orquestras, luxo dos vestuários e deslumbramento das encenações<sup>296</sup>. No início do século XX, esse gênero estava sendo duramente criticado por escritores e intelectuais, como Machado de Assis, que afirmou que esse tipo de teatro seria responsável pela decadência da arte no Brasil, pois, acostumando-se com a “cantiga burlesca”, canção ou a “tudo que fala aos sentimentos e aos instintos, inferiores”, o público não aceitaria obras mais elaboradas em alto nível<sup>297</sup>. Na contramão dos intelectuais que viam no estilo apenas uma forma de entretenimento, que conseqüentemente não cumpriria sua missão educativa e moralizante, Múcio Paixão afirma não haver incompatibilidade entre o gênero alegre e a arte, “seria preciso admitir a tristeza como condição primordial da arte no teatro, o que seria um lamentável absurdo”. Para o autor, a alegria das operetas

---

<sup>294</sup> ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador. Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990. p. 53-54.

<sup>295</sup> *Jornal Correio do Norte*. Manaus, 02 de janeiro de 1911. Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>296</sup> PAIXÃO, Múcio. O teatro no Brasil, Rio de Janeiro: Brasília Editora, 1936. IN: FERREIRA, Adriano de Assis. Teatro Ligeiro Cômico no Rio de Janeiro: a década de 1930. Tese de Doutorado em Literatura brasileira, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010. p. 33-34.

<sup>297</sup> Idem. p. 36.

cumpririam inclusive um papel civilizador dentro da proposta de “levar aos espíritos, às almas, aos corações o influxo da sua graça esfuziante, sadia e viva que contrasta singularmente com a seriedade hipócrita e ridícula”<sup>298</sup>.

Através dos periódicos é possível dimensionar a importância do Teatro no projeto civilizador do período. Além de importante espaço de sociabilidade, onde as pessoas poderiam se encontrar e “praticar” o uso das novas regras de comportamento e vivências diferenciadas como troca de ideias, olhares e elogios, o Teatro era considerado um elemento importante na formação de valores morais civilizados, especialmente a partir do surgimento do Teatro Amazonas, quando essa forma de sociabilidade assumiu um caráter cosmopolita em seu papel de entretenimento e reprodução cultural e artística.

O destaque que damos ao teatro se deve ao fato deste ter sido o universo que abrigou um significativo número de mulheres estrangeiras que viajavam com companhias teatrais trabalhando como atrizes, cantoras ou bailarinas. Ainda que o Teatro Amazonas seja um marco referencial para esse contexto, antes mesmo do seu surgimento, os primeiros teatros de Manaus, “pequenos e acanhados”, já recebiam companhias estrangeiras que contavam com a participação de mulheres no seu elenco.

Simone Villanova, em seu trabalho sobre os teatros da cidade, conseguiu estabelecer que, para Manaus, a primeira casa teatral a receber um número razoável de espetáculos e de uma companhia profissional surgiu em 1868, o “Teatro de Variedade Cômica”. Ali, se apresentava a companhia do ator Lima Penante, e embora não haja dados específicos sobre a origem dos integrantes, foi possível identificar ao menos uma atriz de nacionalidade portuguesa.<sup>299</sup>

No período áureo da borracha, o Teatro Amazonas foi uma referência absoluta de *status* e cultura para a elite manauara, uma vez que assistir aos espetáculos significava estar sintonizado com o que havia de mais moderno e civilizado. As companhias teatrais trabalhavam pelo sistema de repertório diário, que se repetia diante da aceitação do público. Diferente dos primeiros espetáculos que aconteceram na cidade, em que se registrou uma pequena participação feminina, as companhias teatrais que aportavam na cidade, nesse período, contavam com um grande número de mulheres. No ano de 1898, o Jornal Comercio do Amazonas deu destaque à chegada

---

<sup>298</sup> Idem. p. 33-34.

<sup>299</sup> VILLANOVA, Simone. Sociabilidade e cultura: a história dos “pequenos teatros” na cidade de Manaus (1859-1900). Dissertação de Mestrado. UFAM, 2008. p. 103.

da Companhia italiana de ópera cômica “opereta e zarzuela de Francisco Coniglio e Ettore Valla”, cujo elenco artístico majoritariamente feminino contava com mais de trinta mulheres, entre atrizes, cantoras e bailarinas: Adele Marchesi, Clotilde Lombardo Valla, Elda Morroto, Linda Tamburini, Maria Ucry, Luisa Pagay, Adriana Ferrarini, Emilia Marchesi, Maria Marchesi, Carmem Giraud, Ilda Sartoris, Amelia Rosseti, Arichotta Rossi, Maria Gaillard, Medea Palagi, Concetta Buonavoglia, Dina Sachi, Pina Turlai, Concetta Amilcare, Maria Taddei, Luisa Bottaro, Livia Bernagozzi, Lucia Cazzola, Amelia Ravá, Pia Rodamiski, Juanita Perez, Maria Rieski, Adele Montenegri, Maria Oermetti, iGina Gina Ghickmaun, Rita e Maria Ghickmaun, Gionovanna Bertolino<sup>300</sup>.

A chegada de artistas de diferentes origens movimentou a rotina manauara, os espetáculos imprimiram novos ares à cidade, as mulheres que trabalhavam nas companhias teatrais representavam um modelo de mulher diferente da grande maioria das mulheres locais: independentes, livres e viajadas, elas contribuíram para incutir no imaginário da mulher nativa a necessidade de adquirir um comportamento requintado, passando a ser exemplo, enquanto portadoras da moda e costumes franceses.

Já dissemos anteriormente que, além dos teatros, os cafés, cinemas e confeitarias<sup>301</sup> oportunizaram novas formas de sociabilidades, colocando a mulher em evidência social, o que também reforçou a necessidade de adequação na maneira de ser e de agir em público. Nesse sentido, a vestimenta caracterizou-se com um ponto importante, representando inclusive sinal de civilidade de acordo com o modelo europeu. A valorização das vestimentas e a preferência pela moda francesa aparecem nos jornais em anúncios e até em colunas inteiras que se ocupavam em descrever detalhadamente os trajes femininos que iam pelo passeio da cidade.

Envolta em fina gase transparente applicada sobre vestido de tussor de palha de linho, a gracilíssima Julieta, jovem, acompanhada dum menino de 8 annos o Mario vestido à maruja, flirtava séria e principescamente sobre as ondas em alvo bóte ali no igarapê S. Raymundo. Mme. Adolphina houvera-lhe composto em palha franceza, artístico chapéo de largas abas, enfeitando-o de pequeninas rosas purpuras e jasmins da Itália.<sup>302</sup>

---

<sup>300</sup> *Jornal do Commercio do Amazonas*. Manaus, 6 de dezembro de 1898. Disponível: [hemerotecadigital.bn.br](http://hemerotecadigital.bn.br)

<sup>301</sup> As fontes mostram a existência de outros cinemas na cidade de Manaus, o Éden teatro, o El Dorado, o Cassino Julieta e o Teatro da Beneficência Portuguesa. A opção por trabalhar o Teatro Amazonas em primeiro plano é uma escolha metodológica, dada a sua importância enquanto ícone de referência cultural e simbólica à qual o trabalho se propõe.

<sup>302</sup> *A Escova*. Manaus, 7 de setembro de 1913. Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

A imprensa de Manaus de um modo geral dedicou grande espaço às notícias relacionadas aos espetáculos na cidade. Todos os jornais tinham colunas de divulgação e críticas teatrais, além disso, muitos periódicos tratavam exclusivamente de notícias sobre o mundo do teatro, e o conteúdo ia de críticas acerca das peças a “fofocas” sobre a vida de atores e atrizes. Muitas atrizes estrangeiras tiveram destaque em espaços especiais onde lhes eram exaltados o talento, a conduta e a beleza, o que evidencia o interesse da sociedade na figura dessas mulheres, que iam à contramão do ideal de mulher para a época.

Alba Ratti é uma das compleições mais finamente artística e delicadas, que conheço. Como artista, embora nova na carreira sente-se já feliz pelos triunfos que tem obtido, possui uma voz se não extensa, mas de uma doçura e maleabilidade imensa, aveludada, igual e afinada.

Estudiosa e correta, tem muito sal e pimenta [...] Em resumo boa artista e mulher soberanamente formosa<sup>303</sup>

Angiolina Marangoni

A 13 de janeiro de 1884 estreou na Itália no papel de Siebeq do Fausto. Os seus triunfos artísticos datam da época da sua estreia, cantando Carmen, Mignon, Crispino, Gioconda, Norma e muitos outros.

[...] voz agradável, bela presença, estudiosa. Particularmente tratada, é d’um trato fino e delicadamente educada.<sup>304</sup>

As atrizes tiveram destaque na imprensa como figuras centrais em espetáculos artísticos direcionados às classes dominantes, e novamente os jornais cumpriram o papel de divulgar e incentivar o ideal de cultura que deveria ser valorizado, como podemos perceber em nota sobre a artista portuguesa Maria Falcão no jornal *Correio do Norte*:

O Theatro Amazonas enche-se hoje, de galas, retumbará, hoje, de aplausos, regorgitara de frequentadores que irão levar a essa talentosa e brilhante artista que se chama Maria Falcão a prova inconcussa do quanto valem os seus altos merecimentos, do quanto esta sociedade sabe aprecia-la como interprete admirável da obra dos grandes mestres da arte dramática [...]<sup>305</sup>

A nota acima segue com um número incontável de adjetivos à artista, além de uma breve biografia sobre a vida e a trajetória de Maria Falcão, que, nascida em Portugal, teria iniciado a carreira aos 13 anos, viajando inúmeras vezes com companhias

---

<sup>303</sup>*O Caniço*. Manaus, 13 de junho de 1897. Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>304</sup>*O Caniço*. Manaus, 13 de junho de 1897. Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>305</sup>*Jornal Correio do Norte*. Manaus, 05 de Janeiro de 1911. Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

teatrais, inclusive para o Brasil, e atuado em peças de gêneros diversos, assumindo em todos os seus papéis a “responsabilidade que lhe é característica”.<sup>306</sup>

Ao contrário dos elogios tecidos a Maria Falcão, muitas atrizes, como a francesa Sr<sup>a</sup> Lafon, foram alvo de comentários negativos, em tons irônicos acerca de seu desempenho. No exemplo retirado do jornal *O Caniço*, que abria espaço para que os leitores registrassem suas opiniões sobre os espetáculos e artistas, os interlocutores se uniram para fazer uma crítica em tom de reclamação sobre o desempenho da artista, destacando sua beleza como principal ou único atributo importante.

A Sr<sup>a</sup> Lafon, cantou como sempre; para dentro, creio que a formosa artista, abraçou a carreira artística por passatempo e então, com egoísmo feroz só canta de maneira que ninguém ouve. Eu não vou ao teatro para ver sua tão decantada beleza, não vou ver a mulher vou ver a artista, como sempre com voz rufenha e nazal.

Creio que a formosa artista errou na carreira, daria soberba modelo, mais uma cantora jamais- opinião de Angelis, Crispim e Luciani.<sup>307</sup>

A encenação da revista *Tim-Tim por Tim-Tim*, obra de Souza Bastos representada pela primeira vez em Portugal em 1889, e trazida para o Brasil em 1892, foi apresentada no Rio de Janeiro com mais de cem representações consecutivas e “enfativava a fantasia e a cenografia, valorizando o espetáculo e aumentando a cumplicidade entre artistas e espectadores, por meio da brejeirice dos coristas e de alusões ao sexo”; de acordo com Neyde Veneziano<sup>308</sup>, esse estilo influenciou os autores brasileiros diante da possibilidade de trocar a crítica política pelos apelos sexuais. Em temporada na cidade de Manaus, uma das principais atrizes do grupo foi alvo do seguinte comentário: “o gênio irrequieto de Pepa Ruiz da-se bem com aquela variedade de typos dos seus múltiplos papéis e porque a revista em geral não precisa o cuidado do teatro serio, que a gentilíssima atriz, desculpe-nos a ousadia nunca teve”<sup>309</sup>.

Nessa peça teatral, a espanhola Pepa Ruiz cantava, dançava, representava, exibindo sua beleza, sensualidade e grande versatilidade, o que lhe permitiu caracterizar até 18 personagens diferentes em um só espetáculo. Mas, apesar do reconhecido talento da atriz e do grande sucesso desse espetáculo, não apenas na cidade de Manaus, mas

---

<sup>306</sup> Idem.

<sup>307</sup> *O Caniço*. Manaus, 13 de junho de 1897. Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>308</sup> VENEZIANO, Neyde. Não adianta chorar – Teatro de Revista Brasileira. Oba! Campinas, SP UNICAMP, 1996. IN: FERREIRA, Adriano de Assis. Teatro Ligeiro Cômico no Rio de Janeiro: a década de 1930. Tese de Doutorado em Literatura Brasileira, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010. p. 40-41.

<sup>309</sup> *O Boato Theatral*. Manaus, 30 de março de 1898. Laboratório de História da Imprensa no Amazonas

também em outras capitais brasileiras, percebemos a crítica do jornal quanto à “seriedade” do teatro de revista e principalmente de como o “gênio irrequieto” da atriz teria sido conveniente para o papel, já que ela mesma não seria uma atriz séria.



*O Boato Theatral. Manaus, 30 de março de 1898.*

Para além dos adjetivos e críticas dirigidos de forma pontual sobre algum aspecto específico, algumas atrizes tiveram a imagem bastante exposta pelos jornais. Devido ao fato de passarem longas temporadas apresentando-se em diversas cidades brasileiras, muitos integrantes das companhias teatrais criavam laços de afeto por onde passavam, ao mesmo tempo em que despertavam a curiosidade do público para além de sua *performance* nos palcos.

A atriz italiana Fatima Miris, por exemplo, foi uma figura de muito destaque no meio artístico de Manaus e de outras cidades do Brasil, arrancando diversos elogios da imprensa manauara pela *performance* nos espetáculos em que atuou. Considerada a rainha do transformismo, chegando a fazer cento e cinquenta transformações em um único espetáculo, era tratada com carinho e palavras sempre gentis da imprensa, com a qual mantinha uma relação cordial, expressa em cartas de agradecimento ao público e aos jornais pelos elogios e reconhecimento<sup>310</sup>.

Em uma dessas ocasiões, o jornal *O Imparcial*<sup>311</sup> parabenizava Fatima Miris e Emilia Frassinesi pelo grande sucesso das apresentações junto à plateia de Manaus; no mesmo espaço, as artistas foram bastante elogiadas pelo espírito caridoso com que se propuseram a realizar um espetáculo em Belém do Pará, em que a renda seria revertida em benefício do Hospital Infantil a ser erguido naquela capital. A nota trazia o trecho de uma publicação do jornal *A Razão*, de Belém do Pará, onde o cronista afirmava que “os

<sup>310</sup> *O Imparcial*. Manaus, 8 de fevereiro de 1918. Disponível: [hemerotecadigital.bn.br](http://hemerotecadigital.bn.br)

<sup>311</sup> *O Imparcial*. Manaus, 8 de março de 1918. Disponível: [hemerotecadigital.bn.br](http://hemerotecadigital.bn.br)

poetas e os artistas são seres que se distinguem psicologicamente do resto da humanidade, eles se destacam da maioria pela sua alma que sente melhor e mais do que as dos outros”<sup>312</sup>. Sobre a benfeitoria das duas artistas, acrescentou que

[...] quando o Hospital Infantil estiver concluído, um dos pequeninos seres que forem acolhidos por esse estabelecimento, ao saber que a primeira pedra da casa de saúde foi lançada pela bondade de duas artistas estrangeiras, levará preces aos céus abençoando as suas benfeitoras.<sup>313</sup>

Exaltada pelo seu talento e carisma, Fatima Miris, a exemplo de outras artistas, inspirou a moda feminina na cidade.

A's Elegantes.

A Vv. Excs. Pedimos veni, recomendamos-lhes os nossos modernísimos modelos de cintas: Fatima Miris, Laura e Olga e os elegantísimos espartilhos, Etelvina e Aletha. Modelos fabricados especialmente para a loja do Jacinto.<sup>314</sup>

Em 1918, em meio ao grande sucesso que estava fazendo no Brasil, Fatima Miris declarou, durante entrevista concedida aos jornais, que após essa temporada abandonaria os palcos para se casar na Itália<sup>315</sup>. Pouco mais de um ano depois, em novembro de 1919, as notícias sobre a artista davam conta de que teria sido descoberto que, na verdade, Fatima Miris pertencia ao sexo masculino<sup>316</sup>, quando, então, a artista passou a ser reconhecida como o primeiro transformista da Europa.



*Jornal do Commercio. Manaus, 25 de dezembro de 1917. Jornal do Commercio. Manaus, 28 de dezembro de 1917.*

<sup>312</sup> Idem.

<sup>313</sup> Idem.

<sup>314</sup> *Jornal do Commercio*. Manaus, 7 de maio de 1918. Disponível: [hemerotecadigital.bn.br](http://hemerotecadigital.bn.br)

<sup>315</sup> *Jornal do Commercio*. Manaus, 3 de Junho de 1918. Disponível: [hemerotecadigital.bn.br](http://hemerotecadigital.bn.br)

<sup>316</sup> *Jornal do Commercio*. Manaus, 9 de novembro de 1919. Disponível: [hemerotecadigital.bn.br](http://hemerotecadigital.bn.br)



*Jornal do Commercio. Manaus, 31 de dezembro de 1917. Jornal do Commercio. Manaus, 11 de dezembro de 1919.*

Outra artista que ficou consagrada nos palcos brasileiros e que teve bastante destaque na cidade de Manaus foi a espanhola Pepa Ruiz. Além do sucesso nos palcos onde cantava, dançava e atuava, recebendo inúmeros elogios por sua graça e versatilidade, Pepa Ruiz foi um grande exemplo de mulher independente e empreendedora, já que em diversas ocasiões foi responsável por organizar e trazer companhias teatrais ao país:

Confirma-se a noticia que hontem demos, de que a graciosa atriz Pepa Ruiz trará a este Estado, de volta à sua próxima viagem a Europa, uma bem organizada companhia de operetas que devera trabalhar no nosso elegante Teatro Amazonas nos meses de Outubro e Novembro.<sup>317</sup>

Das duas últimas décadas do século XIX até o ano de 1936, a atriz foi presença constante nos palcos das principais cidades do Brasil, incluindo Manaus. Após um período de 36 anos longe da capital amazonense, Pepa Ruiz voltou e, apesar de ter abraçado a função de empresária teatral, na ocasião, teve uma participação especial e de grande evidência na peça “Em Família”, arrancando muitos aplausos da plateia, que contava com a presença dos inúmeros amigos que deixou na cidade. A relação da atriz com o teatro brasileiro foi tão importante, que em 1972 ela foi agraciada com o título de cidadã honorária do Estado da Guanabara.<sup>318</sup>

Apesar da admiração que exerciam na população, em geral, atores e atrizes viviam a dicotomia de serem vistos e reconhecidos com admiração e prestígio, ao mesmo tempo em que eram vítimas de preconceito social, quando de alguma forma

<sup>317</sup> *Jornal do Commercio* do Amazonas. Manaus, 3 de agosto de 1899. Disponível: [hemerotecadigital.bn.br](http://hemerotecadigital.bn.br)

<sup>318</sup> *Jornal do Commercio*. Manaus, 12 dezembro de 1972. Disponível: [hemerotecadigital.bn.br](http://hemerotecadigital.bn.br)

“invadiam” os limites impostos pela elite intelectual ou social que os queria longe<sup>319</sup>. O preconceito recaia principalmente sobre as atrizes. Ainda que tenham sido exaltadas pelo talento e beleza e servido de inspiração de moda e elegância para as mulheres locais, frequentemente, tanto nos jornais quanto na historiografia, podemos observar a vinculação entre a figura da atriz e a prostituição.

Essa associação foi feita por muitos intelectuais brasileiros, principalmente no início do século XX, quando ocorreu a popularização do gênero alegre no Brasil. Temos como exemplo as palavras de Luiz Leitão, por ocasião de sua análise da obra de José Alencar, *O jesuíta*, onde o autor classifica o estilo como “indecentes farsas parisienses e uma caterva de meretrizes francesas”<sup>320</sup>. Lená Medeiros de Menezes também fez referência à presença “obrigatória” das prostitutas francesas acompanhadas de seus amantes nas estreias de espetáculos no Rio de Janeiro; longe de tratar a questão como regra, a autora destaca algumas prostitutas atuando ou fazendo-se passar por atrizes, o que contribuiu para difundir o pensamento que associava as profissões de atriz e prostituta.<sup>321</sup>

Devemos mais uma vez levar em consideração que essas eram mulheres à frente de seu tempo, independentes, viajadas e, acima de tudo, que ganhavam a vida expondo sua imagem aos olhares e conseqüentemente despertavam desejos masculinos. Nas mulheres, suscitavam a admiração, a curiosidade e o medo fomentado pelo mistério de suas vidas amorosas, cercadas de histórias de amores clandestinos e proibidos, refletindo a figura da *femme fatale*: “ousada e poderosa, é capaz de seduzir os homens ‘de bem’ e levá-los a perdição”<sup>322</sup>. Márcio Souza lembra os escândalos amorosos envolvendo as atrizes, como

[...] a demissão, a pedido do diretor do Teatro Amazonas, em 1907, de um certo Raimundo de Vasconcelos, por ter surpreendido e mandado expulsar do recinto do teatro o jovem Guido de Souza, protegido do governador, que se encontrava praticando atos considerados despudorados com uma corista espanhola da revista “mulheres em penca”, da companhia carioca de Dias Braga.<sup>323</sup>

---

<sup>319</sup> VILLANOVA, Simone. Sociabilidade e cultura: a história dos “pequenos teatros” na cidade de Manaus. p.166.

<sup>320</sup> FERREIRA, Adriano de Assis. Teatro Ligeiro Cômico no Rio de Janeiro: a década de 1930. p. 36.

<sup>321</sup> MENEZES, Lená Medeiros de. Os estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio (1890- 1930). Acervo: revista do Arquivo nacional. v. 10, n. 2 (jul./dez. 1997). Rio de Janeiro. p. 46. Disponível em: [arquivonacional.gov.br](http://arquivonacional.gov.br)

<sup>322</sup> RAGO, Margareth. Os prazeres da noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). p. 230.

<sup>323</sup> SOUZA, Márcio. A expressão amazonense – do colonialismo ao neocolonialismo. Manaus: Editora Valer, 2010, 3 edição. p. 239.

Nesse sentido, a figura da atriz se opõe ao ideal feminino enraizado no imaginário social de que a mulher deveria ser submissa, sabedora de que toda a sua felicidade, quiçá sua própria existência, estava inexoravelmente ligada ao homem e que sua conduta e ações definiriam sua imagem diante da sociedade, classificando-a entre “mulher respeitável” e a “mulher alegre”.

### **CAPÍTULO 3**

#### **Imprensa de imigrantes na cidade de Manaus**

## CAPÍTULO 3

### Imprensa de imigrantes na cidade de Manaus

#### 3.1. Considerações gerais sobre a imprensa de imigrantes

Como vimos anteriormente, existem diversos fatores que contribuem para o fenômeno migratório de um país para o outro, mas, independente das razões que motivam o ato de migrar, podemos dizer que ele sempre se dá em busca de melhores condições de vida. Nesse percurso, no entanto, não acontece apenas a transposição de um espaço físico para outro, pois, sendo a imigração um processo de ruptura, carrega em si a necessidade de reconfiguração identitária que ocorre não apenas por parte dos imigrantes, mas também da sociedade que o recebe. Nesse contexto, o processo de identidade do imigrante vive em permanente negociação com as culturas das sociedades que os acolhem, pois de acordo com Stuart Hall, “como outros processos globalizantes a globalização cultural é desterritorializante em seus efeitos. Suas compressões espaço-temporais, impulsionadas pelas novas tecnologias, afrouxam os laços entre a cultura e o ‘lugar’”.<sup>324</sup>

As identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera. Por todo globo, os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais dos antigos Estados-Nação dominantes, das antigas potências europeias, e, de fato, do próprio globo.<sup>325</sup>

A partir dos movimentos migratórios surge uma nova identidade para o sujeito, a identidade de ser imigrante. Segundo Stuart Hall, a identidade pode ser entendida como “um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto”<sup>326</sup>. Nesse sentido, os imigrantes trazem consigo os valores de uma cultura original, porém, para que haja uma adaptação ao país que os recebe, alguns desses valores devem ser revistos ou até mesmo abandonados, ao mesmo tempo em que assimilam e reproduzem aspectos da cultura

---

<sup>324</sup> HALL, Stuart. *Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais*. p, 36.

<sup>325</sup> Idem. p. 44-45.

<sup>326</sup> Idem. p. 15-16.

local<sup>327</sup>. Assim, nas migrações internacionais, as identidades são reconfiguradas com base nos respectivos pertencimentos nacionais, associados ao processo de inserção e adaptação ao novo país.

Mas, ainda que a aproximação de diferentes culturas e o processo de adaptação promovam algum tipo de assimilação, a necessidade de preservação de laços familiares, costumes, religiosidade, dialeto, entre outros elementos, favorece o surgimento de práticas pelas quais se promove e produz um sentimento de proximidade com a cultura dos países de origem. Segundo Marília Ferreira Emmi:

Os princípios de singularidade e diferenciação cultural demarcadores de identidade produzidos em determinados contextos resultam na formação de organização comunitária, muitas vezes envolvendo pessoas aparentadas, oriundas da mesma região, ou que emigram na mesma leva e com outros atributos comuns, que constituem base para a reciprocidade e sociabilidade acionadas como elementos simbólicos de identidades étnicas.<sup>328</sup>

Com base nos respectivos pertencimentos nacionais, os imigrantes puderam reconfigurar-se e, em certa medida, reafirmar suas identidades, reproduzir e perpetuar costumes e práticas tradicionais, como o uso da língua materna, hábitos alimentares, diferentes formas de organização social, associações recreativas e culturais, entre outros, que contribuíram para congregar os membros das comunidades em torno da manutenção de suas identidades étnicas, como observou Giralda Seyferth: “O sentimento de comunidade e a consciência coletiva dele resultante, atribuídos à solidariedade decorrente do processo compartilhado de colonização, contribuíram para o aparecimento das identidades étnicas construídas em oposição aos brasileiros”<sup>329</sup>.

Evidencia-se dessa maneira a importância que as diferentes formas de associações criadas pelos imigrantes tiveram frente à construção e à preservação de suas

---

<sup>327</sup> Ao estudar deslocamentos de grupos não europeus, a partir de uma discussão sobre a miscigenação existente no Brasil e da complexidade em abordar esse tema, especialmente no que tange à imigração, Jeffrey Lesser afirma que uma "identidade nacional única ou estática jamais existiu: a própria fluidez do conceito fez com que ele se abrisse a pressões vindas tanto de baixo quanto de cima". Partindo dessa premissa, o autor traçou uma análise sobre os imigrantes nipônicos, chineses e sírio-libaneses, destacando diferentes formas de negociação da etnicidade com vistas à integração desses indivíduos à nação brasileira. Assim, Lesser destaca o surgimento dos primeiros jornais voltados à colônia japonesa em São Paulo e no Paraná no início do século XX; um desses jornais, o Gakusei, criado por uma liga de estudantes, trazia a proposta de construção de uma nova identidade japonesa como forma de inserção à sociedade brasileira. LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. Tradução de Patrícia de Queiroz C. Zimbres. São Paulo: Editora da UNESP, 2001. p. 20, 167-169, 221-226.

<sup>328</sup> EMMI, Marília Ferreira. *Italianos na Amazônia (1870-1950): Pioneirismo econômico e identidade*. Belém. NAEA, 2008. p. 228-229.

<sup>329</sup> SEYFERTH, Giralda. *Memória coletiva, identidade e colonização: representações da diferença cultural no Sul do Brasil*. MÉTIS: história & cultura. v. 11, n. 22, p. 13-39, jul./dez. 2012. p. 18.

culturas. Podemos dizer que a capacidade associativa dessas comunidades, como veremos ao longo deste capítulo, favoreceu a adaptação e a sobrevivência de muitos imigrantes que chegaram a Manaus no final do século XIX. Através das diferentes associações assistenciais, culturais, econômicas ou recreativas, os imigrantes puderam preservar costumes e tradições, amenizar o sentimento de saudade e em muitos casos contar com a solidariedade de compatriotas em caso de problemas econômicos ou de saúde.

É nesse contexto que entendemos os jornais produzidos por imigrantes, posto que o surgimento destes está relacionado à necessidade que os imigrantes tinham de fazer circular ideias e informações dentro da comunidade. A presença da imprensa produzida por imigrantes no Brasil, assim como as diversas associações recreativas, beneficentes, culturais, desportivas ou comerciais, buscaram atender a demanda das comunidades imigrantes em diferentes aspectos, além de promover espaços de sociabilidades e manutenção da memória dos seus países de origem. Nesse sentido, a imprensa destacou-se como um importante elemento para a construção e a manutenção das diferentes identidades estrangeiras.<sup>330</sup>

Assim, o surgimento e o desenvolvimento da imprensa produzida por imigrantes estão intrinsecamente relacionados aos processos de deslocamentos populacionais. Devido ao grande número de imigrantes que chegou ao Brasil no final do XIX, é comum que se associe o surgimento desses jornais a esse período, mas existem pesquisas que apontam para um período anterior. Segundo Ângelo Trento, o primeiro periódico imigrantista de que se tem notícia teria sido o *La Croce Del Sud*, editado por Giovan Francesco di Gubbio e Anselmo da Crotelvetrano, ambos franciscanos. Era uma publicação de cunho religioso e teria circulado por um curto período de tempo no Rio de Janeiro em 1765<sup>331</sup>. Giralda Seyferth também destaca a existência de jornais produzidos em língua alemã, que teriam surgido no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina na década em 1850, bem antes dos aproximados três milhões de estrangeiros se instalarem no Brasil<sup>332</sup>.

No entanto, não há dúvidas de que o auge da produção de periódicos feitos por

---

<sup>330</sup> Além de informar, circular ideias, promover sociabilidades e manutenção da cultura, muitos jornais voltados para as comunidades de imigrantes circularam em língua vernácula e, nesse caso, eles foram fundamentais para a integração de grupos que não tinham nenhum conhecimento da língua do novo país.

<sup>331</sup> Trento, Ângelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel/Instituto Italiano di Cultura di San Paolo, 1989. p. 184-185.

<sup>332</sup> SEYFERTH, Giralda. Memória coletiva, identidade e colonização: representações da diferença cultural no Sul do Brasil. p. 19.

imigrantes tenha sido entre o final do século XIX e início do XX. Os trabalhos de Ângelo Trento<sup>333</sup> e Franco Cenni<sup>334</sup> nos mostram que o período da grande imigração favoreceu o surgimento de um número verdadeiramente incalculável de publicações de todo gênero e que se dedicavam aos mais diversos assuntos.

Nelson Werneck Sodré, em *História da imprensa no Brasil*, registrou o surgimento de importantes jornais voltados às colônias italianas e alemãs no final do século XIX:

[...] em São Paulo: a 2 de julho de 1893, aparecia 'Fanfulla', semanário domingueiro, dirigido por Viatlino Rotellini, depois transformado em diário, órgão italiano; a 2 de junho de 1897, aparecia a 'Deutscher Zeitung', semanário dirigido por W. Lehfeld, transformado em diário, a partir de 1º de junho de 1900, já dirigido Rodolfo Troppmair, órgão da colônia alemã.<sup>335</sup>

Em publicação sobre a imigração italiana para o Brasil, Ângelo Trento<sup>336</sup> destaca que no período entre 1880 a 1920 existiam no país aproximadamente 170 periódicos voltados para os italianos, dos quais entre 140 ou 150 títulos teriam circulado na cidade de São Paulo. Essas publicações eram editadas tanto em língua italiana quanto em português.

O levantamento produzido por Trento sobre a imprensa italiana no Brasil destacou que, desde o seu surgimento até o ano de 1940, existiram aproximadamente 500 publicações entre diários, semanários, quinzenários, mensários, números únicos e almanaques, que foram publicados em diferentes regiões do país<sup>337</sup>. Diante do grande número de publicações, considerando que a maioria dos imigrantes italianos era analfabeta ou semianalfabeta, e a pesada carga horária de trabalho que não permitiria tempo para leitura, o autor chegou a questionar a existência de leitores para tantas publicações<sup>338</sup>.

Embora a imprensa produzida pela comunidade italiana destaque-se pelo número expressivo de publicações, imigrantes de diferentes nacionalidades que se instalaram no Brasil, entre os quais portugueses, espanhóis, árabes, alemães, entre outros, também

---

<sup>333</sup> TRENTO, Ângelo. Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil.

<sup>334</sup> CENNI, Franco. *Italianos no Brasil: andiamo in Mérica*. 3 ed. São Paulo, SP: EDUSP, 2003. Esse trabalho procurou "acompanhar" a trajetória de imigrantes italianos no Brasil, desde o período das navegações de "descobrimientos", em busca da influência italiana na cultura brasileira em diversos setores como: arquitetura, pintura, medicina, entre outros. O autor também fez uma abordagem sobre a formação das diversas associações que esses imigrantes formaram no Brasil.

<sup>335</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 265.

<sup>336</sup> TRENTO, Ângelo. Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil. p. 184-186.

<sup>337</sup> Idem. p. 184-186.

<sup>338</sup> Idem.

contribuíram para compor uma grande variedade de periódicos nos mais diferentes formatos, tais como: jornais em preto e branco, tabloides, revistas, almanaques, boletins, entre outros. Os títulos e as temáticas abordadas nesses periódicos também eram bastante diversificados e revelam uma imprensa plural e complexa<sup>339</sup>. Características específicas desses periódicos variavam de acordo com nacionalidade, período em que foram produzidos e público que pretendiam alcançar, haja vista a existência de periódicos voltados a diferentes segmentos, entre os quais grupos religiosos ou classes profissionais, além de publicações que focavam assuntos específicos, tais como: política, economia, cultura, entre outros<sup>340</sup>.

As temáticas que aparecem com maior frequência ocupando grande espaço nas páginas dos jornais de imigrantes geralmente estiveram relacionadas às notícias da colônia. Segundo Trento, essas pequenas notícias estariam relacionadas a fatos corriqueiros, curiosidades, fofocas, folhetins, propaganda de firmas e lojas, além dos destaques dados aos acontecimentos relativos à colônia, “crônica mundana ou às comemorações patrióticas”<sup>341</sup>. O noticiário dessa imprensa girava em torno da comunidade: eram anúncios de nascimentos, de festas das respectivas comunidades em datas cívicas, casamentos, aniversários, notas de falecimento, missas, eventos sociais ou esportivos, moda, notícias dos países de origem, entre outros. Assuntos referentes à terra natal também tiveram grande destaque nesses jornais, que veiculavam notícias ligadas à política, ao governo, à imigração, além de tratar sobre fenômenos naturais, crimes, acidentes, datas comemorativas, entre outros assuntos.

Questões relacionadas à realidade brasileira, tanto em nível regional quanto nacional, também estiveram presentes na imprensa produzida por imigrantes e revelam o interesse das comunidades em conhecer o contexto no qual estavam inseridos. Esses

---

<sup>339</sup> Nos trabalhos de Giralda Seyferth sobre os imigrantes alemães que se estabeleceram tanto no Rio de Janeiro quanto na região Sul do Brasil, a autora destaca que entre 1852 e 1939 mais de 50 jornais e semanários editados em alemão foram destinados à colônia. SEYFERTH, Giralda. Identidade étnica, assimilação e cidadania – A imigração alemã e o Estado Brasileiro. Revista Brasileira de Ciências Sociais. n. 26, ano 9, outubro de 1994 / SEYFERTH, Giralda. A imigração alemã no Rio de Janeiro. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

Lesser também destacou o surgimento de jornais árabes. Segundo o autor, ao menos 14 jornais circularam pelo país nas primeiras décadas do século XX, chegando a aproximadamente 95 publicações até o ano de 1933. LESSER, Jeffrey. A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. Tradução de Patrícia de Queiroz C. Zimbres. São Paulo: Editora da UNESP, 2001. p. 102-103.

<sup>340</sup> ESCUDEIRO, Camila. Imprensa de Comunidades Imigrantes de São Paulo e Identidade: estudo dos jornais ibéricos Mundo Lusíada e Alborada. Dissertação de Mestrado da Universidade Metodista de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social São Bernardo do Campo, 2007. p. 76.

<sup>341</sup> Trento, Ângelo. Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil. op. cit. p.186.

periódicos apresentavam notícias variadas acerca da vida política, econômica e cultural do país, principalmente no que tange ao desenvolvimento nos âmbitos sociais, tecnológicos e agrícolas.<sup>342</sup>

Embora a grande maioria das publicações apresentasse discursos ou referências às suas origens, atualizando as comunidades com as últimas notícias dos respectivos países, ou simplesmente falando do amor à terra natal, da saudade e da importância do patriotismo, alguns periódicos assumiram uma postura mais incisiva em defesa de especificidades culturais e linguísticas e ao pertencimento nacional. Giralda Seiferth observou no seio da imprensa produzida por italianos, alemães e poloneses um processo de “etnização de uma ideologia nacional” com vistas à cidadania brasileira. Segundo a autora, algumas publicações reivindicavam aceitação e reconhecimento da pluralidade cultural e linguística por parte do governo brasileiro. Nesse sentido, cabe destaque à imprensa produzida por autores teuto-brasileiros, que empreendeu grandes esforços na divulgação da “germanidade” e em defesa de uma identidade teuto-brasileira, pautada pelo reconhecimento das diferenças culturais e pelo direito de uso da língua alemã.

A imprensa teuto-brasileira certamente teve maior notoriedade, inclusive em vista da influência pangermanista e nazista sobre alguns editores que introduziram posicionamentos racistas que defendiam a endogamia. Contudo, o discurso mais persistente era o da teuto-brasilidade, considerada um modo particular de ser brasileiro sem deixar de ser alemão.<sup>343</sup>

Esses grupos buscavam expressar sua identidade étnica através de espaços culturalmente demarcados com referência à ideia de nação, assumindo assim uma consciência de grupo vinculada às respectivas nações de pertencimento. Nesse contexto, além dos discursos étnicos produzidos pela imprensa, outras instituições educacionais, tais como escolas que ensinavam em língua vernácula, ou ainda instituições religiosas, como por exemplo a igreja católica, que no caso dos italianos e poloneses, desempenharam papel essencial na manutenção de suas identidades.

Segundo Camila Escudeiro, os alemães foram pioneiros em editar periódicos que deram destaque especial ao tema da educação. Esses jornais encarregavam-se de anunciar a abertura de escolas dirigidas pelos imigrantes, bem como os diferentes currículos propostos, horários, professores, avisos de reuniões, as matérias ensinadas e

---

<sup>342</sup> Neste ponto vale destacar que, apesar das questões políticas constituírem uma temática delicada a ponto de muitos jornais adotarem a postura de “professor abertamente uma posição apolítica”, os assuntos políticos tiveram espaço nos jornais imigrantes que circulavam no Brasil, principalmente na imprensa operária, socialista, anarquista e anarco-sindicalista. Trento, op.cit. p. 187-188.

<sup>343</sup> SEYFERTH, Giralda. Memória coletiva, identidade e colonização: representações da diferença cultural no Sul do Brasil. p. 19-20.

festas escolares; traziam também assuntos voltados aos professores, como questões pedagógicas e metodológicas, a partir de obras alemãs.

Conforme observou Nelson Werneck, a imprensa é uma necessidade social; no caso da imprensa produzida por imigrantes, podemos dizer que foi essencial na vida das comunidades estrangeiras e que seu papel social reflete certa ambiguidade na medida em que promove a busca pela adaptação social ou aculturação local, ao mesmo tempo em que trabalha de forma ativa pela manutenção da cultura de origem. Esse aspecto reflete uma característica importante da imigração que é a transitoriedade, uma vez que o imigrante representa a presença provisória de alguém que pode a qualquer momento retornar ao seu país de origem; esse sentimento é comum a todas as partes envolvidas no processo migratório, já que o retorno à terra natal é um desejo de grande parte dos imigrantes.

Para Sayad, essa contradição é característica constitutiva da própria condição do imigrante e impõe, tanto à sociedade receptora quanto à sociedade de origem, a ilusão de um estado que não é nem provisório nem definitivo, “tudo acontece como se a imigração necessitasse, para poder se perpetuar e se reproduzir, ignorar a si mesma (ou fazer de conta que se ignora) e ser ignorada enquanto provisória e, ao mesmo tempo, não se confessar como transplante definitivo”. Assim o imigrante vive o constante paradoxo do estar dentro e fora ao mesmo tempo, numa perspectiva onde será sempre um estrangeiro, tanto para si próprio quanto para a sociedade receptora que tem sua presença como algo temporário, ligado principalmente à força de trabalho.<sup>344</sup>

Para além do papel social desempenhado pela imprensa de imigrantes, não podemos ignorar os interesses particulares desses impressos, já que a produção jornalística dependia de meios físicos e técnicos, de estrutura específica para montagem de tipografias, matéria prima, mão de obra, mestres tipógrafos e gravadores<sup>345</sup>. Sendo assim, devemos entender a imprensa estrangeira como um empreendimento financiado por grupos que compunham a elite social e intelectual das colônias de imigrantes; logo, o surgimento e a continuidade desses periódicos, bem como a definição do perfil editorial, além da comunidade enquanto público leitor, dependiam da capacidade de organização e dos interesses desses grupos e de seus membros, além de necessidades

---

<sup>344</sup> SAYAD, Abdelmalek. A imigração ou os paradoxos da alteridade. Prefácio, Pierre Bourdieu; tradução Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de S.P. 1998. p. 45-47.

<sup>345</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Folhas do Norte: Letramento e Periodismo no Amazonas (1880-1920). p. 65.

ligadas a fatores econômicos, políticos, técnicos culturais e sociais que variavam de acordo com o contexto regional<sup>346</sup>.

Portanto, os discursos desses jornais não eram neutros, foram produzidos com base em interesses econômicos, políticos e ideológicos relativos aos grupos que os criaram, e embora a grande maioria se definisse como “defensor da colônia”, obviamente não visavam atender todos os imigrantes. Como afirma Maria Helena R. Capelato sobre a imprensa em suas implicações sociais: “A Imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social”<sup>347</sup>.

### **3.2. Imprensa de imigrantes na cidade de Manaus entre 1880 a 1920**

Como vimos anteriormente, além das mudanças urbanísticas e arquitetônicas viabilizadas pelo desenvolvimento econômico e comercial a partir da exportação da borracha, o Estado buscou diferentes formas de adequar os costumes da população a novos hábitos de disciplina e higiene pautados na cultura europeia, sendo implementadas diversas normas de conduta que interferiram diretamente no cotidiano da população local. Tais normas foram impostas a partir do Código de Posturas Municipal e demonstraram toda a preocupação das autoridades em enquadrar, não apenas a parte estrutural da cidade, mas também os seus habitantes, aos discursos de cidade moderna e civilizada com foco no desenvolvimento capitalista.

Assim, diversos setores da administração pública e órgãos ligados ao governo atuaram em nome do projeto de modernidade e civilização que se queria para Manaus. Nesse contexto, a imprensa também desempenhou um importante papel como veículo de transmissão e dinamização da cultura e dos costumes almejados.

À medida que houve a valorização da borracha no mercado exterior, ocorreu também o crescimento da atividade de imprensa no Amazonas. Fundada em 1851 com o *Cinco de Setembro*, por ocasião da instalação da Província, a expansão da imprensa local está intimamente atrelada ao próprio desenvolvimento da economia e a uma série de fatores e alterações que ocorreram na sociedade naquele período. Além da incorporação de novos estilos jornalísticos, fatores de base material, como a introdução

---

<sup>346</sup> ESCUDEIRO, Camila. Imprensa de Comunidades Imigrantes de São Paulo e Identidade: estudo dos jornais ibéricos Mundo Lusíada e Alborada. p. 76.

<sup>347</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. Imprensa e História do Brasil. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988. p. 21.

de novas tecnologias, como telefone, telégrafo e máquinas de linotipo, impulsionaram o processo de editoração jornalística no Estado, proporcionando um considerável aumento na produção de periódicos.

Dentro do período que delimita esta pesquisa, 1880 a 1920, foi possível identificar que mais de 390 títulos de periódicos foram publicados e, além dos números, há destaque também para a variedade dessas publicações que congregam uma gama de jornais de matrizes e formatos diferentes<sup>348</sup>. A grande maioria desses jornais teve vida efêmera, muitos “desapareceram” devido a problemas financeiros, outros porque surgiram apenas em edições de datas e eventos comemorativos, ou para homenagear personalidades e instituições, além de alguns jornais que surgiram e circularam apenas no ano 1889, representando grupos favoráveis ou contrários à República. Esses jornais refletiam e expressavam a efervescente onda de mudanças no país com a eminente mudança de governo e também da cidade de Manaus, que passava por uma série de transformações naquele momento. Entre as publicações, verifica-se a presença de jornais literários, políticos, estudantis, operários, humorísticos, religiosos, críticos, associativos, publicitários, edições especiais, comemorativas e jornais estrangeiros de diferentes países.<sup>349</sup>

Diante da nova dinâmica social, parte dos grandes jornais deixou para trás a “experimentação” e o “amadorismo”, consolidando um perfil profissional de jornal empresa. Com o crescimento populacional e o lento processo de alfabetização das camadas populares, a partir da criação e expansão de serviços educacionais públicos, esses jornais aumentaram as tiragens e diversificaram os conteúdos, dando ênfase às notícias de atualidade que iam do folhetim às questões policiais.<sup>350</sup>

Produzida pelas elites intelectuais em meio às transformações empreendidas pelo poder econômico, a imprensa local desempenhou um importante papel de divulgação e fiscalização de ações e medidas que visavam à modernização da cidade de Manaus.

Os jornais registraram em grande escala o surgimento de novos hábitos e costumes com base nos critérios de elegância e educação estabelecidos pelas elites locais. Além dos inúmeros anúncios de peças do vestuário inspiradas na moda europeia,

---

<sup>348</sup> A obra “Cem anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950)”, coordenada por José Ribamar Bessa Freire traz a catalogação dos jornais publicados no Amazonas até o ano de 1951, onde foram registrados mais de seiscentos títulos. FREIRE, José Ribamar Bessa (Coord.). Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851- 1950) - Catálogo de Jornais. Manaus: Editora Calderaro, 1990.

<sup>349</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte Pinheiro. Folhas do Norte. Letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920). p. 122.

<sup>350</sup> Idem. p. 83-84.

sinônimo de requinte e progresso, e de outros produtos importados que abasteciam as novas “necessidades” das classes dominantes, os jornais deram grande destaque às novas formas de lazer e sociabilidades, revelando a verdadeira efervescência cultural nos bailes, teatros e clubes que surgiam na cidade.

A valorização do ensino formal também foi pauta constante em muitos jornais que circulavam em Manaus e revela a preocupação do governo e das famílias endinheiradas com a questão da educação. Assim, além das propagandas do governo, que utilizavam os jornais para veicular notícias sobre o ensino local, e o surgimento de novas escolas públicas, diversos anúncios de escolas particulares e aulas de um segundo idioma, como francês, inglês, italiano ou alemão, demonstram que famílias mais abastadas buscavam proporcionar uma educação mais esmerada aos seus filhos, isso quando não os enviava para estudar fora do país.

A modernização e o embelezamento da cidade estavam diretamente ligados à limpeza e à organização, por isso a preocupação da administração pública com a questão da higiene tomou grandes proporções nas ações e discursos através da imprensa; as medidas higiênicas adotadas para as casas e espaços públicos iam desde a construção de uma rede de esgoto com as mais modernas condições sanitárias até adequação das casas, quintais, além de mudanças nos hábitos da população que pudessem colocar em risco a saúde pública e a imagem que estava sendo construída da cidade.<sup>351</sup>

Além de divulgar os signos do progresso e orientar quanto às normas comportamentais que fariam de Manaus uma cidade moderna e civilizada, a imprensa desempenhou o papel de crítica e fiscalizadora de condutas inadequadas. Nesse contexto, foram denunciados tanto os atos de delinquência, alcoolismo e prostituição, quanto práticas e ações populares que até então faziam parte da cultura dos habitantes da cidade, como, por exemplo, os banhos de igarapés. Na construção da modernidade desejada, as elites dirigentes da cidade consideravam necessário extirpar toda e qualquer referência de “atraso” social e cultural, o que resultou na exclusão de práticas tradicionais e também no “afastamento” de grande parcela pobre de Manaus, que foi

---

<sup>351</sup> DIAS, Edneia Mascarenhas. As regulamentações acerca das medidas de higienização eram legitimadas a partir de leis específicas do Código de Posturas.

“empurrada” para as periferias ou áreas mais distantes, longe das vistas da elite local, dos visitantes e investidores que passassem pela cidade.<sup>352</sup>

Ainda que a imprensa tenha, em grande medida, atuado em favor das elites locais, também houve espaço para acolher as demandas da parcela pobre e excluída da população nativa, que manifestou através dos jornais sua insatisfação contra toda uma estrutura excludente. Maria Luiza Ugarte Pinheiro destaca a postura da imprensa nesse período em que as elites locais buscavam um novo estilo de vida:

[...] a imprensa amazonense tendeu com mais facilidade a reforçar os novos valores e até mesmo a mostrar-se como decorrência deles. Por outro lado, diversas folhas locais colocaram-se criticamente frente às mudanças, principalmente denunciando os limites estreitos e os comprometimentos dessa “modernidade” manauara.<sup>353</sup>

No processo de desenvolvimento da cidade de Manaus, a posse de riquezas definiu a posição de cada indivíduo na tessitura social; assim, os sinais de progresso impressos nas melhorias sociais de infraestrutura atenderam apenas uma parcela mais privilegiada da população. O caráter desigual e excludente do desenvolvimento evidencia-se na imprensa por meio dos espaços que acolhiam as reclamações populares em questões de desemprego, educação, saúde, moradia, entre outras questões.

[...] os jornais locais recebem os mais diferentes tipos de reclamações e denúncias de moradores que não são atendidos pelo serviço de abastecimento de água, pelo serviço de remoção de lixo, pelos serviços de transportes. Há denúncias contra os altos preços dos produtos de primeira necessidade, expostos à venda no mercado municipal, ou contra a falta desses. Moradores dos subúrbios, frutos do crescimento da cidade, solicitam, pela imprensa, a extensão dos serviços de iluminação, de calçamento, limpeza de ruas, etc.<sup>354</sup>

A grande variedade de títulos impressos revela uma diversidade de grupos que buscavam uma representação social. O aumento demográfico registrado com a chegada de pessoas de diversas regiões do mundo imprimiu à cidade de Manaus características bastante cosmopolitas; a população local mesclou-se entre nativos e imigrantes de diversas partes do Brasil e do exterior, com operários, estudantes, pessoas de diferentes concepções políticas e ideológicas, portadores de toda uma variedade cultural que chegavam e se estabeleciam na cidade. Assim, muitos grupos criavam jornais para

---

<sup>352</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte Pinheiro. Folhas do Norte. Letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920). p. 92-94.

<sup>353</sup> Idem. p. 93-94.

<sup>354</sup> DIAS, Edineia Mascarenhas. A ilusão do Fausto: Manaus, 1890-1920. p. 120.

expressar suas ideias, reivindicar direitos, criticar o poder vigente ou expressar, reforçar aspectos culturais específicos.<sup>355</sup>

É nesse contexto que destacamos o surgimento de jornais produzidos por imigrantes em Manaus na virada do século XIX para o XX. Os imigrantes que chegavam de países do exterior encontravam no Brasil cultura, costumes, hábitos e valores completamente diferentes dos de seus países de origem; a fim de driblar as dificuldades e facilitar a adaptação, organizaram-se em comunidades que tinham como base a união, não só como forma de fortalecimento dos laços de amizade e fraternidade, mas também como uma forma de se protegerem das possíveis adversidades que pudessem ser encontradas no novo país. Assim como ocorreu em outras cidades brasileiras, essas comunidades encontraram nos periódicos dirigidos aos seus grupos espaços onde suas demandas e representações culturais tivessem visibilidade, além de oportunizar o fortalecimento de seus laços com os países de origem.<sup>356</sup>

Como ocorreu em outras regiões do país, na cidade de Manaus, o aparecimento do grande volume desses jornais está inscrito no período de grande fluxo migratório, ou seja, do fim do século XIX até a década de 1920 do século XX, quando surgiram periódicos de diferentes gêneros e matizes políticos.<sup>357</sup>

O primeiro jornal voltado para comunidade estrangeira de que se tem notícia em Manaus foi o *A Caridade*<sup>358</sup>, editado em número único no ano de 1893, cuja edição foi direcionada para noticiar aos portugueses e à população de modo geral sobre a instalação da Casa de Saúde da Sociedade Portuguesa Beneficente.

Instala-se hoje a Casa de Saúde da Sociedade Portuguesa Beneficente. Depois de vinte anos de constante trabalho conseguiuella o seu caridoso desideratum. Ninguém desconhece o fim altamente altruístico que impellio a 31 de Outubro de 1873 aos que superando grandes dificuldades innatas ao meio e ao tempo, fundaram esta útil associação, que é uma homenagem sincera de amor e respeito á pátria distante. Instituições como esta representam nas sociedades civilizadas a suprema investidura das mais sãs virtudes de caridade e amor que todos devemos aos nossos semelhantes e particularmente aos que são filhos da pátria comum.<sup>359</sup>

---

<sup>355</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Folhas do Norte. Letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920). p. 113-114.

<sup>356</sup> Idem.

<sup>357</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Folhas do Norte. Letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920). p.122.

<sup>358</sup> A CARIDADE. Publicado em Manaus no ano 1893, número único, de responsabilidade da Sociedade Beneficente Portuguesa de Manaus. Disponível no acervo do IGHA.

<sup>359</sup> *A Caridade*. Manaus, 17 de dezembro de 1893.

Entre os periódicos que compunham a imprensa estrangeira na cidade de Manaus, identificamos em torno de 27 títulos. Das comunidades que fizeram uso da imprensa, podemos destacar portugueses, italianos, espanhóis, árabes e alemães.

O que caracteriza esses jornais como imprensa estrangeira é o fato de estarem direcionados, na grande maioria, para um público específico, que são suas respectivas comunidades. Muitos foram escritos em língua vernácula, e, embora grande parte tenha circulado por pouco tempo e suas dimensões quantitativas possam parecer pouco relevantes, suas contribuições para a recuperação da presença e da trajetória dos imigrantes é muito significativa.

Sobre as características dessas publicações, entre os assuntos mais frequentes estão aqueles relacionados às comunidades de origem. Nesse quesito, podemos destacar notícias sobre eventos em alguma entidade ou associação, almoços, reuniões, festas religiosas, confraternização em clubes, perfis de membros importantes da comunidade, perfil de estabelecimentos comerciais, datas comemorativas, como aniversário, batismo, casamento, notas sobre falecimento, etc. Também reservavam espaço para divulgar eventos culturais, destacando espetáculos teatrais, bandas e orquestras musicais, artistas, temas de referências históricas e culturais dos países de origem que remetiam, principalmente, à formação e à manutenção da identidade cultural da comunidade.

Apesar da aparente semelhança entre si, não devemos enxergar esses jornais de maneira simplista, buscando a uniformidade ou a neutralidade no formato e nos discursos. Devemos pensar essas publicações em um processo conflituoso e carregado de subjetividades, onde os fatos são selecionados e editados de acordo com os interesses de seus produtores.

Assim, mesmo identificando pontos em comum nas publicações da imprensa estrangeira, sobretudo, no caráter informativo e patriótico e nas iniciativas de amparo e defesa de seus compatriotas, devemos lembrar que não pretendemos e nem podemos “desenhar” ou classificar um modelo para esses jornais, dada a grande diversidade dos mesmos. Também não podemos ignorar os diferentes interesses por parte dos seus fundadores, sejam eles financeiros, políticos ou ideológicos.

Essa questão fica patente quando observamos o exemplo da comunidade portuguesa, maior representante da imprensa estrangeira em Manaus. Ainda que, de modo geral, os jornais voltados para a comunidade portuguesa tenham apresentado características similares, como a forte tendência de estímulo à manutenção da identidade e dos laços culturais e afetivos que remetiam a Portugal, é possível perceber que

determinados posicionamentos relativos a questões políticas, fossem eles referentes a Portugal ou ao Brasil, geravam divergências e troca de “farpas” entre os jornais progressistas, os de cunho mais conservador e até mesmo aqueles que preferiam se colocar com certa neutralidade diante de assuntos políticos.<sup>360</sup>

Na nota abaixo, o cronista do jornal *O Lusitano*<sup>361</sup> deixa claro qual deveria ser a missão do “jornalismo colonial”: a “coesão de elemento português”. Para isso, os jornais voltados à comunidade não deveriam envolver-se em política relacionada ao Brasil ou mesmo a Portugal, o que só contribuiria para a desagregação comunitária.

Que tristeza d’alma, que dor amargurada me causa a leitura de certos jornaes portuguezes que se publicam no Brasil e que teem como alvo ostensivo-DEFENDER OS INTERESSES PORTUGUESES ou DA COLONIA PORTUGUESA NO BRASIL-, em grandes letras, bem patentes no seu cabeçalho. Justificado é o seu fim; grandioso o seu programa; nobilíssima a sua causa. A colônia portuguesa, a vista de tão esperançoso lema rejubila por ter um órgão seu que a defenderá, que a encaminhará, guiando-a, que a patrocinará nas suas justas reivindicações, que lhe dará alentos e prestará auxílios e no qual julga vêr um pedaço da sua pátria, tal como se visse fluctuar, ao impulso suave de branda vibração, a bandeira das quinas no topo do mastro de um navio português em aguas brasileiras. Mas para os portuguezes, patriotas sinceros, que presam o nome da pátria, que sobrepõe a tudo, o prestígio, a honra a dignidade, o bom conceito de Portugal, essa mirifica visão esvae-se rapidamente, como tênue espiral de fumo sacudida pelo sopro rijo de vento invernos. E’queelles veem que esse lemma sublime é annullado na orientação dada aos jornaes, desvirtuando a missão do jornalismo colonial em terras onde é hospede. Fazendo politica portuguesa ou nacional facciosa, falseia o seu compromisso porque provoca, incita e gera scisão da colônia, cavando fundamente abysmos que Ia separam, criando e acirrando ódios e paixões entre irmãos que deveriam ser unidos, cordatos, civis e dedicados a Patria. E isto é seu enfraquecimento. E o seu enfraquecimento é a perda dos seus interesses. E a perda de seus interesses é o contrario do fim a que esse jornalismo se diz destinado. Além d’isso lá vem os artigos em que se ridicularizam os homens, os governos portuguezes ridicularizando e amesquinhando o próprio Portugal. Isto em terras alheias é fortalecer o conceito com que muitos nos depreciam. Se amanhã um natural do paíz onde estamos me vier dizer mal do meu paíz e eu, refutando a arguição deprimente, disser ser falsa tal asserção, ele poderá dizer-me, com esses jornaes portuguezes aqui publicados na mão, que se baseia para sua affirmativa nesses mesmos jornaes, não fazendo mais do que repetir o que n’elles escreveram jornalistas portuguezes e quantos há que não o são ; Este é porem, um dos menos tristes resultados que pode fornecer tal procedimento. O peor é a desagregação da colônia, a dissolução dos laços que o devem unir. O contrario disto, a coesão do elemento português, é que deve ser a missão do jornalismo lusitano no Brasil, para ser verdadeiramente português e seguir e honrar a legenda que traduz o alvo que visa. A não ser

<sup>360</sup> PINHEIRO, Geraldo Sá Pantaleão Peixoto. *Imprensa, Política e Etnicidade: Portuguezes letrados na Amazônia (1885-1937)*. Tese de Doutorado em História. Porto: Universidade do Porto, 2011. p. 93.

<sup>361</sup> O LUSITANO (1913-1920) – Órgão da Colônia Portuguesa no Amazonas. Semanário, saía aos sábados, circulou em Manaus, oferecendo aos leitores assinaturas anuais, semestrais ou trimestrais. Propriedade de Biscaia, Godinho e Cia. e J. Godinho Ferreira, sob a direção de J. da Fonseca e Alfredo Alberto de Carvalho. Disponível no Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

assim, querer fazer política em paiz estrangeiro declare-se, então politico combatente, lembrando-se, porém, que o local não é próprio nem a Pátria deve ser enxovalhada em qualquer modo e condição.<sup>362</sup>

Ao observarmos a atuação da imprensa nas diferentes demandas sociais, é possível entender que o conteúdo veiculado nos periódicos, tanto aqueles voltados para a população local, quanto para as comunidades de imigrantes, constituíram diálogos entre aqueles que os produziram, os grupos aos quais eram direcionados e o contexto onde esses grupos estavam inseridos. A partir de então é possível perceber a importância que a imprensa exerceu no dia-a-dia dessas pessoas e as inúmeras possibilidades de análises e descobertas que a imprensa enquanto fonte de pesquisa pode nos oferecer.

A partir das páginas desses jornais, buscamos apreender o cotidiano por meio da transcrição de fatos e notícias, que, longe de serem neutras, trazem em seu bojo um conjunto de interesses, sejam eles ideológicos, políticos ou econômicos, ligados a instituições particulares ou governamentais, que em muitos momentos sobrepujaram o papel essencialmente informativo da imprensa<sup>363</sup>.

Apesar da carência de estudos que apresentem uma sistematização histórica da imprensa estrangeira em Manaus, foram desenvolvidos importantes trabalhos sobre a produção periódica no Amazonas que nos servem de referência e nos permitem identificar os periódicos produzidos por imigrantes na cidade. Nesse sentido, devemos destacar a obra de João Batista de Faria e Souza, que, com a colaboração de Alcides Bahia e Monteiro de Souza, desenvolveu um catálogo onde foram registrados 371 títulos entre jornais e revistas publicados no Amazonas no período de 1851 a 1908<sup>364</sup>. Outro trabalho de referência para os pesquisadores que se utilizam da imprensa como fonte histórica foi produzido sob a coordenação de José Ribamar Bessa Freire e publicado em 1990 sob o título “Cem anos de imprensa no Amazonas, 1851-1950”<sup>365</sup>, reunindo mais de 600 títulos de jornais.

---

<sup>362</sup> *O Lusitano*. Manaus, 4 de janeiro de 1919. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>363</sup> No Brasil, é nos primeiros anos do século XX que “os pequenos jornais, de estruturas simples, [...] cedem lugar às empresas jornalísticas, [...] afetado o plano da produção, o da circulação, [...] alterando-se as relações do jornal com o anunciante, com a política, com os leitores [...] o jornal será, daí por diante, empresa capitalista, de maior ou menor porte”. SODRÉ, Nelson W. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p.275.

<sup>364</sup> FARIA E SOUZA, João Baptista de. *A Imprensa no Amazonas, 1851-1908*. Manaus: Tipografia da Imprensa Oficial, 1908.

<sup>365</sup> FREIRE, José Ribamar Bessa (Coord.). *Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950) – Catálogo de Jornais*. Manaus: Editora Calderaro, 1990.

Voltando nosso olhar mais especificamente para trabalhos que destacaram a imprensa produzida por imigrantes, temos a tese de doutorado de Geraldo Sá Peixoto Pinheiro, “Imprensa, Política e Etnicidade: Portugueses letrados na Amazônia (1885-1937)”. Nesse trabalho foram identificados 50 jornais produzidos pelas comunidades portuguesas na Amazônia, sendo 20 na cidade de Manaus e 30 em Belém do Pará, através dos quais o historiador buscou analisar o universo da comunidade portuguesa, destacando a importância desses periódicos no entendimento desta e das demais comunidades de imigrantes.<sup>366</sup>

Contamos atualmente com importantes trabalhos no âmbito dos estudos da mulher no contexto do Amazonas. Da mesma forma, o número de trabalhos que trazem a mulher como objeto de análise a partir dos periódicos como fonte de pesquisa tem aumentado; um bom exemplo é a contribuição de Maria Luiza Ugarte Pinheiro, com a obra “Gênero & Imprensa na História do Amazonas”, da qual é organizadora, que congrega uma série de textos que analisam a trajetória das mulheres no Amazonas, a partir do século XIX através da Imprensa.<sup>367</sup>

Destacam-se também a dissertação de mestrado de Vanessa Antunes, sob o título “Mulheres do novo século: A condição feminina no Amazonas, 1900-1910. Um olhar a partir das representações da imprensa amazonense<sup>368</sup>”. O trabalho busca, através dos periódicos amazonenses produzidos na virada do século XIX para o século XX, analisar a condição feminina num novo contexto social e econômico, percebendo a reação de uma sociedade patriarcal diante de uma nova realidade, onde a mulher passou a ter maior visibilidade e participação nos âmbitos da educação, trabalho, lazer.

Luciane Maria Dantas de Campos, em sua dissertação “Trabalho e Emancipação: Um olhar sobre as mulheres de Manaus (1890-1940)”<sup>369</sup> buscou, por meio da imprensa, acompanhar a inserção da mulher no espaço público no período da *Belle Époque*; seu trabalho destaca a busca feminina pela emancipação, num contexto de grandes transformações, e as suas lutas e conquistas por direitos como voto e educação, além da participação no universo do trabalho remunerado.

Bianca Sotero também se amparou na imprensa como fonte de análise das representações femininas. Nesse caso, a pesquisa se desenvolve a partir nos jornais da

---

<sup>366</sup> PINHEIRO, Geraldo Sá Pantaleão Peixoto. *Imprensa, Política e Etnicidade: Portugueses letrados na Amazônia (1885-1937)*. Tese de Doutorado em História. Porto: Universidade do Porto, 2011. p. 93.

<sup>367</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte (Org.). *Gênero & Imprensa na História do Amazonas*. Manaus: EDUA, 2014.

<sup>368</sup> ANTUNES, Vanessa. *Mulheres do novo século: A condição feminina no Amazonas, 1900-1910. Um olhar a partir das representações da imprensa Amazonense*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2014.

<sup>369</sup> CAMPOS, Luciane Maria Dantas de. *Trabalho e Emancipação: Um olhar sobre as mulheres de Manaus, 1890-1940*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2010.

Província do Amazonas, intitulada “Imprensa e Gênero: A Condição Feminina e as Representações da Mulher Amazonense na Imprensa Provincial (1850-1889)”<sup>370</sup>. A dissertação destaca a diversidade da mulher amazonense nos diversos espaços e contextos sociais da cidade, além das lutas e enfrentamentos femininos frente às esferas de poder em busca de seus direitos.

No entanto, quando colocamos a mulher estrangeira no foco de análise através dos periódicos, a escassez de estudos fica mais evidente. De um modo ou de outro, para além do artigo de Maria Luiza Ugarte Pinheiro, “Mulheres Portuguesas na *Belle Époque* Manauara”<sup>371</sup>, ainda que de forma tangencial, os trabalhos que destacamos, e outros que versam sobre as temáticas femininas, ou relacionadas à imigração, prostituição, ou ainda sobre os diversos aspectos que englobam a efervescência social e cultural no período da *Belle Époque*, pontuam aspectos da presença e participação das imigrantes, já que elas fizeram parte atuante do contexto social.<sup>372</sup>

### **3.3. Imprensa estrangeira em Manaus: reforçando espaços de sociabilidades e promovendo a manutenção da cultura**

Os processos de deslocamentos territoriais carregam em si experiências de rupturas vividas por homens, mulheres e crianças que se lançam ao desconhecido, deixando para trás seus costumes, suas crenças, o sentimento de pertencer a um lugar, a um povo e a uma herança cultural. O aspecto cultural é um fator importante na configuração do homem e da própria sociedade na qual este se insere, pois, longe de ser apenas uma característica marcante de um povo, a cultura, segundo Geertz, é um elemento essencial para a existência humana, onde sistemas de símbolos significantes

---

<sup>370</sup> MENEZES, Bianca Sotero de. *Imprensa e Gênero: A condição feminina e as representações da mulher amazonense na Imprensa Provincial (1850-1889)*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2014.

<sup>371</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Mulheres Portuguesas na Belle Époque Manauara*. In: IX Seminário Internacional sobre Emigração Portuguesa: Brasil-Portugal: pontes sobre o Atlântico. 2013, Rio de Janeiro. Brasil-Portugal: pontes sobre o Atlântico, 2013.

<sup>372</sup> Neste sentido, podemos destacar os trabalhos de: Sílvia Maria Quintino Baraúna, “Condições sociais de Migrantes em Manaus, 1920-1945”; dissertação de mestrado de Bárbara Rebecka Gomes de Lira, “A Difícil Vida Fácil: O mundo da prostituição e suas representações na cidade de Manaus (1890-1925)”; a dissertação de Rosineide de Melo Gama, “Dias Mefistofêlicos: A Gripe Espanhola nos jornais de Manaus (1918-1919)”; e o trabalho de Fabiana Libório Correia, “Janelas do Mundo: Revistas de Variedades em Manaus (1900-1950)”. De Maria Luiza Ugarte Pinheiro temos as obras: “Folhas do Norte: Letramento e Periodismo no Amazonas (1890-1920)” e “A Cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925)”<sup>372</sup>. Além da importância para a história do periodismo no Amazonas, em todos os trabalhos é possível visualizar mulheres estrangeiras em diferentes contextos.

ou padrões culturais funcionam como norteadores das decisões do indivíduo<sup>373</sup>. Para Geertz, “um dos fatos mais significativos a nosso respeito pode ser, finalmente, que todos nós começamos com o equipamento natural para viver milhares de espécies de vidas, mas terminamos por viver apenas uma espécie”<sup>374</sup>. Assim, entendemos que a aquisição de uma identidade cultural está condicionada à adaptação e à absorção dos símbolos correspondentes.<sup>375</sup>

Não dirigido por padrões culturais, sistemas organizados de símbolos significantes — o comportamento do homem seria virtualmente ingovernável, um simples caos de atos sem sentido e de explosões emocionais, e sua experiência não teria praticamente qualquer forma. A cultura, a totalidade acumulada de tais padrões, não é apenas um ornamento da existência humana, mas uma condição essencial para ela — a principal base de sua especificidade.<sup>376</sup>

Pontuada a importância da cultura enquanto norteadora das ações humanas, destacamos a imigração como a ruptura, o afastamento do indivíduo ou grupo de indivíduos de suas raízes originais e do seu referencial de vida. Essa perda de referência cultural pode ser entendida no que Stuart Hall chama de “deslocamento ou descentração do sujeito”, o que constitui uma “crise de identidade”<sup>377</sup>. Para o autor, uma das formas de analisar a questão das identidades culturais é através do intenso deslocamento de populações, seja entre países diferentes ou dentro do mesmo país, assim, intrínsecas à experiência do imigrante; podemos destacar aspectos como a ruptura com a comunidade de origem, a dificuldade de assimilação do território e da sociedade que o acolhe, e a produção de relações sociais orientadas pela indiferença ou conflito, já que muitas vezes o imigrante é visto como um intruso. Dessa forma, a “condição” do imigrante fica “em suspenso”, um indivíduo que não pertence mais ao local que abandonou, ao qual não pode mais voltar, pois este passa a ser um lugar mítico, portanto, impossível de ser resgatado; por outro lado, também não pertence ao lugar de destino, porque este nunca o acolherá plenamente. Trata-se então de uma identidade fragmentada: “E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma ‘chegada’ sempre adiada”<sup>378</sup>.

---

<sup>373</sup> GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 124.

<sup>374</sup> IDEM, p. 33.

<sup>375</sup> IDEM, p. 34.

<sup>376</sup> IDEM, p. 59.

<sup>377</sup> HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Editora: DP&A, 10 ed. 2005. p. 9.

<sup>378</sup> HALL, Stuart. *Diáspora, Identidades e Mediações Culturais*. p. 415.

Já destacamos anteriormente que são muitos os motivos que levam pessoas a deixarem sua terra natal, seja de forma espontânea, por desejo de aventura, melhores condições de vida ou, em muitos casos, pra garantir a própria vida, como observamos com os refugiados de guerra. O fato é que o movimento de imigração traz uma carga de sentimentos contraditórios, uma vez que, se por um lado, vem carregado de sonhos, alegrias e esperanças, por outro lado, suscita medos, incertezas e tristezas. Imigrar significa partir e ao mesmo tempo ficar, porque quem vai deixa uma parte de si: pessoas, lugares e histórias, para ir de encontro ao desconhecido, “algo” que não é seu. Esse conflito ocorre porque a cultura que o imigrante traz, sua herança e definição contrastam com a nova cultura que lhe é apresentada, dificultando muitas vezes a adaptação, isso porque há o entendimento de que a integração a uma nova identidade cultural tende a significar o abandono da sua identidade, o seu “lugar” de pertencimento.

O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heróicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre.<sup>379</sup>

Partindo do princípio de que a formação de comunidades estrangeiras tem origem na aproximação de indivíduos que compartilham os sentimentos de “separação”, “perda” e “saudade”, para o imigrante, a importância da comunidade reside no acolhimento com base em fundamentos afetivos e na união em torno dos costumes que remetem às origens, além da representação de segurança em meio à instabilidade. De acordo com o conceito estabelecido por Weber, uma comunidade só pode existir verdadeiramente quando, sobre a base de um sentimento e situação em comum, são produzidas ações que resultam em benefício de um todo; segundo o autor, as relações sociais na comunidade definem-se quando<sup>380</sup>

[...] a atitude na ação social inspira-se no sentimento subjetivo (afetivo ou tradicional) dos partícipes da constituição de um todo; e na sociedade,

---

<sup>379</sup> SAID, Edward W. Reflexões sobre o exílio. In: Reflexões sobre o exílio e outros ensaios. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46.

<sup>380</sup> WEBER, M. Comunidade e sociedade como estruturas de socialização. In: FERNANDES, Florestan. (org.). *Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973. p. 140-143.

quando a atitude na ação social inspira-se numa compensação de interesses por motivos racionais (de fins e de valores) ou numa união de interesses com idêntica motivação e que a imensa maioria das relações sociais participam em parte da comunidade e em parte da sociedade.<sup>381</sup>

Nesse contexto, podemos entender que o conceito de comunidade do qual tratamos não está ligado necessariamente a um território físico, mas a um espaço de inclusão e partilha de sentidos, interesses e memórias.

Apesar dos signos de reconhecimento que unem os indivíduos, é importante ressaltar que, ao tratarmos de comunidade imigrante, não queremos caracterizar esses grupos de forma homogênea, ao contrário, cabe destacar as inúmeras diversidades, seja de ordem econômica, política ou religiosa. Stuart Hall assinala que, além das categorias de identificação que evocam coletividades e propiciam a formação de comunidades étnicas, a subjetividade simbólica que cerca o “sentimento comum” reflete as complexidades vividas entre as comunidades diaspóricas, que carregam em si as marcas da diferença e da hibridação na própria constituição<sup>382</sup>.

O termo “comunidade” [...] reflete precisamente o forte senso de identidade grupal que existe entre esses grupos. Entretanto, isso pode ser algo perigosamente enganoso. Esse modelo é uma idealização dos relacionamentos pessoais dos povoados compostos por uma mesma classe, significando grupos homogêneos que possuem fortes laços internos de união e fronteiras bem estabelecidas que os separam do mundo exterior. As chamadas ‘minorias étnicas’ de fato têm formado comunidades culturais fortemente marcadas e mantêm costumes e práticas sociais distintas na vida cotidiana, sobretudo nos contextos familiar e doméstico. Elos de continuidade com seus locais de origem continuam a existir [...] Mas existem ainda diferenças que se negam a ser consolidadas.<sup>383</sup>

Assim, cientes da importância de fatores, como costumes, experiências e valores entre indivíduos que integram as comunidades imigrantes e, ainda assim, reconhecendo a diversidade entre esses grupos, procuramos entender o fator étnico como um processo simbólico. Dessa forma, as relações sociais se dariam em um campo simbólico, gerando fluxos dinâmicos de interações e conexões entre experiências, sentimentos, valores e interpretações diferentes.

A partir da perspectiva de identidade enquanto construção simbólica de sentido, que organiza sistemas a partir da ideia de pertencimento, entendemos que na experiência de vida a partir dos processos de deslocamentos territoriais, as diferenças

---

<sup>381</sup> Idem.

<sup>382</sup> HALL, Stuart. Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais. p. 82-83.

<sup>383</sup> Idem. p. 65-66.

tornam-se secundárias, ao menos diante do contexto geral: o sentimento de nacionalismo.

Um exemplo que ilustra bem essa questão encontramos no jornal *La Voz de España*<sup>384</sup>, ao convocar a colônia espanhola para a sua primeira reunião: “Avancemos pués, y qualhermanos que todos somos, sin mirar haciael regionalismo, procuremos estrecharnos para ser furtes”<sup>385</sup>. De acordo Eric Hobsbawm, nações são construções, invenções humanas, que não existiram desde tempos imemoriais, mas que surgiram em um determinado contexto geográfico, socioeconômico e político. A partir da perspectiva de nação como construção humana, o nacionalismo enquanto sentimento de pertença seria capaz de “criar” nações onde elas não existem. Segundo Stuart Hall, nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos, ou seja, um sistema de representação cultural, e, nesse contexto, as diferenças, sejam elas sociais de gênero ou raça, ficam em segundo plano diante do projeto de unificação em torno de uma identidade nacional<sup>386</sup>.

Assim, podemos entender as identidades culturais como representações geradoras de condutas e práticas sociais dotadas de força integradora e coesiva capaz de construir sinais que dão sentido ao mundo no qual as pessoas vivem<sup>387</sup>. O processo constitutivo das identidades culturais, nos contextos de deslocamentos territoriais, rege o ideal de comunidades imigrantes; sendo assim, entendemos que as identidades culturais não são estanques, podem ser reformuladas e até transformadas. Segundo Stuart Hall, “[...] identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*. Nós só sabemos o que significa ser inglês devido ao modo como a “inglêsidade” (*Englishness*) veio a ser representada — como um conjunto de significados — pela cultura nacional inglesa”, ou seja, as pessoas compartilham a “ideia” de nação representada em sua cultura nacional<sup>388</sup>.

---

<sup>384</sup> LA VOZ DA ESPAÑA – 1901 – com o sub-título de Semanario defensor de los intereses de su colônia em el Norte del Brasil. Circulou em Manaus sob a direção de José Diaz Lopez e Julio Minuesa Merchaín, e redação der Francisco Virgil, entre períodos de interrupção e retornos existem exemplares que mostram a circulação desse jornal até o ano de 1907. Disponível nos acervos do IGHA.

<sup>385</sup> La Voz de España. Manaus, 10 de Enero de 1901.

<sup>386</sup> HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. p. 48,49,59.

<sup>387</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e História Cultural. p. 39-40.

<sup>388</sup> HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. p. 48-49.

Retornando a Chartier<sup>389</sup>, a identidade nacional, a nosso ver, enquanto uma representação é, portanto, construída por grupos que possuem interesses em impor a sua visão ideológica.

A superioridade ou, pelo menos, o caráter insubstituível dos "bens culturais", que somente podem ser conservados e desenvolvidos mediante o cultivo do modo de ser peculiar, é o ponto em que se costuma amarrar a significação de "nação", e, portanto, é óbvio que, do mesmo modo que os poderosos da comunidade política provocam a idéia do Estado, aqueles que numa "comunidade cultural" (o que significa aqui: um grupo de pessoas às quais, em virtude de seu modo de ser peculiar, estão acessíveis, de modo específico, determinadas obras consideradas "bens culturais") usurpam a liderança - os intelectuais, portanto, como por enquanto queremos chamá-los - estão em grau específico predestinados a propagar a idéia "nacional". Este é o caso quando aqueles portadores da cultura [...]<sup>390</sup>

Nesse sentido, a imprensa estrangeira, além de fazer circular as notícias sobre o que ocorria em Manaus, no restante do Brasil e em seus países de origem, também empreendeu um grande esforço num processo de manutenção e de consolidação de uma memória coletiva e de preservação da identidade nacional. Idealizada, em sua maioria, pela elite de intelectuais e de comerciantes imigrantes, a imprensa estrangeira apresentou-se como representante dos interesses das comunidades, posicionando-se como interlocutora nas relações entre seus conterrâneos e a população local.

A partir da análise dos jornais voltados às comunidades de imigrantes aos quais tivemos acesso, foi possível perceber que a dimensão de atuação e intervenção que eles desempenharam na vida dessas comunidades esteve relacionada, principalmente, a questões ligadas ao patriotismo e à integração social. No que tange à questão do patriotismo, destacam-se as ações que visavam valorizar a cultura e os costumes por meio de narrativas sobre os países de origem, textos e poemas que exaltavam datas importantes e figuras nacionais como estratégias de manutenção e fortalecimento da identidade nacional, já que estimulavam a memória e o amor à pátria. A imprensa de imigrantes favoreceu a integração social das suas respectivas comunidades, pois atuou na promoção de diversas formas de sociabilidades, além de ser ela mesma um espaço de "encontro"; também se empenhou na divulgação e organização de diversos eventos, fossem eles culturais, esportivos ou religiosos, o que promoveu a integração dos imigrantes e de suas culturas junto à sociedade local.<sup>391</sup>

---

<sup>389</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. p. 17.

<sup>390</sup> WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Fundamentos da sociologia compreensiva. Volume 2. Tradução: Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Editora UNB, São Paulo, 2004. p. 175.

<sup>391</sup> TRENTO, Ângelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. p. 177.

Inicialmente, devemos destacar que, ao tomarmos como parâmetro os discursos ideológicos veiculados através da imprensa estrangeira como representação do real, precisamos entender que esses periódicos tiveram origem em projetos particulares ou em grupos que aspiravam a objetivos e a interesses específicos, e que, embora as representações indiquem uma aparente homogeneidade, ao primar pelo patriotismo e ações em benefício de um todo, esses discursos são sempre determinados pelos interesses dos grupos que os forjam.

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso essa investigação sobre representações supõe nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio.<sup>392</sup>

Ainda que os periódicos partissem de um discurso patriótico, onde a identidade nacional surgia em primeiro plano, alguns jornais imprimiram marcas regionais, voltando seu discurso especificamente aos compatriotas de determinadas cidades ou vilas<sup>393</sup>. Independente do endereçamento do discurso, uma característica comum à grande maioria dos periódicos da imprensa imigrante tem a ver com o fato de esta ter se colocado como porta-voz da comunidade.

Em geral, os jornais apresentavam a proposta de manter aqueles que imigravam ligados entre si e ao país de origem, reconhecendo-os como pertencentes a uma comunidade cujos interesses os jornais coloniais assumiam a tarefa de defender. O jornal *Alma Portuguesa*<sup>394</sup> definia-se como um jornal dedicado especialmente às “coisas portuguesas” e tencionava discorrer sobre qualquer assunto, desde que estivesse dentro da “alçada da livre crítica jornalística”, porém, garantia nunca intervir em questões que constituíssem direito privativo da sociedade brasileira, comprometendo-se em defender a todos, independente de sua posição política ou social. Porém, acima de tudo, seu

---

<sup>392</sup> CHARTIER, Roger. A História Cultural. Entre práticas e representações. p. 17.

<sup>393</sup> PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. *Imigração, Trabalho e Imprensa em Manaus*, 1890-1928. Revista Litteris – ISSN: 19837429. n. 14 - setembro de 2014 - DOSSIÊ Revista Litteris [revistalitteris.com.br](http://revistalitteris.com.br) ISSN: 19837429 setembro de 2014. n.14. Dossiê História Social do Trabalho na Amazônia, p. 11. Acesso em: 02 jul. 2015.

<sup>394</sup> ALMA PORTUGUESA – 1915 – Semanário filiado ao Partido Republicano Português. Dirigido por Gerônimo Gomes e redigido por Alfredo Alberto de Carvalho. Oferecia aos leitores opções de assinaturas trimestrais, semestrais e anuais. Sem informação do término. Exemplares no IGHA.

compromisso maior deveria ser com os “sagrados interesses da pátria”<sup>395</sup>. Da mesma forma, o periódico *União Portuguesa* definiu o seu programa: “Trabalharemos para a UNIÃO DA COLONIA PORTUGUESA NO AMAZONAS, defendendo seus interesses perante a LEI, e os seus interesses provenientes do trabalho honesto”<sup>396</sup>.

Assim, no cumprimento de seu papel, o jornal *La voz de España, semanário defensor de los intereses de su colonia em el norte de Brasil*, travou um verdadeiro embate em defesa de um cidadão espanhol. Sob o título “Intento de asesinato em um compatriota”, o semanário lançou mão de uma campanha em favor de Francisco Virgili Alayo, que em 20 de janeiro de 1901 teria sido agredido por Polycarpo Teixeira e seu cunhado Thomaz de Oliveira. Durante várias semanas, o jornal publicou artigos detalhando o ocorrido e atualizando seus leitores sobre o desenrolar do processo. Após elogiar inicialmente o vice-cônsul da Espanha no Brasil, Sr. Lyra, pelo empenho no caso, uma publicação no mês de fevereiro, quase um mês após o ocorrido, mostra impaciência com o descaso das autoridades locais em relação ao fato, mas as críticas são direcionadas principalmente ao cônsul espanhol; o artigo chega a sugerir que poderia haver algum motivo “especial” para tal conduta: “Por que, pues, duermenuestra autoridade en este atropelo y no protesta energicamente ante las autoridades locales por laliberdad que (aun) goza el criminoso Polycarpo? No podemos comprender. Será por miedo ou por prudência esse *patriótico* proceder para com el Sr. Polycarpo?”<sup>397</sup>

Outro exemplo de jornal que saiu em defesa de sua colônia foi o *Boletim Allemão*<sup>398</sup>, que, aliás, segundo a apresentação do primeiro número em 25 de outubro de 1916, foi criado única e exclusivamente para defender os interesses da colônia alemã. Segundo o jornal, o povo alemão, por conta da Guerra, estaria sendo “envolvido em uma onda de ódio” por meio de insultos e calúnias de alguns periódicos e outros veículos de comunicação.

Não desejavamos ver-nos na obrigação de inaugurar a presente publicação. Mas, diante dos insultos e das calúnias que nossos inimigos tem espalhado contra nós, pelas suas agencias telegráficas, pelos seus periódicos, pelos seus

---

<sup>395</sup> *Alma Portuguesa*. Manaus, 08 de abril de 1915. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>396</sup> *União Portuguesa*. Manaus, 11 julho de 1918. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>397</sup> *La voz de España*. Manaus, 20 de janeiro de 1901. Disponível: IGHA

<sup>398</sup> BOLETIM ALLEMÃO (1916), com o subtítulo “Interesses da colônia Alemã”, circulou o primeiro número em Manaus no dia 25 de outubro de 1916, circulação semanal e gratuita. Não temos informação sobre o tempo exato de circulação, mas no acervo do IGHA encontramos impressos até o ano de 1917, totalizando 22 exemplares.

folhetos, por toda sorte de publicações, procurando com essa envolver o povo alemão em uma nuvem de ódios, e muitas vezes com isso conseguindo edificar uma opinião hostil a Alemanha entre os espíritos mais cultos mastambem mais fracos dos países neutros resolvemos fazer este movimento restabelecendo a verdade, em um gesto de legitima defesa.

Grande parte do povo brasileiro tem por certo a noção bastante e o suficiente critério para bem julgar as coisas.

Grande parte, porém, que é informada somente pelos nossos inimigos e pelo jornalismo furioso dos seus subordinados, mais realistas de queos reis, não pode formar opinião precisa dos fatos sem outros informes melhores. Em uma questão qualquer o bom senso manda que, a fim de apurar se a verdade ouçam se ambas as partes.<sup>399</sup>

O *Boletim Allemão*, impresso em português e de circulação semanal, era distribuído gratuitamente e trazia notícias atualizadas de todos os acontecimentos da Guerra. Com artigos intitulados “Comunicados do estado maior Allemão” e “Serviço telegráfico Allemão”, o jornal trazia informações acerca da situação militar em todos os países envolvidos nos combates; no cumprimento de sua missão, buscava “defender” a colônia alemã, participando a todos as “[...] duas versões, sobre todos os acontecimentos da guerra”<sup>400</sup>.

Por meio das leituras dos periódicos foi possível observar um tipo de discurso recorrente, principalmente entre os jornais portugueses. Esses discursos geralmente sugeriam aos portugueses a adoção de uma postura amistosa de forma a dar bom testemunho de si, o que conseqüentemente traria uma boa imagem de seu país. Nesse sentido, a imagem do país de origem surge como uma referência muito importante e, por isso, deveria ser preservada; o jornal *O Lusitano*, por mais de uma vez, fez críticas ao fato de alguns jornais portugueses falarem mal de Portugal em “terras estrangeiras”: segundo o artigo, o fato daria margem para os brasileiros repetirem e propagarem más notícias sobre Portugal, o que acarretaria em prejuízo moral à nação portuguesa.

Por maior que tenha sido o empenho das comunidades imigrantes em busca de inteiração e uma relação amistosa com a população e as autoridades instituídas, os efeitos sociais e psicológicos no processo de adaptação e integração, por vezes, geraram atritos entre a população nativa e os imigrantes. Até mesmo no caso português, que poderíamos supor maior facilidade pela característica da língua e de aspectos culturais semelhantes aos dos brasileiros, o ajustamento e a convivência com a sociedade local deu origem a mútuos e muitos estranhamentos<sup>401</sup>. Segundo Pinheiro, a preferência por trabalhadores estrangeiros, em detrimento dos nativos, suscitou sentimentos xenófobos

---

<sup>399</sup>*Boletim Allemão*. Manaus, 25 de outubro de 1916. Disponível: IGHA.

<sup>400</sup> Idem.

<sup>401</sup>CÔRTEZ, Geraldo de Menezes. Migração e Colonização no Brasil. p. 17-19.

entre os trabalhadores do porto, gerando uma série de paralisações e protestos, principalmente nos momentos de crise, contra empregadores que priorizavam a contratação de estivadores portugueses<sup>402</sup>.

“Punge-nos dolorosamente o movimento nativista que se esboça no Brasil, caracterizado pela animadversão às gentes da nossa terra [...]”<sup>403</sup>. Assim inicia-se um artigo do *Jornal da Europa, de Lisboa*, que foi reproduzido no jornal *Republica Portuguesa*<sup>404</sup> e circulou em Manaus e, provavelmente, em outros jornais voltados à colônia portuguesa em outras regiões do país. Nesse artigo, o autor caracteriza o fato como lamentável intriga entre “irmãos” e afirma que, na verdade, o movimento teria sido impulsionado por uma excitação injustificada de amor próprio levado à exaltação. O artigo tem o cuidado de pontuar o fato como “restrito a meia dúzia de exaltados” e faz questão de frisar que a relação entre portugueses e brasileiros era pautada pelo respeito, pela amizade e pelo carinho. Como prova da relação de amizade e cooperação, o autor ainda destaca a influência da cultura portuguesa no Brasil:

Cimentada como está, esta tradicional amizade, tentar destruí-la é baldado empenho. Quem se propõe a levantar dissídios, a crear a atmosfera de ódio, se bem que impulsionado por um sentimento de amor á sua terra, egoísta na sua essência, que não persista no erro, chega a ser um crime.

Tu não te detiveste ainda a pensar- brasileiro cioso da tua terra que as modinhas dolentes que andam na boca de vossas mulheres, temaquelle estranho sabor sentimental do nosso Fado e que são cantadas na mesma língua. Somos irmãos crê. E como irmãos devemos ser amigos.<sup>405</sup>

Ao refletir sobre as relações estabelecidas entre os imigrantes e a população nativa é possível apreender uma rede de relações de interesse e poder que permearam a inserção dessa população na sociedade manauara. Apesar da admiração pela cultura europeia e a crença, de parte da sociedade, de que esta representaria o modelo ideal de civilização e modernidade a ser atingido, muitos conflitos e tensões referentes aos padrões culturais e fatores econômicos pontuaram o convívio diário entre imigrantes e nativos. O jornal *O Beijo*, em 17 de abril de 1898, por exemplo, ao noticiar o fato de um jornal de Porto Alegre, dirigido por alemães, ter taxado a justiça brasileira de “femeasuja, venal, flexível diante do dinheiro, que absolve o criminoso e condena o

---

<sup>402</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. A Cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925). p. 112.

<sup>403</sup> *Republica Portuguesa*. Manaus, 19 de junho de 1919. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>404</sup> REPÚBLICA PORTUGUESA – 1919 – Semanário político, literário e noticioso. Direção de Virgílio Mendes de Sá, redação de Araújo Biscaia. O jornal oferecia assinaturas trimestrais, semestrais ou anuais. Entre diferentes fases existem exemplares até o ano de 1920, disponíveis no acervo do IGHA.

<sup>405</sup> *Republica Portuguesa*. Manaus, 19 de junho de 1919.

*inocente*” fez duras críticas ao que chamou de “estrangeirismo brutal” que “infecta” a nação.

A face da nação a que pertencemos está carregada de opprobrios à alma do estrangeirismo brutal que a infecta, são mais inferiores do que os seus governantes na alta gerencia dos negócios públicos e que especulam com nossa riqueza natural [...] Ora, mais não se pode e nem se podia dizer contra o poder judiciário de uma nação que serve aos famintos europeus de pasto alimentício para todas as suas ambições. [...] sem ao menos lembrarem-se que ofenderam a capital do universo, que é indubitavelmente o Brasil, abrigam-se a sombra de sua riqueza e usufruem os frutos da sua grandiosidade [...]”<sup>406</sup>

Os conflitos poderiam acontecer inclusive nos momentos de lazer e festas, pois ao mesmo tempo em que o contato despertava admiração e curiosidade, o que favorecia a aproximação entre os grupos, as diferenças de costumes e língua também poderiam causar distanciamentos<sup>407</sup>. Essa relação ambígua entre a população estrangeira e a sociedade local agregava ainda mais valor à comunidade. Diante dos atritos entre os grupos no processo de deslocamento e inserção territorial, o sentimento de pertencer a uma comunidade é capaz de trazer sentido à existência.

Colocando-se como defensor das respectivas comunidades, a imprensa estrangeira buscou corresponder à demanda de seu público leitor ao mesmo tempo em que buscava discipliná-lo e enquadrá-lo nas relações de poder existentes, funcionando como um ponto de referência, impondo regras de comportamento, dizendo o que os leitores deveriam e o que não deveriam fazer<sup>408</sup>. Nesse sentido, desenvolveu e difundiu discursos identitários dirigidos às comunidades, onde traziam propostas de vivência baseadas em afirmações de como os imigrantes poderiam desenvolver suas relações com a sociedade manauara. O jornal *O Lusitano*, por exemplo, destacava a importância de as relações serem pautadas no sentimento de irmandade, tendo o trabalho digno como testemunho enaltecido da sua terra<sup>409</sup>. O jornal *Alma portuguesa* defendia a

---

<sup>406</sup> *O Beijo*. Manaus, 17 de abril de 1898.

<sup>407</sup> THOMPSON E. P. *A Miséria da Teoria*. RJ: Zahar, 1981. A cultura é analisada como um todo. Para ele, não há divisão entre valores e costumes, hábitos e moral; o autor traz ao lado do termo cultura o termo experiência social. Nesse contexto, valores não são só pensados, mas também vividos. THOMPSON, E. P. O termo ausente: experiência. In: *A Miséria da Teoria*.

<sup>408</sup> LESSER, Jeffrey. A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. p. 111.

<sup>409</sup> *O Lusitano*. Manaus, 4 de janeiro de 1919. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

necessidade de “união e patriotismo” para engrandecer a pátria “quer com nosso próprio sangue, quer em empresas que glorifiquem a nossa já tão gloriosa e amada história”<sup>410</sup>.

Pudemos observar que, principalmente no caso da comunidade portuguesa, o patriotismo deveria pautar a vida dos imigrantes no Brasil. Essa ideia permeava os periódicos que traziam, entre um artigo e outro, textos e frases dirigidas aos leitores “sugerindo” atitudes e comportamentos a serem seguidos: “Preferir produtos portugueses é amar a saúde, a comodidade, a economia, e, sobretudo, a pátria”<sup>411</sup>, “Os produtos portugueses são tão bons ou melhores de que os outros similares. Prefira sempre produtos da nossa terra” e ainda “O bom português deve contribuir para o nome e prosperidade da colônia e de suas várias associações [...]”<sup>412</sup>. O jornal *O Lusitano* ia ainda mais longe, pois, além da participação nas associações portuguesas para obter a qualidade de “bom português”, recomendava a assinatura de seu jornal: “O bom português deve contribuir para o nome e prosperidade da colônia e de suas várias associações, pertencendo pelo menos a uma d’ellas e compenetrar-se das vantagens do espírito associativo”, “todo bom português, deve assinar *O Lusitano* e arranjar outros que o assinem”<sup>413</sup>.

Os discursos acima contribuíram para inculcar na sociedade valores de lealdade e patriotismo, ressaltando a importância de determinadas práticas. Da mesma forma, os fatos históricos desempenharam um importante papel na manutenção da memória e na consolidação das identidades, assim como as datas comemorativas constituíam um importante referencial de identidade nacional e eram celebradas com grande destaque pelos jornais, os quais traziam extensos artigos detalhando o contexto histórico da data, além de biografias dos personagens históricos ou figuras políticas. Esses jornais também traziam a programação das celebrações que aconteceriam nos países de origem e das comemorações em Manaus, no entanto, apesar desses apontamentos, entendemos que essas práticas vão de encontro ao pensamento de Hobsbawm sobre “tradição inventada”, que, em função de objetivos específicos e “na medida do possível, utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal”<sup>414</sup>.

---

<sup>410</sup> Alma Portuguesa. Manaus, 8 de abril de 1915. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>411</sup> *Republica Portuguesa*. Manaus, 14 de dezembro de 1919. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>412</sup> *O Lusitano*. Manaus, 04 de janeiro de 1919. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>413</sup> *O Lusitano*. Manaus, 22 de fevereiro de 1919. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>414</sup> HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. (orgs). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e

Ainda em relação à fabricação do discurso identitário e nacionalista, podemos destacar nas datas comemorativas o forte símbolo de afirmação nacional. Na valorização de datas cívicas, é possível apreender a marca do momento histórico selecionado como formador do espírito nacionalista. Datas comemorativas como o dia da independência, o santo padroeiro, aniversário de cidades ou de alguma figura de destaque traduziam-se em festas que carregavam práticas culturais, e estas, por sua vez, promoviam redes de relações sociais a partir do compartilhamento de valores e manifestações de identidade que remetiam à terra natal, desempenhando, assim, por meio dessas ações, a função essencial de manter viva a memória do país de origem de forma mais ou menos idealizada.

As festas de que falamos acima constituíam um espaço privilegiado de músicas, danças e comidas típicas, onde era possível falar de saudades, das experiências no processo de deslocamento, de trabalho, da família, das perspectivas para o futuro e do sonho de retornar à terra natal. Nesse sentido, as festas representavam um forte símbolo de afirmação nacional, pois a valorização desses eventos revelava um forte vínculo com a terra natal, “reunindo”, ainda que simbolicamente, os filhos que estavam longe de sua pátria com seus irmãos conterrâneos.

Tais celebrações também significavam a oportunidade de promover uma aproximação por meio da apresentação da cultura das comunidades estrangeiras à sociedade manauara. Essa percepção ocorre, principalmente, em relação à colônia portuguesa, que dentre todas as comunidades imigrantes teve maior destaque em ações de integração com a sociedade manauara<sup>415</sup>. A nota a seguir é um exemplo, pois narra a comemoração pela Independência de Portugal em 5 de Outubro e destaca a confraternização entre portugueses e brasileiros.

A grande data de 5 de outubro foi bastante festejada no Bosque Municipal; ali vimos vários grupos com seus forneis, e grande numero de famílias, comendo cantando e dançando tudo na melhor ordem e mais perfeita harmonia. [...] havia leitões assados, cabritos, galinhas, bolinhos de bacalhau, doces, vinho em profusão, schopp, cerveja, etc...  
Vimos no bosque muitos brasileiros de destaque confraternizando com os nossos.<sup>416</sup>

---

Terra, 1984. p. 21.

<sup>415</sup>PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Portugueses no Universo do Trabalho Manauara, 1880-1920. In: José Jobson de Andrade Arruda; Vera Lucia Amaral Ferlini; Maria Izilda Santos de Matos; Fernando de Sousa. (Org.). Portugueses no Universo do Trabalho Manauara, 1880-1920.1 ed. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2013, p. 563-577.

<sup>416</sup>*União Portuguesa*. Manaus, 17 de outubro de 1918. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

Ao apresentar ao público grupos musicais de origem portuguesa, interpretações de fados, danças folclóricas e a “sedução” dos símbolos de maior referência da gastronomia tradicional, tais como “bolinhos de bacalhau, doces, vinho em profusão”; os portugueses também vivenciavam a oportunidade para a autoafirmação e a valorização de sua identidade. Nesse contexto, podemos entender que a formação da identidade nacional resulta de um processo relacional, que se constitui a partir da identificação e da alteridade. “Frente ao eu ou ao nós do pertencimento se coloca a estrangeiridade do outro”, ou seja, o sentimento de pertencer à comunidade portuguesa ocorria também a partir do confronto dos hábitos alimentares, das formas de lazer; enfim, na diferenciação das representações e práticas que giravam em torno dos indivíduos que compunham a comunidade frente aos brasileiros e aos demais.<sup>417</sup>

Para a elaboração identitária, que cria o sentimento partilhado de pertencer a um grupo dado, as identificações se dão a partir do defrontamento com o outro, identificações de reconhecimento estas que podem ou não guardar relações de proximidade com o real. As representações de identidade são sempre qualificadas em torno de atributos, características e valores socializados em torno daqueles que integram o parâmetro identitário e que se colocam como diferencial em relação à alteridade.<sup>418</sup>

Ao analisar as sociabilidades das comunidades imigrantes, entendemos que a necessidade de fazer parte e de se sentir pertencente a um grupo, nesse contexto, aproxima-se da ideia de Stuart Hall denominada de “sujeito sociológico”, a qual consiste na noção da “crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava”, ou seja, a concepção “interativa” da identidade, já que esta é formada na “interação” entre o eu e a sociedade.<sup>419</sup>

Apesar da constante busca pelo reforço das raízes identitárias, longe de constituir grupos homogêneos, como observou Benchimol, as comunidades imigrantes eram pontuadas por divisões econômicas, sociais e políticas; na verdade, poucos imigrantes conseguiram ascender socialmente, uma vez que a grande maioria era composta por pessoas pobres e, provavelmente, chegavam a Manaus sem contar com uma rede de acolhimento; portanto, as condições de integração e de sucesso não

---

<sup>417</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e História Cultural. p. 90-91.

<sup>418</sup> Idem. p. 90.

<sup>419</sup> HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. p. 11.

aconteceram da mesma forma para todos<sup>420</sup>. Assim, os imigrantes que conseguiram alcançar sucesso econômico e social formaram uma elite que “dominou” as comunidades imigrantes, além de desempenhar um papel importante na vida econômica e social da cidade.

Dessa forma, a elite imigrante, em especial a portuguesa, se caracterizou por um associativismo muito forte, proveniente da necessidade de criar espaços que suprissem demandas de lazer, esporte e cultura e, para tanto, foram criados clubes particulares como Bosque Club dos Ingleses, Rudder Clube dos Alemães e muitos clubes portugueses, como União Portuguesa, Grupo Recreativo Português, Luzo Sporting Club, entre outros, que, segundo Ana Maria Daou,

[...] favoreceram a construção de identidade entre indivíduos que, embora oriundos de um mesmo país, não necessariamente tinham vínculos anteriores entre si, o que é pertinente sobretudo no caso de ingleses, franceses e alemães. Tais clubes promoveram a construção de experiências compartilhadas sob novos registros, quando se teciam conexões para além do âmbito restrito das instituições mais tradicionais, como a família.<sup>421</sup>

As associações recreativas promoviam o divertimento aos seus associados por meio de festas típicas, bailes, homenagens e esportes. Novamente, além do divertimento, esses eventos buscavam fortalecer as identidades nacionais, além de fazer conhecer sua cultura entre os brasileiros, o que possibilitou aos imigrantes desempenharem o papel de disseminadores da cultura, tradições e valores de seus países de origem, no entanto, nenhuma colônia se empenhou tanto nesse aspecto quanto a colônia portuguesa<sup>422</sup>. Em janeiro de 1919, ao parabenizar a diretoria do *Luso* pela formação da *Banda Luso Sporting Club*, o jornal *O Lusitano* sugere ao clube que a banda passe a tocar nas tardes de domingo nos jardins públicos de Manaus, o que satisfaria não apenas os sócios, mas a todos os portugueses saudosos e ávidos por ouvir as canções de sua terra, “Enquanto aos nossos irmãos brasileiros, entendo que também muito os satisfaria, pois é uma honra mutua a banda Portuguesa tocar n’um jardim publico da cidade, representa essa confraternização, civilidade e engrandecimento”<sup>423</sup>.

Por meio de diferentes formas de organização, a elite portuguesa fez conhecer sua cultura no Brasil e buscou manter e valorizar a sua identidade cultural. Os jornais assinalavam quão intensa e variada era a programação de cultura e lazer da comunidade

---

<sup>420</sup> BENCHIMOL, Samuel. Amazônia. Formação social e cultural. p. 82.

<sup>421</sup> DAOU, Ana Maria. *A belle époque* amazônica. p. 44-45.

<sup>422</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Portugueses no Universo do Trabalho Manauara, 1880-1920.

<sup>423</sup> *O Lusitano*. Manaus, 25 de janeiro de 1919. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

portuguesa. Associações como o *Grupo Recreativo Português* e a *União S. Portuguesa* anunciavam festas onde os sócios poderiam “fazer-se acompanhar de suas famílias” e “bailes animados” que contavam com a presença de seus associados, uma “rapaziada alegre, folgazã, respeitosa e delicada”<sup>424</sup>. Os salões das associações de clubes mais abonados eram abertos à música, onde convidados e sócios dançavam até de madrugada, deliciando-se com variados tipos de doces finos, pastéis, sorvetes e bebidas geladas<sup>425</sup>.

O teatro também era uma opção de lazer para a elite, e, mesmo antes do surgimento do Teatro Amazonas, nos “pequenos teatros”, as óperas das companhias líricas italianas desempenhavam a tentativa de educar os ouvidos da população para a sensibilidade de saber apreciar e compreender esse refinado lazer<sup>426</sup>. O *Teatro Beneficente Portuguesa*, criado em 1873, trazia para a cidade de Manaus diferentes companhias que encenavam peças de repertório português e, apesar de constar entre os pequenos teatros, durante a década de 1880, sua programação foi bastante disputada pela sociedade local<sup>427</sup>. Até meados século do XX, os jornais deram bastante destaque à programação teatral da cidade de Manaus: em meio a peças de diferentes gêneros, a cultura imigrante sempre se fez presente através das óperas italianas, dos dramas espanhóis e de festivais, como os do *Grupo Dramático Luiz de Camões* e os do *Teatro Polyteama*, onde as “gentis senhoritas” da sociedade destacavam-se cantando as saudades da “terrinha” através dos mais lindos fados de Portugal<sup>428</sup>.

Além das opções de lazer mais direcionadas às elites, outras formas de recreação que contemplavam grupos mais abrangentes permitiam aos imigrantes identificar-se com suas origens, além de contar histórias sobre seus países. Entre teatros, clubes, associações litero-musicais, clubes noturnos e outras formas de divertimento, os imigrantes criaram várias formas de “reinventar” suas nações. As quermesses de S. João e S. Pedro aconteciam no parque da Beneficente Portuguesa, e eram descritas nos jornais como organizadas e animadas. Nas festas promovidas pelo Luso Sporting Club, os sócios formavam grupos que se encarregavam da organização, e durante a

---

<sup>424</sup> *O Lusitano*. Manaus, 18 de fevereiro de 1919. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>425</sup> *O Lusitano*. Manaus, 04 de janeiro de 1919. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>426</sup> VILLANOVA, Simone. *Sociabilidade e cultura: a história dos “pequenos teatros” na cidade de Manaus (1859-1900)*. p. 141, 193.

<sup>427</sup> IDEM.

<sup>428</sup> *União Portuguesa*. Manaus, 19 de agosto de 1920. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

querresse, por exemplo, as mulheres assumiam o controle das barracas ou ficavam encarregadas dos cantos e danças.

Demonstrando o desejo de atender melhor a demanda da colônia espanhola, a Sociedade Espanhola Recreativa e de Beneficência expressou, por meio dos jornais, o projeto de ampliação e de melhorias em seu espaço, de maneira que pudesse oferecer aos sócios e suas famílias oportunidades de instrução, saúde, cultura e lazer.<sup>429</sup>

[...] la Sociedade española Recreativa y de Beneficencia, también vá a iniciar según se nos asegura, uma série de mejoras, dignas de mencion, cualesson: aulas gratuitas para los Srs. Asociados y sus familias: salas de gimnasia, dotada de los aparatos necesarios, vários de loscualesyaham sido donados por el entusiasta é incansable sócio Don Pablo Novoa Rodrigues; cuadro de declamación, para las funciones teatrales que se proponen dar; y por ultimo prosseguiranininterrupciónlas veladas literárias que todos los meses venian celebrando-se.<sup>430</sup>

Em Manaus, a prática de esportes, assim como a introdução de novas formas de lazer, foi estimulada pela iniciativa estrangeira; os passeios de lancha e as competições de regatas no rio Negro atribuíam novo sentido ao “uso” dos rios e igarapés, inaugurando na cidade o lazer e os esportes náuticos. A colônia espanhola fez conhecer uma das práticas mais tradicionais de sua cultura ao recriar em Manaus a “Plaza de toros”<sup>431</sup>. De acordo com o jornal *La Voz de España*, a primeira corrida, em Manaus, que aconteceria em janeiro de 1901, era aguardada com bastante expectativa: “En esta corrida tomara parte nuestro compatriota El Gardito, que creemos dará puebras de la inteligencia que cultiva, demonstrando lo que vale um español. Eso es lo que esperamos”. Para tanto, a organização do evento buscou construir no parque Aurora um espaço apropriado, que se aproximasse de uma “verdadeira plaza”, “La plaza se [...] toda ornamentada y pintada teniendo todas las comodidades que riquiere uma verdadera plaza”<sup>432</sup>. Assim, os novos estilos de vida e práticas esportivas inseridas pelas elites estrangeiras na cidade de Manaus possibilitaram, através da reinvenção de espaços e práticas tradicionais, o fortalecimento de laços e oportunidade de novas interações sociais.

De práticas elitizadas a eventos mais populares, as associações esportivas

---

<sup>429</sup> *UNIÃO PORTUGUESA*, Manaus, 31 de julho de 1919. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>430</sup> *O Lusitano*. Manaus, 24 de janeiro de 1920. Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>431</sup> De acordo com Ana Maria Daou, as corridas de touro já eram conhecidas em Belém desde 1893. Aconteciam no Coliseu e eram bastante apreciadas pela população. DAOU, Ana Maria. *A belle époque amazônica*. p. 43.

<sup>432</sup> *La Voz de Espana*. Manaus, 01 de fevereiro de 1901. Disponível: IGHA.

também possibilitaram a interação entre os diferentes grupos que compunham a sociedade manauara. Nesse quesito, podemos destacar esportes como jiu-jitsu, conforme anunciado no jornal *O Lusitano* – “Os ensaios de jiu-jitsu, sob a direção do professor Lakú, tem estado animado. Quase sempre, assistem a eles muitos sócios”<sup>433</sup> – e ciclismo, com destaque ao primeiro *training* realizado na cidade de Manaus, que teria sido organizado pelos sócios do *Luzo Sporting Club* como preparação para futuras corridas e que contava com 40 inscritos para uma competição noturna a partir da Praça São Sebastião.

No que tange às sociabilidades por meio do esporte, certamente, o futebol foi a prática mais democrática e de maior capacidade para reunir pessoas das mais diversas origens e classes sociais. As notas esportivas narravam as partidas sempre como eventos animados e concorridos, como podemos observar por meio do jornal *União Portuguesa*, que, ao descrever uma partida no campo do *Luzo Sporting Club*, definiu o evento como um “magnífico festival sportivo”. Pela descrição em nota, o evento foi um sucesso, o campo estava totalmente cheio de grupos de torcedores entusiasmados por todo canto, e ao entrarem em campo pontualmente às quatorze horas, os times do *Luzo* e do *Manãos Athletic* foram recebidos sob frenéticos aplausos da assistência e dos acordes da banda de música do *Luzo Sporting Club*, que, postada nas arquibancadas, executou trechos de seu repertório durante toda a partida<sup>434</sup>.

Além das associações culturais e esportivas, o associativismo imigrante também se fez presente na criação de entidades beneficentes que tinham como objetivo dar assistência médica e social aos necessitados, não apenas aos seus compatriotas, mas à população de modo geral. O serviço das entidades beneficentes foi essencial durante a crise da economia gumífera em 1912, momento em que muitas casas comerciais abriram falência deixando grande número de desempregados, cuja parcela considerável era de imigrantes nacionais ou estrangeiros, que, diante da crise, buscaram nas ruas um modo de sobrevivência, inclusive por meio da mendicância<sup>435</sup>.

A crise econômica, o aumento no índice de desemprego, e os indivíduos que perambulavam a esmo pelas ruas de Manaus, fizeram crescer uma preocupação que as autoridades tinham desde o final do século XIX, quando a cidade passou por uma série

---

<sup>433</sup> *O Lusitano*. Manaus, 01 de fevereiro de 1919. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>434</sup> *União Portuguesa*. Manaus, 19 de agosto de 1920. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>435</sup> COSTA, Deusa. Quando viver ameaça a ordem urbana. *Trabalhadores de Manaus (1890-1915)*. p. 161, 170.

de transformações urbanas; a esse respeito, o poder público, movido por interesses privados, empreendeu uma política de restrição e exclusão aos grupos sociais que não correspondiam aos valores impostos pela elite local. Uma forma de contornar o problema foi através da pressão exercida por meio do Código de Posturas de 1890 sobre aqueles que estivessem sem trabalho.

O indivíduo que viver sem indústria, renda, emprego ou profissão habitual certa, honesta e suficiente é considerado vadio e vagabundo e como tal obrigado, desde que for intimado pelo Fiscal, a tomar uma ocupação honesta dentro de quinze dias e no fim desse tempo deve provar ter tomado um emprego ou ocupação que lhe garanta a subsistência.<sup>436</sup>

O conceito de vadiagem abrangia uma série de contravenções, além dos desempregados, englobava os envolvidos com a prática de jogatina, bêbados, falsários, cáftens e também a prática da mendicância<sup>437</sup>. Para ajudar a contornar o problema dos altos índices de mendicância que se espalhavam pela cidade e ocupavam as páginas dos jornais, o poder público buscou auxílio em iniciativas particulares com a criação de casas de caridade e asilos que pudessem atender os doentes e desvalidos, tirando-os das ruas. Nesse sentido, as associações beneficentes que surgiram a partir da iniciativa de comunidades imigrantes somavam-se a outras instituições, como a Santa Casa de Misericórdia, com a finalidade de atender a demanda dos doentes e mendigos que vagavam pelas ruas da cidade<sup>438</sup>. As associações filantrópicas criadas pelas comunidades estrangeiras representaram uma parcela significativa dos serviços médicos prestados não apenas à parcela de imigrantes residentes na cidade, mas à população em geral.

Representante da maior comunidade imigrante em Manaus, como vimos anteriormente, a colônia portuguesa destacou-se em diversas áreas e podemos dizer o mesmo no conjunto de ações de caráter filantrópico. Por meio dos jornais, pudemos identificar uma série de ações organizadas com o objetivo de assistir às pessoas carentes. Como exemplo, destacamos a proposta de mobilização social feita pelo jornal *O Lusitano* na arrecadação de cupons.

Aos nossos prezados assignantes e leitores, a todos em fim que lerem estas linhas, rogamos a fineza de quando viajarem nos bondes, guardar os coupons que recebem em troco dos 200 reis que pagam.

---

<sup>436</sup> DIAS, Edineia Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto – Manaus 1890-1920*. p. 30.

<sup>437</sup> MENEZES, Lená Medeiros de. *Os Indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930)*. p.132.

<sup>438</sup> BARAÚNA, Silvia Maria Quintino. *Condições Sociais de Migrantes em Manaus, 1920-1945*. p. 152-153.

Depois de no-los enviarem, nós os trocaremos por dinheiro na ManáosTramway e esse dinheiro será distribuído pelos pobres de O'Lusitano. Com tanta pobreza que há por ahi e que anda de porta em porta pedindo esmola, é justo que todas as almas bem fasejas se lembrem do nosso pedido, e que de nós terão a nossa eterna gratidão.<sup>439</sup>

Em agradecimento, o jornal trazia em suas páginas os nomes e feitos dos cidadãos que contribuía na arrecadação dos cupons: “Os Snrs. Oliveira & Irmão, dignos proprietários da Doceria Sameiro, sita na rua Saldanha Marinho, nº49, enviaram-nos 1.500 coupons, para os pobres, generoso procedimento que sinceramente agradecemos”<sup>440</sup>. A exemplo da iniciativa do jornal *O Lusitano*, existiram outras formas de organização que, em perspectiva ampliada, visavam prestar assistência social às pessoas necessitadas em situações de pobreza, doença ou invalidez. A *Sociedade Lusitana Repatriadora* teve grande destaque em seu propósito de auxiliar “não só a sócios, como também pessoa extranha à sociedade”<sup>441</sup>. Essa sociedade ajudava portugueses desprovidos no regresso a Portugal na obtenção do passaporte, abatimento em serviços médicos e compra de remédios, além de fornecer sopa a indigentes.

O período da Primeira Guerra Mundial também fomentou a mobilização de imigrantes residentes em Manaus, pois, com o propósito de enviar ajuda aos compatriotas, muitas associações promoviam festas e eventos esportivos ou culturais cuja renda era destinada às vítimas diretas ou indiretas dos combates. A Cruz Vermelha Italiana, por exemplo, promoveu eventos com a finalidade de ajudar os soldados vitimados pela tuberculose.

#### Grande data Italiana

Em honra a grande data italiana, que se comemora amanhã, a Cruz vermelha italiana levará a efeito diversos festejos em beneficio dos soldados tuberculosos. Às 3 horas da tarde haverá no Parque Amazonense, [...] uma sessão cívica, sendo orador oficial Sr. Giorgio Guidocci. A entrada para o parque será grátis. Às 8 horas da noite, terá lugar no Polyteama um espetáculo de gala, cujo producto reverterá em beneficio da mesma instituição. Abrilhanará o dito espetáculo a Tuna da União Portuguesa, que nos intervalos deleitará o publico com diversas peças do seu lindo repertório [...]<sup>442</sup>

---

<sup>439</sup> *O Lusitano*. Manaus, 01 de janeiro de 1919. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>440</sup> *O Lusitano*. Manaus, 05 de janeiro de 1919. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>441</sup> *União Portuguesa*. Manaus, 15 de junho de 1920. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>442</sup> *União Portuguesa*. Manaus, 19 de setembro de 1918. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

A *Comissão Patriótica Portuguesa*, em diversas ocasiões, convocou a colônia a fim de angariar fundos para as vítimas da guerra; nesse intento, atuaram em conjunto com a *Sub-Comissão das Senhoras* e a *Sub-Comissão de Itaquiara*. Essas comissões arrecadavam dinheiro através de eventos e carnês de doação. Os discursos dos oradores destacavam a importância e o dever de enviarem ajuda às vítimas dos combates: “Nós não ouvimos troar o canhão; estamos longe de compreender os estragos que ele faz”<sup>443</sup>.

A gripe espanhola, que no Amazonas atingiu aproximadamente nove mil pessoas de outubro a dezembro de 1918, e até o primeiro trimestre de 1919 levou a óbito aproximadamente 872 pessoas<sup>444</sup>, também foi uma preocupação para os imigrantes que viviam em Manaus. A nota do jornal *O Lusitano*, em 01 de fevereiro de 1919, evidenciava a apreensão com o número crescente dos necessitados de ajuda, pois, na ocasião, aos muitos soldados que haviam sido mutilados nos campos de batalha na França e que retornaram à Portugal nos últimos meses, somavam-se as inúmeras vítimas da gripe espanhola no país<sup>445</sup>.

Segundo Anny Silveira, a influenza espanhola teria “matado em menos de três meses mais que os quatro anos da Primeira Guerra Mundial”<sup>446</sup>, o que justifica o medo da população e as medidas de prevenção adotadas pelas autoridades e noticiadas pelos diversos periódicos que circulavam na cidade, como, por exemplo, as visitas sanitárias que eram feitas a todas as embarcações que chegavam ao porto e que só eram liberadas após “rigoroso expurgo”, como noticiou o *Jornal do Commercio* do dia 24 de fevereiro de 1919. Sob o título de “A HESPANOLA, Mais um navio carregado de gripados – A remoção dos doentes – um caso fatal – outras notas”<sup>447</sup>, o jornal trazia um boletim completo com o número dos infectados e as ações de isolamento dos doentes e todos os detalhes para manter a população informada. Entre os imigrantes, a angústia certamente

---

<sup>443</sup> *O Lusitano*. Manaus, 04 de janeiro de 1919. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas

<sup>444</sup> BENCHIMOL, J. L. (coord.). Febre amarela: a doença e a vacina, uma história inacabada. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001, IN: SCHWEICKARDT, Júlio Cesar. *Ciência, nação e região: as doenças tropicais e o saneamento no Estado do Amazonas (1890-1930)*. Manaus: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz, 2009. 428 f.; il. Tese (Doutorado Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde) – Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz, 2009. p.111.

<sup>445</sup> *O Lusitano*. Manaus, 01 de fevereiro de 1919. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>446</sup> SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. A crônica da espanhola em Belo Horizonte. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo et al. Uma história brasileira das doenças. Brasília: Paralelo 15, 2004, p.146, em NEVES, Agnes Roberta das. Campanha de Saneamento de Profilaxia Rural no Amazonas (1920-1923) Dissertação de Mestrado, UFAM, 2008. p.51.

<sup>447</sup> *Jornal do Commercio*. Manaus, 24 de fevereiro de 1919. Disponível: hemerotecadigital.bn.

era grande, pois além do risco a que todos estavam expostos, havia toda a ansiedade por notícias dos familiares e amigos que permaneciam em seus países de origem.

Embora possamos destacar vários exemplos de ações caritativas, o maior símbolo do espírito benemérito do povo português foi a criação da *Sociedade Beneficente Portuguesa*, uma entidade hospitalar que foi fundada em 1873 com o objetivo de promover auxílio médico aos portugueses e a todos que precisassem, independente de sua nacionalidade<sup>448</sup>. Por meio dos jornais é possível perceber a intensa movimentação no hospital, o jornal *União Portuguesa* trazia semanalmente na coluna “*Enfermos*” o nome das pessoas que teriam dado entrada no hospital, das que haviam recebido alta e daquelas que aguardavam vaga para internação. O registro de entrada de pacientes estrangeiros para tratamento médico na instituição, em 1910, mostra que, naquele ano, foram atendidos: 1.505 portugueses, 72 espanhóis, 42 turcos, 34 italianos e 15 ingleses<sup>449</sup>.

As colônias, espanhola e italiana estabelecidas em Manaus, também estiveram engajadas em promover auxílio aos compatriotas necessitados, atuando, respectivamente, através da Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos, criada no início do século XX, e da Cruz Vermelha Italiana, da qual não conseguimos estabelecer a data de criação.

Parte da renda que mantinha as associações beneficentes era resultado de contribuições individuais e de ações voltadas para a arrecadação de fundos. Frequentemente, os jornais noticiavam quermesses, arraiais, teatros, festivais, entre outros, que teriam a renda revertida em favor dessas instituições. “Solemnizando o dia do glorioso S.Thiago, padroeiro da nobre Hespanha, a progressante e conceituada sociedade cujo nome epigrafa estas linhas, levará a efeito em sua sumptuosa sede social uma importante festa, domingo 25 do corrente”<sup>450</sup>.

Sociedade Española de Socorros Mutuos. No próximo domingo a progressanti agremiação cujo nome encima estas linhas, mais uma vez abrirá

---

<sup>448</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Portugueses no Universo do Trabalho Manauara, 1880-1920. p. 563-577.

<sup>449</sup> BURNS, Bradford. Retrato de uma cidade em expansão. Separata do Jornal de Estudos Interamericanos, Coral Gables, Florida, USA: Universidade de Miami, v. 7, n. 3, jul. 1965. IN: JÚNIOR, Francisco Pereira Smith; GARVÃO, Rodrigo Fraga. Economia e política na Amazônia brasileira (séculos XIX e XX). Revista estudos Amazônicos, 2013. p. 162-163. Disponível: [www.ufpa.br/historia](http://www.ufpa.br/historia). Acesso em: 22 jul. 2015.

<sup>450</sup> *União Portuguesa*. Manaus 22 de julho de 1920. Alguns jornais portugueses, O União Portuguesa em especial, trazia com frequência notícias acerca de eventos ou outros fatos a respeito de outras colônias estrangeiras, a colônia espanhola, especialmente, era frequentemente referenciada acerca das atualizações sobre eventos, datas festivas, saudada pelo seu progresso, etc.

os seus sumptuosos salões, para a realização de uma esplendida festa, que de certo, demarcará mais um brilhante sucesso nos seus annaeshonrosos. Constará de um magnifico acto de variedades seguido de um animado baile aos sons de importante orchestra.<sup>451</sup>

O surgimento das inúmeras associações reflete, em primeiro plano, o espírito de solidariedade, a união e a busca por preservação cultural das comunidades imigrantes, mas também pode ser entendido como símbolo de *status* e poder, já que essas associações eram resultado da ação das elites imigrantes, que as financiavam e controlavam. Além do espírito de solidariedade, essa elite era motivada pela busca por prestígio, pois os serviços de lealdade e filantropia lhes rendiam títulos de elevado *status* social perante a comunidade, um reconhecimento de vitória e contribuição na construção da nação brasileira. Esse reconhecimento acontecia não apenas na comunidade local, mas também em sua terra natal<sup>452</sup>.

As histórias de sucesso e enriquecimento representaram a minoria entre os imigrantes no Brasil; o sonho de retornar à terra natal, de contribuir com a família e para o desenvolvimento do país, em muitos casos, deram lugar ao sofrimento e à vergonha pelo fracasso. Por tais razões, a obra filantrópica e cultural das colônias de estrangeiros foi essencial no resgate e no amparo de muitos imigrantes que se encontravam em situação de miséria e que, muitas vezes por vergonha, escondiam sua situação da própria família. O acolhimento dado a esses indivíduos ia desde as necessidades mais básicas como moradia e alimentação, até ajuda financeira para retornar ao país de origem; além disso, a materialização das suas raízes, recriadas no Brasil por meio das associações culturais, tinha a capacidade de trazer um acalanto aos corações, aplacando um pouco da saudade de “casa”.<sup>453</sup>

Os imigrantes que conseguiam obter sucesso longe de seu país eram vistos como heróis na terra natal; eles buscavam formas de contribuir com familiares que haviam ficado para trás, enviando periodicamente ajuda financeira. Muitos empreenderam esforços para conseguir melhorias em seus países de origem; no caso específico da colônia portuguesa, essa questão é bastante perceptível graças aos inúmeros exemplos que podem ser apreendidos por meio das representações nos jornais voltados à colônia.<sup>454</sup>

---

<sup>451</sup> *União Portuguesa*. Manaus, 01 de julho de 1920. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>452</sup> BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia. Formação social e cultural*. p. 87.

<sup>453</sup> SCOTT, Ana Silvia. *Os Portugueses*. 1 Ed., 1ª reimpressão- São Paulo: Contexto, 2012. p. 24

<sup>454</sup> Idem.

O jornal *A voz de Loriga*<sup>455</sup> é um bom exemplo disso, voltado especialmente à comunidade loriguense residente em Manaós, o jornal que foi publicado em única edição em Manaus e em Loriga trazia um discurso baseado na saudade do “berço” e no cumprimento dos deveres morais e cívicos dos filhos de Loriga para com os melhoramentos e progresso da região.<sup>456</sup>

Cresce de dia a dia um grande entusiasmo na Colônia Loriguense de Manaós para que o assentamento da luz em Loriga seja um facto verídico. Não espero de um punhado de patriotas que habitam esta poética cidade de Manaós que se neguem em auxiliar com pecúlios que cada um poder para este bello empreendimento. Loriga já tem quatro elegantes chafarizes jorrando agua crystalina, que o patriotismo dos brasileiros de Manaós fizeram edificar.

Agora falta a luz nas suas majestosas ruas. E é por isso que eu hoje venho lembrar a todos os filhos da Laboriosa Villa de Loriga, que aqui habitam que se unam e que trabalhem com coragem para mais este melhoramento, porque se conseguirmos levar avante este grande beneficio, com certeza a vitória é nossa. Os nossos conterrâneos do Pará têm feito muito bem a sua terra, porém os de Manaós muito mais tem feito.

Fontes de Manaós! Palavras sublimes e majestosas que se encobrem em um bouquet róseo cravejado de flores.<sup>457</sup>

O fato de muitos imigrantes buscarem diferentes maneiras de melhorar a condição de vida em seus países de origem enviando partes de suas economias às famílias ou através de benfeitorias nas vilas ou cidades de onde partiram, como vimos no exemplo acima, seria, segundo Geraldo de Menezes Côrtes, algumas das vantagens que a emigração geralmente proporciona ao país de origem.

As representações dos imigrantes que se aventuraram no Brasil, grosso modo, deram destaque a histórias de sucesso, o que contribuiu para reforçar o mito de terra de oportunidades, fartura e fortuna fácil que se formou no imaginário popular desde os anos setecentos com a exploração do ouro e de diamantes. Segundo Ana Silvia Scot, ostentar o poder econômico seria uma maneira de externar o sucesso obtido, o que justificaria o fato de muitos imigrantes, ao retornarem às suas origens, fazerem questão de deixar suas marcas. Também poderíamos supor que tais iniciativas implicavam no anseio dos imigrados em melhorar seu local de origem na perspectiva do retorno, afinal, muitos dos que partiam desejavam “fazer dinheiro” e retornar à terra natal.<sup>458</sup>

Embora haja diferentes hipóteses relacionadas ao mesmo objeto, devemos levar

---

<sup>455</sup> A VOZ DE LORIGA- 1909- Orgão da colônia loriguense em Manaus. Teve uma única edição.

<sup>456</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Mulheres Portuguesas na Belle Époque Manauara, 1880-1920.

<sup>457</sup> *A Voz de Loriga*. Manaus, 05 de Junho de 1909. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas

<sup>458</sup> SCOTT, Ana Silvia. Os Portugueses. .pgs. 24, 25.

em consideração a observação de Geraldo Sá Peixoto Pinheiro em sua análise acerca dos modos de ser dos portugueses, o que, certamente, pode se aplicar aos imigrantes de outras nacionalidades. Não há sentido em procurar definir um perfil homogêneo aos imigrantes, a fim de entender posturas e trajetórias, “se assim fosse, redundaria num processo simplificador sobre as complexas dimensões culturais que envolvem o vir-a-ser do imigrante”<sup>459</sup>, o que se opõe à riqueza e à diversidade cultural que podemos observar até aqui.

### **3.4. A imagem da mulher estrangeira nos jornais de imigrantes**

No tópico anterior, procuramos analisar os jornais de imigrantes destacando o papel que eles desempenharam perante as respectivas comunidades. A imprensa produzida por imigrantes teve um importante papel na inserção e na adaptação dos diferentes grupos que se instalaram na cidade de Manaus; além de compartilhar a fala das comunidades das quais eram produto, contribuíram para mediar relações com a população nativa. Observamos que, muito além de difundir práticas socioculturais, esses jornais atuaram como agentes na construção de novas práticas, muitas vezes em função de ideologias e interesses particulares.

Em relação ao gênero, também é possível observar práticas de significação que buscaram definir o que é ser homem ou mulher em determinados espaços sociais. Ao tratarmos da representação da mulher na imprensa estrangeira, percebemos que esses jornais projetaram a identidade feminina por meio de narrativas concebidas no imaginário masculino. As narrativas de que falamos são resultados de processos definidos historicamente e culturalmente e têm raízes tão profundas que repercutem até os dias atuais.

Dessa forma, sobre as representações femininas na imprensa do século XIX, Buitoni destaca que foram trilhadas duas direções: a tradicional, que condenava a ação feminina no espaço público, exaltando as qualidades no âmbito doméstico, onde a mulher deveria desempenhar, prioritariamente, o papel de mãe e esposa; e a

---

<sup>459</sup> PINHEIRO, Geraldo Sá Pantaleão Peixoto. *Imprensa, Política e Etnicidade: Portugueses letrados na Amazônia (1885-1937)*.

progressista; que defendia os direitos das mulheres, com ênfase no direito à educação feminina.<sup>460</sup>

De modo geral, quando falamos de representações femininas nos jornais, podemos perceber que o discurso masculino na idealização do feminino foi reproduzido na imprensa, inclusive na imprensa feminina, tanto nos jornais produzidos por homens, quanto nos que foram produzidos por mulheres.

Neste tópico, buscaremos apreender as formas como as mulheres imigrantes foram representadas a partir da imprensa estrangeira na cidade de Manaus. Não se trata de uma imprensa voltada para o público feminino, nem de uma imprensa feminista, mas de uma imprensa direcionada às comunidades estrangeiras residentes na cidade, que, como vimos, trazem em si discursos próprios alinhados a costumes e tradições que traduzem o seu entendimento acerca das questões de gênero. Para esse intento, nos apoiaremos na linha teórica dos estudos culturais que entendem cultura enquanto espaço de luta, onde são estabelecidos significados sociais e construídas as identidades e o gênero.

Levando em consideração a polissemia que envolve o termo e o contexto aqui abordado, trabalhamos o termo cultura enquanto um conjunto de signos que envolvem conhecimentos, crenças, hábitos, costumes, arte, lei, dentre outros; estes são adquiridos pelo indivíduo tanto em família quanto na sociedade na qual se insere. Assim, podemos entender que a cultura se inscreve como espaço de tensão onde questões como identidade e gênero, entre outras, são debatidas e confrontadas a fim de determinar os espaços de poder nas relações sociais. Dessa forma, as representações do mundo social são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam<sup>461</sup>; portanto, refletir sobre as representações femininas nos jornais estrangeiros significa enveredar num campo totalmente carregado de valores e preconceitos próprios dos estudos sobre mulheres em sociedade. Trata-se de percorrer um caminho de incertezas, cheio de controvérsias e pontuado por ambiguidades sutis, formuladas, muitas vezes, a partir de comportamentos tão enraizados nas relações sociais e no pensamento coletivo que acabaram conferindo *status* de verdade e naturalidade a questões de dominação e exclusão da mulher.

---

<sup>460</sup> BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. p. 47.

<sup>461</sup> CHARTIER, Roger. A História Cultural: Entre Práticas e Representações. p.17.

Dessa forma, a imagem das mulheres através dos jornais do Amazonas foi construída com base no discurso que remete ao modelo de comportamento burguês de mãe e esposa, recatada, reservada e totalmente dedicada à família e aos filhos, cujo espaço de atuação era restrito ao âmbito privado. Assim, guardadas as devidas subjetividades, a presença feminina na imprensa no final do XIX e início do XX, seja ela brasileira ou estrangeira, de modo geral, corresponde à sua condição de exclusão do espaço público e conseqüentemente das esferas econômica e política.<sup>462</sup>

Segundo Sandra Pesavento, que trabalha o conceito de representação a partir da ideia de substituição, “representar é, pois, fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência. A ideia central é, pois, a da substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença”<sup>463</sup>. A perspectiva de representação com a qual trabalhamos parte da ideia de imagem daquilo que está ausente, levando em consideração o distanciamento existente entre o representado e a representação; assim, analisar nos jornais produzidos pelos imigrantes as representações femininas implica no entendimento acerca do que eles representavam para as comunidades as quais se dirigiam e o que eles expressavam da mentalidade de uma época inserida num contexto específico. Nesse sentido, Roger Chartier afirma:

Todo o trabalho que se propõe identificar o modo como as configurações inscritas nos textos, que dão lugar a séries, construíram representações aceitas ou impostas do mundo social, não pode deixar de subscrever o projecto e colocar a questão, essencial, das modalidades da sua recepção.<sup>464</sup>

Para o entendimento acerca das discussões em torno das representações sobre as mulheres, o conceito de gênero a partir da perspectiva de Joan Scott oferece uma importante contribuição. Segundo a autora, “os estudos de gênero trazem uma nova perspectiva para o estudo das mulheres, pois não abordam a mulher de forma isolada e rejeitam o estudo de esferas separadas e a dissociação dos sexos”<sup>465</sup>. Entendemos que não existiu nem existe um “modelo feminino” que norteie as análises acerca das mulheres; particularidades se forjam a partir das experiências sociais em função das relações de poder. O gênero enquanto categoria de análise tem na cultura seu espaço de

---

<sup>462</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Folhas do Norte: Letramento e Periodismo no Amazonas (1880-1920). p. 227.

<sup>463</sup> PESAVENTO, Sandra Jatáhy. História & História Cultural. p.n40.

<sup>464</sup> CHARTIER, Roger. A História Cultural: Entre Práticas e Representações. p. 24.

<sup>465</sup> SCOTT, Joan W. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, vol.16, ano 2, Porto Alegre, Jul/dez. 1990 p. 19.

atuação, portanto, a trajetória das mulheres deve ser analisada a partir das singularidades, detalhando as práticas e atuações representativas do feminino próprias de cada sociedade.

Da mesma maneira, como as formas de atuação e sujeição feminina podem variar de acordo com as origens e condições sociais, as mulheres em suas subjetividades também perceberam e experimentaram de diversas maneiras as mudanças e novidades oportunizadas nos processos de deslocamentos territoriais. Apesar de carregar a variante social, as representações da mulher na imprensa manauara, tanto a local quanto de imigrantes, esbarravam no discurso moralista que revestia a imagem da mulher na proposta de modelo ideal. Como afirma Margareth Rago, em meados do século XIX, foi elaborado um novo modelo normativo de mulher. Além de “frágil e soberana, abnegada e vigilante” este pregava, [...] novas formas de comportamento e de etiqueta, inicialmente às moças das famílias mais abastadas e paulatinamente às das classes trabalhadoras, exaltando as virtudes burguesas da laboriosidade, da castidade e do esforço individual [...] <sup>466</sup>.

As representações de imigrantes femininas que selecionamos nos jornais que circulavam na cidade de Manaus no fim do século XIX revelam as diferentes formas de atuação dessas mulheres na sociedade. De modo geral, a imagem da mulher imigrante foi difundida em maior proporção pela imprensa nativa; como vimos no primeiro capítulo, o incremento da economia com a exportação da borracha abriu espaço para as mulheres no mercado de trabalho, onde muitas vezes houve preferência pelas estrangeiras em detrimento das mulheres nativas. Vinculadas a isso, as imigrantes aparecem em diversos anúncios de oferta e procura de serviços em diferentes setores, tais como os relacionados a serviços domésticos – babás, arrumadeiras, cozinheiras, passadeiras, lavadeiras, costureiras – ou ainda em funções mais especializadas, como modistas, enfermeiras, professoras, parteiras, além das diversas referências às atrizes, cantoras e mulheres que atuavam exercendo o ofício do meretrício e que estampavam com frequência as páginas policiais em denúncias por má conduta, por vezes como vítimas de violência ou algum tipo de abuso masculino. <sup>467</sup>

Diferente das referências que observamos com maior frequência na imprensa nativa, os jornais de comunidades imigrantes deram ênfase ao estereótipo tradicional de mulher devota ao lar e à família, tornando assim possível identificar nas representações

---

<sup>466</sup> RAGO, Margareth. Do Cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar. p. 62.

<sup>467</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Mulheres portuguesas na *Belle Époque* Manauara, 1880-1920.

os seguintes perfis: esposas austeras e devotas, mulheres sofredoras (mães ou viúvas), mulheres caridosas, além das “senhoritas” sempre referenciadas por sua graça, beleza e delicadeza.

As representações que reforçam o estereótipo de mulher devota ao lar e à família são muitas e podem ser apreendidas através dos conselhos que lhes eram dirigidos acerca de suas escolhas e condutas ou em auxílio na criação de seus filhos.

Os exemplos abaixo retratam o pensamento acerca do potencial feminino. No primeiro artigo, do jornal *A voz de Loriga*, o autor escreve sobre a importância do patriotismo dos que, mesmo distantes, trabalhavam e contribuía para o desenvolvimento e a justiça de sua terra natal; já no final de sua escrita ele dirige sua fala às mulheres, atribuindo-lhes seu papel no desenvolvimento do país.<sup>468</sup>

E vós, moças ingênuas do meu berço donzelas que a vossa alma se envolve no manto imaculado das vossas aspirações de felicidade conjugal que vos espera! Sede estudiosas, activas nos vossos misteres caseiros, que com vosso carinho, com vosso sentimento de boas esposas, quando la chegardes, a esse ninho em que os atractivos de vossa alma carinhosa toda a virtude concentra, dareis dos vossos filhos esse nobre dote que se chama insctrução, que tereis assim cumprido com o vosso dever, dando à pátria um filho digno de voz e de bom portuguez.<sup>469</sup>

O exemplo a seguir trata-se de um artigo no jornal *União Portuguesa*, intitulado “*A Missão da mulher*”, que trazia a definição de papéis e a delimitação dos espaços de atuação definidos pelo sexo.

A missão da mulher Em toda a família há dois indivíduos cada um dos quaes tem a cumprir a sua missão particular e especial. Ao pae, que é o chefe e o senhor, pertence, a par d’outros deveres não menos sagrados e dignos d’atenção, o cuidado da subsistência, o poder e a autoridade, devendo estar a cargo d’elle a instruccãophysica e litteraria de seus filhos. A mulher, destinada pela sua fraqueza e tímidez natural do seu sexo a uma vida mais sedentária, pertence a direção interior da casa e a primeira educação dos filhos; tambem deve se obra d’ella o dirigirlhes os sentimentos e formarlhes os corações. Na perfeita harmonia e cumprimento d’esses respectivos deveres se funda a felicidade domestica.<sup>470</sup>

O papel socialmente construído de mulher como mantenedora da unidade familiar foi reforçado nas páginas dos jornais com amparo no conceito de que agir pela “natureza” feminina seria garantia de felicidade e paz; assim, a mulher “alcançou” *status* de guardiã da moral do grupo familiar, especialmente através do controle do bom

---

<sup>468</sup> Idem.

<sup>469</sup> A Voz de Loriga. Manaus, 5 de junho de 1909. *Apud* PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Mulheres Portuguesas na *Belle Époque* Manauara, 1880-1920.

<sup>470</sup> *União Portuguesa*, Manaus, 22 de julho de 1920. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

funcionamento do lar, onde deveria zelar pelos filhos e marido<sup>471</sup>. Para as mulheres, o comportamento no espaço público deveria refletir o papel desempenhado no âmbito privado; uma postura respeitável poderia contribuir para o reconhecimento social de sua família, o que justifica a valorização das obras de caridade praticadas pelas senhoras da alta sociedade. De acordo com o discurso burguês do século XIX, características como sensibilidade, amabilidade e brandura eram consideradas inerentes à figura da boa mãe e esposa, concebidas enquanto “símbolos do bem”; naturalmente, as mulheres seriam mais dotadas de sentimentos morais, especialmente, aqueles relacionados à piedade e aos cuidados com os mais fracos e miseráveis.<sup>472</sup>

Conforme destacamos em tópico anterior, os jornais da imprensa estrangeira atestaram a mobilização dos imigrantes em diversas ações de ajuda aos necessitados, constituindo também um cenário privilegiado no que tange às representações das mulheres imigrantes. Por meio da prática de caridade, muitas mulheres organizavam-se em associações e atividades relacionadas à promoção de eventos beneficentes e arrecadação de doações às pessoas carentes.

No dia 25 de janeiro de 1919, o jornal *O Lusitano*, sobre a *Comissão Patriótica Portuguesa*, trazia a ata da última reunião sublinhando a importante participação da *Sub Comissão das Senhoras* na arrecadação de fundos em prol das vítimas da guerra em Portugal. Esse mesmo jornal realizava campanhas para arrecadação de cupons que, posteriormente, seriam revertidos em doações para os necessitados; nessas campanhas a adesão majoritária era feminina. “A Sr<sup>a</sup> D. Maria d’Assumpção, assídua leitora d’*O Lusitano*, veio trazer-nos muitos coupons de bonde. Agradecidos”<sup>473</sup>.

Identificadas entre as verdadeiras vítimas da guerra, as mulheres também foram representadas a partir da imagem fragilizada de mãe sofredora que, a exemplo da Virgem Maria, sofrem a morte de um filho, e das viúvas desamparadas da tutela de seus maridos. Ao lado dos mutilados e das criancinhas, as mulheres serviram de inspiração complementar às narrativas que os periódicos traziam sobre os horrores dos combates, além de “ilustrar” as campanhas de mobilização da comunidade imigrante.

Victimas da guerra. As verdadeiras victimas da guerra não são aquelles que sacrificaram a vida pela pátria; esses passaram a ter a vida da imortalidade, onde repousam os heroes na paz eterna da justiça da História; as grandes

---

<sup>471</sup> RAGO Margareth, *Do Cabaré ao Lar. A utopia da Cidade Disciplinar. Brasil 1890-1930*. p. 61-62.

<sup>472</sup> Idem. p. 81-82.

<sup>473</sup> *O Lusitano*. Manaus, 25 de Janeiro de 1919. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

victimas, dignas de apoio e auxilio, são aquelles a quem faltou o braço carinhoso, protector e amigo, aquelles que, sem amparo, estão condenados a atravessaro caminho da vida tão cheio de amarguras e de espinhos.

Temos dito, e é sabido, que muito se tem feito em Manaus; mas aumenta, dia após dia, o numero dos infelizes; é necessário, portanto, que aumentem as fontes de receita [...] Quantos mutilados, quantas viúvas e quantas criancinhas esperarão o amparo da colônia portuguesa de Manáos; e esse amparo não faltará para honra da colônia e para honra de Portugal.<sup>474</sup>

Em vista dos problemas sociais que a população vivenciava, a caridade deveria ser encarada como um dever cristão, logo, um serviço gratuito de amor aos menos afortunados; nesse sentido, tanto as estrangeiras quanto as nativas atuaram em favor do “próximo”. Maria Luiza Pinheiro destacou que, entre as damas da elite manauara, o engajamento em questões filantrópicas, como por exemplo, a produção do jornal *Abolicionista do Amazonas*, veículo de defesa da libertação dos escravos, foi uma maneira saudável e produtiva de “escapar” da exclusividade da vida doméstica<sup>475</sup>. Segundo Michelle Perrot, as ações de filantropia concederam à mulher lugar de importância e destaque social; ainda que, muitas vezes, elas permanecessem no anonimato, o envolvimento com causas sociais modificou a sua percepção em relação ao mundo e a si mesma, além de lhe favorecer a inserção pública<sup>476</sup>.

Além das representações que valorizavam o papel da mulher no âmbito privado e as ocupações com a “maternidade social”<sup>477</sup>, a imprensa estrangeira também se encarregou de registrar a presença feminina em ações que evidenciam a sua importância para a configuração étnica e cultural da comunidade imigrante. Como vimos anteriormente, convívio e sociabilidade eram características muito fortes entre as comunidades imigrantes, as festas religiosas, os arraiais, os bailes elegantes, os saraus, as óperas, enfim, os diversos eventos culturais e esportivos evidenciavam a agitada e intensa vida social dessas pessoas. Estes seriam, de acordo com Michele Perrot, locais mistos ou neutros onde a participação da mulher era permitida e até estimulada, como podemos observar nos vários anúncios em que os clubes divulgavam os bailes para os sócios e suas famílias; alguns desses bailes contavam com “as comissões de senhoras e senhoritas para a confecção de diferentes adornos para embelezamento dos clubes”; nos arraiais e quermesses, as mulheres, além de prepararem pratos típicos, ficavam

---

<sup>474</sup> *União Portuguesa*. Manaus, 26 de setembro de 1918. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>475</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Folhas do Norte: Letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920). p. 235.

<sup>476</sup> PERROT, As Mulheres ou os Silêncios da História. p. 279, 281.

<sup>477</sup> Termo utilizado por Michelle Perrot, em As mulheres ou os silêncios da História. p. 281.

responsáveis pelas barracas e encarregadas de apresentar ao público danças, cantos e trajés folclóricos dos seus países.

A música como elemento cultural capaz de transmitir ideias, sentimentos, situações e vivências de um povo eram indispensáveis nas festas promovidas pelos imigrantes. Os jornais destacavam o desempenho de mulheres na interpretação de diversos gêneros musicais que remetiam a diferentes culturas; além das óperas italianas, as músicas executadas nas festas das colônias espanhola e portuguesa, eram constantemente reverenciadas. O fado, considerado um ícone importantíssimo da cultura portuguesa, encantava tanto a elite quanto os grupos populares. Capaz de refletir a “alma portuguesa”, os repertórios cultivavam sentimentos como: amor, tristeza, desilusão, esperança, alegria e saudade; temas caros aos que se encontravam longe da “terrinha”.<sup>478</sup>

Entre os intérpretes dos fados, percebemos que a grande maioria eram mulheres. Diante disso, inferimos que, muito mais do que o entretenimento da comunidade portuguesa, a mulher, no seu papel de mãe, “célula de reprodução” e responsável pela primeira socialização dos filhos, atuava também como fiadora da identidade nacional, assim, ao interpretar os fados contribuía para a transmissão e preservação da cultura e identidade portuguesa para as novas gerações. De acordo com Michele Perrot, a mulher “transmite os valores simbólicos e a memória fundadora”<sup>479</sup>, portanto, as associações e o lar eram espaços de atuação feminina onde os valores nacionais como língua e costumes poderiam ser preservados pelos imigrantes residentes no Brasil.

#### Festival de Teatro Polyteama

Acto de variedades desempenhado por distintos jovens e gentis e inteligentes senhorinhas do nosso mais elevado meio social.

As gentis meninas Adelina e Delzuita Silva, Alcida e Aurora Coutinho desempenharam com agrado e brilho o lindo Fado da Agúia (cantaram as saudades de Portugal)<sup>480</sup>

Se por um lado os destaques que as mulheres tiveram no âmbito das associações, especialmente, nas atividades caritativas, musicais e teatrais, indicam a relevância da figura feminina na transmissão da língua “materna” e dos costumes, por outro lado, os relatos jornalísticos que descreviam os eventos sociais e políticos indicam que os

---

<sup>478</sup> SCOT, Ana Silvia. Os Portugueses. p. 300-301.

<sup>479</sup> PERROT, Michelle. As Mulheres ou os Silêncios da História. p. 458.

<sup>480</sup> *União Portuguesa*. Manaus, 19 de agosto de 1920. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

homens eram indiscutivelmente os personagens principais, tendo muitas vezes seus nomes e relevância social encabeçando as notas jornalísticas. Essa percepção nos leva ao pensamento de Michele Perrot quanto ao papel de coadjuvantes, tantas vezes imposto às mulheres, em ocasiões como bailes, saraus e teatros, onde elas figuravam como adornos masculinos. Nessas ocasiões, as mulheres da elite tinham a possibilidade de desfilarem a última moda europeia, onde o cuidado dispensado às roupas e acessórios contribuía para ostentar o padrão social e econômico de seus maridos.<sup>481</sup>

Até mesmo nas colunas que destacavam os aniversariantes ilustres, quando era uma mulher a homenageada, o texto geralmente era encabeçado pelo nome do homem, pai ou marido. Às referências ao caráter e qualidades de pai e chefe de família, eram acrescidos elogios ao aspecto profissional e à posição de destaque que este ocupava no meio social, somente depois era mencionado o nome da aniversariante, com elogios que buscavam enfatizar as virtudes e qualidades tipicamente femininas.

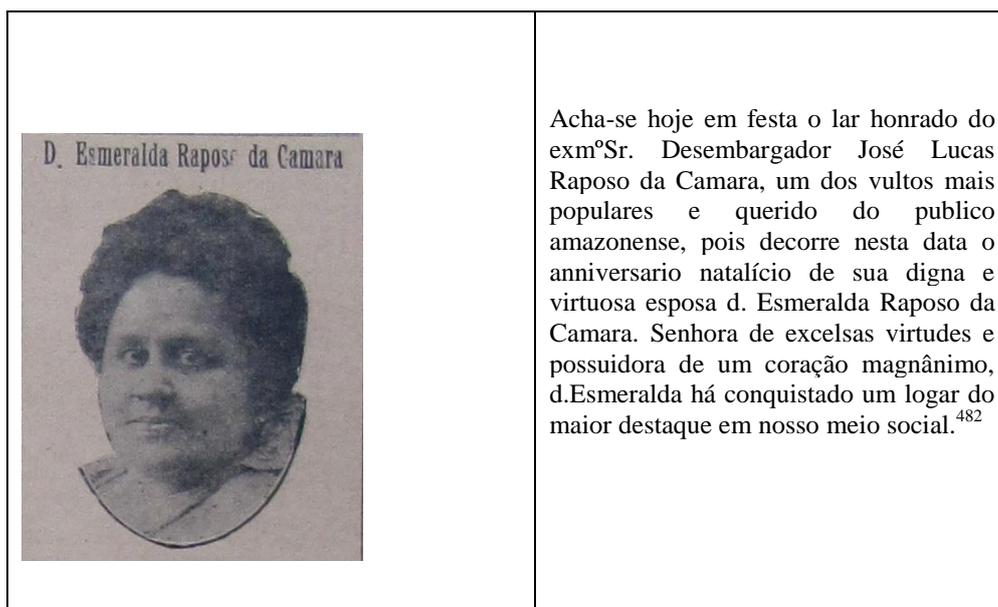


Figura 1– *União Portuguesa – Manaus, 15 de agosto de 1918. Coluna: A “união” Social.*

As irmãs Adelina Gomes e Maria Augusta também tiveram o privilégio de figurar as páginas do jornal por ocasião de seus aniversários; as felicitações pela data seguem de nota sobre a festa e seus convidados, onde percebemos claramente o

<sup>481</sup> PERROT, Michelle. As mulheres ou os silêncios da história. p. 34.

<sup>482</sup> *União Portuguesa*. Manaus, 15 de agosto de 1918. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

destaque privilegiado à figura masculina, já que não informa sequer o nome da mãe das aniversariantes:

Verificou-se a 6 do corrente o anniversario natalício das nossas amiguinhas Adelina Gomes e Maria Augusta. As aniversariantes e seus parentes Estevão do Nascimento Ferreira e sua **digna esposa**, tiveram ocasião de verem o quanto são estimados por seus amigos e admiradores. Em regozijo de tão carinhosa data, houve um sarau dançante, que prolongou até altas horas da noite. O sr. Fernando de Carvalho, como sempre, cantou admiravelmente no que foi acompanhado por seus amigos Antonio Coelho, José Henrique Monteiro, Antonio Bernardino, Arnaldo D. Silva e Antonio Soares, **bem como de varias senhoritas**<sup>483</sup>.



Figura 2 – *União Portuguesa – Manaus, 11 de julho de 1918. Coluna: A “união” Social.*

A partir dos jornais analisados, pudemos perceber que os “espaços” onde as mulheres de origem estrangeira se posicionaram ou foram posicionadas, estavam geralmente ligados aos cuidados com a família, às instituições sociais, à religião e às práticas culturais. Nesses jornais, pouco se falou da atuação das imigrantes no mundo do trabalho, diferente da imprensa local, que noticiou a presença das estrangeiras em diversos segmentos profissionais, aqui arriscamo-nos a dizer que os exemplos que trazem a figura da mulher como trabalhadora privilegiaram principalmente atuações consideradas enobrecedoras que tinham relação com a “natureza” feminina, como a profissão de professora; dessa forma, os jornais voltados para as comunidades estrangeiras noticiaram principalmente mulheres em profissões que, além de trazer orgulho à comunidade, enchiam de honra as suas autoras, enfatizando sempre as “prendas” femininas.

---

<sup>483</sup> *União Portuguesa*. Manaus, 11 de julho de 1918. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

#### Collegio Moderno

Na próxima segunda-feira 2 de fevereiro, abrirá as suas aulas este novo collegio, dirigido pela distincta senhorinha D. Fernanda Reya da Costa Sanches e sua gentil irmã D.Zélia Reya da Costa Sanches.

Tendo informado os nossos leitores da competência das suas ilustres dirigentes, devemos dizer que tem sido grande a matricula de meninas e meninos que vão ser entregues aos cuidados praficientes e extremo carinho d'aquellas nossas disctintas compatriotas.

Além do curso primário, leciona-se francês e inglês, theorica e pratica e bem assim labores, tendo nós já tido a felicidade de admirar alguns lindos trabalhos de mão em rendas e bordados, nos diversos estylos modernos, que honram deveras, aquelas disctintas professoras.<sup>484</sup>

Como parte das habilidades femininas, os trabalhos em renda e bordados são sempre destacados como referência à delicadeza das mulheres.

#### Exposição Bordados

Mais uma manifestação de arte, bellesa estética bom gosto e habilidade, acabamos de presenciar e admirar nos bem feitos trabalhos de bordados a machina [...] Não sabemos mais que admirar, se o conjunto harmônico dos desenhos, se a delicadeza e perfeição no seu total acabamento.

Trabalhos como os que vimos fazem honra a sua auctora Excma. Sr. D.Gertrudes.<sup>485</sup>

As análises acerca dos periódicos estrangeiros em Manaus nos mostram que os discursos e as representações sobre a mulher imigrante procuravam estabelecer parâmetros que as enquadravam nos ideais femininos pretendidos na época. Nesse contexto, como afirma Michele Perrot, “a família instaura a comunicação” entre o público e o privado, da mesma forma que a “rememoração” das mulheres está ligada ao âmbito privado e às memórias voltadas para a família<sup>486</sup>. No entanto, pudemos identificar algumas representações que sugerem autonomia por parte de mulheres dessas comunidades. O primeiro exemplo, extraído do jornal *União Portuguesa*, mostra uma mulher sócia da *Sociedade Lusitana Repatriadora*, que, se sentindo prejudicada, estava reivindicando seus direitos e disposta a levar o caso aos tribunais se fosse necessário.

#### Um caso grave

Fica em nosso poder um protesto da Sr<sup>a</sup> Silvana das Neves Lameira, contra a diretoria da Sociedade Lusitana Repatriadora para ser publicado em nosso próximo número.

---

<sup>484</sup> *O Lusitano*. Manaus, 31 de janeiro de 1920. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>485</sup> *O Lusitano*. Manaus, 04 de janeiro de 1919. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>486</sup> PERROT, Michelle. As mulheres ou os silêncios da história. p. 459.

Trata-se de um caso grave pois segundo nos informam, esta senhora em considerando-se lesada em seus direitos apelar perante os tribunales, visto lhe terem sido cerceados todos os seus direitos de sócia.<sup>487</sup>

O segundo exemplo destaca uma mulher que, ao tornar-se viúva, toma frente dos negócios do marido.

A Exma. Sra.D, Anna Rosa dos Santos França, em circular que nos dirigiu, communicou-nos que em virtude do falecimento de seu marido, que foi estabelecido n’esta cidade com Officina Mechanica e Fundição a Vapor, denominada Progredior, assumiu o ativo e passivo do referido estabelecimento, sob a firma Viuva Santos França, a qual esta registrada na Meretissima Junta Commercial.

Embora os discursos moralizantes e a idealização feminina nos contos e poesias fossem direcionados a todas as mulheres, sem distio, as imagens e espaços discursivos eram bem marcados. Nos jornais analisados, as representações femininas privilegiaram principalmente as mulheres das classes mais abastadas; assim, por meio das colunas sociais, que destacavam inúmeras datas festivas, como aniversários, casamentos, batizados e a participação em diversos eventos, foi possível apreender algumas de suas experiências.

As mulheres de extratos sociais menos abastados, como as trabalhadoras, não tiveram muita visibilidade nos jornais voltados à comunidade estrangeira; contudo, foram bastante referenciadas na imprensa nativa, principalmente, nos classificadores de emprego e nas colunas policiais, quando adotavam alguma conduta “subversiva” que pudesse ameaçar o ordenamento social<sup>488</sup>. As poucas referências que localizamos sobre as mulheres populares nos impressos estrangeiros, geralmente, trazem a sua imagem em segundo plano, evidenciando ações importantes e altruístas das instituições caritativas da comunidade.

Como destacou *O Lusitano* acerca da ação da *Sociedade Lusitania Repatriadora*, “esta humanria instituição de caridade, continua a prestar aos nossos patrios indigentes o seu auxílio protetor”, a introdução da notícia destacava a ação benevolente da *Sociedade Repatriadora* ao socorrer a patria Virginia Honesta da Castidade, que teria sido expulsa da casa em que morava por falta de recursos. O artigo não traz maiores informações, como profissão, idade ou estado civil, mas a condição de Virginia

---

<sup>487</sup> *União Portuguesa*. Manaus, de 29 de julho de 1920. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>488</sup> Referimo-nos ao segundo capítulo desta dissertação, onde trabalhamos a questão da mulher e o trabalho em Manaus.

Honesta da Castidade nos leva a pensar em várias possibilidades, além de nos fazer refletir sobre a quase ausência da mulher popular nos jornais estrangeiros. Esse fato talvez esteja relacionado à missão assumida pelos jornais de elevar o nome da pátria, o que, conseqüentemente, acarretou em uma “seleção” dos personagens e acontecimentos que compunham as publicações.



*União Portuguesa*, Manaus, 8 de agosto de 1918 - crianças em trajes típicos portugueses, fotografia tirada como recordação da festa da Beneficente Portuguesa.

Se as várias representações femininas em sociedade buscavam reiterar o modelo de mulher ideal aos moldes tradicionais, os textos e as ilustrações nas páginas de publicidade traziam um modelo diferente de mulher; nesse espaço, elas eram muitas vezes retratadas de forma liberada em trajes insinuantes e curvas voluptuosas. Nas propagandas dos jornais *Alma Portuguesa* e *União Portuguesa*, por exemplo, os textos retrataram o sexo feminino em posturas que não condiziam com o comportamento considerado ideal à mulher, o tom de malícia e sátira empregado na narrativa, ao mesmo tempo em que divulgavam o produto ou o estabelecimento, divertiam o leitor ao revestir a imagem feminina de preconceitos, associando-a a personagens e ações estereotipadas, como verificamos no anúncio da *Casa Havaneza*, publicado no jornal *Alma Portuguesa*:

Seu Pafuncio e a Senhora  
(comedia do lar)  
O Ilustre doutor Pafuncio

E a mulher D. Thereza  
Andam doidos, com certeza,  
Depois de ter lido o annuncio  
Que fez a *Casa Havaneza*!

A mulher, de instante em instante,  
Vive ao marido gritar:  
-Eu quero ver-te chibante,  
Chibantinho de encantar,  
Catito, moço elegante...

-Corre depressa à *Havaneza*  
Vai comprar camisas finas  
Que são uma barateza!  
Camisas, coisas divinas  
Extratos bons, com presteza!

Corre, toalhas me traz  
Traz de lá tudo com a breca!  
O' raio de Satanaz,  
Se não te quebro a careca  
Meu biltre, meu salatraz!

Olha tua barba e cabelo  
Já se viu tal coisa, Gosta  
Minh'alma de desmazelo,  
Vai fazei-o lá ao Costa  
Perto da casa *Havaneza*...  
Tem razão D. Thereza.<sup>489</sup>

Em “Aventuras de uma menina”, o destaque da propaganda fica por conta de “Argentinita”, que, com seus gritos e gênio atrevido, chama a atenção do público para os melhores produtos nacionais e importados vendidos na Merceria 29 de Junho.

Aventuras de uma menina.

As aventuras da Argentinita em Manaus não têm, á primeira vista, o menor interesse para os cultos leitores da “União Portuguesa”. Mas se relacionarmos com algum facto, que nos diz respeito, ocorrido recentemente em Manaus, merecem o comentário do publico e a atenção dos leitores.

A Argentinita, menina sympathica mas de gênio atrevido, grita e faz ver ao publico que as melhores estivas e conservas e bebidas nacionais e estrangeiras, que actualmente se vende em Manãos é na **Merceria 29 de Junho**, á rua Henrique Martins nº26, (canto da Joaquim sarmento nº9)

Por casualidade assistiram à gritaria da menina duas famílias com vários amigos. Dirigiram-se logo imediatamente á **29 de Junho**, aonde se certificaram que realmente era verdade o que a Argentinita dizia.<sup>490</sup>

Neste outro anúncio, o mesmo estabelecimento se utiliza novamente da figura feminina para divulgar a qualidade e variedade de seus produtos. Dessa vez, percebemos que ao destacar o que foi chamado de briga entre “duas criadinhas

---

<sup>489</sup> *Alma Portuguesa*. Manaus, 20 de maio de 1915. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>490</sup> *União Portuguesa*, Manaus, 13 de junho de 1918. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

portuguesas”, a narrativa assume um tom mais malicioso, dirigido para as mulheres de profissões mais populares.

Bofetadas...

Ao passar-mos há dias pela rua Municipal, vimos um grande *tumulto* na rua Joaquim Sarmiento, canto da Henrique Martins; acto continuo nos dirigimos ao local do *barulhão*.

Duas criadilhas portuguesas se achavam no meio da compacta multidão *todasdesgrenhadas e rubras como pimentão*.

Indagando do que se tratava, a multidão, que ria a bandeiras despregadas disse-nos o seguinte:

Esta pequena russa da esquerda, dizia à outra sardentinha que, a **Mercearia 29 de Junho**, era a que vendia gêneros mais baratos e de melhor qualidade \_ E acrescentou: Depois o proprietário é tão gentil e amável com a freguesia, que quem lá vai uma vez, nunca mais quer deixar de lá ir fazer suas compras. Ora a sardentinha que pelos modos *anda fazendo seurapapés ao donoda 29 de Junho*, sentindo ciúmes dos elogios da companheira cahiu sobre esta de taponas que foi um Deus te acuda.

Não briguem, meninas porque o proprietário promete ser gentil para com todas e trata-las com igual distinção.<sup>491</sup>

Sem desconsiderar o contexto da produção ou os diálogos e interações que os textos acima estabelecem com outras instâncias culturais, a análise dos mesmos nos permite pensar as relações de poder por meio da dominação masculina e submissão feminina por eles reproduzida. Segundo Chartier, “as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio”<sup>492</sup>. De acordo com Joan Scott, o gênero é “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, [...] uma forma primária de dar significado às relações de poder”<sup>493</sup>.

Assim, entendemos que as narrativas citadas buscavam enquadrar a mulher em posições de inferioridade, difundindo “imagens” associadas a questões “menores” como brigas de “empregadinhas” e “garotas de gênio atrevido”, com relação às mulheres mais populares, ou na figura de uma esposa mandona às voltas com seus desejos consumistas<sup>494</sup>. Essas narrativas tinham objetivo de caracterizar as mulheres como seres levianos sem preocupações, ao contrário dos homens, o que viria confirmar a sua superioridade, justificando a dominação.

---

<sup>491</sup> *União Portuguesa*, Manaus, 11 de julho de 1918. Disponível: Laboratório de História da Imprensa no Amazonas.

<sup>492</sup> CHARTIER, A História Cultural: Entre Práticas e Representações. p.17.

<sup>493</sup> SCOTT, Joan Wallach. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. p.86.

<sup>494</sup> CAMPOS, Raquel Discinide, Mulheres e crianças na imprensa paulista 1920-1940: Educação e história. São Paulo, 2009. Ed. UNESP. p. 139-140.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da dissertação buscamos destacar a participação das mulheres estrangeiras na cidade de Manaus no transcurso do século XIX e XX. A pesquisa também visou à compreensão da sociedade do período, apresentando o contexto das transformações sociais a partir do apogeu econômico favorecido pela exportação da borracha, momento em que as elites locais canalizaram esforços para a remodelação do espaço urbano e a constituição de um ordenamento social, buscando dessa forma instaurar a civilização e a modernidade, deixando para trás características que pudessem representar qualquer sinal de atraso aos olhos dos investidores estrangeiros.

Nos três capítulos que compõem este trabalho, podemos observar o quanto as transformações sociais empreendidas no período da *Belle Époque* de Manaus alteraram a dinâmica da população local. O projeto de modernização com base no modelo de cultura europeu impôs uma série de normas de comportamento e a introdução de elementos materiais e simbólicos que tentaram transformar a realidade local.

Para as mulheres, essas mudanças representaram o início de um lento e gradual processo de ruptura com padrões de comportamentos sociais há muito tempo estabelecidos. Os espaços tradicionais foram modificados e a nova dinâmica necessitou tanto dos homens quanto das mulheres para a construção de uma cidade moderna e civilizada. Tradicionalmente representadas a partir de características e qualidades próprias do sexo feminino, como a ternura e o amor, as atribuições das mulheres, que estiveram por muito tempo condicionadas à maternidade e ao cotidiano doméstico, aos poucos foram adquirindo novas dimensões dentro do novo contexto econômico e social, possibilitando a elas maior visibilidade e participação no espaço público nos âmbitos do trabalho, da educação e do lazer.

As mulheres estrangeiras que chegaram à Manaus em meio a esse contexto vivenciaram, ao mesmo tempo, as transformações urbanas e sociais em curso, e as rupturas e tensões próprias dos processos de deslocamentos territoriais. Vindas das mais diversas partes do mundo, elas chegaram acompanhadas de seus maridos, filhos ou sozinhas, perseguindo sonhos e novas oportunidades, precisando reinventar suas vidas em uma realidade completamente diferente daquela vivida em seus países de origem.

Elas marcaram presença na cidade de Manaus influenciando as mulheres nativas em comportamentos e gestos que conferiam *status* de civilização e modernidade. No que se refere à vestimenta, o gosto pela última moda parisiense, além de inspirar as nativas, contribuiu para a importação e a comercialização de inúmeros itens, como chapéus, tecidos, acessórios e artigos de luxo que seguiam tal tendência. Essas mulheres também tiveram destaque em sua luta pela sobrevivência e disputando espaço com as trabalhadoras locais atuaram como lavadeiras, passadeiras, cozinheiras, babás, amas de leite, doceiras, arrumadeiras, enfermeiras, professoras, meretrizes, cantoras, atrizes, balconistas, entre outras funções.

A imprensa, que no período desempenhou um importante papel na divulgação dos ideais de modernidade almejados pelo Estado e pela elite locais, destacou a figura feminina de diversas maneiras, exaltando a importância de seu papel de mãe, esposa e dona de casa, ou dando ênfase à doçura, à beleza e à delicadeza feminina através de poemas, o que também refletiu a desconfiança e a preocupação da sociedade diante da possibilidade de inversão de papéis com a saída das mulheres do âmbito privado e cumprimento das tarefas pré-estabelecidas. Nesse sentido, direcionamos nossa atenção para as representações construídas sobre as mulheres estrangeiras nos jornais que circulavam na cidade de Manaus.

No que se refere a essas representações, tanto os jornais locais quanto os jornais produzidos por imigrantes não apresentavam entre si alguma diferença significativa. A mulher da elite foi o modelo feminino idealizado, modelo este que deveria refletir nas condutas das mulheres das camadas mais baixas da população; favorecidas pelo *status* social, elas se destacaram em eventos sociais ao lado de seus maridos ou à frente de eventos de caridade, uma extensão natural de sua função doméstica.

As mulheres pobres, por sua vez, foram alvo do discurso moralizador e das medidas disciplinadoras do período. Essas mulheres, que no cumprimento de suas tarefas diárias, ou em busca de trabalho precisavam circular pelas ruas da cidade, tinham seu padrão de comportamento considerado subversivo e desviante na nova ordem social e foram referenciadas em maior escala na imprensa local, já que os jornais produzidos para as comunidades de imigrantes tenderam a privilegiar as mulheres no desempenho do papel tradicional, motivo de orgulho e exemplo para a comunidade.

Especialmente no terceiro capítulo, podemos perceber que as mulheres tiveram uma importante atuação para a manutenção da cultura de origem: além de serem as responsáveis pela educação e pela transmissão de valores aos filhos, também

participavam ativamente nas festas das comunidades, organizando, cozinhando ou cantando – esses eventos, além de propiciar a sociabilidade, preservavam costumes, crenças e tradições dos grupos estabelecidos na cidade.

Ao concluirmos o trabalho, temos a sensação de que fizemos pouco diante do arsenal de possibilidades que os jornais como fonte de pesquisa têm a nos oferecer. Nossa contribuição nasceu a partir de uma pequena fração dos jornais que circularam na cidade de Manaus no período entre o final do século XIX e início do XX, mas para além das fontes pesquisadas, existem ainda inúmeros outros impressos, jornais ou revistas de todos os tipos, que certamente permitem a continuidade da pesquisa.

Nesse sentido, cremos que nossa contribuição também consiste em pontuar que apesar de muitos trabalhos terem abordado o período da *Belle Époque* em seus vários aspectos – econômico, político, social ou cultural – existe ainda uma gama de personagens, fatos e singularidades aguardando por novos olhares que possibilitem novas perspectivas de análise e maior aprofundamento, como é o caso das mulheres de diversas nacionalidades que fizeram parte desse contexto.

## REFERÊNCIAS

### PERIÓDICOS

- A Capital*, Manaus, 22 de outubro de 1917.  
*A Capital*, Manaus, 03 de agosto de 1917.  
*A Caridade*, Manaus, 17 de dezembro de 1893  
*A Escova*, Manaus, 07 de julho de 1913.  
*A Escova*, Manaus, 07 de setembro de 1913  
*A Escova*, Manaus, 07 de setembro de 1913 n.09  
*A Escova*, Manaus, 07 de setembro de 1913.  
*A Escova*, Manaus, 07 de setembro de 1913.  
*A Escova*, Manaus, 08 de agosto de 1913  
*A Federação - Organ do Partido Republicano Federal*, Manaus, 22 de julho de 1899.  
*A lucta social*, Manaus, 01 de Junho de 1914.  
*A Mascara*, Manaus, 20 de fevereiro de 1910  
*A Voz de Loriga*, Manaus, 05 de Junho de 1909.  
*Alma Portuguesa*, Manaus, 08 de abril de 1915.  
*Alma Portuguesa*, Manaus, 20 de maio de 1915  
*Alma Portuguesa*, Manaus, 06 de maio de 1915.  
*Aura*, Manaus, 19 de novembro de 1909.  
*Boletim Allemão*, Manaus, 25 de outubro de 1916.  
*Boletim Commercial*, Manaus, 23 de dezembro de 1901.  
*Commercio do Amazonas*, Manaus, 21 de dezembro de 1898.  
*Commercio do Amazonas*, Manaus, 03 de agosto de 1899.  
*Commercio do Amazonas*, Manaus, 03 de agosto de 1899.  
*Commercio do Amazonas*, Manaus, 06 de dezembro de 1898.  
*Correio do Norte*, Manaus, 02 de janeiro de 1911  
*Correio do Norte*, Manaus, 05 de janeiro de 1911  
*Correio do Norte*, Manaus, 24 de dezembro 1911.  
*Correio do Norte*, Manaus, 03 de janeiro de 1911.  
*Correio do Norte*, Manaus, 09 de agosto de 1911.  
*Correio do Norte*, Manaus, 04 de julho de 1911  
*DiarioOfficial*, Manaus, 24 de novembro de 1893.  
*Jornal do Commercio*, Manaus, 02 de outubro de 1910.  
*Jornal do Commercio*, Manaus, 02 de dezembro de 1904.  
*Jornal do Commercio*, Manaus, 05 de março de 1920.  
*Jornal do Commercio*, Manaus, 01 de fevereiro de 1905.  
*Jornal do Commercio*, Manaus, 10 de janeiro de 1905.  
*Jornal do Commercio*, Manaus, 11 de agosto de 1908.  
*Jornal do Commercio*, Manaus, 11 de março de 1904  
*Jornal do Commercio*, Manaus, 12 de janeiro de 1905.  
*Jornal do Commercio*, Manaus, 12 dezembro de 1972.  
*Jornal do Commercio*, Manaus, 13 de janeiro de 1905  
*Jornal do Commercio*, Manaus, 16 de novembro de 1916.  
*Jornal do Commercio*, Manaus, 24 de dezembro de 1918.  
*Jornal do Commercio*, Manaus, 24 de fevereiro de 1919.  
*Jornal do Commercio*, Manaus, 24 de julho de 1912.  
*Jornal do Commercio*, Manaus, 25 de outubro de 1918.  
*Jornal do Commercio*, Manaus, 27 de julho de 1914.  
*Jornal do Commercio*, Manaus, 27 de maio de 1915.  
*Jornal do Commercio*, Manaus, 29 de junho de 1912  
*Jornal do Commercio*, Manaus, 29 de junho de 1912.

*Jornal do Commercio*, Manaus, 29 de setembro de 1904.  
*Jornal do Commercio*, Manaus, 3 de junho de 1918.  
*Jornal do Commercio*, Manaus, 3 de novembro de 1914.  
*Jornal do Commercio*, Manaus, 5 de maio de 1912  
*Jornal do Commercio*, Manaus, 5 de setembro de 1913.  
*Jornal do Commercio*, Manaus, 6 de outubro de 1914.  
*Jornal do Commercio*, Manaus, 7 de fevereiro de 1905  
*Jornal do Commercio*, Manaus, 7 de fevereiro de 1905.  
*Jornal do Commercio*, Manaus, 7 de fevereiro de 1913  
*Jornal do Commercio*, Manaus, 7 de fevereiro de 1913.  
*Jornal do Commercio*, Manaus, 7 de maio de 1918.  
*Jornal do Commercio*, Manaus, 7 de março de 1910  
*Jornal do Commercio*, Manaus, 8 de maio de 1912  
*Jornal do Commercio*, Manaus, 9 de novembro de 1919.  
*Jornal do Commercio*, Manaus, 30 de outubro de 1918.  
*La Voz de España*, Manaus, 01 de fevereiro de 1901.  
*La Voz de España*, Manaus, 10 de Enero de 1901.  
*O Artista*, Manaus, 06 de outubro de 1889.  
*O Beijo*, Manaus, 17 de abril de 1898.  
*O Beijo*, Manaus, 04 de julho de 1897  
*O Boato Theatral*, Manaus, 30 de março de 1898.  
*O Caniço*, Manaus, 13 de junho de 1897  
*O Caniço*, Manaus, 13 de junho de 1897.  
*O Imparcial*, Manaus, 08 de março de 1918.  
*O Imparcial*. Manaus, 08 de fevereiro de 1918.  
*O Lusitano*, Manaus, 01 de fevereiro de 1919.  
*O Lusitano*, Manaus, 01 de janeiro de 1919.  
*O Lusitano*, Manaus, 04 de janeiro de 1919.  
*O Lusitano*, Manaus, 05 de janeiro de 1919.  
*O Lusitano*, Manaus, 18 de fevereiro de 1919.  
*O Lusitano*, Manaus, 22 de fevereiro de 1919.  
*O Lusitano*, Manaus, 24 de janeiro de 1920  
*O Lusitano*, Manaus, 25 de janeiro de 1919.  
*O Lusitano*, Manaus, 31 de janeiro de 1920.  
*O Parafuso*, Manaus, 07 jul. 1912.  
*Republica Portuguesa*, Manaus, 14 de dezembro de 1919.  
*Republica Portuguesa*, Manaus, 19 de junho de 1919  
*União Portuguesa*, Manaus, 01 de julho de 1920  
*União Portuguesa*, Manaus, 11 de julho de 1918  
*União Portuguesa*, Manaus, 13 de junho de 1918  
*União Portuguesa*, Manaus, 15 de agosto de 1918.  
*União Portuguesa*, Manaus, 15 de junho de 1920  
*União Portuguesa*, Manaus, 19 de agosto de 1920.  
*União Portuguesa*, Manaus, 22 de julho de 1920.  
*União Portuguesa*, Manaus, 26 de setembro de 1918  
*União Portuguesa*, Manaus, 29 de julho de 1920  
*União Portuguesa*, Manaus, 19 de setembro de 1918.  
*União Portuguesa*, Manaus, 31 de julho de 1919.  
*União Portuguesa*. Manaus, 17 de outubro de 1918.

## LIVROS E ARTIGOS

AGASSIZ, Louis; Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil: 1865-1866*; tradução de João Etienne Filho, Ed. Itatiaia: São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

AMARAL, Josali do. *Ritmos e dissonâncias: Controle e disciplinarização dos desvalidos e indigentes nas políticas públicas do Amazonas, (1852-1915)*. Dissertação de Mestrado UFAM, 2011.

ANTUNES, Vanessa. *Mulheres do novo século: A condição feminina no Amazonas, 1900-1910*. Um olhar a partir das representações da imprensa Amazonense. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2014.

AREND, Silvia Fávero. *Nova História das Mulheres no Brasil*. org. Carla BassazeniPinsky e Joana Maria Pedro. São Paulo: Contexto, 2012.

AREND, Silvia Maria Fávero, RIAL, Carmen Silvia de Moraes, PEDRO, Joana Maria. *Diásporas, mobilidades e migrações*. Florianópolis: ed. Mulheres, 2011.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. *Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional*. Universidade do Estado de Santa Catarina. Estudos Feministas, Florianópolis, 15(3): 336, setembro-dezembro/2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n3/a15v15n3.pdf>. Acessado em: 30/11/2014

AVÉ-LALLEMANT, Robert. *No Rio Amazonas (1859)*. Tradução: Eduardo de Lima Castro. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980.

BARAÚNA, Silvia Maria Quintino. *Condições Sociais de Migrantes em Manaus, 1920-1945*. Dissertação de Mestrado. Manaus: UFAM, 2010.

BARBOSA, Marialva. *Os donos do Rio: imprensa, poder e público*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000.

BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. *Sobre história: Imprensa e memória*. In MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de KHOURY; Yara Aun: (Orgs). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho' d água, 2006.

BASSANEZI, Maria Silvia. *Migrações Internacionais. Mulheres que vêm, mulheres que vão*. In. *Nova História das mulheres no Brasil*. Organizadoras: Carla BassaneziPinsky e Joana Maria Pedro- São Paulo: Contexto, 2012.

BENCHIMOL, J. L. (coord.). *Febre amarela: a doença e a vacina, uma história inacabada*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001, em: SCHWEICKARDT, Júlio Cesar. *Ciência, nação e região: as doenças tropicais e o saneamento no Estado do Amazonas (1890-1930)*. - Manaus: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz, 2009. 428 f.; il. Tese (Doutorado Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde) – Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz, 2009.

BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia - Formação Social e Cultural*. 3ªed. - Manaus: EditoraValer, 2009.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das letras, 1986.

- BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Summus, 2009.
- BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Trad. Sergio Goes de Paula. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- BURNS, Bradford. *Retrato de uma cidade em expansão*. Separata do Jornal de Estudos Interamericanos, Coral Gables, Florida, USA: Universidade de Miami, v. 7, n. 3, jul. 1965, IN: JÚNIOR, Francisco Pereira Smith; GARVÃO Rodrigo Fraga. Economia e política na Amazônia brasileira (séculos XIX e XX). Revista estudos Amazônicos, 2013. Disponível: www.ufpa.br/historia. Acessado em 22/07/2015.
- CAMPOS, Hermenegildo Lopes de. *Climatologia Médica do Estado do Amazonas*. Manaus: Associação Comercial do Amazonas/Fundo Editorial, 1988
- CAMPOS, Luciane Maria Dantas de. *Educar para emancipar: a instrução feminina em Manaus (1890-1940)*. Fronteiras do Tempo: Revista de Estudos Amazônicos, v. 1, nº 2 – Dezembro de 2011.
- CAMPOS, Luciane Maria Dantas de. *Trabalho e Emancipação: Um olhar sobre as mulheres de Manaus, (1890-1940)*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2010.
- CAMPOS, Raquel Discini de. *Mulheres e crianças na imprensa paulista (1920-1940): Educação e história*. São Paulo, Ed. UNESP, 2009.
- CANCELA, Cristina Donza. *Casamento e Família em uma capital amazônica: (Belém 1870-1920)*. Belém: Ed. Açaí, 2011.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim; PRADO, Maria Ligia. *O Bravo Matutino, imprensa e ideologia no jornal O Estado de S. Paulo*, SP: Alfa e Ômega, 1980.
- CARDOSO, Antonio; Alexandre Isidio. *Nem Sina, Nem Acaso. A tessitura das migrações entre a Província do Ceará e o território amazônico (1847-1877)*. Universidade Federal do Ceará: 2011.
- CARRARA, S. *Tributo a Vênus: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40* [online]. ISBN: 85-85676-28-0. Available from SciELO Books. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996.
- CASTIGLIONI, Aurélia H. *Migração: Abordagens Teóricas*. In, ARAGON, Luís E. (organizador): *Migração Internacional na Pan-Amazônia*. Belém, UFPA NAEA, 2009.
- CENNI, Franco. *Italianos no Brasil: andiamo in Mérica*. 3ª Ed. São Paulo, SP: EDUSP, 2003
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1990.

- CÔRTEZ, Geraldo de Menezes. *Migração e Colonização no Brasil*. Coleção Documentos Brasileiros, direção Octavio Tarquinio de Sousa. Ed. José Olympo. RJ- 1958.
- COSTA, Deusa. *Quando viver ameaça a ordem urbana*. Trabalhadores de Manaus (1890-1915). Editora Valer e FAPEAM, 2014.
- COSTA, Heloísa Lara Campos da. *As mulheres e o poder na Amazônia* - Manaus: EDUA, 2005.
- DAOU, Ana Maria. *A belle époque amazônica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. (Coleção Descobrimos o Brasil).
- DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna: oito ensaios* / Natalie Zemon Davis; tradução da Mariza Corrêa – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. (Coleção Oficinas da História).
- DEL PRIORI, Mary. *História das mulheres no Brasil*. Org. Mari Del Priori, Carla BassaneziPinsky. São Paulo: Contexto, 2011.
- DIAS, Edinea Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto*. Manaus 1890-1920/Ed. Valer, 2008.
- DUBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: uma História dos Costumes*. Vol. 1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: uma história dos Costumes*. Vol. 2, Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1993.
- EMMI, Marília Ferreira. *Italianos na Amazônia (1870-1950): Pioneirismo econômico e identidade*. Belém. NAEA, 2008.
- ENGEL, Magali. *Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro 1840-1890*. Ed brasiliense, São Paulo, 1989
- ESCUDEIRO, Camila. *Imprensa de Comunidades Imigrantes de São Paulo e Identidade: estudo dos jornais ibéricos*. Mundo Lusíada e Alborada. Dissertação de Mestrado da Universidade Metodista de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social São Bernardo do Campo, 2007
- FARIA E SOUZA, João Baptista de. *A Imprensa no Amazonas, 1851-1908*. Manaus: Tipografia da Imprensa Oficial, 1908.
- FAZITO, Dimitri. *A Análise de Redes Sociais (ARS) e a Migração: mito e realidade*. UFMG/Cedeplar. Disponível em: [www.abep.nepo.unicamp.br](http://www.abep.nepo.unicamp.br). Acessado em: 05 de junho de 2015
- FERREIRA, Adriano de Assis. *Teatro Ligeiro Cômico no Rio de Janeiro: a década de 1930*. Tese de Doutorado em Literatura brasileira, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *O sujeito e o poder*. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. Michel Foucault, uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREIRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala, formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal* / 48ªed.rev.- São Paulo Global, 2003.
- FREIRE, José Ribamar Bessa (Coord.) *Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950) – Catálogo de Jornais*. Manaus, Editora Calderaro, 1990.
- GAMA, Rosineide Melo. *Dias Mefistofélicos: A gripe espanhola nos jornais de Manaus (1918 – 1919)* Dissertação de Mestrado em História, UFAM. Manaus, 2013.
- GEEN, Nancy L. *Mudando paradigmas em estudos de migração, de homens para mulheres para gênero*. In: Diásporas, Mobilidades e Migrações. Organizadoras: Silvia Maria Fávero Arend, Carmen Silvia de Moraes Rial e Joana Maria Pedro. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GEERTZ, Clifford. *Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura*. In: A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GUACIRA Lopes. *História das Mulheres no Brasil*.Org: Mary Del Priore; Carla BassaneziPinsky (coordenadora de textos) 10.ed.,1ª reimpressão- São Paulo: Contexto, 2011.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Editora: DP&A, 10ª, 2005.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Organização: Liv SOVIK. Tradução: Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Claudia Alvares, Francisco Rudiger, Sayonara Amaral. Belo Horizonte Editora UFMG. Brasília Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HOBBSAWM, Eric. *A Era do Capital: 1848-1875*. 23ª edição – São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- HOBBSAWM, Eric. *A Transição do feudalismo para o Capitalismo*. SWEEZY Paul, e outros, tradução: Isabel Didonet. (Pensamento crítico, v. 18) Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. (orgs). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- KLEIN, Herbert S. *Migração Internacional na História das Américas*. In: FAUSTO, Boris (Org.). Fazer a América. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- KURZ, Robert. *Barbárie, migração e guerras de ordenamento mundial*. In: Serviço Pastoral dos Migrantes. (Org.) Travessias na desordem global — Fórum Social das Migrações. São Paulo: Paulinas, 2005.
- KUSHNIR, Beatriz. *Baile de máscaras: mulheres judias e prostituição*. As Polacas e suas associações de Ajuda Mútua – Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. Tradução: Patrícia de Queiroz C. Zimbres. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

LIRA, Barbara Rebecka Gomes de. *A difícil vida fácil: O mundo da prostituição e suas representações na cidade de Manaus (1890-1925)* - Dissertação de Mestrado UFAM, 2014. .

LOPES, Juarez Rubens Brandão. *Desenvolvimento e migrações: uma abordagem Histórico-Estrutural*. Estudos CEBRAP, no. 6 pg.127. Disponível em: [http://www.cebrap.org.br/v2/files/upload/biblioteca\\_virtual/desenvolvimento\\_e\\_migracoes.pdf](http://www.cebrap.org.br/v2/files/upload/biblioteca_virtual/desenvolvimento_e_migracoes.pdf). Acessado em 20 de julho de 2015.

MARX, Karl; ENGLER, Friedrich. *O manifesto do Partido Comunista 1848*. Tradução Suely Tomazini Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2010o: Paz e Terra, 2009.

MENEZES, Lená Medeiros de. *À francesa, dos pés à cabeça*. Ao chegar ao Brasil, a moda parisiense passa a ditar o vestuário e o comportamento das elites do país. Disponível em [www.revistadehistoria.com.br](http://www.revistadehistoria.com.br). 2007.

MENEZES, Bianca Sotero de. *Imprensa e Gênero: A condição feminina e as representações da mulher amazonense na Imprensa Provincial (1850-1889)*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2014

MENEZES, Lená Medeiros de. *Facetas marginais do sonho de civilização: imigração francesa e prostituição no Brasil*. In: Franceses no Brasil: séculos XIX-XX. Organizadores, Laurent Vidal e Tania Regina de Luca. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

MENEZES, Lená Medeiros de. *Francesas no Rio de Janeiro: Trabalho sonhos e ousadias (1816-1822)* Caderno espaço feminino, v.12, n15, ag/dez.204. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br>

MENEZES, Lená Medeiros de. *Imigração e comércio: silêncios sobre a mulher. Entre mares - O Brasil dos portugueses*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.cepesepublicacoes.pt/portal/pt> Acessado em: 22/12/2015

MENEZES, Lená Medeiros de. *Os estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio (1890-1930)*. Acervo: revista do Arquivo nacional. v. 10, n. 2 (jul./dez. 1997). — Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.arquivonacional.gov.br/> Acessado em: 20/12/2015

MENEZES, Lená Medeiros de. *Os Indesejáveis: desclassificados da modernidade*. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930). Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1996.

MENEZES, Lená Medeiros de. Bastidores. *Um outro olhar sobre a imigração no Rio de Janeiro*. Em Acervo, Revista do arquivo Nacional Vol. 10, núm. 02. Jul/1997.baixado em 02/01/2015. [http://www.portal.arquivonacional.gov.br/media/v10\\_n2\\_%20jul\\_dez\\_1997.pdf](http://www.portal.arquivonacional.gov.br/media/v10_n2_%20jul_dez_1997.pdf)

MESQUITA, Otoni Moreira de. *La Belle Vitrine: Manaus entre dois tempos (1890 – 1900)*. Manaus: Editora Edua, 2009

MONDARDO, M. L.; SAQUET, M. *A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais*. In: Revista NERA, Presidente Prudente, ano 11, n. 13, jul-dez/2008. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1392/1374>. Acessado em 09 de julho de 2015.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo et al. *Uma história brasileira das doenças*. Brasília: Paralelo 15, 2004. In: NEVES, Agnes Roberta das. Campanha de Saneamento de Profilaxia Rural no Amazonas (1920-1923) Dissertação de Mestrado da Universidade Federal do Amazonas. Instituto de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em História: 2008.

NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura no Rio de Janeiro na virada do século*. Tradução: Celso Nogueira. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

OLIVEIRA, Erivonaldo Nunes de. *A imigração Nordestina na Imprensa Manauara (1877-1917)*. Dissertação de Mestrado, UFAM, 2010.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. *O Brasil dos Imigrantes*. Zahar: 2001.

ORUM, Thomas T. *As Mulheres das Portas Abertas: judias no submundo da Belle Époque amazônica, 1890- 1920*. Revista Estudos Amazônicos. Vol. VII, nº 1 (2012). Tradução: Benedito Carlos Costa Barbosa, Marylia Lima Nina de Azevedo e Maurício Costa.

PAIXÃO, Múcio. *O teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: Brasília Editora, 1936. IN: FERREIRA, Adriano de Assis. *Teatro Ligeiro Cômico no Rio de Janeiro: a década de 1930*. Tese de Doutorado em Literatura brasileira, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010.

PATARRA, Neide Lopes, BAENINGER Rosana. *Migrações Internacionais, Globalização e Blocos de Integração Econômica: Brasil no Mercosul*. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br> Acessado em: 26/06/2015.

PATARRA, Neide Lopes. *Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais*. Scielo Brasil, Dossiê Migração. Disponível em: <http://www.scielo.br/> Acessado em: 17/04/2014

PEIXOTO, J. *As teorias explicativas das migrações: Teorias micro e macro sociológicas*. Lisboa: Universidade técnica de Lisboa. SOCIUS WORKING PAPERS, nº11, 2004.

PERROT, Michele. *As mulheres ou os silêncios da história – Tradução: Viviane Ribeiro*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História cultural*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PINHEIRO, Geraldo Sá Pantaleão Peixoto. *Imprensa, Política e Etnicidade: Portugueses letrados na Amazônia (1885-1937)*. Tese de Doutorado em História. Porto: Universidade do Porto, 2011.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. *Imigração, Trabalho e Imprensa em Manaus, 1890-1928*. Revista Litteris – ISSN: 19837429 nº14 - setembro de 2014 - DOSSIÊ Revista Litteris [www.revistalitteris.com.br](http://www.revistalitteris.com.br), acessado em 02/07/2015.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A Cidade Sobre os Ombros: Trabalho e Conflito no Porto de Manaus (1899 – 1925)*. Manaus: EDUA, 2003

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte: Letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920)*. 3ªed. Manaus: EDUA, 2015.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte (Org.) *Gênero & Imprensa na História do Amazonas*. Manaus: EDUA, 2014.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Mulheres Portuguesas na Belle "Époque Manauara*. In: *IX Seminário Internacional sobre Emigração Portuguesa: Brasil-Portugal: pontes sobre o Atlântico*. Rio de Janeiro. Brasil-Portugal: pontes sobre o Atlântico, 2013.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Nos meandros da cidade: cotidiano e trabalho na Manaus da borracha, 1880-1920*. In: *Canoa do Tempo: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas*, vol. 1, n. 1. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *O espelho francês na Paris das Selvas*. In: *Franceses no Brasil - Séculos XIX-XX*. Laurent Vidal e Tania Regina de Luca (organizadores). São Paulo: Ed.Unesp, 2009.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Portugueses no Universo do Trabalho Manauara, 1880-1920*. In: José Jobson de Andrade Arruda; Vera Lucia Amaral Ferlini; Maria Izilda Santos de Matos; Fernando de Sousa. (Org.). *Portugueses no Universo do Trabalho Manauara, 1880-1920*. 1a.ed.São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2013.

RAGO Margareth, *Do Cabaré ao Lar*. A utopia da Cidade Disciplinar. Brasil 1890 -1930/ Luiza Margareth. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ª ed.1985.

RAGO, Margareth. *História das Mulheres no Brasil*, org. Mary Del Priori, coordenação dos textos Carla BassaneziPinsky. 10ªed, 1 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*2ª ed. São Paulo:Paz e terra, 2008.

RAGO, Margareth. *Trabalho feminino e sexualidade*. In: *História das Mulheres no Brasil*, org. Mary Del Priori, coordenação dos textos Carla BassaneziPinsky. 10ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio*. In: *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Companhia das Letras: 2003.

SALIM, Celso A. Migração: o fato e a controvérsia teórica. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais. São Paulo. Campinas: ABEP, 1992. Disponível em <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1992/T92V03A07.pdf> Acessado em: 14/06/2016

SANTOS, Fabiane Vinente dos. *Sexualidade e civilização nos trópicos: gênero, medicina e moral na imprensa de Manaus (1895-1915)*. Disponível em: [bia@amazonia.fiocruz.br](mailto:bia@amazonia.fiocruz.br), 73, v.1, 2007. Acessado em: 05/03/2016

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém Riquezas produzindo a Belle Époque*. Belém: Pakatatu, 2002

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. Prefácio, Pierre Bourdieu; tradução Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de S.P. 1998.

SAYAD, Abdelmalek. *Uma Pobreza "Exótica": A imigração Argelina na França*. Disponível em: [http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_17/rbcs17\\_07.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_17/rbcs17_07.htm) Acessado em: 12/07/2014.

SCOTT, Ana Silvia. *Os Portugueses*. 1 Ed., 1º reimpressão- São Paulo: Contexto, 2012.

SCOTT, Joan W. *Gênero: Uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade, vol.16 Ano 2, Porto Alegre, Jul/dez. 1990. Disponível em: [www.archive.org/stream/scott](http://www.archive.org/stream/scott). Acessado em 15/04/2014

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República*. 2ª edição. São Paulo, Companhia das letras: 2003.

SEYFERTH, Giralda. *Memória coletiva, identidade e colonização: representações da diferença cultural no Sul do Brasil*. MÉTIS: história & cultura – v. 11, nº22, julho/dez. 2012

SEYFERTH, Giralda. *Identidade étnica, assimilação e cidadania – A imigração alemã e o Estado Brasileiro*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. nº 26, ano 9, outubro de 1994.

SEYFERTH, Giralda. GOMES, Angela de Castro. *A imigração alemã no Rio de Janeiro*. In: GOMES, Angela de Castro (org.) *Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7. Letras, 2000.

SILVA Maria Beatriz Nizzada. *A mulher no contexto da imigração portuguesa no Brasil*. Análise social, vol. XXII (92-93), 1986- 3º-4.º, 653-659, Universidade de São Paulo.

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. *A crônica da espanhola em Belo Horizonte*. In: Nascimento, Dilene Raimundo do; Carvalho, Diana Maul de. *Uma história brasileira das doenças*. Brasília, Paralelo, 15, 2004.

SIMMEL, Georg. *Algumas reflexões sobre a prostituição no presente e no futuro*. Filosofia do Amor. Tradução de Eduardo Brandão. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOIETH, Rachel. *Mulheres Pobres e Violência no Brasil Urbano – In: História da Mulheres no Brasil*. Org. Mary Del Priore, Coord. De textos. Carla Bassanezi Pinsky. 10ªed, 1ª reimpressão - São Paulo: Contexto, 2011

SOUZA, Márcio. *A expressão amazonense – do colonialismo ao neocolonialismo*: Manaus: Editora Valer, 3ª edição, 2010.

THOMPSON E. P. A. *O termo ausente: experiência*. In: *A Miséria da Teoria*. RJ: Zahar, 1981.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

TORRES, Iraíldes Caldas. *As Novas Amazônidas*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005.

TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel/Instituto Italiano di Cultura di San Paolo, 1989.

UCHÔA, Samuel. *Dois Anos de Saneamento*. Manaus: Livraria Clássica, 1923.

VILLANOVA, Simone. *Sociabilidade e Cultura: a história dos pequenos teatros na cidade de Manaus. (1859-1900)*. Dissertação de Mestrado: UFAM, 2008.

VENEZIANO, Neyde. *Não adianta chorar – Teatro de Revista Brasileira.. Oba!* Campinas, SP UNICAMP, 1996. IN: FERREIRA, Adriano de Assis. Teatro Ligeiro Cômico no Rio de Janeiro: a década de 1930. Tese de Doutorado em Literatura brasileira, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010. Pgs 40,41

WALLACE A. R. *Viagens pelos rios Amazonas e Negro*. Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

WEBER, M. *Comunidade e sociedade como estruturas de socialização*. In: Fernandes, Florestan. (org.). Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Fundamentos da sociologia compreensiva. Volume 2. Tradução: Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Editora UNB, São Paulo, 2004.

WOLFF, Cristina Scheibe. *Mulheres da floresta: uma história*. Alto Juruá, Acre (1890-1945). Hucitec, São Paulo, 1999.

## **OUTROS DOCUMENTOS:**

ANNUARIO DE MANÁOS: 1913-1914. Org. Heitor Figueiredo. Lisboa. Typografia da “A editora Limitada”, Largo do Conde Barão, 50. 1913.

Vol. 48, Journal of the Royal Statistical Society (1885:710); Ravenstein (1885:198) e Lee (1969:286-7), em GONÇALVES, Maria Ortelinda Barros. Migrações e Desenvolvimento. CEPESE, Fronteira do Caos Editores Lda. Porto, 2009. Pg.25

## **SITES:**

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: [http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20RJ/Recenseamento\\_do\\_Brazil\\_1872/Imperio%20do%20Brazil%201872.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20RJ/Recenseamento_do_Brazil_1872/Imperio%20do%20Brazil%201872.pdf). Acessado em: 30/12/2014

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Dicionário Demográfico Multilíngüe*. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/>. Acessado em: 12/10/2015.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: [20RJ/Recenseamento do Brazil\\_1872/Imperio%20do%20Brazil%201872.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20RJ/Recenseamento_do_Brazil_1872/Imperio%20do%20Brazil%201872.pdf). Acessado em: 30/12/2014.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6461.pdf> Acessado em: 30/12/2014.

Organização Internacional para as Migrações (OIM). Direito Internacional da Migração. Glossário sobre Migração. Autor: Vários. Depósito Legal: 304 786 /10 ISSN 2075-2687. Editora: Organização Internacional para as Migrações. Genebra, Suíça, 2009. Pgs, 40-46. Disponível em: <http://publications.iom.int/bookstore/free/IML22.pdf>, Acessado em 07/10/2015.